FATRE JÚLIO MARIA, S. D. N.

MUSSIONÁRIO DE N. SRA. DO SS. SACRAMENTO

OS SEGREDOS DO ESPIRITISMO

5.a Edição

EDITORA "O LUTADOR"

Monhumirim, Mines

† Livros Católicos para Download



http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

PADRE JULIO MARIA, S.D.N. Missionário de N. Sra, do Ss. Sacramento

Os Segredos do Espiritismo

ESTUDO POPULAR E CIENTÍPICO SOBRE AS ORIGENS, OS PRINCÍPIOS, AS PRATICAS E AS FRAUDES ES-PIRITAS

5° EDIÇÃO

† Livros Católicos para Download



http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

EDITORA «O LUTADOR».

Manhumirim, Minas

— 1959 —

REIMPRIMATUR

D. losé Eugênio Corrêa

Bispo de Caratinga

21-11-959

† Livros Católicos para Download



http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

CARTA

do Exmo. Sr. D. Carloto Távora, DD. Bispo de Caratinga

De todo o coração concedo o Imprimatur do seu novo livro "OS SEGREDOS DO ESPIRITIS-MO". O livro é digno de seus irmãos mais velhos; e vem colocar-se briosamente ao lado dêles.

E' mais uma irradiação do seu espírito lumino-

so, penetrante e metódico.

V. Revma. soube penetrar até no âmago do espiritismo e, com uma sagacidade rara, desvendar os seus falsos segredos científicos, como as suas fraudes grosseiras.

E' impossível percorrer estas páginas, escritas num tom popular, mas sempre científico, sem adquirir a convicção fundada de que o espiritismo é a grande praga e a fraude mais vergonhosa da nossa

época.

Meus parabéns pelo seu belo estudo. Tais livros honram a religião, a ciência e o autor. Peço a Deus que êle seja espalhado e lido por muitos, certo de que, para os iludidos, será uma luz nas trevas do êrro; para as almas vacilantes, um sustento; e uma arma para os católicos convictos de sua fé.

Abenção o autor e o livro, e peço a V. Revma.

aceitar a expressão da minha sincera estima.

Humilde servo em Cristo,

† CARLOTO Bispo de Caratinga

PARA A 3ª EDIÇÃO

Sai esta terceira edição bastante melhorada. Além de dois capítulos novos (XVII e XVIII), completei vários outros capítulos com exemplos frisantes de verdades já expostas.

Assim completado, o livro toma a feição de um manual sucinto de tudo o que o espiritismo tem produzido nestes últimos tempos.

As primeiras edições esgotaram-se ràpidamente e enfureceram os leitores espíritas; nenhum dêles, entretanto, quis dar-se ao trabalho de refutar as teses: reclamaram, insultaram, como de costume, negaram, mas nenhum provou o contrário das afirmações apresentadas.

Possa esta 3º edição continuar a missão das anteriores, de esclarecer os espíritos sinceros e de precaver os incautos contra as artimanhas e fraudes vergonhosas e deprimentes que fazem do espiritismo uma escola de loucura.

P. J. M.

INTRODUÇÃO

O espiritismo está na ordem do dia. O homem, perdendo o espírito, quer fazer espiritismo, e tal espiritismo vai-lhe arrancando o pouco espírito que tem, fazendo dêle um espírita sem espírito: um louco.

O espiritismo é, pois, a negação do espírito — é o seu lado *negativo*; quanto ao lado *positivo*, é uma vergonhosa burla, uma exploração mais vergonhosa ainda.

O espiritismo é mais uma prova de que o homem não pode viver sem religião. Renegando a Verdáde divina, a alma agarra-se à mentira humana, por mais absurda que seja; mas ela quer qualquer coisa, que tenha aparência de religião. Rejeitando os mistérios revelados por Deus, adota falsos mistérios inventados pelo homem.

Não querendo a Verdade, adota o êrro. Não querendo os vivos, invoca os mortos. Não querendo a seriedade, procura a palhaçada. No espiritismo há tudo isto.

E' a realização da palavra de São Paulo: Um só Senhor, uma só fé, um só batismo, que os homens renegam, para tornarem-se inconstantes, levados por qualquer vento de doutrina; pela indignidade dos homens, pela astúcia com que induzem ao êrro" (Ef. 4, 5-14).

* * *

Muitos livros existem sôbre o espiritismo e, entretanto, parece-nos haver lugar para mais um. Uns estudam só o lado teórico; outros, o pretenso lado científico; outros, o lado religioso; porém, poucos lembram-se de unir êstes diferentes aspectos, condensá-los num estudo único, de modo a haver uma exposição completa, ao mesmo tempo científica, religiosa, prática e popular.

E' o que tenho procurado fazer nestas páginas, na esperança de desvendar os segredos do espiritismo, de desmascará-lo e de mostrá-lo em público, provando que não passa de uma palhaçada grotesca, ou de uma moléstia perigosa.

Os leitores dirão se tenho, ou não, alcançado

a meta visada.

O meu único fim é mostrar a verdade, tanto aos cegos, aos míopes, como aos clarividentes, pois a verdade nunca brilha com demasiado fulgor.

Pe. Júlio Maria, S.D.N.

† Livros Católicos para Download



http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

CAPITULO I

RAZÃO DE SER DO ESPIRITISMO

Uma primeira pergunta impõe-se imperiosa e necessária: Qual é a razão de ser do espiritismo? Donde vem?... para onde vai?... que pretende?... quais são os meios que emprega, para alcançar tanta popularidade e causar tamanhos estragos na sociedade?...

Qual é a base de tal espiritismo? E' êle ciência, religião, fraude, trapaça ou prestidigitação? E' êle de qualquer utilidade? Quais são os segredos que pretende possuir?

Qual é a opinião dos sábios, dos teólogos da Igreja Católica, a êste respeito, etc., etc.

Tudo isso exige uma resposta. Esta resposta será dada nos capítulos que se seguem.

Retenhamos bem a sua razão de ser, que quero mostrar aqui, e que forma como o esquema, a síntese das demonstrações a seguir.

I. O mundo quer ser enganado

O mundo quer ser enganado! Se o reino do céu pertence aos humildes e aos puros de coração, o reino da terra pertence aos *finórios* ou espertalhões.

Dizem e repetem que êste mundo é um imenso teatro, onde cada mortal representa a sua peça, uns por convicção, outros por interêsse. E' uma grande verdade.

Deus colocou o homem neste mundo para salvar a

sua alma, o que pode fazer em qualquer posição honesta. Se todos os homens fôssem bons e honestos, não haveria nem charlatães, nem pândegos, nem exploradores; porém Deus permitiu — talvez para romper a monotonia da vida — que, ao lado da gente séria, trabalhadora, honesta e honrada, houvesse a gente boêmia, cavadora, papalva e mistificadora.

Haja, pois, a luta! Ela é inevitável. Enquanto o homem honrado labuta e se cansa, para ganhar honestamente a vida pelo suor da sua fronte, o explorador percorre as estradas à procura de quem pode enganar; o larápio espia a ocasião de surripiar

o alheio.

O homem bom é geralmente singelo e crédulo, pelo fato de julgar os outros por si mesmo, e de não suspeitar uma malícia que desconhece em si mesmo. O explorador tem o faro fino, desconfia de todos e só pensa em seus interêsses pessoais.

Eis a luta que se trava entre os homens.

* *

Depois da queda do primeiro homem, a raça humana, decaída da sua primeira grandeza, conserva como que o instinto do misterioso: tudo o que é *misterioso* exerce sôbre êle um irresistível atrativo. E' o seu lado fraco.

Basta alguém apresentar-se com ares e palavras misteriosas, o resultado será certo: terá ad-

miradores e adeptos.

Os espíritas, os faquires, os catimbozeiros, pagés, curandeiros, cartomantes, astrólogos e outros profetas do futuro-passado, escrevem umas palavras sibilinas, fazem um desenho cabalístico... e pronto! o primeiro tolo que passa, puxando uns níqueis, vai consultar o clarividente, que lhe prediz um

futuro risonho, repleto de amores e de dinheiro. E o tolo a acreditar e a pagar sem regatear.

O mundo quer ser enganado! E' triste dizê-lo...

E' mais triste ainda verificá-lo.

II. Se eu fôsse espírita

Se eu fôsse espírita, curandeiro ou cartomante. colocava uma caveira em cima de minha porta, juntava uns pares de fêmures, de tíbias, de perôneos, de cúbitos e rádios; fazia com isso uma figura egipcíaca e anunciava estar em contacto direto com os vivos e defuntos; conhecer o passado, o presente e o futuro; suscitar e apagar amores e ódios, como se apagam e acendem velàs; dar felicidade e desgraça, concertar falências e tirar quebrantos, fazer florescer negócios, adquirir fortunas colossais, nomear presidentes, governadores e sultões... e pronto!... Ao toque da trombeta e do tambor, com reclamos nos jornais e pela bôca dos idiotas, acorreria a multidão, acotovelando-se num "tou-vabou", pástores protestantes, espíritas sem espírito, maometanos, russos e chinêses, negociantes, roceiros, etc., puxando o precioso cobre, para eu lhes predizer o futuro.

E eu, muito majestoso, de barba comprida, pintada de branco, com óculos pretos sôbre o nariz, de túnica vermelha, boné sírio na cabeça, ficaria sentado numa poltrona preta, tendo, de um lado, um papagaio, a sujar o encôsto da cadeira, e do outro um gato preto a arrancar-lhe as palhinhas; e para completar o quadro misterioso, suspenderia ao fôrro um urubú de asas cobertas e de bico torcido... Neste ambiente original, à luz vacilante de uma lâmpada de querosene (pois a meia luz é necessária para o efeito)... eu, com voz rouca, sepulcral, martelando as sí-

labas, tal qual uma marcha fúnebre, daria as minhas irrevogáveis sentenças.

E povo a correr... e a puxar o cobre, a pra-

tinha e até o ouro.

Aos doentes eu prometeria saúde e fôrça, tomando o *Biotônico* ou o *Iodo Suma*, ou *Sangue em* pílulas, do farmacêutico Raimundo Monteiro.

Aos pobres eu prometeria fortuna, roubando o

bem alheio.

Aos namorados eu prometeria mil felicidades e dois mil amores, sob a condição de não se casarem antes de 60 anos.

Aos velhos caducos prometeria o rejuvenescimento pelo método de Mozart e Voronof, sob a condição de não se deixarem morrer.

A' mocidade eu prediria venturas, posições, até serem presidentes do Estado e da República.

Aos ignorantes eu prometeria ciência, ilustra-

ção e dignidade, sem estudos.

Aos calvos prometeria farta cabeleira; aos encanecidos prometeria fôrça e vigor; aos noivos prometeria uma perene lua de mel; aos nubentes, uma coroa de filhos mimosos; aos próprios desesperados da vida prometeria a lua, o sol e as estrêlas...

E a multidão a passar... a entrar... a sair da minha casa, de olhos luminosos, de sorriso nos lábios, de água na bôca... puxando ricos níqueis, que, sem pestanejar, êles deixariam cair no fundo do meu cofre...

O mundo quer ser enganado... e o reino deste mundo pertence aos finórios.

III. Espíritas sem espírito

Ao ver retirar-se esta multidão de consultantes, e ao ver minha caixa encher-se de ouro, eu daria uma gostosa gargalhada, murmurando dentro da barba, para não ser ouvido: "Bando de idiotas! até acreditam nas minhas palhaçadas!... Vão tocar viola, pobres papalvos..." Porém diria isso com a voz tão baixa que ninguém me ouvisse, enquanto os freguêses se retirariam da minha casa, impressionados pela minha sabedoria, clarividência e dotes proféticos, e por aí pelo mundo afora me faria uma reputação de meio-deus encarnado.

Que fazer? O mundo quer ser enganado.. Ah! se eu fôsse espírita, ou cartomante, faria um nego-

cião!...

Pois, queridos leitores, eu não o sou, e meu caráter não se adaptaria a tanta baixeza; porém, o que eu não sou, há outros que o são, e fazem o que acabo de contar. E há gente que acredita nessas palhaçadas e nesses palhaços, que se chamam espíritas sem espírito...

Escutem bem, vou desmascarar essa gente, mostrar a nu as suas velhacarias sibilinas, mostrando que são da mesma raça, do mesmo quilate e da mesma panelinha que tais pastores protestantes, que só pensam em ganhar dinheiro, com coletas, dízimos, ofertas, impostos, pedidos, etc. A única diferença que há entre êles é que os espíritas servemse dos ossos e visagens de defuntos, e os protestantes, de uma Bíblia truncada e falsificada, para alcarem o seu fim.

No fundo é a mesma coisa: a máscara difere, o resultado ambicionado é o mesmo: ganhar o cobre... o mundo quer ser enganado!... e o reino da

terra pertence aos finórios!

Para que serve, pois, o espiritismo? Deve bem servir para qualquer coisa. A resposta é dada diàriamente pelos médicos, que, unanimes, respondem: Para fazer enlouquecer os homens! E' uma escola de loucura. A frase já é antiga, porém os efeitos são ainda de todos os dias. Os nossos manicômios estão repletos de espíritas loucos como últimamente provou o Dr. Xavier de Oliveira.

Infelizmente, apesar de todos os avisos da classe médica, apesar dos crimes horrorosos que diàriamente narram os jornais, o espiritismo, à sombra da máscara multiforme de divertimento, de remédios, de canjerê ou de pagode, continua a sua ação nefasta de demolição e desmoralização.

Não se pode mais abrir um jornal, sem imediatamente encontrar uma coluna espírita, com elocubrações doentias, ignorantes e absurdas, ou então, crônicas, relatando os crimes mais nefandos.

O espiritismo se apresenta sob um triplice as-

pecto:

1. Como escola de loucura;

2. Como centro de crimes;

3. Como modêlo de pagodeira.

Aí se encontra tudo e para todos. O espiritismo fornece gratuitamente entrada para o manicômio áos fracos de espírito. Aos valentões fornece armas, para perpetrar qualquer crime. Aos homens de bom senso as narrações espíritas valem uma comédia, servem para desopilar o figado dos neurastênicos.

Ilustremos êste tríplice aspecto com um rexemplo típico que o faça melhor compreender.

or resultado ambacione bre... o raunc**aruquel sb alosa .VI** Tenia pertence aos fii

O "Estado de S. Paulo", em seu número de 23.9.31, conta-nos o seguinte:

"Os diversos centros chamados espíritas e que

se multiplicam, dia a dia, ém São Paulo, explorando os incautos ante os olhares complacentes da polícia. constituem, antes de mais nada, verdadeira fábrica de loucos. Ainda ontem, à noite, a autoridade que se achava de plantão, na Polícia Central, pôde verilicar a razão desta afirmativa. Manuel Antônio Campos, de 20 anos de idade, solteiro, português, filho de José Antônio Campos, residente à rua Iguaci, n. 14, era um moco bom e afeito ao trabalho. Frequentando ultimamente sessões de baixo espiritismo, veio a sofrer das faculdades mentais. Via espírito em cada esquina e andava a falar sòzinho pelas ruas. E nestes últimos dias só lhe saía da bôca a palavra suicídio. Não falava de outra coisa. E ontem, pelas 23 horas, depois de prevenir pessoas de sua família de que ia pôr têrmo à vida, correu para a ponte que fica sôbre o rio Tietê e aí deitou-se sôbre os trilhos da "tramway", na Cantareira. Passaram-se poucos minutos e eis que um trem de passageiros, guiado pelo maquinista José Francisco, por ali passando, apanhou o desventurado operário. A assistência, avisada, providenciou para a remoção de Manuel Antônio para a Santa Casa. Era desesperador o seu estado. Foi aberto inquérito a respeito".

Há exemplos mais típicos, porém escolho êste, por ter sido relatado minuciosamente nos jornais por muitos, talvez, sem que dêem a tais fatos a importância que merecem, e sem tirar dêles a conclu-

são apropriada.

V Centro de crimes

Recebemos apenas um telegrama, publicado ror muitos periódicos. E' uma horrível tragédia desenfolada em Patrocínio.

No lugar Sta. Rosa, no município de Patrocínio, verificou-se uma cena que causou funda im-pressão em tôda a zona vizinha. Durante a realização de uma sessão de baixo espiritismo, em que tomavam parte quinze pessoas, entre as quais algumas senhoritas, apareceram os "espíritos maus", que começaram a fazer uma série de tropelias. As senhoritas levantando-se dos lugares, onde estavan sentadas, entraram a gritar infernalmente, tirando as vestes, a ponto de ficarem completamente des pidas. Ao mesmo tempo que isso ocorria, os homens presentes, também atacados de transes "mediúnicos", entraram a segurar as moças, travandose luta entre aquêles "espíritos atrasados", terminando por serem subjugadas as senhoritas. Em meio disso tudo, o que mais impressionou, mesmo, foi a cena dupla de suicídio e assassínio: João Antônio, conhecido pelo vulgo de "João Carapina", quando era maior a balbúrdia, olhos esgaseados, 'sacou de uma navalha e desferiu profundo golpe no pescoço, seccionando a carótida, e morrendo instantâneamente. Outro "crente", impressionado com o que acabava de verificar, atacado de súbito furor, esfaqueou a sua própria genitora, a qual faleceu horas depois.

VI. Modêlo de pagodice

Se o espiritismo excita o nojo pelas perturbações mentais que vai ocasionando; se nos revolta pelos crimes horrendos que vai perpetrando, êste espiritismo tem também os seus pedacinhos interessantes de pagodice. Se não fôsse ridículo, seria quase interessante... Escutem isso:

A Mula "Māe".—Foi no Paraná, na grande e gloriosa cidade de Palmeira. Um amigo dedicado, C.Q.,

cujo genro era grande apreciador do espiritismo, me contou a seguinte anedota: Cássio e Neca, dois caboclos «ilustrados», tinham assistido a umas sessões espíritas no interior. Nada tinham entendido das explicações científicas, mas uma idéia tinha ficado na cachola dura: a da reencarnação. A alma pecadora tem, depois da morte, dé reencarnar-se para se purificar e santificar: conforme os delitos será «reencarnada» em outro homem, ou em animal, etc. «E' assim mesmo, compadre», disse Cássio. «E' assim», disse Neca. «A minha mãe morreu no mês passado. Onde ela andará agora? Pobre de minha mãe»! Cássio tinha uma mula velha que não servia mais para nada. Não a podia vender, nem por Cr\$ 50,000. Aqui está o bom do negócio! Chega lá um dia o Cássio, bem cedo, à porta do Neca. «Compadre, o negócio é sério! O espírito da sua falecida mãe encarnou-se na minha mula, ela não quer mais ficar na estribaria, mas parece que quer ficar consigo. Naturalmente a entrego, se você me paga o que ela vale. Eu a concedo por Cr\$ 500,00». O Sr. Neca pensa e repensa: Cr\$ 500,00 é muito, mas minha mãe vale mais. «Eu fico com ela»! E a mula muda para a estribaria do Sr. Neca. A estribaria está bem preparada, tôda lavada e o coxo cheio de milho e feno cheiroso. Também água não falta, e a mula «Mãe» sente-se bem. No dia seguinte, e em todos os dias, o Sr. Neca, de manhã, vem visitar a mulinha, cumprimenta-a, dizendo: «Bênção, Mamãe»! E assim a «Mula Mãe» passou uma vida boa até que um dia "faleceu"! "Desencarnou".

VII. Pai e mãe reencarnados

Um outro exemplo quase idêntico, mas com melhor êxito, foi contado em «O Lutador», de junho de 1938. Era mania do Fabricio ver reencarnados em todos os sêres que a natureza the apresentava aos olhos. A mania do bom espírita, um dia, virou charlatanice. Queria vender a única vaca leiteira que possuia, e como a bicha andava lá pelas proximidades de Parca, resolveu pôr o negócio em ocasião, custasse o que custasse.

Fabricio foi ter com o compadre Teotônio, outro espírita mais amigo dos reembolsados do que dos próprios reencarnados. Teotônio abriu-lhe os braços com fraqueza de urso. Fabricio sapecou logo o seu eloquente verbo: Meu caríssimo irmão em Jesus... Há por aqui muitas coísas reencarnadas... Não sou eu que o digo... o Zeca, que é um médium de pêso, as-

severou-me isso.

— Nada contesto, afirmou Teotônio. E ambos sairam a passeio. Fabricio levou Teotônio à sua propriedade. No caminho tudo se reencarnava ante Fabricio.

Compadre, está vendo aquêle urubú que voa

com mais gôsto do que os outros?

— Sim, compadre, estou vendo... parece até a alma da Chica Guilhermina quando apareceu lá na sessão do Zeca...

- Não é ela... é o Padre Voador...

Teotônio engoliu a pílula. Adiante encontraram um burro manco. Fabricio não ficou atrás: é o Bastião Torto... aquêle aleijadinho que foi o espalha brasa desta zona...

Encontraram uma rã. Está vendo aquêles pulinhos? interrogou o incansável Fabrício. — E' a Nas-

tácia Melindrosa, que nos tempos bons fazia figura chibante lá pelas bandas de Jacadura com seus passinhos de flor do sertão...

Teotônio engoliu tudo. Afinal chegaram à casa do Fabricio. O golpe ia soar. E soou. Repara bem a minha vaca, murmurou Fabricio aos ouvidos do companheiro.

- Que tem?
- Olha com atenção... Ela está virando os olhos para ti...
 - Para mim?
- Sim, Teotônio... que olhares tão ternos... tão amorosos!... Dá-me vontade de chorar!
 - Que significa isso? rosnou Teotônio.
- Significa, meu irmão... Ela... Aquela vaca... é... é a tua mãe!...
- Minha mãe? esperneou Teotônio, girando as meninas dos olhos com ar relampejante.
- Reencarnada! exclamou Fabrício suspirando. Teotônio estremecia. Depois, contendo a indignação, abafando o nervosismo que lhe escaldava o sangue, disse para o outro, aparentando calma: Meu irmão... se na verdade descobriste minha mãe, tenho uma novidade também a revelar-te em paga de tão grande benefício.
 - Qual? interrogou Fabrício fazendo na mente castelos dourados.
- obnate. Também eu sei onde seu pai foi reencarmarese.
- Meu pai, berrou o outro sem conter o espanto. espesa espesa espesa um pouco... Vou

resib—of**Sim**gi **meu, irmão... espera um pouco... Vou buscádo..**.ma ab odugues...

Teotônio foi depressa ao mato e de lá voltou

The same of the sa

com um grosso cacete na mão. Fabrício tremia da cabeça aos pés.

- Olha aqui o teu pai... reencarnou-se neste bom pedaço de jacarandá...
- Meu pai?... Meu pai?... gaguejava Fabrício. Teotônio aproximou-se do compadre: Teu pai segredou-me uma comunicação... Mandou-me que te desse uma sova...

E sem esperar réplica de jeito algum, o cacete de Teotônio roncou no lombo do Fabrício... Fabricio dava urros ensurdecedores, quando sentia o pai nas costas... E, com a barulhada, a mãe do Teotônio mugia para acompanhar o estupendo espetáculo daqueles filhos...

Só assim os espíritas desencarnados desapareceram de vez da zona do Zeca...

VIII. Conclusão

Temos aí algo para chorar, para cerrar os punhos e para rir.

O espiritismo dá pão a todos os que têm fome, como dá remédio para tôdas as moléstias. O desequilibrado encontra aí passe para o manicômio. O criminoso, uma arma para a execução dos seus planos perversos. O indiferente encontra assunto de riso e mais riso!

Pobre espiritismo! Fôsse eu pintor, representá-lo-ia num quadro alegórico: Um palhaço chorando, faca entre os dentes, e fazendo palhaçadas com os pés e as mãos.

Se tais fatos fôssem cenas isoladas e raras, nada se podia concluir, pois seria injusto dizer: "ab uno disce omnes", o testemunho de um não vale: Testis units, testis inullus; dizem os legistas.

Mas são centenas e centenas de casos, é uma repetição nunca interrompida dos mesmos fatos: onde há espiritismo, há loucura e há crimes. O que concluir disso? Que o espiritismo é uma escola de loucura e de crimes. E' o bastante para que uma pessoa sensata fuja dessa praga, como se foge do contato de moléstias contagiosas.

O espiritismo é uma *moléstia*, uma exaltação do sistema nervoso, para tornar-se, em breve, o desequilíbrio do mesmo sistema; é a moléstia que hoje em dia está fazendo maior número de vítimas. E o pior é que a moléstia, tendo uma vez invadido o organismo, torna-se incurável.

Católicos! fugi da praga espírita! Fugi, e nunca permitais que escritos espíritas penetrem em vossos lares. Nunca, por nenhuma razão, assistais a sessões espíritas, que não passam de um grosseiro embuste, ou então de manifestação diabólica. Guerra a esta praga, para preservar a nossa sociedade, como para conservar o equilíbrio mental das pessoas que nos são caras!

CAPITULO II

OS PRÓDROMOS DO ESPIRITISMO

O mundo quer ser iludido: é a grande verdade, que forma a base de tôdas as trapaças, seitas e superstições. E' uma tradição ininterrupta. A magia e as ciências ocultas são de todos os tempos, encontram-se em tôdas as civilizações, assim como fora das civilizações.

A curiosidade pelo maravilhoso, embora constante, manifesta-se, em certas épocas, mais imperiosa e mais apaixonada. Os nomes mudam; o fundo fica; tira-se uma máscara, para pôr outra, porém em baixo fica sempre o *ídolo* do maravilhoso.

Nos primeiros séculos do cristianismo, apareceram os platônicos, os alexandrinos, os gnósticos: é a máscara do *ocultismo*. Tôdas estas seitas faziam, mais ou menos, profissão de evocar os espíritos.

Tertuliano, em seu Apologético (cap. XXIII), revela-nos certas práticas que se parecem muito com as dos espíritas modernos. Fala de prestígio ou prestidigitação produzida pelos mágicos, por meio de correntes ou círculo que formam entre si um certo número de pessoas, fazendo mover e dar sinais a cadeiras ou mesas que predizem o futuro. Isso já é velho, pois Tertuliano viveu no século II.

Na idade Média, apareceram verdadeiras epidemias de feiticarias, bruxarias, malefícios, sortilégios, e tais processos, como a história no-los mostra até ao fim do século XVII, são julgados pelas côrtes de justica.

E' sempre a mesma praga; há apenas mudanca de máscara.

I. O magnetismo

Mais tarde apareceu o magnetismo. O famoso Mesmer veio da Alemanha instalar-se em plena Paris, em 1778.

Os espíritos estavam preparados, o sucesso foi imenso. Em poucos mêses, Mesmer magnetizava 8.000 pessoas. As gravuras e narrações da época mostram-nos como operava o grande magnetizador.

"No meio de uma grande sala" está colocado um grande barril, cheio de água, com misturas de vidro pilado, limalha, etc. A tampa é furada de buracos, por onde saem vários arames de ferro, curvados. Num canto da sala, há um piano, onde se tocam músicas melancólicas, acompanhadas de hinos. As cortinas das janelas deixam penetrar uma luz discreta. Os doentes silenciosos formam um círculo em redor do tanque, tendo cada um dêles aplicado o arame sôbre a parte a curar. A's vêzes, para robustecer a corrente magnética, ligam-se com cordás uns aos outros, formam uma segunda corrente com as mãos, que apertam uns aos outros. Os doentes recebem, então, o influxo magnético, pelos arames, pelo som do piano e da voz que canta. O magnetizador, que é o próprio Mesmer, vestido de seda lilás, fita o seu olhar no olhar dos doentes, tocando com o condão o corpo dos presentes. Os efeitos são diversos. Uns ficam calmos e parecem não sentir nada. Outros tossem, escarram, sentem uma leve dor, um certo calor percorre-lhes os membros, e experimentam suores. Outros, ainda, agitam-se, e são acometidos de convulsões, que duram às vêzes duas a três horas. Manifestam-se por movimentos no corpo inteiro, apêrto da garganta, sobressaltos do hipocôndrio e do epigastro, pela perturbação do

olhar, por gritos agudos, choros convulsivos e risos imoderados. São precedidos ou seguidos de um estado geral de abatimento, ficando os doentes ao império do magnetizador. Desde que um doente cai debaixo da ação do fluido, o espasmo comunica-se de vizinho a vizinho, com extrema rapidez".

Eis o princípio de tal magnetismo, que não

Eis o princípio de tal magnetismo, que não é outra coisa senão uma espécie de influência que uma pessoa pode exercer sôbre a imaginação e os nervos de outrem; é um fato natural, que se explica, mas que tem sido explorado por certos charlatães, para enganar a numanidade.

latães, para enganar a numanidade.

Expulso de Paris, pela oposição dos sábios, o sistema de Mesmer foi espalhado pela atração do seu lado misterioso. O barril ou tanque foi subs-

tituído pelo toque pessoal e pelas ordens.

Em vez de convulsões, há um sono profundo; as pessoas magnetizadas adivinham os pensamentos do magnetizador, ou as moléstias das pessoas que lhes são apresentadas, e até indicam, às vêzes, os remédios a empregar no caso. Agem como verdadeiros médiuns.

Não entra no quadro da nossa exposição estudar aqui o que ha de verdade, de natural, de científico, no magnetismo, e o que há nêle de trapaça, de palhaçada e de ridículo; o que é certo é que os resultados têm sido sem importância, e que a parte científica não resiste a nenhum exame positivo, claro e leal.

Não passa, na sua parte geral, de máscara, para explorar os incautos, servindo-se para êsse fim de certas moléstias nervosas, da ignorância e de certas leis naturais, ainda pouco conhecidas pelo vulgo, para produzir fenômenos, que são simplesmente super-excitações nervosas, ou puras tra-

paças. E' qual máscara da magia, do sortilégio, de superstição e de prestidigitação.

II. O hipnotismo

O magnetismo, uma vez conhecido, estudado e desvendado, perdeu o seu misterioso atrativo e o seu valor. Caiu e desapareceu no ridículo, como os seus irmãos mais velhos...

Era preciso dar-lhe uma túnica nova, uma máscara nova e um novo nome... E o que aconteceu?... O magnetismo morreu, mas ressuscitou sob o nome de hipnotismo, do grego hipnos, que quer dizer: "sono". A palavra era misteriosa: iria logo exercer um novo atrativo... O mundo quer ser enganado, seja como for.

O hipnotismo é o pai do espiritismo, como o seu avô é o magnetismo, e os seus ancestrais são os sortilégios e as magias dos tempos remotos. Convém, pois, entrar em uns pormenores a êsse respeito, e conhecer bem o pai, para depois melhor conhecer o filho.

Os escritores, que tratam do espiritismo, não se preocupam bastante, ao que me parece, com a questão do atavismo, e consideram, às vêzes, o tal espiritismo como uma novidade, uma nova invenção, até um progresso, quando é apenas a antiga magia, coberta de uma nova máscara e designada por novo some.

O Espírito Santo não mente quando nos assevera que não nã nada de novo. — Nihil sub sole novum (Eccl. 1, 10). Tudo é velho neste mundo. Como dizem os filósofos: "Nada se cria e nada se perde". Só existe a lei das transformações.

Esta mesma lei governa o mundo intelectual,

espiritual e material. Não há religiões novas: só há transformações de erros antigos — só há novas máscaras e novos nomes.

Vamos ver isso pelo estudo do hipnotismo, para chegar ao conhecimento do espiritismo

III. Que é o hipnotismo?

Pode-se definir o hipnotismo como sendo "a arte de adormecer artificialmente uma pessoa e de sugestioná-la, ao ponto que ela adote, como próprias, as sensações e os afetos do hipnotizador, executando cega e inconscientemente as ordens que êste último lhe intimar".

As opiniões sôbre os fatos do hipnotismo são divididas. Uns julgam ser obra diabólica. Outros pensam que todos os efeitos produzidos são o produto de fôrças naturais. Os terceiros ficam entre êstes dois extremos e admitem certos fenômenos naturais, e outros, ultrapassando as fôrças da natureza.

Não quero formar uma nova opinião, porém, após sérias investigações e longos estudos, pareceme poder concluir que o hipnotismo é, sobretudo, astúcia e fraude do lado do hipnotizador, e moléstia nevropata da parte do hipnotizado.

Que seja só fraude, e tudo fraude, não se pode dizê-lo, pois é certo que nos diversos caso hipnóticos se observam fenômenos *físicos* objetivos, que absolutamente não podem ser imitados nem mesmo com a mais sutil sagacidade, nem sequer com a maior fôrça de vontade.

Os que atribuem o hipnotismo à intervenção de fôrças ocultas extraordinárias, parecem não ter conhecimentos suficientes da matéria. Invocam a originalidade e a estranheza dos fenômenos; ora, por originais que pareçam tais fenômenos, êles têm ou-

tros e valiosos casos corespondentes nas condições ordinárias da vida, e encontram explicação satisfatória nas leis ordinárias de *fisiologia* e da patologia, não contrariando a nenhuma das leis ordinárias da natureza.

Isso permite sustentar francamente a opinião supra: E' uma fraude da parte de uns e uma moléstia da parte de outros. E' um estado mórbido particular dos centros de inervação.

IV. E' uma moléstia

A tese emitida prova que os três estados mórbidos do hipnotismo se encontram isoladamente na natureza. Estes três estados são: a letargia, a catalepsia e o sonambulismo. Ora, nenhum médico lembrou-se de ver, nestes três estados, outra coisa senão um fenômeno mórbido por mais estranho que pareça.

Se, pois, cada um dêstes três sonos artificiais é um fato mórbido quando existe isoladamente, por que deixaria de sê-lo quando se combinam, ou se sucedem, ou se alternam, para constituir o chamado

estado hipnótico?

Estes casos foram sempre considerados como casos de moléstia. Se, pois, uns casos de hipnotismo são moléstias, por que julgar diferentes outros casos que se apresentam com as mesmas manifestações sintomáticas?

Podia-se objetar que o hipnotismo difere destas moléstias, por ser êle, de fato, provocado pelo hipnotizador, enquanto a letargia, a catalepsia e o sonambulismo são espontâneos, fora da vontade alheia

A resposta é fácil. Os médicos sabem perfeita-

mente que há muitos estados mórbidos que se podem provocar, sem deixarem por isso de ser moléstias, ou manifestações de moléstias.

Por exemplo, nas loucuras: o delírio que se observa é uma manifestação mórbida; porém pode-se provocar êste delírio, pelo excesso de bebida, pelo ópio, a beladona, o clorofórmio, o éter, etc. — A epilepsia, aliás, pode ser provocada artificialmente, sem deixar, por isso, de ser uma moléstia,

O fato de se poder artificialmente provocar o hipnotismo, não basta para lhe mudar a natureza,

nem para lhe tirar o caráter mórbido.

Por outro lado, é bom lembrar que não é exato que o hipnotismo seja uma moléstia puramente artificial, susceptível absolutamente ao capricho da vontade alheia. Está completamente averiguado, hoje, pelas pacientes pesquisas dos sábios, que quem é perfeitamente são, nunca é hipnotizável, e que todos os indivíduos hipnotizáveis são mais ou menos predispostos ao hipnotismo, ou por moléstias congênitas, ou por condições particulares de saúde.

V. A telepatia

E' um outro ponto que suscita oposição no espírito de certas pessoas, o de acreditar que o hipnotismo seja simplesmente uma moléstia: o ato de o hipnotizador transmitir à pessoa adormecida a sua vontade e as suas ordens. Nisso não há nada de extraordinário.

Há aí um fenômeno nervoso, ainda pouco elucidado pelos cientistas, que é a telepatia, ou transmissão da vontade através do espaço.

Este fato existe; ninguém mais pode negá-lo, depois das numerosas experiências dos especialis-

tas, embora ninguém lhe revele ainda o segrêdo intimo.

Não entra no meu pequeno estudo popular tratar êste assunto, que é antes de tudo psicológico e pouco ao alcance do povo; basta dizer que é uma espécie de telegrafia sem fio...

Para telegrafia sem fio é preciso um aparêlho transmissor próprio, e um receptor igualmente próprio. Ora, tudo o que os homens inventam, não é outra coisa senão a imitação ou reprodução do que já existe no organismo humano.

A telegrafia sem fio é um fato. Uma pessoa fala, em certas condições e com aparêlho próprio; outra pessoa escuta, igualmente com aparêlho próprio; e a palavra transmite-se pelo ar, em irradiações, até chegar a seu destino, que pode ficar a centenas e ceptenas de quilômetros.

Certas pessoas, pela sensibilidade do seu aparêlho nervoso, são perfeitos emissores ou receptores; é, pois, lógico que havendo emissão, havendo vibração, haja igualmente recepção.

Isto não se faz com tôdas as pessoas, porque tôdas não possuem a sensibilidade nervosa necessária; porém acontece com um certo número, sobretudo com os nervosos, ou nevropatas. E' a telepatia, ou transmissão do pensamento e da palavra através do espaço.

Eis como um hipnotizador pode transmitir e até impôr a sua vontade a uma pessoa por êle sugestionada.

Não conhecemos ainda perfeitamente, em suas leis fundamentais, a tal transmissão; conhecemos, entretanto, os fatos e certas condições sine qua non, exigidas para a sua realização.

Isso, aliás, pouco importa; há muitos outros

fenômenos nervosos, cujo mecanismo ignoramos, mas nem por isso deixam de ser fenômenos nervosos ordinários.

Ninguém ignora que o bocejo é uma perturbação nervosa comunicável; entretanto, que eu saiba, ninguém conhece como e por que se comunica o bocejo.

Pode-se, pois, concluir que no hipnotismo provocado, como no bocejo, não há nada que contrarie a qualquer lei física ou biológica da natureza, ou que suponha a suspensão dela. E' um fenômeno natural, conhecido por todos, mas cujas *leis* por ora nos escapam.

CAPITULO III

O HIPNOTISMO

A elucidação dos fenômenos do hipnotismo deve remeter-nos a *chave* dos segredos do espiritismo; é. pois, conveniente estudá-lo a miúdo, e compreender a fundo os seus princípios e a sua manifestação.

O espiritismo não é outra coisa senão a continuação, ou melhor, a aplicação do hipnotismo, co-

mo hei de prová-lo em breve.

O hipnotismo é um fato. E' um sono artificial, provocado pelo hipnotizador, numa pessoa nevropata, isto é, de nervos abalados, excitados.

Pela telepatia, o hipnotizador impõe a sua vontade ao hipnotizado: é outro fato provado, natural, que supõe apenas, de ambas as partes, a necessária sensibilidade vibratória dos nervos, de modo que um sirva de emissor e outro de receptor.

Até aqui nada de preternatural. Tudo isso obedece às leis da natureza, e não há aqui nem espírito, nem demônio, nem defuntos, nem arte, nem fraudes: há apenas uma moléstia ou fraqueza dos nervos, que se chama nevropatia.

A imposição da vontade chama-se sugestão, elemento dominante dos fenômenos do hipnotismo,

que devemos estudar em seguida.

I. A sugestão /

O hipnotizador impõe a sua vontade ao hipnotizado, ao ponto de êste último não querer mais outra coisa senão aquilo que lhe é sugerido.

E' o que se chama sugestão. A sugestão é um fato natural inegável. A pessoa hipnotizada adormece: é a primeira etapa. — E' preciso depois sugestioná-la, isto é, fazer-lhe acreditar tudo o que o hipnotizador quiser, por meio de uma afirmação categórica.

A convicção produzida no espírito do adormecido faz nascer certos fenômenos que são como as

suas consequências naturais.

Desde que o hipnotizado está convencido de que vê ou quer tal coisa, êle comporta-se e age exatamente como se visse, ouvisse ou experimentasso tal sensação, quisesse tal coisa; mais que isso: aquilo que fôra indicado por uma única palavra, êle acaba em si, a imagem, a evolução.

A palavra do operador é tão eficaz, que o fenômeno sugerido se executa, seja na hora mesma, durante o sono, seja em vigília, mesmo numa época remota. O único taumaturgo do hipnotismo é a convicção.

Duas perguntas apresentam-se aqui espontâneamente: Como é que uma tal convicção pode nascer naturalmente? como pode ela produzir seu objeto?

Devo-lhes uma resposta.

II. A convicção

A convicção do hipnotizado é da mesma ordem que a credulidade de quem sonha adormecido. A distinção do verdadeiro e do falso, do real e do imaginário, é um ato de espírito atento que decide pelo valor dos sinais exteriores das coisas.

No sono a atenção é diminuida e paralisada, ao ponto de tornar impossível o exercício da inte-

ligência, necessário para qualquer comparação. O espírito é incapaz de repelir a aparência da ficção e acredita no falso, por ser incapaz de compará-lo com o verdadeiro.

A filosofia afirma que a afirmação precede sempre à negação, de modo que, para poder negar uma coisa, é preciso antes afirmar o contrário.

O sono hipnótico, no fundo, não difere do sono ordinário, de maneira que o hipnotizado fica como qualquer adormecido que sonha, entregue à mais absoluta credulidade.

Se, pois, qualquer coisa lhe chega pelo sentido do ouvido, êle o acolhe como *verdadeiro*, sendo conhecida por êle a palavra de uma pessoa, de um amigo, por exemplo.

A convicção do hipnotizado é mais firme que a do simples adormecido. Isto provém da anomalia atual do seu sistema nervoso.

Numa pessoa adormecida, a tensão nervosa é como que equilibrada em todo o corpo; no hipnotizado, os nervos mais sensíveis não estão igualmente em descanso. Enquanto uns nervos são como que atacados de letargia, outros ficam num estado próximo de vigília.

As operações de uns motores nervosos não sendo mais regularizadas pelos outros, serão mais fortes e intensas que num estado normal. Tal um cavalo, que não sente mais o freio, lança-se numa corrida louca.

Fica, pois, bem provado que se pode fazer acreditar a um hipnotizado tudo o que se quer, e isso do modo mais natural do mundo.

O Segrêdo — 2. PARÁGUIA DE SÃO SEBASTIÃO

III. O domínio da vontade

Vamos do conhecido para o desconhecido, para que qualquer leitor, mesmo de pouca instrução científica, possa seguir e compreender esta pequena análise psicológica do hipnotismo.

O meu fim é mostrar claramente que em tudo isso não há nenhuma intervenção preternatural, mas simplesmente um conjunto de fenômenos naturais, produzidos por pessoas doentes dos nervos.

Um outro ponto importante no caso é de compreender como é que a convicção adquirida, conforme se acaba de explicar, tem a fôrça suficiente para dominar a vontade do hipnotizado.

Diz-se a um hipnotizado: "Queres comer? queres dançar?" e imediatamente êle acredita que quer comer ou dançar deveras. A vontade de comer, de dançar, vem espontâneamente colocar-se na convicção.

A vontade contrária e mesmo a simples indiferença seriam incompreensíveis, pela lei já citada, que a afirmação precede necessàriamente à negação.

Para o hipnotizado poder dizer: "Não quero", seria preciso êle fazer a comparação entre o comer e não comer; ora, como êle é incapaz dêste raciocínio, deve dizer: "Quero".

Nada mais simples do que dirigir a vontade de uma pessoa desde que o seu estado fisiológico permite fazer-lhe acreditar o que se quer.

Uma vez imposta a direção da verdade, os movimentos materiais, necessários à execução da resolução, seguem naturalmente.

A convicção sugerida, que diz respeito às lembranças costumeiras, evocará naturalmente estas lembranças.

Basta uma palavra para suscitar a corrente

inteira conforme os processos ordinários da nossa memória, com a diferença de que o estado de excitação nervosa do hipnotizado torna o fenômeno mais saliente e mais vivo.

E' assim que se explica como os faladores e mentirosos de profissão chegaram a creditar, êles

mesmos, nas mentiras por êles inventadas.

Convém notar ainda que a memória nunca cria as matérias das suas representações: são simples reproduções ou combinações de coisas vistas ou ouvidas.

A sugestão mais intensa não chegará a cotocar na imaginação de um roceiro, que nunca saiu da sua roça, o espetáculo dos edifícios de uma grande cidade; como não entrará na imaginação de um carioca o interior das florestas virgens do Amazonas.

Aí está o limite da sugestão: todo objeto individual que os sentidos não tenham alcançado, fi-

ca acima do poder hipnótico.

Deve-se aplicar a mesma lei aos fatos que dependem da inteligência.

Não há meios naturais que comuniquem a ci-

ência infusa.

Se um hipnotizado dá mostra de qualquer conhecimento novo e instantâneo, não pode ser efeito do hipnotismo, porque, para apreender qualquer coisa, o nosso espírito precisa de tempo e deve seguir o caminho apontado pela natureza.

Não falamos aqui das deduções que uma inteligência super-excitada pode tirar com prontidão

de princípios conhecidos.

IV. Sugestão e convicção

As precedentes explicações, um tanto científicas, porém necessárias para um estudo que pretende penetrar no fundo do espiritismo, tem por fim descobrir a causa dos fenômenos observados durante o sono hipnótico. Esta causa, conforme ficou demonstrado, é a convicção gerada pela sugestão. E' preciso ainda determinar a ação desta causa, para melhor reconhecer até aonde se estendem seus efeitos. Para êsse fim, consideremos brevemente a eficácia da sugestão e da convicção.

A sugestão tem como objeto um ato de adesão do espírito; o que exige que seja em termos compreensíveis pelo hipnotizado. E' claro que só se pode erer no que se compreende: "Fides ex auditu". A fé ou a convicção só vem da audição ou da sugestão.

A sugestão não produz uma imagem alucinatória. O hipnotizado deve ouvir e compreender as palavras, não pela razão de estas palavras terem qualquer poder extraordinário, mas por causa de certas disposições pessoais nervosas. Notemos, entretanto, que a linguagem não é necessàriamente articulada. Pode haver nos gestos do hipnotizador, nos preparativos da sua experiência, certos sinais voluntários ou involuntários, que permitem ao hipnotizado interpretar o seu pensamento. E' o bastante para produzir a convicção.

* * *

Examinemos agora o que faz a convicção, quando nascida da hipnose. A convicção exerce um poder direto sôbre a vontade. — Nihil volitum, nisi praecognitum, dizem os filósofos. O conhecimento produz a convicção; a convicção move a vontade

No hipnotizado o ato de vontade não é racional, isto é, não é determinado por motivos discutidos pela razão. E' uma espécie de *inpulso*, semelhante ao instinto. O hipnotizado quer, porque julgava que-

rer, e depois êle quer, porque quer.

Esta última forma é a teimosia, e isto nos explica por que o hipnotizado quer com tanta energia. O impulso que êle sente não é outro senão o impulso das paixões ou das tentações.

Paremos aqui. E' o bastante para compreender o mecanismo do hipnotismo. Resumamos tudo claramente. O hipnotismo exige da parte do hipnotizador e da parte do hipnotizado uma excitação nervosa, e pelo menos da parte do hipnotizado a nevropatia. O hipnotizador faz adormecer o seu cliente e, pelo sono, êste perde a liberdade de ação, ficando entregue à vontade do hipnotizador.

Este último sugere, então, vocalmente ou por sinais, certas coisas ao paciente, transmitindo-lhe a sua vontade. E' a sugestão.

A sugestão produz a convicção. A convicção move a vontade como por instinto, e faz executar ao hipnotizado tudo o que lhe sugerir o hipnotizador.

Eis a evolução do hipnotismo. Compreende-se logo o proveito que disso pode tirar um hipnotizador sem consciência e sem religião. E' a base do espiritismo chamado científico, como em breve hei de mostrar.

Não é uma ciência, é uma *moléstia* provocada, para alcançar um fim que é a dominação da vontade do sugestionado.

CAPITULO IV

FENÔMENOS HIPNÓTICOS

Depois do estudo dos elementos que constituem a sugestão e a convicção, é necessário percorrer os diversos fenômenos hipnóticos.

Sem querer citá-los todos, analisemos, pelo menos, os conhecidos e que mais impressionam as pessoas que não conhecem o espiritismo.

I. Auto-sugestão

Conhecemos já, em suas minúcias, a sugestão, que é um dos fenômenos mais admiráveis do hipnotismo.

Tal sugestão, por mais estranha que pareça, explica-se perfeitamente.

Uma *idéia*, um pensamento, que nos impressione fortemente, chega, às vêzes, a fixar-se em nosso espírito, com tanta firmeza, que nos importuna de dia e de noite, e não nos deixa o mínimo descanso.

Além disso, todos nós estamos acostumados a sugestionar-nos a nós mesmos, quando por associações de idéias queremos lembrar-nos de qualquer coisa. Pensando em um amigo, faz-se a intenção de pedir-lhe uma explicação no primeiro encontro. Pas-sam semanas e meses, talvez, antes de encontrá-lo, mas eis que um dia, quando menos pensamos, o encontramos. Logo se apresenta o pensamento da sugestão: a explicação a pedir.

Na vida comum fazemos, às vêzes, sugestões mais pronunciadas ainda. Por exemplo: alguém vai deitar-se de noite fortemente preocupado com a a idéia de ter de despertar, no dia seguinte, a uma

certa hora, bem cedo. Bastantes vêzes sucede que, à hora marcada, desperta, sem saber como, nem por quê. E' uma auto-sugestão.

A diferença que se encontra entre as sugestões da vida ordinária e as do hipnotismo consiste unicamente na desproporção.

Esta desproporção depende da maior vivacidade com que a imaginação opera em regiões isoladas, no decurso do sonambulismo hipnótico, porém no fundo é o mesmo fenômeno.

II. Desdobramento da personalidade

O desdobramento da personalidade é mais um dos fenômenos curiosos do hipnotismo.

E' fenômeno curioso, sem dúvida, porém explicável para quem o conhece e examina com atenção. Tal fenômeno não existe sòmente no hipnotismo; existe ainda em muitas espécies de loucura, sendo mais ou menos extenso e profundo.

Quem já penetrou em qualquer manicômio sabe com que convicção e seriedade um louco se proclama Presidente da República; outro, médico; outro, advogado; outro, padre, e não só se proclama, mas está firmemente convencido de sê-lo. e às vêzes se comporta como tal.

Este fato parece resultar da cessação da solidariedade entre as diversas zonas da casca cerebral e portanto, dos diversos centros da imaginação.

Observa-se também um rudimento dêste desdobramento no estado de saúde, no sono, durante os sonhos.

Quantas vêzes não tem acontecido a muitos entre nós sonhar que se está sendo perseguido, atacado, sendo ao mesmo tempo o perseguidor e o perseguido, procurando gritár, correr, salvar-se... e até acordar cansado e ofegante da luta e do esfôrco?

Outras vêzes tornamo-nos uma personagem importante, que, por alguma ação, louva ou censura a própria pessoa, dependente dela.

Outros ainda assistem vivos aos próprios funerais, etc., e assim desdobram a própria personalidade, constituindo, em espírito, dois indivíduos distintos.

III. Substituição da personalidade

O que se diz do desdobramento da personalidade pode-se aplicar com mais razão ainda à substituição da personalidade, pela qual, como exatamente sucede no sonho, o hipnotizado se julga sucessivamente transformado em várias pessoas diferentes daquela que é realmente: uma mulher, um menino e até um animal bruto.

A produção de certas perturbações que se podem provocar por sugestão, embora constitua um fenômeno bastante singular, nada tem, entretanto, de incompreensível, para quem considera as grandes e íntimas relações que existem, no homem vivo, entre o físico e o moral, e para quem se lembra com que facilidade, em seguida às emoções morais, se ativam as secreções do suor, da saliva, da urina, e se aceleram os movimentos das evacuações intestinais.

Quem não viu alguém suar de mêdo?... Quem não sentiu a água lhé chegar à bôca, ao cheirar, em estado de fome, um prato suculento? Tudo isso parece tão natural, que não nos lembramos que são, entretanto, fenômenos singulares.

IV. A ciência das línguas

Eis outro fenômeno de que se valem, às vêzes, os amigos do hipnotismo. Pretendem êles que certas pessoas falem línguas que nunca estudaram ou ouviram.

Eu nunca presenciei tal fenômeno. Se fôssem verdadeiros, parece-me que sairia fora da órbita do hipnotismo.

Há alguns exemplos de tal fato. "Uma moça, quase analfabeta, posta artificialmente em estado de sonambulismo, começou de repente a recitar um longo texto oratório em latim, de que ela não sabia sequer uma palavra. A coisa pareceu a todos altamente maravilhosa e incompreensível. Passados meses, veio-se saber que, alguns anos atrás, um tio da moça recitara um dia aquêle mesmo texto, perto do quarto onde ela, doente, estava deitada".

Durante o estado hipnótico a memória apresentou-lhe com exatidão e vivacidade tudo quanto ouvira, uma única vez, alguns anos atrás. Por ser analfabeta, nada compreendera do trecho, como nada compreendeu, quando se pôs a recitá-lo, em estado hipnótico. Era apenas um trecho conservado fielmente na memória, que veio à luz nesta ocasião.

Não faltam na história da patologia mental exemplos de casos semelhantes da exaltação temporária da memória.

Entre êstes exemplos, é clássico o caso, contado pelos psiquiatras, de um jovem açougueiro, que, durante um acesso de loucura, recitou páginas inteiras de *Fedro*, de *Racine*.

Na convalescença declarara ter ouvido, uma única vez, essa tragédia, e, curado de sua loucura, por mais esforços que fizesse, era-lhe impossível recordar-se de um só verso sequer.

V. A moléstia hipnótica

Pelas precedentes considerações — pois não

é meu fim fazer uma exposição completa do hipnotismo — parece-me lícito concluir que, no hipnotismo e nas suas manifestações, não se deve ver outra coisa senão a expressão de um estado mórbido cérebro-espinal, em que nada há tão inconciliável com outros fatos, já conhecidos pela ciência, que se deva julgá-lo contrário ou superior às leis ordinárias da física biológica.

O estado especial mórbido, de que é constituído o hipnotismo, pode ser permanente ou transitório. Num e outro caso não é sempre patente e manifesto; pelo contrário, muitas vêzes se conserva em estado latente.

No primeiro caso o hipnotismo constitui sempre uma verdadeira moléstia, de sorte que, nessas circunstâncias, o denominam às vêzes "Morbo-hipnótico" ou "hipnose".

No segundo caso, se não representa, no rigor da palavra, uma *moléstia em ato*, constitui, pelo menos, uma forte *predisposição* a determinadas perturbações dos centros da inervação.

As estatísticas nos dizem que, entre os indivíduos capazes de apresentar fenômenos hipnóticos, ocupam primeiro lugar as pessoas histéricas, de que quero tratar no seguinte capítulo, por ser êste estado como a base do hipnotismo e também do espiritismo.

CAPITULO V

O HISTERISMO

A histeria é o grande fator, a grande moléstia do hipnotismo; é ela que lhe fornece os sujeitos próprios para serem hipnotizados, e os médiuns próprios para as suas trapaças ou manifestações do além-túmulo.

I. Observações clínicas

A manifestação clínica fêz, a êsse respeito, três observações importantes: 1*. As pessoas histéricas são as únicas em quem o hipnotismo pode manifestar-se, sem excitações exteriores. 2°. Quem sofreu repetidos ataques de hipnotismo, não tarda a revelar-se histérico. 3*. As mesmas causas com que se excita o hipnotismo servem para determinar o histerismo.

Eis três afirmações categóricas da parte dos médicos especialistas que têm estudado os fenômenos hipnóticos e espíritas.

Sem entrar em discussões sôbre proposições, por todos admitidas, é permitido concluir, com uma quase certeza, que o hipnotismo é uma das muitas manifestações clínicas do histerismo.

Precedentemente já disse que o hipnotismo pode ser espontâneo ou provocado.

Quem sofre de hipnotismo espontâneo está apto a ser hipnotizado por provocação. Para êstes indivíduos qualquer causa exterior é o bastante para pôr em jôgo a atividade mórbida automática de cada um dos centros cerebrais, de que dependem os fenômenos hipnóticos.

43

Inversamente, o hipnotismo provocado prepara o caminho para o hipnotismo espontâneo, ou porque dê o último impulso a uma tendência mórbida muito próxima a tornar-se naturalmente moléstia declarada, ou porque a repetição de certos fenômenos mórbidos em um organismo mal equilibrado, lhe dê uma espécie de má educação, uma propensão mórbida, que de outro modo não teria adquirido.

Em face dêstes fatos, vê-se que, entre o hipnotismo espontâneo e o hipnotismo artificial, não existe uma linha divisória bem marcada, mas que, ao contrário, se passa de um a outro, como insensivelmente, podendo até um misturar-se e alternar-se com o outro.

Isso seria o bastante para mostrar a identidade da natureza das duas formas mórbidas.

Depois desta aproximação do histerismo e hipnotismo, estudemos bem êste primeiro estado, que nos vai desvendar o segrêdo de muitos fenômenos anormais e inexplicáveis para o vulgar.

II. O que é a histeria

A histeria tem péssima reputação. Isso provém da antiga medicina, que não a compreendia.

A histeria é uma *moléstia nervosa* na qual os motores perdem o equilíbrio e a conexão mútua que os liga uns aos outros.

E' uma depravação do sistema nervoso ou de uma parte dêste sistema, de modo que as suas funções não tenham mais nada de fixo, de regulado. Falamos das funções, e não do aparêlho orgânico; até hoje a clínica não descobriu ainda nenhuma lesão nos nervos dos histéricos.

O Dr. Briquet, especialista de renome na ma-

téria, faz consistir a essência da histeria em dois caracteres, a saber: uma irritabilidade extraordinária do sistema nervoso sob as impressões dolorosas, e a impotência de reagir contra estas afecções.

E' preciso distinguir, na histeria, o estado crônico e as crises ou ataques; ou, como faz a medicina: a histeria convulsiva e a não-convulsiva.

As manifestações convulsivas são constituídas pelo ataque histérico, que, em seu pleno desenvolvimento, apresenta quatro períodos: 1º período epiléptico, 2º período dos grandes movimentos, 3º período das atitudes apaixonadas, 4º. período de delírio.

O diagnóstico do ataque histérico, como o do ataque epiléptico, não está ainda bem estudado.

As manifestações da histeria não-convulsiva são uma sensação habitual de opressão e de estrangulamento (bola histérica), uma dor do lado do ventre e um ponto doloroso no alto da cabeça (prego histérico) e enfim paralisias e contraturas, que vêm sempre acompanhadas de desarranjos de sensibilidade, anestesia, que afeta muitas vêzes a metade do corpo.

III. Fenômenos de ordem mental

Podem-se grupar os fenômenos de ordem mental, que apresenta a histeria, em tôrno de um fato, que é como a sua causa geral.

As funções mentais dos histéricos estão perturbadas, porém, esta perturbação parece proceder da vontade.

A vontade está doente: o que faria dizer ao Dr. Richet que a histeria é a impotência da vontade

para refrear as paixões; isto é, a parte automática da vida sensível.

De fato, a vontade é como o freio que segura e dirige as operações de nossa alma.

A vontade sendo perturbada e deixando de exercer o seu domínio, as outras faculdades não são aniquiladas, mas ficam entregues ao capricho do acaso.

A vontade é para o homem o que é o instinto para o animal, o que é o mecânico para uma máquina, o que é o freio para o cavalo; desaparecendo, é a desordem completa.

O grande característico dos histéricos é a inconstância. Mudam com extraordinária facilidade de disposições e de ações, passando da tristeza à alegria; do riso às lágrimas; da loquacidade ao mutismo.

A razão desta mobilidade provêm dos impulsos da vida sensível, que não são refreados pela vontade.

Se fôr o vento da cólera ou do ciúme que sopra, êles se exaltam. Se fôr o vento da caridade, êles serão obedientes e benfazejos. Se fôr o desejo de enganar, êles mentem, a não poder mais, por palavras e ações, com um inexgotável recurso da imaginação.

Charles Richet confirma estas indicações: "A inteligência dos histéricos, diz êle, é, às vêzes, brilhante; a memória, segura; a imaginação é viva, o lado defeituoso é a impotência da vontade".

IV. A crise histérica

O que precede é apenas uma pequena introdução, para melhor compreender a crise, ou ataque histérico. Este ponto nos interessa mais, porque é o centro das manifestações curiosas do his-terismo e do espiritismo. Convém estudar a fundo êste ataque, porque os espíritas servem-se dêle para fazerem suas revelações e comunicações com o além-túmulo.

Para ficar fora do exagêro e de tôda suspeita, citemos as palavras de um observador competente, o Dr. Richet. Escreve em seu "Fragments de phy-siologie et de psychologie": A' medida que se estudam de perto os ataques da histéria epiléptica, percebe-se que a moléstia apresenta períodos regulares bem distintos. Nada fica entregue ao acaso. Cada sintoma, por desordenado que seja, manifestase em sua hora, com uma regularidade, eu devia dizer, com uma pontualidade surpreendente"

Charcot e seus discípulos demonstraram que

havia no acesso três fases bem caracterizadas.

Primeira fase: Esta fase é análoga ao ataque epiléptico pròpriamente dito. De repente há perda de sentidos. O doente cai por terra, os músculos contraem-se, ficam rijos; o semblante fica azulado, inchado; os traços do rosto fazem uma horrível careta; os braços se encolhem; os punhos cerram-se; uns instantes depois, todos os músculos são agitados de tremores convulsivos, que vão aumentando, e depois se enfraquecem aos poucos. Enfim, os músculos, como esgotados pelo esfôrço violento e prolongado, se relaxam: um sono completo, profundo, estúpido, sucede no acesso tetânico.

Secunda fase: O sono dura pouco, e uns instantes depois aparece a segunda fase, chamada por Charcot de clownismo, porque lembra as atitudes bizarras dos clowns, ou palhaços de circo. Neste momento do acesso, os histéricos executam saltos prodigiosos. O corpo curva-se em círculo, de modo a não repousar na cama, senão sôbre a cabeça e os pés. O rosto é careteiro, às vêzes horrível, e os traços, como puxados de um e de outro lado, dão à fisionomia uma expressão horrível; às vêzes o corpo infeiro levanta-se bruscamente, para recair inerte sôbre a cama. O doente enfurece-se contra si mesmo, diz Richet, procura arranhar o próprio rosto, arrancar os cabelos, lança gritos estridentes, e bate no peito com furor; exalta-se contra as pessoas que o cercam, procurando mordê-las e, não podendo alcançá-las, rasga tudo que lhe cai nas mãos: lençóis, roupas, etc.; depois começa a soltar rugidos de fera, bate com a cabeça e com os punhos contra a cama, enquanto se endireita, estendendo os braços de todos os lados, encolhe as pernas para estendê-las bruscamente, sacode a cabeça, balançando-a de frente para trás, soltando pequenos gritos, roucos, ou então, sentado, vira alternadamente o corpo de um para outro lado, agitando os braços.

Terceira fase: Na terceira fase não há mais estas atitudes bizarras, acrobáticas. A vida cerebral, que estava abolida desde o princípio do ataque, volta aos poucos, e a consciência parece parcialmente restabelecer-se. E' o momento das alucinações de tôda espécie, ora alegres, ora tristes, às vêzes religiosas, outras vêzes impias. Cada vez que uma imagem surge em seu espírito, imediatamente os movimentos dos membros, os traços da fisionomia, a atitude geral do corpo, tudo se conforma à natureza desta alucinação. Estas pôses, estas atitudes apaixonadas, manifestam uma vivacidade, um vigor de expressão, que não se encontram em outra parte. O ator mais hábil nunca saberá apresentar o espanto, aameaça, a cólera,

com tanta vivacidade e poder como estas pobres meninas histéricas, que se exaltam agitadas por um desejo furioso e passageiro. Uma cruza os braços e levanta os olhos ao céu, numa atitude de religiosa admiração, como se vissem as nuvens entreabrirem-se e aparecerem-lhe os santos do céu. Uma outra, casada, fala à sua filhinha, de quem está, desde há tempo, afastada, dirigindo-lhe as mais ternas palavras. Outra vê animais imundos, lagartos de bico encarnado, de olhos ensanguentados; vê morcegos enormes e os seus traços exprimem um indizível horror.

V. Um exemplo elucidativo

Terminemos esta descrição com um exemplo, tirado das observações dos médicos. Os fatos expostos, resumidos pelo exemplo, serão mais fàcilmente compreendidos.

Peço, entretanto, ao leitor, prestar suma atenção ao papel do médico e de notar cuidadosamente como êle provoca ou modifica certas fases da nevrose, que seriam outras, ou não existiriam, se não interviesse. Compreender-se-á depois a importância desta observação.

Reproduzamos um exemplo da *Iconografia* do Dr. Bourneville, que êle diz ser o tipo mais perfeito do *caráter*, da *fisionomia* e dos *caprichos* do histérico.

Trata-se de uma mocinha de 18 anos, chamada Susana. Era histérica, e no espaço de um ano teve mais de 460 ataques epileptiformes. Adormece dificilmente, ficando por muito tempo perseguida por visões, que a espantam. Adormecida, fica obsessa de pesadelos. Sua imaginação febril

a faz passar por tôdas as espécies de sonhos penosos.

Eis como se anunciam os ataques: "Susana fica nervosa, irascível e zanga-se pelo menor motivo. Experimenta a sensação de uma bola que sobe e desce, remontando, às vêzes, até a parte inferior do pescoço. Este fenômeno é acompanhado de palpitações e de uma impressão de aniquilamento. Numa segunda fase, o apêrto epigástrico é mais forte, e sobrevêm palpitações cardíacas e laringismo. A bola histérica não desce mais. Aparecem as perturbações cefálicas: uma espécie de nevoeiro cinzento diante dos olhos; zunido aos ouvidos; ruídos de sino ao longe; pulsações nas fontes, alucinações na vista (gato, macacos, aranhas, etc.). Susana sente que o pescoço endurece; seus braços se estendem, ela sente se cair. E' neste momento que perde os sentidos. O ataque tem três períodos: começa pela rigidez do corpo, continua pelas convulsões e termina pelo delírio, durante o qual Susana assiste a cenas, ora alegres, ora tristes. Aqui o médico suspende o ataque por meio de certas pressões; porém, breve tudo recomeça com maior intensidade ainda.

Durante o período do delírio, ela articula frases entre-cortadas, aquilo que enxerga: Ah! como é bonito!... Que belo navio está chegando!... Nunca vi semelhante!... Que bela construção!... deve ser americana!... São curiosos êsses americanos!... O mar é belo... cheio de espuma!... Ouve-se o vento!... E' uma tempestade que se prepara!... Será bom entrar!... A descrição continua... após o delírio a doente volta a si.

Nos diversos ataques Susana revê muitas vêzes as ceans descritas: o mar, a tempestade; re-

cita os mesmos fragmentos de poesias, e junta-lhes as cenas do livro que lê.

Para adormecê-la basta usar do processo mais simples: fitá-la no olhar. O sono chega após três ou quatro minutos. As pálpebras tremem, os olhos dirigem-se para cima e por dentro, a cabeça inclina-se sôbre o ombro direito. O sono é completo. Neste momento a doente fica insensível a qualquer picada. Não há um musculo que não se possa contrair. Fazendo-a adormecer, pode-se falar com ela. Colocam-se nas mãos vários objetos: ela os reconhece, e dando ordem, ela indica os nomes dos objetos. Mudando os nomes dêses objetos, ela aceita o falso nome. Mesmo os erros para o ouvido, o olfato, o paladar. Pode fazê-la assistir a um concêrto musical imaginário, sentir cheiros supostos, ver animais, etc. Manda-se repetir versos de Musset, obedece; porém, abrindo-lhe as pálpebras do ôlho direito, pára; fechando-as, cala-se; retomando o último verso recitado, continua a recitação.

A abertura das pálpebras da direita e da esquerda põe-na em catalepsia: então a contração dos músculos é impossível. E' neste momento que se produzem os fenômenos da sugestão.

Conforme as atitudes impostas aos membros, ao tronco, a fisionomia reflete sentimentos diversos, correspondentes a esta atitude.

O médico que a hipnotizou; olhando-a no olhar, e fazendo um gesto de espanto, imediatamente a fisionomia da doente exprime igual sentimento.

Sugerindo-lhe a idéia do Paraíso, Susana parece feliz; e vê a Santíssima Virgem, santos, etc. Sugerindo-lhe a idéia de um concêrto musical, ela escuta, e parece ouvir uma música harmoniosa. Jun-

tando-lhe as mãos e mostrando-lhe o céu, ela se coloca de joelhos.

- Que vês, Susana?
- 0 bom Deus!
- Que vês mais?
- A Santíssima Virgem.
- Como é ela?
- Tem as mãos postas... uma serpente debaixo dos pés... um arco-iris em redor da cabeça... Há um belo resplendor atrás dela... vermelho... branco...

Para passar de uma ordem de experiências a outra, abaixam-se as pálpebras da doente, o que a coloca em letargia; levantam-se-lhe as pálpebras, o que a põe em catalepsia, com disposições novas de tomar a direção que lhe fôra indicada. E' inútil lembrar tudo o que se tem observado por êsse meio, tanto mais que os fenômenos são, no fundo, do mesmo gênero.

Paremos aqui. Meu fim é chegar ao espiritismo, e mostrar que, se êle é distinto do hipnotismo, em muitos pontos tem com êle relações íntimas, servindo-se dos mesmos meios, produzindo mais ou menos os mesmos fenômenos. O nome muda, o fundo fica. No espiritismo, como no hipnotismo, a histeria representa um papel saliente, fundamental. O primeiro é mais charlatanesco, o segundo é mais curioso e, talvez, mais sincero. Há fraudes e abusos no hipnotismo, não há dúvida; mas no espiritismo quase tudo é trapaça e palhaçada. E' o que teremos de estudar nos seguintes capítulos.

CAPITULO VI

IDEIA GERAL DO ESPIRITISMO

Chegamos ao ponto importante, central do nosso estudo. Conhecidos os seus pródromos e os seus antecessores, que são o magnetismo e o hipnotismo, tendo ambos por base o histerismo, será fácil penetrar o âmago do espiritismo pròpriamente dito, e desvendar todos os seus segrêdos.

I. Opiniões e realidades

Pode-se distinguir no espiritismo uma tríplice fase, ou melhor, um tríplice aspecto:

- 1º. O espiritismo científico, que não é outro senão a parte que acabamos de estudar, com suas particularidades ainda pouco conhecidas da telepatia.
- 2º. A parte teatral, ou de prestidigitação, que é tôda natural, porém baseada sôbre certos princípios físicos ou químicos, ignorados do vulgo; assim como certa habilidade da parte dos operadores.
- 3º. A parte palhaçada ou canjerê, como é conhecida pelo povo. Esta parte é a mais ridícula, idiota, e quase a única conhecida pelo povo ignorante, como pelos fracos de espírito.

Teremos de analisar, pouco a pouco, êstes três aspectos do espiritismo atual.

Médicos de renome, como o Dr. Lapponi, que escréveu sôbre hipnotismo e espiritismo, procuraram estabelecer uma barreira de separação entre os dois, e mostrar que o hipnotismo é uma ciência e o espiritismo, intervenção de espírito.

Ao meu fraco parecer, tal distinção só existe na mente dos escritores, e provém da falta de conhecimento de um dos ramos de tal ocultismo.

O Dr. Lapponi era um bom católico e um ótimo médico. Pode-se dizer que estudou muito bem o hipnotismo, porém quando começa a comparar o hipnotismo com o espiritismo, cai nos maiores erros. Vê-se logo que só conhece o espiritismo pela leitura das fábulas espíritas, sem nunca ter assistido a uma sessão, ou ter estudado, a fundo, os fenômenos destas sessões. Aliás, é o que êle mesmo reconhece. E' pois, um êrro fundamental.

Para se poder efetuar uma comparação séria, é preciso conhecer os dois fatores da comparação.

O Dr. Lapponi lamenta a confusão que certos escritores fazem entre os fenômenos hipnóticos e os espíritas; e nós lamentamos a separação que procura fazer o ilustre professor e que pràticamente não existe.

Depois da aparição do seu célebre estudo médico crítico, passaram-se mais de 30 anos; neste intervalo as ciências psicológicos e psíquicas fizeram imensos progressos, e têm descoberto e classificado entre as leis naturais o que naquele tempo era mistério e parecia o produto de espíritos.

Hoje acontece com o espiritismo o que aconteceu com o magnetismo e o hipnotismo. No princípio era tudo maravilhas, inexplicável, misterioso; os estudos foram penetrando e desvendando êstes mistérios, e hoje nada ficou em pé, senão a moléstia do histerismo e a nevropatia. Tudo se explica pela natureza sem ser obrigado a recorrer ao preternatural, nem as fôrças ocultas.

O es iritismo apresentou-se no princípio com ares de ciência, de religião, de mistério; tudo isso já está se desvanecendo, e, tirada a máscara fica unicamente em pé o velho, o velhissimo hipnotismo, a velha e sempre existente histeria, com um novo vocabulário de palhaçadas, de truques, de pagodices, que o bom senso chama muito bem de canjerê, de pagelança, ou de catimbó, conforme os lugares.

II. Teorias em voga

Suposta a verdade de alguns fatos do espiritismo, — pois há fatos certos, como hei de explicar temos de procurar compreendê-los.

Quero, em primeiro lugar, expôr as várias teorias, fazendo depois a sua apreciação, para dizer, enfim, o que julgo mais aceitável, apoiando-me sôbre as últimas investigações e descobertas a êsse respeito.

III. Teoria espirítica

E' a teoria dos espíritos, com que êles resolvem de chofre todos os problemas. Como o seu nome indica, ensina que os fenômenos são produzidos pela mente de um espírito desencarnado; em outras palavras: tudo é obra de defuntos.

Para explicar a tal desencarnação, o espiritismo ensina que o homem não tem sòmente um corpo material e uma alma imaterial, mas ainda um corpo sutil, chamado astral ou perispírito. — O atual perispírito junta a alma ao corpo; — é como a cola, ou grude que serve para selar a alma ao corpo.

A alma leva consigo êste perispírito, ou cola, depois da morte do homem. Notem que para os espíritas não há morte, há apenas descolação do corpo e da alma, que êles chamam desencarnação. Por meio de tal perispírito, a alma do defun-

to põe-se em comunicação com o perispírito do vivo que serve de médium,

Há, pois, um abandono do perispírito do médium, durante o tempo em que o perispírito do desencarnado toma posse dêle, para se comunicar com o mundo. Esta posse é chamada pelos mestresespíritas: Obcessão.

Esta teoria dá larga margem e abundante pasto à imaginação; por isto é muito mais agradável e é aceita mais fàcilmente, do que se fôsse apresentada em proposições lógicas de argumento. Não é de admirar que tantos tenham aceitado

o espiritismo, porque tem por cima uma grossa

camada de açúcar.

Muito barulho se tem feito por tão pouco, porque vem com aparência de certeza absoluta, quando no fundo não há senão hipóteses ou su-

posições.

De fato, as histórias de fenômenos maravilhosos, comunicações surpreendentes, até aparições espantosas de defuntos reencarnados, mortos que falam, de espíritos que batem nas mesas e dão pancadinhas, tudo isso foi imediata e sèriamente tido como fatos verdadeiros por milhares de pessoas, tanto dos adversários como dos defensores. E' o caso do ilustre Dr. Lapponi, que mencionei

acima. Cita quantidade de fatos extraordinários. e termina por dizer que nada viu e nada examinou, mas aceitou-os como certos, porque são contados

por cientistas e homens sinceros.

Muito bem; mas convém notar que um cientista em matemáticas pode ser uma grandíssima nulidade em literatura, e que uma sumidade médica pode ser um péssimo algebrista. Cada um em seu ramo: o homem não é universal.

Há nestes fenômenos uma falta completa de

filosofia e uma confusão lamentável de observação

A maior parte das teorias excogitadas para explicar os fenômenos psíquicos referem-se à fôrça, quando deveriam referir-se à inteligência que dirige a fôrça.

Quais são as provas que apresentam os espíritas? Nenhuma, nenhuma! A prova é a palavra dêles... ou, dizem êles, as palavras do espírito.

Mais tarde teremos de analisar êste êrro fundamental, que aqui fica apenas assinalado.

IV. Teoria demoníaca

Muitos autores enxergam o tinhoso ou demônio em tôdas as manifestações extraordinárias do espiritismo.

Uma mesa move-se, dando pancadinhas, uma voz se faz ouvir, uma aparição vaporosa desenhase na parede, um objeto muda de lugar, etc., e todos a gritarem: "é o demônio... é o capeta".

Enxergam demônios em tôda parte. Pobre demônio! Quantas coisas lhe metem nas costas, que êle ignora, e quantas vêzes lhe atribuem o que não é dêle.

Que seja êle inocente!? Não, nunca! porém atribuem-lhe, muitas vêzes, um poder que não tem, ou que, pelo menos, não pode exercer a seu talante.

Os teólogos católicos distinguem a ação do demônio em possessão e obsessão. Quando o demônio atua sôbre o interior do homem, é um caso de possessão; quando atua sôbre o exterior da pessoa, é um caso de obsessão. Ninguém pode negar que um e outro caso existem verdadeiramente. Em todos os tempos houve possessos, e os há ainda hoje. E' certo.

57

A teoria demoníaca tem, pois, um bom fundamento. Mas convém notar, e esta regra é essencial — que nunca se deve atribuir às fôrças preternaturais o que pode ser explicado pelas leis naturais.

Podia-se dizer mais a êste respeito. As leis da natureza não são, tôdas, claramente conhecidas. A ciência vai descobrindo, dia por dia, maravilhas em todos os ramos da atividade humana. O que parecia mistério ontem, é hoje um fato natural, e amanhã não passará de banalidade. Por isso não é preciso que o fenômeno se explique completamente, perfeitamente, em todos os seus pormenores; basta descobrir-lhe a possibilidade, para atribuir-lhe uma causa natural.

Não há razão, pois, para que, se alguns fenômenos físicos presentemente são inexplicáveis, devamos logo concluir que suas causas sejam preternaturais. O não podermos explicar os fenômenos da *telegrafia sem fio* não é argumento pará recorrermos às fôrças preternaturais, para sua explicação.

O demônio pode intervir nos fenômenos, se Deus lho permitir; porém, o que não é certo é se Deus o permite, e se o demônio intervem realmente.

Aliás, não é preciso que o demônio seja a causa física; basta êle ser a causa moral, para fazer o mal. O homem, em seu estado decaído pode produzir um mal por si próprio, sem se aliar voluntàriamente ao demônio.

Eis porque não receio de chamar de extravagante a teoria que atribui tudo ao demônio. Que o demônio seja a causa moral da palhaçada espírita, disso não duvido, mas que seja êle a causa física, isso não tem fundamento.

O ilustre Padre Herédia, sumidade em questão

de espiritismo, nos diz poder explicar 90 de cem casos, por meios naturais, de fraude; uns 5 casos são ainda pouco estudados, e uns 5 outros quase ignorados.

O Padre Herédia abriu uma brecha na teoria demoniaca; e pouco a pouco esta brecha fará cair no chão tôda a fortaleza espírita.

V. Teoria naturalista

Nestes últimos anos, devido à propaganda dos espíritas, os fenômenos por êles apresentados têm sido muito estudados, e em consequência, a opinião tem evoluído, considerávelmente. A' medida que a ciência verdadeira vai penetrando nos esconderijos do espiritismo, os seus fenômenos tornam-se cada vez mais naturalizados.

Hoje, todos os autores que tratam cientificamente o espiritismo sentem dissipar-se as intervenções preternaturais, e começam a explicar tudo pelas leis existentes, umas conhecidas perfeitamen-

te, outras apenas parcialmente.

Como faz notar muito bem o Padre Herédia, é preciso distinguir a fôrça e a inteligência que dirige esta fôrça, e tal distinção mostra logo que quase sempre a inteligência humana é capaz de produzir tais fenômenos espíritas.

Não pode haver lei física contra uma lei física

adquirida, dizem os cientistas.

Parece-me haver nesta afirmação um equívoco; pois é preciso fazer a distinção entre a lei e o fenômeno. A lei é constante, porém os fenômenos podem variar em virtude de uma causa intercorrente.

Feita esta distinção, é perfeitamente lícito recorrer a leis ainda pouco conhecidas, mas razoá-

veis e possíveis, para explicar naturalmente certos fenômenos. Não se pretende dar uma explicação certa, mas, sim, provável, e preferível às outras.

Não se trata de saber se espíritos podem agir, mas, sim, se realmente os fenômenos exigem a sua intervenção, se esta intervenção pode ser provada, ou se basta recorrer apenas à cooperação das energias físicas e psíquicas da nossa natureza.

Não adiro ao sistema materialista, que rejeita sistemàticamente o preternatural. Longe disso; não pretendo excluir a explicação demoníaca ou espírita, negando a existência dos demônios ou espíritos; apenas julgo de todo inútil a tal intervenção, em muitos casos citados.

Penso que no estudo espírita é preciso ter constantemente diante dos olhos os princípios seguintes, que resumem o método do procedimento:

- 1º. Diante de um fenômeno estranho qualquer, antes de atribuí-lo a uma causa preternatural, convém esgotar tôdas as causas naturais, susceptíveis de explicá-lo. E' a regra indicada pelo célebre Padre Mainage.
- 2º. Na dúvida em discernir se um fenômeno é produzido por uma causa natural ou preternatural, convém admitir a explicação natural. Esta regra é de Elie Meric.
- 3º. Como não conhecemos tôdas as forças da natureza, é prudente não atribuir, desde logo, a causas preternaturais, fenômenos que parecem atualmente inexplicáveis. E' outra regra prudente de Elie Meric.

Com estas regras, pode-se dar uma explicação natural a quase todos os fenômenos espíritas, como he de prová-lo nestas páginas.

VI. Espiritismo cristão

A Igreja Católica combate o espiritismo, como sendo a mais vergonhosa trapaça e, com o álcool e a sífilis, o grande fator da loucura. Isso é conhecido por todos.

Atualmente os médicos de talento e de consciência estão dando-se as mãos para combaterem a horrenda praga social.

Os resultados do espiritismo são horríveis, tanto no ponto de vista social e intelectual, como moral e religioso.

Dêstes resultados pode-se concluir a falsidade dos seus princípios e das suas doutrinas. *Pelo* fruto se conhece a árvore. (Mt. 12, 33), diz o divino Mestre.

A doutrina espírita consiste em acreditar que homens tenham o poder de fazer aparecer defuntos. Isso é sumamente ridículo. Os vivos nem sabem governar os vivos; como hão de governar os mortos, que não estão mais neste mundo?

E o que é mais ridículo ainda, é que tais médiuns, que fazem aparecer os defuntos, são pessoas sem fé, sem religião, ignorantes, doentes e muitas vêzes sem compostura moral. E' dar o cetro e a coroa da outra vida aos degenerados desta vida.

Que os defuntos apareçam, às vêzes, não há dúvida a êsse respeito; mas aparecem, não por imposição humana, mas pela vontade de Deus, que os manda para a instrução e a conversão dos homens.

Três fatores essenciais figuram aqui: a) Só Deus pode mandar tais aparições, não o médium. b) Deve ser para instruir e converter os homens, não para brincar. c) Os resultados devem ser bons,

nunca perversos, como é o enlouquecimento de mi-

lhares de pessoas, pelo espiritismo.

Com êstes três fatores, podemos dizer que existe um espiritismo cristão, sobrenatural, permitido por Deus, para o bem dos homens, como vemos em milhares de aparições sobrenaturais, que a Igreja Católica reconhece, aceita e aproveita.

VII. Um fato extraordinário

Sob esta epígrafe, o "Lar Católico", de Juiz de Fora, publicou em seu n. de 15 de maio de 1932, a narração de um dêstes fatos interessantíssimos, contado por uma testemunha insuspeita, o Padre Guilherme Van Baar, Missionário do Verbo Divino, em Nova Guiné.

Como faz notar a revista, parece espiritismo. E, de fato, o é; porém, um espiritismo cristão, no sentido católico da palavra, isto é, uma aparição uma revivescência de defunto, feita por Deus, para a conversão dos homens.

Aqui não figura nenhum *médium*, não há transe, nem tremeliques; não há escuridão, nem sala fechada, nem encenação: há o fato público, em pleno dia, com simplicidade religiosa, e produzindo efeitos religiosos de conversão, em vez de enlouquecer, como faz o espiritismo palhaço e diabólico.

"Há poucos mêses, aos 18 de agôsto, escreveu o missionário, deu-se no meu distrito um fato extraordinário, que considero uma graça muito grande. Naquele tempo, grassava na plantagem S a gripe. Um tal Kuduj Garankom, que trabalhava naquela plantagem, contagiou-se e adoeceu gravemente. Vieram os pais com mais um amigo. Pela tarde, às 6

horas do dia 18 de agôsto, morreu. Onze ou doze indígenas rodeavam a leito mortuário. Todos confirmam a sua morte. Umas horas mais tarde, verificouse a rigidez cadavérica. Dificilmente conseguiu-se dar ao corpo posição própria e cruzar-lhe os bracos sôbre o peito. Os que o viam pronto para o entêrro, choravam muito, porque Kuduj era guerido de todos. A noite tôda ficaram perto do cadáver, chorayam e, segundo o costume do país, se curvavam sôbre seu rosto. Eram quatro horas da madrugada, quando o morto repentinamente abriu os bracos -para afastar as pessoas presentes. Todos tomaram grande susto, porque tinham Kuduj por morto. Por sua própria fôrça, sem que alguém o ajudasse, se sentou na cama. Perguntou se estavam todos os trabalhadores de Garankom; os que não estavam foram chamados, às pressas, porque Kuduj queria dizer-lhes uma coisa. Presentes todos, disse com voz forte e clara: "Ouvi bem o que vos quero dizer, porque é coisa importante. Tudo que agora vos digo, contai-o a todos os canaques (indígenas) em todo o lugar. Cheguei à outra banda e vi que tudo o que o Padre nos ensinou é verdade. Não penseis que o Padre mente de vez em quando; não; sua palavra é verdadeira. Todos devem ouvir a palavra do Padre. Se uma ou outra vez ralha, não vos zangueis por isso... O Padre vos quer bem a todos, e quer levar todos ao céu. Ouvi sua palavra".

Em seguida falou ainda dos Mandamentos da Lei de Deus: — "Deixai o mau costume de dizer obscenidades e praticar coisas torpes... O pecado da impureza é um grande pecado, que Deus punirá severamente. E' o que vos digo. Ouvi bem e observai o que o Padre vos diz. Eu vou-me embora, outra vez; dizei isto por tôda a parte" Perguntando-lhe para onde ia, disse: "Vou para o além. Estava morto, mas tive de voltar para vos dizer estas coisas. Voltei com o Arcanjo São Rafael. Estava deitado em seus braços, e foi aqui neste hospital, que êle me pôs para trazer depressa esta mensagem".

As pessoas presentes, como não vissem anjo nenhum, opinaram ser mentira tudo que Kuduj dizia. Mas êste respondeu: "Não tenho interêsse nenhum em pregar mentira, porque não estou mais entre os homens, já morri. Não podeis ver o anjo, porque não tem corpo; é um espírito. Mas eu o vejo, aqui está êle, olha para mim e olha para vós todos. Ao lado do Anjo Rafael, vejo a escada para o céu, em que descemos e daqui a pouco tornaremos a subir".

"Queres que te batize ainda?" — pergunta-lhe um amigo — "pois está pagão ainda!"

"Não, respondeu Kuduj, não vale mais a pena, porque estou morto. E de mais a mais, você, sendo pagão, também não sabe batizar". (O amigo, como mais tarde pude verificar, não conhecia a formula do batismo).

Os pagãos viam em tudo isso feitiçaria e perguntaram: "Quem te fêz êsse encantamento de morreres agora?"

"Agora ninguém, mas antes, sim. Um tal Gaber (homem do mesmo lugar, que trabalhava em Walok e morrera há cinco anos). Este me fêz feitiço. Deu-me para beber leite de côco com cabelos queimados. Disso adoeci. Ele está no fogo".

Quando êles responderam que tudo isto, que lhes estava dizendo, era mentira, êle repetiu que, como morto que era, não tinha interêsse nenhum em os enganar.

"Não; eu o vi ainda há pouco. Ele está no

fogo; sua língua pende comprida de sua bôca, e está cheia de fogo. Dizei a todos os canaques que a

feiticaria é pecado e Deus a castiga".

"Não choreis tanto sôbre mim, que nada adianta. Rezai por mim, para que possa em breve entrar no céu. Envolvei-me em dois bons lençóis e dai-me uma camisa. Assim quero ser enterrado; depois rezai no meu túmulo por mim: mesmo ainda meses depois. Não penseis que morto que estou há muito, de nada vale; não! rezai sempre junto ao meu túmulo, para que entre no céu breve". (Parece que Kuduj morrera com o batismo de desejo. Era sempre bom aluno da escola, mas antes do batismo tinha-se empregado na companhia).

"Dizei a nossa gente que não aniquilem e estraguem nieus cocos, minhas nozes, betel e meus mantimentos; isso não estaria direito. Que repartam tudo. Com o meu dinheiro fazei esmolas, e tudo

o mais que aqui tenho é vosso".

Dito isto, recomendou mais uma vez a todos pontualidade na escola, obediência ao Padre, para que todos pudessem entrar no céu. Convidou a todos para se aproximarem e lhe dar a mão. Feito isto, sacudiu a parede, pois não tinha mais tempo de se deitar. Estava morto e frio no mesmo momento. (Nunca se tinha falado, na escola, do anjo São Rafael. O nome de Rafael não existe no meu distrito. Também sôbre a escada do céu não tinha mencionado uma só palavra).

A frequência à escola agora é maior, e espero poder formar uma boa comunidade cristã. Todos: canaques e europeus, missionários e leigos já sabem do fato que acabo de contar. Ninguém acha outra explicação do fenômeno senão a de uma aparicão".

VIII. Conclusão

Eis o que seria uma cena de espiritismo, se no espiritismo existissem cenas de aparições; mas digamos logo: não existem.

O que existe aí é trapaça, é truque; é encenação, sugestão, histeria... e fora dêstes casos é diabolismo Os homens não têm poder de mandar aos mortos; só Deus pode fazê-los aparecer.

E quando tais aparições se efetuam, devem ser cenas de edificação e moralização como no fato que se acaba de ler, e nunca de curiosidade, de pagodeira, e até de obscenidade, como acontece nas trapaças espíritas.

As aparições de cristãos edificam, elevam, convertem e santificam, enquanto as palhaçadas espíritas embrutecem, desmoralizam, fazem perder a fé, a moral e a cabeca...

No primeiro caso, vê-se o dedo de Deus; no segundo, a pata de satanás.

Reflitam bem sôbre isto aquêles que acreditam na exploração espírita.

CAPITULO VII

HISTORIA DO ESPIRITISMO

Foi em 1848 que apareceu o espiritismo com a forma atual, praticado por duas moças protestantes, Maggie e Katie Fox. Mais tarde, foi codificado pelo célebre Alan Kardec. Nada de novo, entretanto, em tudo isso. Basta percorrer a história, para ver que o atual espiritismo não passa de uma reprodução da antiga necromancia, passando pelas sucessivas remodelações do magnetismo animal e do hipnotismo.

Antes de ocupar-nos pormenorizadamente das práticas do espiritismo, convém lançar um olhar retrospectivo sôbre a usa história e o seu desenvolvimento, e averiguar que são todos ramos da mesma árvore, modificações do mesmo êrro, da necromancia que vão se adaptando ao espírito da épóca, para enganar e perder a humanidade.

I. A necromancia

O que hoje se chama espiritismo, era antigamente denominados: necromancia. Persas, babilônios, etruscos, gregos e romanos, tôda esta coorte pagã, praticaram a tal necromancia.

A célebre Sibila de Cumas trabalhava nas margens do lago Averno. — O oráculo grego de Trepózia estava junto do rio Aqueronte. Cícero conta que o seu amigo Apio tinha frequentes relações com os mortos (Tusc. I, 16) e no lago averno emergiam entre as trevas as sombras dos mortos.

Os pagãos Tácito, Lucano e Horácio, como os escritores cristãos Tertuliano, Clemente Alexandrino, Lactâncio, Gregório Nazianzeno, falam do espiritismo.

Passemos em silêncio as possessões diabólicas: são inegáveis, certas como a luz do sol ao meio dia. Limitemo-nos ao necromancismo antigo, que se chamava então "obras mágicas".

Tertuliano, com o seu vigor dialético e rude franqueza, enumera os seus fenômenos em uma passagem curiosa do seu Apologético (cap. XIII).

Fala nos magos que suscitam fantasmas (phantasmata edunt); diz que nem respeitam as almas dos mortos (et jam defunctorum infamant animas); excitam crises ou transes nas crianças para tirar delas oráculos (pueros in eloquium oraculi elidunt); possuem a arte de excitar sonos (somnia immittunt); que, ajudados pelos demônios que evocam, ensinam a adivinhação às cabras e às mesas (per quos et caprae et mensae divinare consucrunt) Tudo, porém, não é verdadeiramente maravilhoso nas operações dêstes miseráveis, continua Tertuliano; muitos dos seus prodígios são apenas truques de habilidade, como sabem fazer os charlatães (multa miracula circulatoriis praestigiis ludunt).

Tudo isso não é senão o espiritismo moderno. Suscitam crises nervosas nas crianças, para oráculos. Mandam-se sonhos ao talante do operador; é o magnetismo. As cabras não adivinham mais em nossos dias; porém fazem-se falar mesas a cada instante.

Entre os judeus vemos que a lei mosáica proibia expressamente a necromância (Dt. 19, 10): — Não haja entre vós quem interrogue adivinhos e faça caso de sonhos e augúrios, nem quem empregue malefícios e sortilégios, nem consulte as pitonisas e astrólogos, porque o Senhor abomina estas coisas.

Isaías lamenta mais de uma vez as faltas dos hebreus neste particular.

Saul, acampado em Gelboé, vê o exército dos filisteus, e cheio de mêdo, consulta o Senhor sôbre o êxito da batalha. Não tendo obtido resposta, vai interrogar a pitonisa de Endor, e pede que evoque o espírito de Samuel. Antes de a pitonisa agir, aparece-lhe o espírito, repreende-o, e anuncia o abandono de Deus, a derrota: O Senhor porá a Israel e a tinas mãos dos filisteus; amanha, tu e teus filhos estareis comigo. (Rs. 28, 19). Foi a maldição de Deus!

Eis a raíz, o tronco... o único tronco; o resto, como o magnetismo, hipnotismo e o espiritismo, são simplesmente ramos dêste mesmo tronco, com uma variante, conforme o fim a alcançar.

II. Três ramos da mesma árvore

Como tenho provado nas páginas precedentes: hipnotismo e magnetismo são idênticos, ou, se quiserem, são dois ramos de um mesmo tronco, um mais folhudo e vicejante, e outro mais desfolhado e depauperado; porém são irmãos, senão gêmeos, pelo menos sucessivos do mesmo pai e da mesma mãe.

Temos os próprios hipnotistas concordes a êsse respeito. Embora êles queiram encerrá-los nos limites de uma *medicina natural*, esta não deixa de ir até aos atos do magnetismo taumaturgo.

Estendendo as nossas pesquisas aos fenômenos do espiritismo, julgando as causas por seus efeitos, vemos logo que tal espiritismo, apesar das opiniões

do Dr. Lapponi, forma um terceiro ramo da mesma árvore.

A intitulada clarividência lúcida e o êxtase magnético, que mais parecem acusar correspondência com espíritos do outro mundo, são reconhecidos pelos magnetizadores, hipnotizadores e pelos espíritas como fenômenos pertencentes a cada uma das três especialidades, intituladas por êles magnetismo necromântico.

Os espíritas recentes parecem adotar a mesma opinião. No último congresso internacional espírita de Paris, adotaram que: O magnetismo é o espiritismo dos vivos; e o espiritismo é o magnetismo dos mortos. (Congr. sp., Paris, p. 8).

São uma e mesma coisa quanto a certos fenômenos maravilhosos e transcendentes. A causa instrumental dos fenômenos lhes é comum; e parece que também não difere a causa eficiente, pelo menos em geral; o fim é completamente diferente.

Chama-se instrumental a causa que serve como que de instrumento (o machado é a causa instrumental para rachar lenha). A causa eficiente é a pessoa que maneja o instrumento (o homem é a causa eficiente de rachar lenha).

O instrumento do magnetismo, do hipnotismo e do espiritismo, é o médium, que se chama sujeito magnetizado ou hipnotizado, mas que não difere nos três casos, senão de nome. E' sempre um histérico, que é a única causa instrumental.

Quanto à causa eficiente, as opiniões dividemse Todos concordam que é uma inteligência que age, pois os efeitos inteligentes exigem uma causa inteligente.

Mas qual é esta inteligência? Os espíritas dizem: o demônio; outros: o homem vivo.

Muito tería de dizer a êsse respeito. A maior parte dos autores atuais optam pelo demônio em muitos fatos um tanto extraordinários.

E' uma hipótese... como é uma hipótese a opinião, que pensa que geralmente basta a inteligência do operador, para produzir quase todos os fenômenos espíritas.

A êsse respeito os estudos espíritas nada têm progredido. Nenhuma prova certa, segura, nem contra nem a favor. Estamos no hipotético, devemos escolher o que melhor parece explicar os fatos.

III. Particularidade do espiritismo

Uma árvore pode ter cinquenta ramos: mas nenhum dêles será parecido um com o outro, embora circule nêles a mesmo seiva. Assim acontece com a necromancia, árvore do mal, da perdição, cultivada pelo demônio, com seus ramos de magnetismo, hipnotismo e espiritismo. Conquanto sejam rebentos do mesmo tronco, todavia uma distinção se nos depara, e é necessário conhecê-la para compreender melhor a perversidade do espiritismo.

A distinção é, sobretudo, notável no fim que se pretende alcançar. Os magnetistas e hipnotistas, com suas práticas, tomam por fim experimentar as fôrças da natureza e aplicá-las ao bem físico do homem sôbre a terra. Qualquer que seja o resultado, tal é o intuito confessado e professado pelos amadores destas ciências.

Os espiritistas. ao contrário, almejam penetrar nos arcanos que se acham fora da natureza visível, própõem-se perscrutar as coisas de alémtúmulo, é delas extrair uma filosofia, ou antes uma religião que, com seus dogmas, deve ilustrar a sociedade e regular-lhe a moral, para o bem espiritual do homem, nesta vida e na outra.

Consentâneo e adequado, o tal intuito é o meio: enquanto o hipnotista pretende usar das fôrças da natureza, o espiritismo evoca os espíritos de alémtúmulo, ou desencarnados, como lá se diz.

A evocação dos espíritos é o seu trabalho imediato e próprio, do qual toma o nome e a sua profissão específica. O comércio direto e voluntário com os espíritos ultramodernos constitui o caráter essencial do espiritismo.

Se, em qualquer fenômeno provocado pelo magnetista ou hipnotista, intervir a ação de um ser sobrenatural (isto é, que não é da nossa natureza) e isto sem a intervenção do provocante haverá um fenômeno espírita, ou, como diriam es médicos, um epifenômeno, que se ajuda ou mescla ao primeiro, mas acidentalmente.

Sendo a tal intervenção diretamente provoca-

da, então o espiritismo é próprio e real.

Em suma, a evocação é o espiritismo. Ela e que o expõe aos anátemas da Bíblia e da Igreja.

IV. O espiritismo moderno

Eis-nos, pois, em pleno espiritismo moderno, sendo esta a última fase que devemos especialmente estudar.

O espiritismo, cientificamente falando, é a hipótese de que, por intermédio de certas pessoas nevropatas (os médiuns), os mortos possam comunicar-se com os vivos.

Como religião — pois o espiritismo pretende ser religião — seria o sistema de crenças baseado sôbre esta hipótese.

E' preciso notar logo a contradição dos termos. A religião sendo, como define a Igreja Católica, as relações que existem entre Deus e is criaturas, é necessàriamente obra de Deus, indicada, ensinada e revelada pelo próprio Deus. Como tal é uma coisa certa, determinada, que nada deixa à invenção dos homens.

A religião espírita firma-se sôbre uma hipótese, isto é, sôbre uma simples suposição. A tal suposição consiste em acreditar — e isso sem provas — que os defuntos, os desencarnados, como êles dizem, falam com os vivos e lhes ensinam o que devem crer e fazer.

Tal suposição é gratuita. Não há nenhuma prova. E é sôbre êste fundamento incerto, ridículo, inverossímil e, (digamos a palavra), impossível, que se firma tôda a doutrina dos espíritas, como religião.

Que existam almas do outro mundo, não há dúvida alguma. O êrro do espiritismo consiste em ensinar que a comunicação com elas é meio natural e ordinário, estabelecido para nossa instrução.

Nem os anjos bons, nem os demônios, nem as almas dos defuntos, são criados, garçons, para servir à mesa, onde são chamado por qualquer tolo, doente, ou viciado.

Isto seria ridículo e absurdo. Então, qualquer bêbado, qualquer ateu, qualquer histérico ou nevropata daria ordens a Deus, aos anjos, aos demonios, e aos defuntos, e, ao toque da campainha, tais anjos, demônios e defuntos seriam obrigados a aparecer e a falar com os seus invocadores? Só louco para acreditar nisto!

Notemos que o único fundamento do espiritismo é a comunicação dos mortos com os vivos,

pelo intermédio de médiuns (ou simplesmente pelos nevropatas e os histéricos). Ora, tal comunicação é uma mera suposição, ou hipótese, que nunca foi provada cientificamente nem religiosamente.

Nenhum cientista, por maior que seja, pode declarar que o espiritismo seja um fato científico. Tôda ciência é baseada sôbre os dados da experiência, e não sôbre hipóteses.

A religião é necessàriamente baseada sôbre a

revelação, sôbre a palavra de Deus.

No espiritismo, não há nada disso. Há unicamente suposições... e sempre suposições... sem experiências científicas e sem revelação.

O espiritismo não é, pois, nem religião, nem ciência... E' um desequilíbrio mental.

Nem vem do céu, nem da terra!... Vem do inferno!

Por ora bastam estas ligeiras indicações, que encontrarão nas paginas seguintes as suas explicações e as suas provas.

CAPITULO VIII

A ORIGEM DO ESPIRITISMO

Conhecemos já o espiritismo científico, isto é, uma de suas bases aparentes: o magnetismo, o hipnotismo, e umas outras bases nas pessoas que servem de intermédios, que são os nevropatas e os histéricos.

Se o espiritismo, como seus dois irmãos — magnetismo e hipnotismo, — se tivesse limitado a parte científica sem pretender ser religião, teria passado, talvez, no domínio científico, como passaram os dois primeiros; porém, quis passar por um caminho diferente, o caminho religioso, que só pode ser traçado por Deus; e aí enganou-se por completo, e querendo ser tudo, perdeu tudo, não sendo mais, hoje, senão um vulgar charlatanismo, uma fraude descarada, uma moléstia perversa, ou ainda, uma invenção diabólica, para arruinar as inteligências e perder as almas; isto é: o manicômio na terra, e o inferno na eternidade.

Baseados sôbre esta parte científica, podemos agora examinar com firmeza as suas manifestações e os seus fenômenos.

I. Primeira manifestação

O espiritismo contemporâneo nasceu em 1848, na pequena vila Hydesville (Estados Unidos), no seio de uma família protestante, o pastor metodista Fox.

Em março dêsse ano, começou-se a ouvir sons misteriosos no assoalho e nos móveis do quarto, onde habitava a família Fox, com três filhas, das quais duas deviam figurar como as inventoras do espiritismo. Elas chamavam-se Maggie e Kattie Fox; uma irmã 23 anos mais velha, Leah Fox, parece ter sido a instigadora dos fatos ocorridos.

Uma noite, Kattie, menina de 12 anos, na ocasião de se produzirem êstes sons, exclamou dirigindose para o invisível perturbador: "Faça como eu, seu pé rachado! e fêz estalar, por várias vêzes, os ossos dos dedos. Imediatamente ecoaram da sala outros tantos estalos semelhantes.

Kattie deu depois, em silêncio, umas pancadas surdas com os dedos sôbre a mesa, e em número igual também as ouviu brandamente se repetirem.

"Ai!, mamãe, grita ela, a aparição vê também, e não ouve sòmente!"

A sra. Fox, criando coragem, pediu ao misterioso visitante que contasse até dez. Ouviram-se dez pancadas.

Perguntou-lhe depois a idade de cada uma de suas filhas. Respondeu de um modo exato, dando tantas pancadas, quantos anos elas contavam.

— Sois um homem ou uma mulher? continuou a Sra. Fox.

Silêncio!...

Uma saraivada de toques foi a resposta. Curiosa por natureza, a família Fox quis saber qual o espírito com quem estava tratando.

- Se sois um espírito, batei dois toques.
- Dois toques ressoam.
- Morreste de morte violenta? Dois toques.

- Nesta casa mesma?

Dois toques.

- O assassino está vivo?

Dois toques. E assim por diante. Logo compreenderam que um toque só queria dizer: não, e dois toques: sim.

Foram assim, aos poucos, combinando um alfabeto convencional, pelo número de pancadas. Por êste meio chegaram a saber que o tál visitante misterioso era o espírito de um tal Carlos Ryan, bufarinheiro na vida, que tinha sido assassinado e enterrado na dispensa.

Sabido o nome do assassino, êste apareceu, negou a história e, procedendo-se a escavações na dispensa, viu-se que não havia cadáver algum aí sepultado.

A família Fox, a conselho do espírito de Ryan, que a induziu a dar sessões públicas dêstes fenômenos, mudou-se para Rochester, e a casa de Hydesville deixou de ser assombrada.

Começaram então as sessões públicas e pagas. A evocação dos espíritos passou a ser uma fonte de lucros. Feitas num ambiente escuro, originavam desordens e mensagens, em que a Bíblia era tratada — embora a família Fox fôsse protestante — com o máximo desprêzo.

Depois de bastantes dificuldades que encontraram em Nova Iorque, donde foram expulsas e quase linchadas as irmãs Fox começaram a viajar de cidade em cidade, de tal modo, que o espiritismo se foi espalhando desde Nova Iorque até Boston e S. Luiz. Em 1851, já existiam 6 jornais espíritas.

Seitas protestantes, admiràvelmente preparadas,

pelas dúvidas que a livre interpretação da Biblia semeia no espírito, aderiram ao espiritismo, entre elas, os Swedenborgianos, os Universalistas e outras.

Em 1852, havia nos Estados Unidos perto de 2.000 médiuns.

O lado misterioso do Espiritismo, a curiosidade excitada, a credulidade popular, os fatos inexplicáveis dos fenômenos, o espírito de revolta contra a Igreja, próprio aos protestantes, tudo isto eram uns tantos meios de propaganda ativa.

II. Oposições e progressos

Do seio do povo mais culto e mais perspicaz ia surgindo, aos poucos, uma tremenda oposição. Os pastores protestantes abriram a luta.

As irmãs Fox, não escutando as excomunhões lançadas contra elas (já estão imitando os católicos), os pastores excitaram contra elas a população de Rochester.

Foi nomeada uma comissão encarregada de examinar os tais fenômenos. A comissão não descobria a fraude. O povo, exasperado, quis linchar comissários e médiuns, e as senhoritas Fox só escaparam à morte, graças à dedicação de um quaker, de nome Jorge Villets, que as defendeu com risco de vida.

A's poucas, foram-se descobrindo as fraudes e os truques, o que provocou uma desmoralização da nova seita.

Batido num lugar, o espiritismo refugiava-se em outro; vencido nos fenômenos conhecidos, ia inventando novas fraudes e novas aparições.

As pancadas, dadas até aí nas paredes e nos

assoalhos, fizeram-se ouvir nos móveis. As mesas, ao redor das quais operavam os evocadores, tornaram-se mais especialmente a sede de tais manifestações.

As mesinhas redondas se entregavam, ora espontâneamente, ora cumprindo o desejo das pessoas presentes, aos movimentos mais extravagantes.

Correspondendo as pancadas dadas pelo pé da mesa pitonisada (em virtude de um acôrdo com os espíritos), a uma letra do alfabeto, foi possível conversar com os invisíveis, questioná-los, obter respostas.

O processo, entretanto, não era expedito. Os espíritos indicaram outros, indo, dêste modo, de progresso em progresso; o que já seria bastante para ver que aqui não se tratava de espíritos, incapazes de se aperfeiçoarem, mas sim de homens, que aproveitam as experiências para melhorar os fenômenos.

III. As mesas falantes

O espiritismo ia sempre progredindo e se aperfeiçoando, como tudo o que é produto dos homens, e não de espíritos.

A's pancadas dadas nas paredes sucedia a mesa escritora. Adaptaram-se a uma tabuinha triangular três pés munidos de roldanas, e prendeu-se um lápis a um dêsses pés.

Isto feito, colocava-se o aparêlho sôbre uma fôlha de papel em branco; o médium punha a mão, ou simplesmente o dedo sôbre o meio da tripeça mágica, e o lápis traçava os caracteres, respondia às perguntas que se lhe faziam, escrevia sentenças, poesias, executava desenhos, etc.

às perguntas que se lhes fazia, escrevia sentenças poesias e executava desenhos, etc.

Era o curso primário do espiritismo que sucedia ao curso elementar.

Não se deve parar em tão bom caminho. Os espíritas, vendo o grande interêsse que o povo tomava em seu desenvolvimento progressista, inventaram outro meio de comunicação, mais expedito e mais fácil.

A conselho dos *invisíveis*, a tabuinha foi posta de lado. O *médium*, com um lápis, escrevia, de uma maneira automática, o que o espírito lhe fazia escrever, às vêzes, em uma língua que ignorava.

Foi-se mais longe ainda: Rogou-se aos misteriosos visitantes (tão serviçais e prestáveis) que se tornassem visíveis e tangíveis.

Fantasmas apareceram, então. Podia-se não sòmente vê-los, mas até conversar com êles, tocá-los, etc.

Eis, mais ou menos, a evolução do espiritismo. Podem-se resumir os seus fenômenos físicos, pois já falámos dos fenômenos intelectuais, hipnotismo, na seguinte classificação:

- 1. Pancadas em diversos lugares, que se chamam tintologia.
- 2. Movimento de mesas com contacto ou mesas rodantes.
- 3. Movimento de objetos sem contacto: levitação ou telequinésia.
- 4. Escrita direta sôbre o papel ou ardosia, chamada pneumatografia.
- 5. Escrita automática pela mão do médium, em estado de inconsciência, ou psicografia.
- 6. Penetração ou transporte da matéria através de paredes, portas fechadas.

- 7. Fenômenos luminosos, ou claridade que emana do médium.
- 8. Materializações ou substâncias misteriosas que saem do corpo do médium, formando braços, mãos e figuras humanas, chamadas ectoplasma.

Tal é a lista completa dos fenômenos físicos, até hoje conhecidos, rotulados com o nome de psiquicos.

IV. Explicação dos fenômenos

Paremos aqui para não atordoar a imaginação dos leitores, e antes de entrar em outros pormenores, demos a explicação dos primeiros fenômenos do espiritismo, produzidos pelas irmãs Kattie e Maggie Fox.

Esta explicação não é de h póteses, ou suposições, mais ou menos científicas, mas sim a revelação das próprias irmãs Fox. Ninguém melhor que elas podia revelar-nos os segredos dêstes fenômenos.

Acabamos de ver o lado misterioso de tais pancadinhas, das mesas girantes e falantes, etc.; vejamos agora o seu lado real, verdadeiro.

As irmãs Fox, casadas, e mais tarde, a primeira, viúva Kattie Jencken, e a segunda, viúva Maggie Kane, sentindo aproximar-se o fim, ou talvez diante dos remorsos da sua consciência, ou ainda porque a exploração, no princípio tão rendosa, não dava mais lucro, devido aos muitos médiuns que se exibiam em tôda parte, as duas viúvas fizeram uma solene retratação de tal espiritismo. Creio que foi em 1888.

Reproduzamos aqui esta retratação tal qual foi lançada em público, pelos jornais, e recolhida pelo célebre e perspicaz jusuíta, Pe. Herédia.

Encontramos esta retratação, feita por Maggie

Fox Kane, escrita por ela numa folha de Nova Iorque, censurando sua irmã mais velha Leah Fox Fish, que contava vinte e três anos mais do que ela, por tê-la induzido à prática do espiritismo.

Eis a preciosa revelação: "Quando o espiritismo principiou, Kattie e eu éramos crianças, e este minha irmã mais velha servia-se de nós como instrumentos. Nossa mãe era simplória e fanática. Dou-lhe êsse epíteto, porque de boa fé acreditava nessas coisas. O espiritismo surgiu de um nada: Éramos crianças inocentes. Que é que sabíamos?" (The Death Blow to spiritualism, p. 35).

"Eu sabia, então, certamente, diz ela ainda, que cada fato que nós apresentávamos era pura fraude; não obstante, tenho procurado o desconhecido quanto pode fazê-lo a vontade humana. Fui aos mortos, a fim de receber dêles um indício, por pequeno que fôsse. Nunca me veio nada dali—nunca, nunca". (ib. p. 37).

Miss Kattie Fox Jencken, a outra das irmãs mais novas, logo depois apoiou Miss Kane na sua denúncia.

Ela escreve: "O espiritismo é um lôgro de princípio a fim. E' o maior lôgro do século! Maggie e eu fizêmo-lo surgir quando crianças; éramos muito novas e muito inocentes, para compreender o que faziamos. Nossa irmã Leah tinha 23 anos mais do que nós. Achamo-nos no caminho da mistificação, e, sendo estimuladas, continuamos nêle, como era natrural". (Ib. p. 57).

V. Plena luz na trapaça

Eis revelações que merecem fé, pois são feitas por pessoas insuspeitas e que, durante muitos anos, entregaram-se a tôdas as práticas espíritas. Vamos agora assistir ao grande jato de luz que projeta sôbre êstes fatos misteriosos a própria Maggie Fox Kane.

Confessar que tudo é fraude é já muito; mas escutem agora como as irmãs Fox realizaram a tal fraude.

Foi a 21 de outubro de 1888 que Maggie Fox quis, públicamente, denunciar as trapaças do espiritismo. Apresentou-se na Academia de Música de Nova Iorque e, perante um grande auditório, manifestou o método que tinha usado para produzir os estranhos estalidos:

"Estou aqui esta noite, disse ela do palco, eu, uma das fundadoras do espiritismo, para o denunciar como pura falsidade de princípio a fim, como a mais frívola das superstições, como a mais iníqua blasfêmia conhecida no mundo". (Ib. p. 76).

Miss Kane explicou, em seguida, como ela e a irmã tinham começado a produzir as pancadinhas, deixando cair de suas camas maçãs presas a um cordel, o que produziu um som abafado no assoalho; quando alguém se aproximava, puxavam ràpidamente as maçãs para debaixo das cobertas.

Ela continua: "Tivemos a idéia de produzir, com as pontas dos pés, sons semelhantes aos que conseguíamos deixando cair maçãs pendentes dum cordel. Depois de o tentarmos com os dedos da mão, experimentamo-lo com os pés, e não tardamos a observar que, fàcilmente, podíamos produzir estalidos bastante fortes, pela ação das juntas do dedo grande do pé em contato com qualquer substância que fôsse boa condutora de som. Minha irmã Kattie foi a primeira a descobrir que podíamos produzir tais ruídos peculiares com os nossos dedos do pé.

Praticamos, a princípio, com um pé e depois com o outro e finalmente chegamos ao ponto de o fazer-mos quase sem esforcos". (Ib. p. 90).

VI. Experiência pública

Após as publicações destas retratações e confissões, os aderentes espíritas exigiam provas. As viúvas Foz encarregaram-se de fornecê-las.

Eis uma parte das relações das provas, publicada no "World", de Nova Iorque, na manhã se-

guinte:

"Um simples tamborete ou mesinha de madeira, descansando sôbre quatro pés curtos, e tendo as propriedades duma caixa de ressonância, foi colocada diante dela. Tirando o calçado, ela colocou o pé direito sôbre a mesinha. Os assistentes pareciam conter a respiração, e êsse grande silêncio foi recompensado por quantidade de estalidos breves e sonoros: os tais sons misteriosos que, por mais de 40 anos, têm assustado e desorientado centenas de milhões de pessoas, em nosso país e na Europa. Uma comissão composta de três médicos, escolhidos entre os assistentes, subiu então ao palco, e examinando o som das pancadinhas, concordou, sem hesitar, que os sons eram produzidos pela ação da primeira junta do dedo grande do pé". (Ib. p. 77).

Eis os fatos: Parece que não precisam de comentários. Pode-se concluir, com uma irrefutável

lógica e tirar as seguintes conclusões:

1°. O espiritismo se originou da fraude e da mentira.

2º. Os fenômenos misteriosos foram produzidos por mera trapaça, entretanto, é sôbre esta trapaça que se firma a hipótese do espiritismo.

3. Durante mais de quarenta anos ninguém

soube descobrir a fraude, nem talvez a teriam descoberto, se não fosse a confissão dos próprios trapaceiros.

Ora, o mundo é sempre o mesmo. E', pois, natural que hoje haja mais truques e fraudes, do que no comêço do espiritismo, pois muitos *médiuns* se aplicam diàriamente a aperfeiçoar os fenômenos.

Não quero dizer "ab uno disce omnes". Dêste último caso, concluam todos os outros casos. Seria injusto e ilógico... Entretanto, não me varece exagerado dizer "ab uno disce multos". Dêste um, o primeiro, aprendam o que são muitos e muitos outros...

O certo é, como o veremos breve, que a nevropatia, a histeria e a fraude explicam quase 95% dos casos espíritas!

A que ou a quem atribuir êstes cinco restantes? Seria temerário, por ora, dar uma resposta, pois deve basear-se sôbre hipóteses... e uma hipótese não pode dissolver outra de igual probabilidade.

O certo é que o espiritismo é um jôgo perigosíssimo, onde naufragam miseràvelmente a saúde, a inteligência, a moral e a alma...

O espiritismo é uma invenção diabólica; e se o demo não age nêle fisicamente, o que pode, às vêzes, embora bem raras, êle age, de certo, moralmente, e isto é o bastante para fugir do espiritismo, como sendo uma obra perversa e perversora.

CAPITULO IX

HIPÓTESES ESPÍRITAS

E' tempo de entrar plenamente no domínio do espiritismo popular. A parte científica, relacionando-se com o magnetismo, o hipnotismo, a sugestão, os fenômenos provenientes da nevropatia, que temos já estudado, tem o seu valor, e mostra que pode haver, e que há, deveras, fenômenos extraordinários, que não podemos ainda explicar satisfatòriamente, senão por hipóteses; porém, convém notar que tais fenômenos são relativamente raros, e que a maioria — a grande maioria — a quase totalidade — são simplesmente mistificações, fraudes e trapaças vergonhosas.

Vamos provar esta asserção nos diversos ramos dos fenômenos que os espíritas nos apresentam

I. Erros de certos autores

Muito se tem escrito e muito se escreve diàriamente sôbre o espiritismo.

Infelizmente, parece que muitos escritores se colocam por demais em seu próprio ponto de vista. julgando e analisando doutrinas e fatos a priori ou a fortiori, seja pelos princípios ou pelas consequências.

E' um êrro. Se o espiritismo fôsse uma doutrina, precisava-se julgá-la, de fato, tomando por base a religião revelada por Jesus Cristo; porém, o espiritismo não é religião, embora seus adeptos queiram que seja. A religião vem de Deus, unicamente de Deus: o espiritismo não vem de Deus, é coisa humana.

Outros analisam os fatos, só os fatos, e querem julgá-los pelas leis científicas já conhecidas. Ora, convém notar que a ciência é incompleta, progride, desenvolve-se, de modo que, sob êste aspecto, o espiritismo, sendo novo em muitas de suas manifestações, escapa, ou por completo, ou parcialmente, às comparações de leis já conhecidas.

E além disso, o espiritismo não é *ciência*, como não é *religião*.

A ciência baseia-se na experiência, na observação e tem por base que: uma causa idêntica, em idênticas circunstâncias, deve produzir idênticos efeitos.

O espiritismo, do lado objetivo, não oferece nenhuma matéria de exame... é preciso estudá-lo subjetivamente, isto é, na pessoa daquêles que produzem os fenômenos: é aí (•1e encontraremos a chave de seus segrêdos.

Nem religião, nem ciência, no espiritismo há unicamente manifestações que não podemos ainda catalogar exatamente, porque não descobrimos ainda bem as suas causas.

Daí os erros que muitos cometem. Os teólogos e filósofos querem estudar tais manifestações com o rigor do silogismo: o que é ainda impossível.

Os cientistas querem examiná-las com o rigor das experiências matemáticas: e ficam também derrotados.

Parece que o único meio de descobrir a verdade é a observação calma e paciente, mas não só a observação subjetiva, ou as manifestações em si; mas sim a pessoa do médium, pois é nêle e por êle que tais manifestações se fazem; é, pois, nêle, e nêle só, que se deve encontrar a causa, que produz o efeito.

Deixemos de lado, o mais possível, as idéias de preternaturalismo, e procuremos mais ver o médium, e ver nêle o que queremos conhecer: pois é nêle que tudo se concentra, se resume e se manifesta.

Há autores, e parece-me que dêste lado se inclina a obra do Sr. Godfrey Raupert: "O espiritismo", que vêem demônios em tôda parte. Até nos fatos mais simples, que qualquer um é capaz de produzir, êles enxergam a ação do demônio, como se o príncipe das trevas fôsse o rei incontestado dêste mundo.

Já é demais! O Cristo-Rei não entregou ainda o seu cetro triunfante, e, se o demo tem os seus sequazes, êle está entretanto, e estará sempre sujeito ao domínio de Cristo.

O Sr. Raupert combate a intervenção das almas dos defuntos: muito bem; porém, substitui os espíritos dos mortos pelos demônios, o que não resolve o problema espírita, apenas transporta a dificuldade. A intenção do autor é boa, é ótima: êle quer nos mostrar os estragos que a prática do espiritismo produz nas almas.

E' certo, o espiritismo, como dizem todos os médicos especialistas, é a grande escola do desequilíbrio intelectual e moral; é o causador de milhares de loucuras e crimes.

O resultado é certo; porém, êste resultado, por ser diabólico, não é sempre o resultado físico e *imediato* da intervenção do demônio.

O demônio é nosso grande inimigo: ninguém pode contestá-lo. Diabolus tamquam leo rugens... quaerens quem devoret, diz São Pedro (I. Pd. 5, 8).

Ele pode ser, e é, às vêzes, o agente físico das desgraças, como nos casos de obsessão e possessão, porém, isto não prova que é sempre êle físicamente que age, e que êle não seja simplesmente o agente moral

II. Intervenção do demônio

O demônio é o macaco de Deus, como diz Sto. Agostinho, e arremeda muitas vêzes a Providência divina. Deus, para dirigir-nos ao céu, opera relativamente poucos milagres visíveis, mas serve-se das causas secundárias para realizar os seus fins.

O demônio age do mesmo modo. Raras vêzes exerce o seu poder diretamente, mas emprega geralmente as causas secundárias.

Aí está o êrro de certos autores, e entre êles o Sr. Raupert que, sendo leigo em questões teológicas, confunde o poder do demônio com o exercício deste poder, ou ainda a ação física com a ação moral do demônio.

Anedotas e parábolas, diz muito bem o Padre Herédia, são uma excelente fôrça instrutiva, mas não passam de anedotas e parábolas; não são fatos.

O demônio pode intervir direta e fisicamente com a licença de Deus, mas é preciso que se faça uma investigação muito escrupulosa antes de se declarar que haja intervenção.

Da inexplicabilidade de certos fenômenos não se segue que se deva incriminar Satanás em pessoa. Sejamos claros e lógicos neste assunto: o demônio pode, às vêzes, intervir nas coisas dêste mundo; êle intervém às vêzes, porém poucas vêzes, e só se deve admitir a sua intervenção, depois de se terem esgotado todos os recursos naturais.

Mais do que isto. Se houver dúvida, se um

fenômeno é produzido por uma causa natural, ou preternatural, é preciso admitir a explicação natural. E' o que vamos fazer nestas páginas.

Não negamos a intervenção possível do demônio, porém pretendemos demonstrar que tal intervenção não é tão frequente como se julga, e que muitos fenômenos julgados diabólicos podem ser explicados naturalmente.

O horror que deve inspirar-nos o espiritismo não ficará em nada diminuído; ao contrário, sendo uma verdadeira moléstia, que conduz à loucura, em vez de ter um contacto com os demônios, o homem de bom senso o evitará mais cuidadosamente, como se evita uma moléstia contagiosa, e não terá a curiosidade doentia de querer experimentar relações com o além, que não existem neste caso.

III. Aparências e realidade

A teoria espírita é conhecida por todos. Tudo é explicado pela intervenção dos espíritos, ou almas dos mortos, que êles chamam desencarnados. Tal teoria fêz o seu caminho, e hoje está sendo relegada ao canto das coisas antiquadas. Essa teoria é de uma aplicação universal, e é esta a razão da sua rápida divulgação. Explica todos os casos de um modo muito simples.

A teoria espírita combina tanto com a teoria natural, como dá a mão à teoria diabólica. São os espíritos que agem assim.

Ora, tais espíritos podem ser demônios, dizem êles, como podem ser almas de santos.

Se houver explicação natural do fenômeno, êles dizem que são os espíritos que lançam mão dêstes

meios naturais. E', pois, lenha para tôda obra, e barro para qualquer vaso.

A grande fôrça do espiritismo não está em seus argumentos ou em seus fenômenos; mas está unicamente na credulidade popular. O povo quer o extraordinário, o misterioso, o desconhecido. A curiosidade, aguçada pelas histórias bem contadas, procura penetrar nas regiões do mistério, e acredita, com uma simplicidade de criança, tudo o que lhe contam medrosos, tolos, nevropatas e histéricos.

O mundo quer ser enganado. A teoria espírita dá larga margem e abundante pasto à imaginação. E' uma pílula encoberta de uma camada de acúcar.

E' uma pílula encoberta de uma camada de açúcar. Se a ciência tivesse trabalhado mais para pôr a nú o fundamento do espiritismo, se tivesse havido mais lógica e ciência real e menos curiosidade e entusiasmo em aceitar o valor da aparência, tal teoria teria conseguido menos prestígio.

Basta ler certas obras — podia-se dizer muitas — sôbre o espiritismo, para ver com quanta singeleza e boa fé são aceitas histórias, fenômenos, fatos, comunicações e conhecimentos novos que, entretanto, perante um exame frio e imparcial, não passam de vergonhosas balelas e invenções pueris.

O que deu asas ao espiritismo não foram nem os espíritas, nem as suas comunicações misteriosas, mas, sim, a credulidade dos homens, o desejo de ser iludido, a desordem da moderna psicologia, a liberdade de pensamento, os anúncios fáceis nos jornais, e sobretudo a estranheza da nova crença. A crença espírita fica num eterno círculo vicioso, sem possibilidade de saída.

- Qual é a base do espiritismo?
- A palavra dos espíritos.
- E como é que se sabe que aquêles que fazem tal comunicação, são espíritos?

- Porque êles mesmos o dizem. E por que se acredita naquilo que êles dizem?
- Porque são espíritos.
- E como provar que são espíritos?...

Aqui estamos diante do problema de identificação, e tal problema é complexo, e complicadíssimo.

IV. Identificações

Os espíritas caem invariàvelmente num círculo vicioso, donde lhes é impossível sair, sem quebrar as bases de um raciocínio lógico.

Para formar uma base científica, seria precisa uma identificação certa, cientificamente verificada e provada. Ora, os próprios corifeus da seita são obrigados a reconhecer que lhes falta, por absoluto, tal identificação.

Não bastam palavras ou afirmações, precisal mos de provas de identidade daqueles que se manifestam.

Uns afirmam serem as almas dos mortos — e outros dizem serem demônios.

Procuremos um fundamento nestas afirmações. A prova geralmente admitida consiste na revelação de nomes ou de certas circunstâncias da família. Tais provas são destituídas de qualquer valor, como veremos em breve.

Quanto às outras provas, percorramos os escritos dos mestres espíritas.

Um professor de Oxford, o espírita Jacks, es creve: "Quanto às fraudes, não são os médiuns os únicos embusteiros. E as pessoas presentes? Trazem, porventura, uma máscara?... Na minha opinião, o problema da identidade pessoal completa deve ser

examinado e pesado detidamente, antes de começarmos a produzir provas em favor dessa identidade.

O astrônomo francês C. Flammarion, que durante tôda a vida fêz experiências de identificação, pergunta em seu livro "Fôrças Físicas": "De que espécie são êstes sêres? Nenhuma idéia podemos ter a êste respeito. Almas dos mortos? Estamos longe de fazer a prova disso. Minhas observações de mais de 40 anos provam o contrário. Nenhuma identificação já se fêz satisfatòriamente".

O Professor Barreth, outra notabilidade espírita, escreve: "E' tão verdade, hoje, como há 60 anos, que as comunicações a nós feitas diferem muito das que deveríamos esperar dos nossos amigos falecidos".

Os próprios espíritas reconhecem, pois, a impossibilidade de obter provas de identidade. Nisso, pelo menos, êles são sinceros e leais".

As provas até hoje produzidas não têm valor. A produção de um manuscrito, uma fotografia, uma voz, um rosto, como sendo de um morto, provam apenas que as imagens correspondentes foram tomadas no subconsciente do médium ou de um dos circunstantes. Não provam nenhuma identificação.

As fotografias de espíritos não passam de grosseiros embustes. Apresentam-nos fotografias de personagens históricas já falecidas, em trajes hodiernos, completamente desconhecidos no tempo em que viviam.

Quem sabe se os espíritos não seguem, no além, as modas da nossa terra, vestindo casaca e sapatos. e, se forem mulheres, usando cabelo curto, saia moderna, apesar de serem espíritos, e não terem mais corpo como nós?!

Tudo isso é sumamente ridículo e parece de monstrar que os espíritas têm pouco espírito, e que o tal além-espírito não passa de um grande manicômio.

V. Desencarnados on encarnados!

Se entre nós houvesse homens que já tivessem visitado as regiões dos mortos, haveria possibilidade de verificar as comunicações que pretendem vir de lá; porém, tais homens não existem, de modo que podem os espíritas contar à vontade histórias do além, não há nem livros de viajantes para se verificar a verdade.

E não sòmente estamos na impossibilidade de verificar os fatos, mas nem sequer podemos identificar a pessoa que traz a tal mensagem. Dizem que é um desencarnado; mas por que um desencarnado, e não um encarnado?

Não se pode verificar que seja simplesmente fraude, trapaça, ou alguém que comunica mensagens empregando um poder raro de subconsciente.

Em sonho, uma pessoa pode muito bem fantasiar que é s u l t ã o do Egito, xeique árabe do deserto, ou pagé das tribos indígenas e falar como se o fôsse. Basta para isto ter lido umas histórias a êsse respeito.

O médium pode fazer a mesma coisa num transe... Qualquer pessoas hipnotizada, obedecendo ao hipnotizador, dará perfeitamente conta do papel.

Objetarão ainda que os espíritos fazem comunicações que se relacionam com a nossa vida, em pontos que estão acima do conhecimento do médium?

Pode ser: são fenômenos psíquicos reais, que acham a sua explicação na telepatia.

Dizem que estas comunicações vêm de outras

mentes estranhas... Dizem-no, porém não o provam. Se fôsse e estivesse provado, faltaria ainda provar que esta mente estranha é de um espírito desencar-nado e não de um vivo em corpo e alma.

São sempre hipóteses... sem provas, que nos deixam na incerteza e na dúvida. Ora, o homem não pode viver na dúvida. A dúvida é um estado anormal.

Os espíritas, semeando no espírito dos vivos a tal dúvida, fazem obra que contraria a natureza, à razão e a religião. Deus não pode permitir tais abusos.

Basta de vivos perversos e ímpios para enganar e perder os outros vivos; mas os mortos, pertencendo ao outro reino, não podem ter êste poder sôbre a humanidade.

Pode haver casos isolados, é certo; porém tais casos não podem constituir uma regra geral.

CAPITULO X

FENOMENOS PSIQUICOS

Após o estudo das *hipóteses* espíritas, vem colocar-se naturalmente o estudo dos fenômenos chamados espíritas psíquicos.

O Padre Herédia faz notar muito bem que o germe atual da confusão concernente ao espiritismo é a falta de compreensão do que sejam fenômenos psíquicos.

Em vez de desembaraçar o campo de tudo o que não é fenômeno psíquico genuíno, inclui-se na ilsta tôda circunstância estranha, que os espíritas procuram explicar, e que são apenas hipóteses ou suposições.

I. Uma definição

Chama-se fenômeno psíquico um efeito sensível, provocado por um médium como causa instrumental, cidas, por um agente intelectual como causa principal.

Em filosofia chama-se causa principal a pessoa que age; e causa instrumental, aquilo com que cla age. Ohomem, rachando lenha com o machado, é a causa principal; enquanto o machado é a causa instrumental.

Nos fenômenos psíquicos, qualquer agente intelectual, como homem, anjo, demônio ou alma de defunto, seria a causa principal; o médium, a causa instrumental, e o fenômeno produzido, o efeito sensível.

Notemos ainda as palavras mediante fôrças desconhecidas".

Nos fenômenos psíquicos é preciso distinguir duas coisas: 1ⁿ a fôrça que produz o efeito; 2ⁿ a inteligência que dirige esta fôrça.

Por exemplo: mandando um telegrama do Rio de Janeiro a Paris, há uma fôrça que age e uma inteligência que dirige esta fôrça. A fôrça é a eletricidade que produz o movimento no receptor; a inteligência que dirige esta fôrça é o telegrafista no Rio.

Eis o que é bem claro. Apliquemos essa noção ao espiritismo; uma mesa falante, por exemplo: A mesa fala por pancadinhas. A fôrça e a mente nos são ambas desconhecidas, embora explicadas por hipóteses.

A escrita automática. Um médium, com um lápis na mão, escreve, aparentemente sem iniciativa própria, informações por êle desconhecidas. A fôrça é conhecida; é a fôrça do médium. A inteligência é desconhecida.

Com esta definição ser-nos-á fácil distinguir o que é falsó do que é verdadeiro, dentro dos fenômenos espíritas.

II. Haverá fenômenos espíritas?

Escutem a opinião do célebre Padre Herédia, mestre no assunto de espiritismo.

"Agora, se me perguntam se eu "admito os fenômenos espíritas" (isto é, os provocados pelos médiuns e produzidos pelos espíritos desencarnados), respondo categòricamente que para mim não existem, nem existiram e espero que não hão de existir fenômenos espíritas. E a razão é muito simples, pois

espiritualismo não é o nome de um fenômeno. mas de uma teoria para explicar certa classe de fenôme nos. Uma coisa é o fato de que a luz exista e outra que "se propague por meio de ondas". A existência da luz é um fato e que seja "ondulatória" é uma hipótese. Do mesmo modo, podem existir certos fatos raros — agora chamados psíquicos — sem que por isto seja certa, nem, para mim, sequer provável, a hipótese de que os ditos fenômenos são produzidos pelos espíritos dos defuntos. Porém, nós estamos tão acostumados a confundir os fatos — certos ou não — com a hipótese espírita, que sempre que falamos de fenômenos espíritas, confundimos os fatos com uma das teorias que há para explicá-los. Não admito, pois, a existência de fenômenos espíritas, visto come não sou espiritista. Há, não obstante, certos fenômenos, nada novos, senão antiquíssimos, de uma natureza especial, em cuja produção parece intervir um agente intelectual diverso da pessoa que o provoca, aos quais dá-se o nome de fenômenos psíquicos. Existem êstes? Qual é a sua causa? E' esta a dupla questão que traz intrigadas inúmeras pessoas, e que tanto os espiritistas, como não poucos católicos, crêem haver já resolvido satisfatòriamente, admitindo como certa a existência dêstes fenômenos, não só em geral, senão em concreto, afirmando os primeiros: que os espíritos desencarnados são a causa adequada dos ditos fenômenos, enquanto os católicos antes mencionados dizem, com igual asseveração, que a causa adequada dos fenômenos é o diabo".

III. Opinião médica

A esta opinião de primeiro valor, pois o Padre Herédia, além de ser um cientista, é ao mesmo tenipo um ilusionista, um prestidigitador que tomou a peito reproduzir, por meios naturais, quase todos os fenômenos ditos espíritas, a esta opinião valiosa juntemos a de um célebre médico, o conhecido professor Austregésilo, uma das maiores competências em assuntos de psiquiatria.

Interrogado pela comissão nomeada pela Sociedade de Medicina do Rio, para estudar o problema do espiritismo e seus perigos sociais, — o professor

Austregésilo deu a seguinte resposta:

"Com muito prazer e como dever de consciência, respondo-vos aos quesitos formulados em vosso inquérito.

- 1º. Q. E' V. Excia. de opinião que exista fundamento científico nos chamados fenômenos espíritas? R. Não. São apenas idênticos aos acidentes psiconcuróticos, sobretudo da histéria.
- 2º. Q. Conhece V. Excia. fatos ou experiências que documentem cientificamente o espiritismo? R. Não. As narrativas dos autores não me merecem confiança, nem os fatos que alguns espíritas me têm contado.
- 3º Q. A prática do espiritismo pode trazer danos para a saúde mental do indivíduo? R. Sim. Estou convencido de que as práticas espíritas têm produzido em predispostos verdadeiras psicoses e agravado muitos estados mentais já iniciados por pequenos distúrbios psíquicos.
- 4º Q. O exercício abusivo da arte de curar pelo espiritismo acarreta prejuízos para a saúde pública? R. Sim. Os prejuízos são resultantes dos erros por omissão ou comissão, não só atinentes aos individuos como à coletividade.

Aplaudo calorosamente a atitude digna da Sociedade de Medicina e Cirurgia, nesta campanha de

saneamento psíquico, e envio algumas linhas que escrevi recentemente sôbre o assunto: O espiritismo é uma psiconeurose, semelhante à histeria, ou próximo dela, contagiosa e de fácil difusibilidade. O aspecto religioso ou místico não lhe tira o aspecto patológico. Todos os fenômenos mediúnicos são muito semelhantes às crises histéricas. E' a sugestão ou auto-sugestão preparada pela invocação, que dá lugar ao desencadeamento dos fenômenos espíritas. Explicam-se os fenômenos espíritas de visão, audição, ou relações pelo afloramento da subconsciência, o médium tem a facilidade de desarticular o consciente e o subconsciente pelo alto poder de autosugestão. Tôdas as revelações espíritas têm o valor dos sonhos. São reminiscências que se acham acumuladas no subconsciente e que se manifestam tal qual à mente quando o indivíduo se acha em sonho ou acidente histérico. Os casos testemunhados a êsse respeito, pelos psiquiatras do Hospital Nacional de Alienados e nas casas de saúde, multiplicam-se frequentemente. As autoridades sanitárias e policiais deveriam tomar providências para evitar as condições patológicas que provocam as práticas espíritas e os abusos que se cometem no domínio clínico".

IV. Fenômenos a climinar

Com a definição supra nos será possível eliminar tudo o que não pertence aos fenômenos psíquicos, mas são simplesmente fenômenos estranhos e fora do comum.

Desta feita ficam eliminados todos os fenômenos do sonambulismo, hipnotismo, alucinação dos sentidos, catalepsia, histerismo, automatismo e fenómenos semelhantes, quando a sua origem pode ser

atribuída ao subconsciente, ou melhor, ao não-consciente do médium.

Tais fenômenos pertencem ao estudo da biologia, patologia, psicologia e outras ciências com essas relacionadas, sem pertencerem aos fenômenos psíquicos, conforme acabamos de definí-los.

Devemos também eliminar as fábulas contadas pelos espíritas, os fatos que não passam do domínio da prestidigitação, da trapaça ou da fraude grosseira.

Há uma quantidade espantosa dêsses fenômenos, produzidos por esperteza honesta ou por velhacaria interessada. E tais fenômenos são incalculáveis.

Grande número de pessoas vém, cheias de espanto, contar experiências que elas presenciaram e que não passaram de uma interessante trapaça.

Há, por exemplo, o fazer tocar sanfona por espíritos. Nenhuma pessoa visível toca a sanfona, e, entretanto, ela executa uma música harmoniosa. Parece extraordinário; entretanto, não passa de uma grosseira trapaça, que explicarei mais adiante.

Devem ser colocados na mesma linha muitos fatos extraordinários, que parecem, à primeira vista, inexplicáveis, e que no fundo não passam de simples prestidigitações, como, por exemplo, as mara vilhosas experiências produzidas pelos faquires indianos, e imitadas entre nós com resultado pelos exploradores ambulantes.

Reservemos êstes casos para um capítulo especial.

V. Fraudes e trapaças

Do que acabamos de dizer, podemos e devemos tirar a conclusão que o espiritismo é uma grande e vergonhosa exploração da credulidade humana, uma trapaça degradante, que perturba as inteligências pela macabra e misteriosa encenação de que se reveste.

Sôbre um ponto tão importante e tão ao encontro do que escrevem hoje muitos autores, recorramos à autoridade de homens de valor, cuja competência e sinceridade não podem ser postas em discussão.

Citarei apenas duas autoridades, porém, autoridades que merecem fé inteira, tanto pelo seu cultivo intelectual, como pela sua lealdade comprovada e pelo ramo de ciência por elas cultivado.

Compreende-se que um homem possa ser grande sábio numa matéria, e grande ignorante em outra. O médico pode ser um excelente clínico e um péssimo historiador, geômetra ou matemático, como o bom escritor, o literato, o advogado pode ser um ignorante em medicina.

Para julgar bem os fenômenos psíquicos, é quase necessário que o homem seja um pouco prestidigitador, ilusionista, magnetizador e hipnotizador, com uma certa perspicácia... e muita desconfiança dos outros.

E' por falta dêstes preparos que diversos sábios sempre citados, como William Crookes, Oliver Lodge, William Barreth e outros, deixaram-se iludir vergonhosamente.

As duas autoridades, reunindo os necessários requisitos são: o sr. *Remy*, autor de "Spirites e illusionistes", e o Pe. Herédia, autor do "O espiritismo e o bom senso".

Ambos, homens sinceros, de grande preparo, cultivando, por interêsse da ciência, o ramo da prestidigitação e dos fenômenos psíquicos e reproduzindo-os com admirável e excepcional destreza. Remy

é francês e o Pe. Herédia, mexicano; o primeiro é leigo, e o segundo católico e jesuíta.

VI. Testemunhos insuspeitos

O sr. Remy escreve: "Não há dúvida que muitos dos testemunhos que nos afirmam fatos espiritasão suspeitos. Entre os operadores há sujeitos mais ou menos nevropatas ou histéricos, ou exalta los pela tensão do espírito, que se supõem, sugestionados, aliás, pelo meio onde operam, o que muito favorece a alucinação. Entre os assistentes, muitos estão dispostos de antemão a aceitar por verdadeiras as mistificações mais grosseiras e as extravagências mais inverossimeis. A sua credulidade é sem limites. Nas manobras executadas entra frequencemente a fraude consciente ou inconsciente. De um-modo geral, há lugar para desconfiar da sincerid de dos fenômenos que se pretende produzir num dado momento, em condições marcadas. Pode-se, sem temeridade, atribuir estes resultados ao charlatanismo. A desconfiança tem muito maior fundamento, quando se sabe existirem oficinas de aperfeiçoamento espírita, espécie de escolas, onde se aprendem os estratagemas, os truques próprios a reproduzir fenômenos, ditos espíritas. Parece, entretanto, que não se pode dizer que tudo seja fraudulento ou imaginário no espiritismo!"

O sr. Remy confessa que não se pode negar absolutamente a existência de certos fenômenos inexplicáveis; ensina que se possa atribuir à fraude consciente ou inconsciente 50% dos fenômenos espíritas. Quanto ao resto, pode-se atribuir 40% a causas físicas, ficando 5 a 10% para atribuir a agentes preternaturais.

Entre as causas físicas, o sr. Remy classifica os movimentos nervosos, conscientes, do médium e dos assistentes, talvez uma fôrca nervosa ou elétrica, uma energia irradiante emitida pelo médium e os assistentes, a faculdade que o médium pode possuir de concentrar, de dirigir, de aproveitar a energia dos assistentes, fôrça psíquica ectênica ou nêurica. Deixemos agora de lado a questão dos agentes

preternaturais. Que devemos pensar da apreciação do sr. Remy, atribuindo à fraude a metade dos fe-

nômenos espíritas?

Tratando-se de exibições públicas, julgamos esta

porcentagem por demais inculgente.

Tal julgamento é fundado no próprio livro do sr. Remy. Depois de haver dito: "Há, sem dúvida, tantos charlatães, quantos verdadeiros espíritas", êle ajunta: "O mago Papus (dr. Eucausse, assim apelidado) convém nisso. Saiba, diz êle, que, sôbre 10 médiuns, há 8 prestidigitadores ou palhaços que querem se divertir com a credulidade pública".

Oito charlatães sôbre 10 médiuns, isso já é mais que 5 sôbre 10, e a opinião de hoje inclina mais para o número de Papus, do que para o sr.

Remy.

VII. Últimas porcentagens

A opinião apoiada sôbre a experiência, evolveu consideràvelmente nestes últimos tempos; o Pe. Herédia parece ser o representante mais acreditado dos estudos espíritas.

Em seu livro: "O espiritismo e o bom senso". o Pe. Herédia atribui 90% de fenômenos à fraude e trapaça e 10% à explicação natural, supondó apenas um ou outro caso que requeira a explicação diabólica.

Paremos aqui as observações a êsse respeito; um pouco além teremos ocasião de tratar das diversas opiniões ou hipóteses pelas quais se procuram explicar os tais fenômenos. Por ora basta concluir que a fraude, a trapaça, a prestidigitação ocupam no espiritismo o primeiro lugar.

E'-o que confirma um médium célebre de Londres, confessando públicamente a sun mistificação de anos seguidos.

O Catholic Times de Londres publicou a carta do tal médium, que durante mais de três anos for um "ás" do espiritismo, que foi Vice-presidente do Bermonasey Spiritualist Temple, de Londres, que obteve um diploma de médium excepcional da Christian Spiritualist Federation, da Inglaterra, que em Londres e nas províncias dirigiu reuniões espíritas de nomeada e que em tôda parte era considerado como um médium de alto domínio sôbre os espíritos.

Pois êste médium, convertido há pouco ao catolicismo, escreve êste solene aviso aos adeptos da mistificação em que êle foi comparsa durante tantos anos: "Sinto o dever de consciência de confessar públicamente que os êxitos mais clamorosos os obtive sempre com um sensacional sentido de intuição e autênticas burlas. Ao princípio fui sincero, mas ao cabo de indagações meticulosas não encontrei nunca uma exibição espírita que não tivesse uma E assim posso dizer que eu explicação. enganava aquêles que queriam ser enganados. Era eu que imitava a voz dos espíritos e que preparava as chamadas aparições espíritas e que transportava os objetos de um lugar para outro, através das portas mal fechadas. Por algum tempo tive por cúmplice uma moça que encontrei numa reunião espírita e a quem industriei depois nas minhas habilidades. No passado maio desgostei-me finalmente de tôdas estas comédias, compreendí a sua indignidade. A minha cúmplice concordou comigo e abandonamos ambos o espiritismo. O que hoje sei avaliar como poucos é a que ruinas morais, intelectuais e religiosas podem conduzir as práticas espíritas. Esta minha confissão é absolutamente espontânea, embora a maior parte dos adeptos do espiritismo nela não venham a acreditar, porque são gente exaltada, supersticiosa e de crendices.

O diretor do *Catholic Times*, que não quis tornar público o nome do autor da carta, afirmou, no entanto, tê-la ao dispor de quem a quiser ler e vê-la assinada pelo conhecido *médium* convertido.

E assim se vai fazendo a história verdadeira e o processo da colossal mistificação que consegue embair ainda tantas e tantos.

CAPITULO XI

AS DIVERSAS TEORIAS

Não se pode negar a verdade de certos fatos ou fenômenos espíritas. Admitida a *realidade* de tais fenômenos, torna-se necessário dar-lhes uma explicação.

Três escolas fundamentais se ocupam de tais fatos e lhe dão a explicação que julgam mais adequada e mais provável. Temos de analisá-las aqui brevemente, para depois podermos tirar uma conclusão prática, e formar a nossa convicção a respeito do espiritismo. Compreende-se logo a importância dêste capítulo.

As três grandes teorias já citadas no capítulo VII, são: 1. A teoria espírita; 2. a teoria diabólica; 3. a teoria natural

Vamos analizar conscientemente cada uma delas.

I. A teoria espírita

A teoria espírita consiste em atribuir os fenômenos à mente de um espírito desencarnado. Tal teoria espírita é composta de três afirmações, diz muito bem a *Pastoral Coletiva*.

1°A causa ou autor daqueles fenômenos são os espíritos das pessoas falecidas, que assim entram em relações com os homens e manifestam o seu poder, produzindo fenômenos superiores às fôrças humanas.

2ª. Todos os espíritos, mesmo dos homens fale-

cidos há séculos, fôsse qual fôsse a sua autoridade e posição durante a vida, podem ser invocados nas sessões espíritas, por intermédio de certas pessoas, a que chamam médiuns, e manifestar-se por aquêles fatos prodigiosos.

3ª. Manifestando-se assim, os espíritos enviam pelos médiuns, ás suas mensagens aos homens e respondem às perguntas dêstes, instruindo-os sôbre tudo o que nesta ou na outra vida lhes pode ser conveniente saber.

II. Doutrina católica

Eis o que nos vem contar o espiritismo. Examinemos êstes dizeres, que formam em seu conjunto a doutrina espírita.

A primeira pergunta que um homem sensato faz é: Poderão devéras as almas dos mortos manifestar-se nas sessões espíritas? Absolutamente não! E' totalmente *impossível*, quer da nossa parte, quer da parte delas.

E' impossível da nossa parte. O homem, sem operação direta de Deus, não tem, nem pode ter comunicação alguma com as almas dos defuntos.

O homem se comunica com o mundo exterior por meio dos sentidos: é a grande lei psicológica que regula tôdas as operações da alma humana, quando está ligada ao corpo, em unidade de substância. Por conseguinte, tudo aquilo que não é acessível, nem mediata nem imediatamente, aos sentido do homem, escapa ao poder da alma humana. Ora, o mundo dos puros espíritos, como são os desencarnados, não é acessível aos nossos sentidos corporais; o mundo dos puros espíritos, pois, qual-

quer que êle seja, não está em comunicação conosco, é independente de nós, não pode estar à disposição do nosso alvedrio.

Isso é também impossível da parte das almas livres dos corpos. Eis o que diz a êste respeito Sto. Tomás: "Segundo o conhecimento natural de que aqui falamos, as almas dos defuntos nada sabem de quanto sucede no mundo. A razão disto está em que a alma separada percebe só os singulares aos quais e de algum modo determinada, ou pelo vestígio deixado ou por conhecimentos tidos antes; ou por afeição da vontade, ou por ordenação divina. As almas dos defuntos, continua Sto. Tomás, segundo a ordenação divina e segundo o modo próprio do seu ser, estão separadas dos vivos e unidas ao comércio das substâncias espirituais, separadas do corpo, e por isso ignoram o que se passa entre nós"

Estas palavras são tão claras e tão autorizadas, que não carecem de comentários. Na verdade, se as almas dos defuntos adquirem o modo de ser e, por conseguinte, o de agir, próprio dos espíritos separados, não podem adquirir conhecimentos de todo novos, senão por inspiração de Deus. Prescindindo, pois, da operação divina e na sua ação natural, êles não podem ter nenhuma certeza das coisas do mundo e muito menos por meio de sêres pertencentes ao mundo corpóreo, dos quais estão separadas.

A doutrina católica é, pois, muito clara e deduz-se necessàriamente que é naturalmente impossível qualquer comunicação das almas dos mortos com os que vivem neste mundo.

Quando a Sagrada Escritura fala de aparição de mortos ou que se contam tais fatos na vida dos santos, isto se explica milagrosamente, isto é, pela

intervenção divina e não natural e cientificamente,

como querem os espíritas.

Quanto à comunicação diabólica, Deus a permite, às vêzes, para confusão e castigo dos ímpios e dos pecadores. Quanto mais os homens se afastam de Deus, mais se aproximam do diabo e se estreitam as suas relações mútuas.

III. Ridículo do contrário

A doutrina católica impõe-se pelo seu rigor lógico e a sua conbinação com a dignidade de Deus e das almas.

Dizem os espíritas que os agentes de tais fenômenos são sêres *preternaturais*. Ora, agentes preternaturais são Deus, os anjos bons ou maus, e as almas humanas.

DEUS deve necessàriamente ser excluído "a priori" de tal fantasmagoria farsista sob pena de perder a sua dignidade e a sua autoridade absolutas.

Os ANJOS BONS igualmente devem ser excluídos, pois gozando da visão beatífica, não podem entrar num papel de gaiatice, muitas vêzes insulsa ou grosseira.

Restam as almas dos defuntos; trataremos depois dos demônios. Os espíritas apegam-se a esta hipótese: as almas dos defuntos, convenientemente chamadas por qualquer homem, sem fé e sem religião, acodem ao chamado com a docilidade de um escravo, dizem coisas sérias e fúteis, científicas e pagodeiras, se não fizerem artes de berliques e berloques. Tudo isso, digamos francamente, repugna à razão, perturba a mente e revolta o coração.

Pode-se, de fato, acreditar que o destino da alma humana, depois da morte, seja o de ficar escravizada aos caprichos de qualquer nevropata, desocupado ou baixo explorador, ligada a suas fantasias ou submetida a seus arbítrios?

Uma espôsa honesta e amante do seu marido ficará sujeita à vontade de qualquer libertino, sendo obrigada a vir conversar com êle e a revelar-lhe os segrêdos de família?

Os próprios Santos estarão sujeitos à vontade de qualquer Judas, que os evoca e, deixando o céu, onde gozam de Deus, serão obrigados a vir contar historietas a qualquer histérico cu desequilibrado? E' simplesmente ridículo e sumamente injurioso, tanto à majestade divina quanta à dignidade humana! O estado de além-túmulo, neste caso, seria mil vêzes pior que o estado da vida presente, por miserável que êle se nos possa imaginar.

O escravo mais tiranizado neste mundo só tem que obedecer a um senhor; e, no outro mundo, a alma teria de obedecer a todos os histéricos, nevropatas ou desequilibrados, que se entregam ao espiritismo? Neste caso, o céu não é mais um lugar de felicidade e paz, mas sim um antro de discórdia e de escravidão, onde o mais doido manda e impera e onde os vivos do manicômio governam os anjos, os santos e o próprio Deus.

E' o caso de repetir o brado de indignação do senador Caetano Negro, depois de ter assistido a uma sessão espírita da célebre Eusápia Paladino. Éle escreveu no jornal de Turim: "Mas, em nome do céu, é possível que o grande mistério, o supremo mistério da morte, se reduza a esta farsa? E' possível que o espírito de um morto venha do outro mundo para bimbalhar uma campainha sôbre a cabeça? Diante destas cenas, levanta-se dentro de mim uma irresistível revolta. Não, o segrêdo da

morte não é êste! Então, quando eu tiver morrido, deveria pôr-me ao serviço de alguma Eusápia do futuro, e talvez até da Eusápia do presente, visto como eu sou muito mais velho do que ela, e correr mundo tocando pandeiros sôbre a cabeça dos outros. puxando bancos, dando murros nas mesas, sacudin-do campainhas? Tudo acaba aqui? Esta é a suprema revelação do além-túmulo? Ah! não! E' impossível! Deixemos o espiritismo a quem quiser e passemos a outras coisas! Não, mil vêzes não. As almas dos mortos não podem ser ludíbrio dos vivos, cativas dos caprichos de um "médium" qualquer; não podem prestar-se ao pueril ofício de encenadores em farsas espaventosas ou ridículas, às vêzes impias! Deixemos dormir em paz, no seio da eternidade, as almas dos que foram parte de nós mesmos, neste mundo de enganos e de amarguras, — não profanemos o solene repouso do túmulo"!

IV. Confissões de médiuns

Tudo isso é pois bem claro, bem positivo: os espíritos ou almas dos mortos figuram nas sessões como o Papai Noel nos brinquedos das crianças. São puras hipóteses, simples suposições sem base, sem fundamento; é apenas um meio de explicar o que não se compreende e não fazer papel de tolo.

DOUGLAS HOME

Citemos, em primeiro lugar, a confissão de uma das maiores sumidades espíritas, o médium Douglas Home, que o próprio Conan Doyle classificou: "O espírita mais notável depois dos Apóstolos".

Poucas horas antes de morrer, Douglas Home disse ao seu médico, o dr. Filipe David: "E' ver-

dade, de fato, que essa multidão de espíritos, diante dos quais se ajoelham as almas crédulas e supesticiosas, nunca existiram! Quanto a mim, pelo menos, nunca os encontrei em meu caminho. Eu me servi dêles para dar às minhas experiências essa aparência de mistério que, em todos os tempos, agradou às massas e sobretudo às mulheres, mas nunca acreditei em sua intervenção nos fenômenos que produzi e que eram atribuídos a influências de alémtúmulo. Como podia eu crer nisso? Sempre fiz dizer aos objetos que eu influenciava com o meu fluido tudo o que me agradava. (O grifo é nosso). Não, um médium não pode crer nos espíritos! E' mesmo o único que não pode crer nêles. Como o antigo druída, que se ocultava no tronco do carvalho para ouvir a voz tremenda do deus *Teutatis*, o médium não pode crer em sêres que não existem, "senão por sua vontade" (La fin du monde des esprits, por F. David, pág. 171).

NINO PECARARO

Sabe-se que Conan Doyle foi convertido ao espiritismo pelo "médium" Nino Pecararo. Esse médium era o mais procurado em Nova Iorque e um dos mais célebres do mundo. Pois bem, êle acaba de mostrar em espetáculo público, que todo o seu espiritismo não passava de mistificação. Durante onze anos, guiou-se êle pelo princípio de que a maioria do povo tem vontade de ser iludida. No espetáculo em que fêz estas declarações, para o qual convocou jornalistas e sábios, expôs seus "truques" e narrou o mecanismo das "mãos flutuantes" e das mensagens do além-túmulo". Por fim, concluiu: "Nunca vi nem invoquei jamais espírito algum. Tenho a

convicção de que ninguém o fez também antes de mim. Estou enfarado de dar sessões de espiritismo, das quais os empresários tiram todo o proveito. Os espíritos, que apareceram nas minhas sessões, chamam-se N i n o Pecararo e apresentaram-se em carne e osso..."

E agora?... se um dos primeiros médiuns do mundo confessa francamente que tôdas as suas invocações não passavam de embustes, que não veio espírito algum, mas êle mesmo enganava os espectadores, fazendo as vêzes do espírito e que êle está certo que com os outros médiuns se dá a mesma coisa: quem poderá ainda tomar a sério o espiritismo ou ligar-lhe importância?

Estas passagens são positivas, afastam, de uma vez, a intervenção dos espíritos dos mortos e até dos próprios demônios. E' a repetição do que já tinha dito a própria fundadora do espiritismo, Margarida Fox, em sua retratação: "Estou aqui esta noite, eu, uma fundadora do espiritismo, para o denunciar como uma falsidade, de princípio ao fim, como a mais iníqua blasfêmia conhecida no mundo".

V. In medio virtus

Nada, pois, de espíritos de mortos... Veremos, no capítulo seguinte, qual é o fundamento da intervenção dos demônios, hoje adotado por muitos católicos e favorecido pela ingenuidade de uns e o excesso de zêlo dos outros.

Os primeiros, de fato, acreditam em todos os fatos extraordinários contados pelos espíritas, e os segundos, no intuito de se afastarem do mal, tudo atribuem ao demônio, julgando que o tal fanatismo diabólico seja capaz de afastar da prática do espiritismo pelo horror instintivo do espírito mau.

São dois excessos, dois extremos, que é preciso evitar, procurando a verdade numa tese média. "In medio stat virtus", diz o provérbio. Procuremos manter-nos neste médio, não acreditando em tôdas as farsas inventadas pelo espiritismo e não atribuindo tudo à intervenção diabólica.

Entre a credulidade ingênua è o horror do demônio, há uma opinião, mais simples e mais provável, baseada sôbre o princípio já enunciado, de não atribuir a causas preternaturais o que pode ser, de qualquer modo, explicado por processos naturais.

Explicação natural, no princípio; explicação científica, depois; explicação pelo preternatural quando o fato supera positivamente a natureza, as ciêucias existentes e as ciências em formação. E' o único caminho a seguir.

CAPITULO XII

A TEORIA DIABÓLICA

O assunto a tratar neste capítulo é de uma importância sem igual.

Removendo, como deve ser removida, a tese espírita, que atribue às almas dos mortos os fenômenos psíquicos, em frente da dificuldade de explicar naturalmente êstes fenômenos, apresenta-se imediatamente a idéia da intervenção do demônio. Há nisso uma espécie de preguiça inata. Indagar, investigar, examinar e comparar são atos que exigem tempo, estudo e aplicação; umas tantas coisas, que todos não podem ou não querem executar.

Daí — pela facilidade de explicação — nasceu a hipótese de meter tudo na conta do demônio. Não adoto esta opinião. Quero combatê-la aqui, como contrária ao ensino da Igreja Católica, ao bom senso e à experiência.

Para ser claro nesta explicação, é preciso examinar de perto, teológicamente, o que pode o demônio neste mundo, o que não pode e o que faz realmente nos fenômenos apresentados pelos espíritas.

I. O que pode o demônio

E' certo, pela Sagrada Escritura, que os demônios, assim como os anjos bons, exercem uma influência nas coisas dêste mundo. E' um fato admitido

pelos teólogos que os demônios podem tirar da matéria os elementos necessários para manifestarse aos homens, impressionando até fisicamente os sentidos.

E' fácil aos maus espíritos, diz Sto. Agostinho, (De Trin., lib. IV, 14)) operar, por meio de corpos aéreos, coisas extraordinárias, que espantam as almas, embora valham moralmente muito mais do que êles".

Santo Tomás prova insofismàvelmente que os espíritos bons e maus possuem o poder de mover a matéria, e que, tendo êste poder, são capazes de agir sôbre nós e sôbre nossos sentidos internos.

Agem sôbre os primeiros, pelas aparições e osruídos; sôbre os segundos, pelos movimentos que imprimirem ao cérebro e pelas imagens que nêles excitam. Sendo assim, não se pode restringir a atividade dos demônios à influência interna, e revocar em dúvida a sua influência externa.

Podendo os demônios impressionar os nossos sentidos externos, é lógico concluir que o façam às vêzes, senão habitualmente, pelo menos excepcionalmente, isto é, nos tempos e nos lugares onde a Providência lhes conceda agir.

Compreende-se um PODER de que se usa extraordinàriamente, não se compreende um poder que nunca se traduz em ato. Donde se pode concluir que o demônio pode intervir nas coisas dêste mundo, e que algumas vêzes tenha intervindo e intervém. Eis um princípio claro e formal.

Na Sagrada Escritura há dois casos positivamente indicados do uso feito dêste poder, pelo demônio, de aparecer fisicamente. A tentação de Eva, no paraíso terrenal, e a tentação de Jesus Cristo, no deserto. O demônio pode agir no interior do homem; neste caso é uma possessão, quando age sôbre o exterior é uma obsessão.

A possessão é um fenômeno duplo, que convem conhecer, para poder aplicá-lo aos médiuns espíritas. Compreende, primeiro, uma espécie de "catalepsia" do organismo, que subtrai o corpo inteiro à influência da alma. O segundo consiste na substituição da alma pela ação do demônio, que move o corpo, sem entretanto animar a alma.

O primeiro fenômeno entra na série dos efeitos naturais, como o demonstram muitos fenômenos nervosos: síncope, epilepsia, hipnotismo, sugestão, etc. ... em que o homem perde a independência e parece reduzido a matéria inerte.

O ato livre que produz esta extranha eficácia toma duas formas como já ficou dito: pode ser explícito, ou ainda simplesmente implícito.

No primeiro caso o médium tem consciência do que faz, e no segundo, está de boa fé, querendo apenas o efeito sem pensar na causa que deve produzí-lo.

Provado um tal estado de matéria inerte, a dificuldade doutrinal das possessões, causadas por outros homens, diminui consideràvelmente.

Nada impede, de fato, que sendo convidado por alguém, o demônio sirva de uma mesa, por exemplo, para produzir certos fenômenos físicos.

O corpo humano, podendo entrar humanamente nas condições de *matéria inerte*, como uma mesa, nada impede que o demônio entre nêle, e sirva-se dêle para agir ou falar, etc.

Eis a ação do demônio. Aceitando, como fazem os partidários do demonismo, que todos os fatos naturalmente inexplicáveis, produzidos pelos mé-

diuns, sejam obra de satanás é preciso concluir que tais médiuns são possessos do demônio. E isto é dizer muito, é ultrapassar os limites do verossímil.

Entretanto, confessâmo-lo, o poder do demônio chega a êste ponto, embora o exercício dêste poder não alcance êstes limites, como vamos agora prová-lo.

H. O que não pode o demônio

Se o poder do demônio é extenso, o exercício dêste poder é muito limitado. "A posse ad esse, non valet consecutio", dizem os filósofos. De poder a fazer não há conclusão lógica.

O demônio deve obedecer a Deus servilmente e executar as suas ordens, como no-lo mostra a história de Jó. Não sòmente deve obedecer a Deus mas até aos próprios anjos.

O demônio nada pode sem a permissão de Deus. Eis uma barreira tremenda, diante da execução dos seus planos infernais.

Se assim não fôsse, o demônio produziria neste

mundo as maiores calamidades e desordens.

"Se Deus não pusesse limites ao furor dos demônios, diz Bossuet, êles conflagariam o mundo, com a mesma facilidade, com que nós viramos uma pequena bola".

Eis o limite do poder do demônio sôbre os negócios dêste mundo em geral; vejamos agora se êle tem poderes mais extensos sôbre o HOMEM em particular.

O demônio não pode entrar neste mundo sem a permissão divina, é certo; como poderia êle, então, entrar neste outro mundo — que é o homem — sem o consentimento dêste homem, consentimento for

mal é explícito, ou, pelo menos, consentimento vir

tual e explícito?

E' claro que o demônio não pode tomar possede uma criatura racional sem o seu consentimento; senão o homem ficaria privado da sua LIBERDADE; e uma criatura sem liberdade não seria mais um homem, mas sim, uma máquina, um ser irracional.

Mais do que isso. O homem é livre; e Deus nunca lhe tira esta liberdade, nem abandona inteiramente o homem aos excessos possíveis desta liberdade. Sua Providência evita êstes excessos, quandoa sua sabedoria o julga oportuno.

A permissão divina, para possessão diabólica, pode manifestar-se, às vêzes, ao exterior, porém excepcionalmente; a sua forma ordinária é para a tentação com que ela permite que o demônio persiga os homens.

O Consentimento do homem às instigações do demônio inclui necessàriamente um ato da sua vontade pela qual êle cede uma parte do seu domínio sôbre a sua própria pessoa.

A outra parte deve aceitar êste consentimento, formando, dêste modo, uma espécie de contrato

pacto diabólico.

O demônio só pode aceitar um pacto, enquantolhe fornece o meio de fazer o mal; só há dois motivos que o movem: o ódio a Deus e aos homens, e o amor ao mal.

Tais pactos são possíveis. A Sagrada Escritura não deixa subsistir a mínima dúvida. Fala-se nela, diversas vêzes, dos magos, como por exemplo, no Exodo, onde Moisés confunde os magos de Faraó, e nos Atos, onde Simão, o mago, é amaldiçoado con o seu dinheiro.

Notemos mais êste fato, pois terá a sua aplicação nos modernos médiuns do espiritismo.

III. O demônio e os médiuns

Que se diz dos médiuns, julgados do lado religioso? A resposta depende necessàriamente da opinião que se adota a respeito do espiritismo.

Na hipótese espírita o médium é uma espécie de sacerdote, servindo de intermediário entre as al-

nnas e os homens.

Na hipótese naturalista, o médium não passa de um velhaco, um explorador da ingenuidade humana, um vulgar trapaceiro, ou então, um hábil prestidigitador.

Na hipótese diabólica, o médium é um verdadeiro possesso, ou pelo menos, um obsesso do de-

mônio.

E isso não se pode dizer. E' visivelmente um exagêro. Entre os "médiuns" há muita gente doente, histérica, nevropata, e outros verdadeiros tolos que ignoram o que estão fazendo, ou, melhor: não fazem nada, sendo apenas instrumentos nas mãos de uns exploradores, cujos interêsses servem, sem compreendê-lo. Dizer que tôda gente espírita está possessa do demônio é, pois, impossível.

Eis porque não adoto esta opinião e julgo-a contrária à experiência, ao bom senso e à doutrina católica. Reflitam os partidários do "diabolismo" e verão que não há, entretanto, outra saída.

São obrigados a aceitar neste mundo milhares e milhares de possessos — possessos de todos os lados e em todos os cantos, onde se encontram espíritos. Neste caso, êste mundo é um vasto manicômio de possessos, e o demônio reina como mestre e soberano neste mundo de misérias.

Nem teològicamente, nem racionalmente se pode aceitar a hipótese diabólica. Este mundo pertence ao homem e não ao demônio. O homem é o seu rei, nomeado por Deus — Terram dedit filiis hominum.

— Terram dedit filiis hominum.

O demônio, pela sua natureza, está excluído dêste reino. Em virtude do ato criador, êle não pode ser o chefe da criação. Pode exercer no mundo um direito delegado, para castigar os maus e aperfeiçoar os bons; mas não há um direito natural, de modo que nada pode sem a permissão divina.

Tal conclusão é patente pelo exemplo de Jó, não podendo o demônio tocar em nada, sem licença divina.

Isso aparece, de um modo mais sensível, ainda, no fato evangélico, onde se vê uma legião de demônios obrigados a respeitar um rebanho de suínos e esperar sinal do Mestre, para poder entrar neles.

IV. A evocação do demônio

O demônio não pode ser o rei dêste mundo, entretanto, o homem pode entregar-se ao demônio pela evocação.

Estudemos êste ponto importante do diabolismo. Para introduzir-se neste mundo sensível, o demônio precisa, além da vontade suprema de Deus, de uma chave para abrir a porta. Esta chave é o consentimento do homem; o demônio não entra neste mundo físico senão em qualidade de substituto do homem que o chama.

O ato livre, pelo qual o homem adere ao demônio, pode ser *formal* e explícito, ou simplesmente *virtual* e explícito.

No primeiro caso, o médium tem consciência plena e completa do que faz, sabendo a quem se dirige, o que deseja obter e o que promete em troca. E' um verdadeiro pacto diabólico.

No segundo caso, a vontade do médium dirigese, em geral, sôbre o poder capaz de dar-lhe o que deseja, invocar diretamente o príncipe do mal, mas também sem excluí-lo formalmente: quer apenas ver o seu desejo satisfeito, seja como fôr.

Este caso não passa de superstição. A superstição, de fato, consiste em pedir a uma causa efeitos que não pode produzir de modo natural: por exemplo, pedir resposta a uma mesa. Esta evocação virtual basta ao demônio para abrir-lhe a porta do mundo material.

Os católicos que se entregam às práticas de adivinhações, apesar das proibições da Igreja, encontram-se exatamente nesta disposição de espírito. Pouco importa o nome que se dá a tal adivinhação, como magnetismo, hipnotismo, ou espiritismo.

Pode-se traduzir uma tal suposição do seguinte modo: E' possível que o demônio esteja nestes fenômenos; é por isso que a Igreja proibe de provocálos; porém não me preocupo disso, tanto pior se o o demônio estiver aí.

Há aqui uma verdadeira evocação virtual: uma obcessão do demônio, pois, tendo a chave na mão, o demônio se encarrega de abrir e penetrar a porta do mundo sensível, agir sôbre aquêles e por meio daquêles que virtualmente o chamaram.

Não se pode condenar, com a mesma severidade, aquêles que se entregam a evocações formais e explícitas e os outros que usam apenas de evocações implícitas e virtuais.

Os primeiros são *miseráveis*, dispostos a cometer todos os crimes, para chegarem a seu fim; os outros são uns *imprudentes*, mais imprudentes

que culpáveis, tendo em seu favor a atenuação da ignorância, da incredulidade e talvez da educação. Não se iludam, entretanto, o perigo de tais evocações não deixa por isso de ser muito grande.

A evocação direta inspira horror aos próprios celerados; a evocação indireta parece quase uma brincadeira inocente, embora seja no fundo fàcilmente eficaz. Daí provém uma série de meias concessões e meia resistência, que satisfazem parcialmente a curiosidade, mas não podem contentá-la plenamente. Ora, uma paixão, meio satisfeita, em vez de acalmar-se, é excitada, ferve e quer ir até o fim.

Desta mistura de bem e de mal, de curiosidade meio satisfeita e ao mesmo tempo aguçada, provém um estado de espírito insuportável, que termina pelo desequilíbrio do cérebro, pela idiotice, senão pela loucura. E' o que vemos diàriamente entre aquêles que se entregam às práticas do espiritismo. Eis um ponto que está teórica e experimentalmente certo.

E havendo evocação direta ou indireta, como acabamos de ver, a hipótese diabólica teria uma base segura; porém acontece que há entre êstes espíritas tanta ignorância que parece apenas haver imprudência tola, doentia, sempre prejudicial, é certo, mas que nada tem com o demônio.

V. Testemunhas contrárias

Em matéria tão importante, não devemos deixar a opinião do célebre Pe. Herédia, nem de Dom Otávio, Bispo de Pouso Alegre, autor de um belo estudo sôbre os fenômenos psíquicos.

"Se os advogados da teoria diabólica, diz o Pe. Herédia, seguissem o exemplo da Igreja no exame dos milagres, e nos mostrassem, neste ou naquele caso, provas suficientes em favor do preternatural, não
haveria dificuldade alguma em admitir sua explicação por intervenção diabólica. E' um processo inteiramente diferente oferecer diversas generalizações
sem fundamento para defender uma generalização
maior — isto é, declarar que o espiritismo, como os
espíritas o consideram, seja diretamente obra do demônio. A Igreja não declara que cada acontecimento extraordinário é um milagre; nem é do senso comum que cada fenômeno psíquico extraordinário é
obra do agente preternatural".

D. Otávio Chagas de Miranda adere às mesmas idéias e cita diversos autores que aqui reproduzimos.

Monsenhor Meric escreve: "O espírito mau pode intervir e fazer obra de mentira e de mal nos homens, cuja vontade perversa e revoltada se acha submetida ao demônio, mas essa intervenção insólita é rara e limitada a casos particulares, porque a Redenção libertou o mundo e Satã está manietado em sua ação nefasta pelo poder de Deus».

Mons. Turgeon, Arcebispo de Quebec, escreve por sua vez: "Aprendemos nas divinas Escrituras que Jesus Cristo, graças à vitória que conseguiu pela Cruz, pôs fora o príncipe dêste mundo, fêz calar seus oráculos, destruiu o império que esta antiga serpente exercia sôbre as nações; que o encadeou e o lançou no abismo... Não creiais, pois, levianamente em sua presença ou em sua ação nos movimentos das mesas, sob a pressão de vossas mãos, e não tomeis por oráculos as respostas que julgais obter".

Essas opiniões estão perfeitamente de acôrdo, diz D. Otávio, com a prudência que a Igreja usa no julgar da sobrenaturalidadé dos fatos apresentados

ao seu exame. Ninguém ignora como ela é cautelosa no estudo dos milagres, excluindo tudo quanto possa ter uma explicação natural, tudo quanto se possa atribuir à histéria ou qualquer outra afecção do sistema nervoso.

A aparente contradição com as fôrças conhecidas da natureza não é argumento suficiente para concluir pela intervenção diabólica, pois, já mostramos, as fôrças naturais ainda não são tôdas conhecidas, e continuamente vamos tendo novas surpresas nesse terreno.

Do que fica dito, não se segue que a explicação diabólica deva ser sistemàticamente rejeitada. Não quero dizer isso, mas, sim, que só a ela se deve recorrer para o pequeno número de casos — talvez 1 ou 2 por mil — em que não caiba explicação natural, e assim mesmo como hipótese provável, pois dificilmente se obteria certeza absoluta em uma região tão misteriosa...

VI. Uma carta do demônio

Se tudo isso não é obra direta e imediata do demônio, pode-se dizer que é, entretanto, instigado e orientado por êle. O fim do demônio é perder as almas. Ora, êle encontra no espiritismo um instrumento de perdição para muitos. Logo, êle lança mão dêste instrumento, de modo que o grande chefe supremo do espiritismo é o próprio Satanás. No ano de 1938, o ilustre Bispo de Botucatu,

No ano de 1938, o ilustre Bispo de Botucatu, D. Frei Luiz de Sant'Ana, em uma Pastoral, reproduziu uma carta que foi publicada por um espírita, que se diz ser do próprio Satanás. Seja o que fôr, o certo é que tal carta apresenta caracteres de verdade e exprime admiràvelmente o ódio do de-

mônio a Deus e aos homens, e os meios de que lanca mão para perder êstes últimos.

Fala o espírito das trevas: "Eu cubro o mundo de ruínas, inundo-o de sangue e lágrimas, enxovalho o que é puro, faço todo o mal que posso... Eu sou o ódio, todo ódio! E quanto mais eu odeio, mais sofro. Queres saber o que aumenta ainda êste sofrimento e êste ódio? E' que eu sei que sou vencido e que faco tanto mal inùtilmente. Inùtilmente? Não! porque eu tenho alegria — se isto se pode chamar alegria — eu tenho alegria de matar as almas pelás quais ELE derramou seu sangue, pelas quais êle morreu, ressuscitou e subiu ao céu. Oh! sim! eu torno vã a sua Incarnação e Morte — a Morte de Deus: torno-a vã para as almas que eu mato. Compreende isto? Matar uma alma! Ela foi criada à sua imagem; Ele foi crucificado por ela; eu lha roubo, eu assassino essa alma. Oh! se eu pudesse danar o Papa! Um Papa que se condenasse! Mas se eu posso tentar o homem que é Papa, não posso fazer com que êsse homem profira um êrro. O Espírito Santo o assiste. Eu também tenho a minha Igreja. Na minha Igreja existe a "Companhia de Satanás", assim como existe entre vós a "Companhia de Jesus". Sabeis o que é? São os inimigos da Igreja, mas êles nada podem contra a Igreja, podem apenas persegui-la como Nero, Diocleciano, como Juliano e os Jacobinos. Eu sou vencido. Uma coisa eu tenho sempre lucrado: eu lhe mato muitas almas imortais, que Ele resgatou no Calvário; oh! como são insensatos os homens! Comprazem-se com um pouco de orgulho, com um pouco de barro ou de ouro..."

VII. O parecer dos concílios e teólogos

Não estão longe dêste modo de pensar os pre-

lados americanos que tomaram parte no Concílio de Baltimore, do qual são estas palavras: "Parece que apenas se possa duvidar que certas causas, pelo menos, sejam devidas a intervenção satânica, uma vez que não é fácil explicá-las de outro modo".

O Concílio Plenário Latino Americano, embora admita que os sequazes do espiritismo promovam passim operações diabólicas, reduz de muito os casos em que as operações possam ser realmente diabólicas, pois afirma que êles (os espíritas) enganam os incautos com ficções inúmeras e exibições mentirosas (Decr. n. 164).

Os ilustres Prelados do Norte do Brasil, na Pastoral Coletiva de 1915, limitam também bastante a ação diabólica: "Não nos custa pensar que, de fato, alguma vez nelas (nas sessões espíritas) se faça sentir a intervenção diabólica".

Há uns 25 anos, a teoria diabólica, por falta de experiências seguras, era adotada por muitos teólogos católicos. Hoje, pelo progresso da ciência, tal opinião está quase completamente abandonada, e os próprios autores teológicos reformaram as suas idéias a êsse respeito. O Pe. Franco era um dos grandes defensores do diabolismo, tendo a seu favor teólogos, como Ferreres, Tanquerey, Perone, Noldin, etc., que hoje reformaram as suas idéias.

No Brasil, encontraram-se homens de primeiro valor, como o Dr. Felício dos Santos. — Agora vem o Sr. Godfrey Raupert renovar mais ou menos êstes primeiros erros, já retratados e emendados. Tais livros fazem mal, pois, em vez de combater o êrro vão excitando a curiosidade malsã, e dão ao espiritismo um valor que não possue por si mesmo.

Anotemos aqui apenas as opiniões de Tanquerey e de Ferreres.

O primeiro escreve em sua Teologia Moral, II, pág. 260: "Entre êstes dois extremos há bastantes católicos que atribuem muitos dêstes fenômenos às leis da natureza, e apenas uns a agentes preternaturais, por ser impossível julgar atualmente a sua natureza. E nós aderimos a esta opinião".

Ferreres, em seus Casos de Consciência, (pág. 148), escreve: "Embora muitas coisas que se dizem acontecer nas sessões espíritas devam ser atribuídas à fraude, não se pode, entretanto, negar completamente que, às vêzes, haja verdadeiramente comunicação com o próprio demônio".

Podemos resumir êste capítulo dizendo que a explicação diabólica para êsse ou aquêle caso particular, bem autêntico, é possível e até provável; porém, como explicação de todos os fenômenos, ou a maioria dêles, é apenas uma teoria, e uma teoria sem provas.

Intervenção diabólica possível, mas rara, e até raríssima, é o modo de pensar daquêles que têm tratado dos fenômenos psíquicos, com mais base e perspicácia, modo de pensar que tem em seu favor o célebre Richet, o douto D. Otávio Chagas de Miranda, o Pe. Herédia, Roure, Maynage e muitos outros homens de primeiro valor, nestas páginas.

Com tal opinião, o horror que deve inspirarnos o espiritismo e tôdas as suas práticas não ficará em nada diminuído, porque, se o demônio não fôr a causa física, sempre se poderá dizer que êle é a causa moral de efeito maior; — e o espiritismo ficará sempre sendo uma obra diabólica, pelos seus efeitos perversos e perversivos.

CAPÍTULO XIII

EXPERIÊNCIAS ESPÍRITAS

Após a explicação teórica e doutrinal, é preciso passar às experiências positivas, passando em vista os diversos fenômenos que nos apresentam os espíritas, demonstrar que não são, nem podem ser, o resultado de espíritos, isto é, nem de anjos, nem de almas dos defuntos, nem dos demônios.

Este ponto prático é suficiente para derrubar completamente as opiniões e hipóteses contrárias à explicação *natural*, no maior número, na quase totalidade das manifestações espíritas.

Não são mais suposições que temos de fazer aqui, são observações positivas e irrefutáveis; — como tais merecem ser consideradas demoradamente e com tôda atenção.

A conclusão será irrefutável: quase todos os fenômenos espíritas devem ser atribuídos a *fôrças* físicas.

I. As mesas girantes e falantes

E' o grande, o maior fenômeno dos espíritos; vamos, pois, explicá-lo com uns pormenores, porque, da queda dêste primeiro, resultará a queda de muitos outros.

Para essa experiência, estabeleça-se uma corrente em tôrno de uma mesa leve, de três pés, estando presente um *médium*, e a veremos mover, e com um dos pés indicar letras que formam palavras e frases.

Eis o fato material. Temos duas coisas a observar aqui: a fôrça que age e a inteligência que dirige esta fôrça.

Qual é esta fôrça e qual é esta inteligência? Os "espíritas" dizem: — as almas dos mortos; os "diabolistas" dizem: é o demônio. Os "naturalistas" dizem: — os médiuns e os assitentes que fazem corrente com o médium.

Esta última hipótese é a única admissível, como vou prová-lo.

O agente físico da *fôrça* não pode ser o demônio, porque

- 1º. Substituindo a mesa leve por outra de quatro pés, tão pesada que o médium e os assistentes não a possam mover, ela não terá mais movimento, nem levantará o pé: Conclusão: E' o médium, pois a fôrça é limitada pela própria fôrça, enquanto o demônio dispõe de fôrças superiores.
- 2º. O médium pode levitar uma mesa de peso regular, porém não é capaz de atrair ou de mover uma mesa de metal, menor, mais leve, ou do mesmo tamanho ou pêso, como de folha de Flandres, de zinco, etc. *Conclusão*: Não é o demônio, porque para êle não haveria distinção entre metal e madeira... Nota-se nisto que se trata de corrente elétrica ou magnética.
- 3º. O médium levita uma mesa de madeira de pouca densidade... de preferência de madeira porosa; substituindo-a por uma mesa de igual pêso, porém de madeira densa e lisa, não haverá mais movimento. Conclusão: A mesa é movida, não pelo demônio que não se importa com a qualidade da ma-

deira, mas por uma energia psíquica natural, proveniente do médium.

- 4º. Tomando uma mesa em ótimas condições para ser levitada, mas cobrindo-a com pó de talco ou outro, ela deixará de mover-se. Conclusão: Não é o demônio, pois êle não se incomodaria com pó de talco, mas o agente é uma corrente psíquica, que age sôbre a madeira.
- 5°. Colocando um disco móvel de madeira, no prolongamento do eixo da mesa, e estabelecendo a corrente em tôrno do disco, êste girará e a mesa ficará inerte; fixe-se, porém, o disco, e a mesa girará com êle. Conclusão: Fôsse o demônio, êle levitaria logo a mesa completa, e não só uma parte; prova que há aqui uma corrente psíquica natural, que levita o mais leve, deixando o mais pesado.
- 6º. Se, em meio de uma experiência, um dos assistentes comprimir a mesa, impedindo o seu movimento, podem-se ver os dedos do médium escorregarem sôbre esta. *Conclusão*: O médium estava exercendo uma fôrça física na mesa, ou lhe comunicava uma levitação pela própria corrente de suas próprias mãos.

II. Explicação dos fatos

A conclusão geral se impõe. No fenômeno das mesas girantes e falantes, não há precisão da ação do demônio. A fôrça aqui observada é a fôrça da corrente psíquica, e a inteligência, que dita as letras, é a inteligência do próprio médium.

Nada, nada de sobrenatural. As seis experiências supra não deixam subsistir a menor dúvida; trata-se neste caso de *fraude* ou de energia psíquica. de um demônio em carne e osso, mas não de um demônio-espírito.

132

Desenvolvi êste primeiro ponto para melhor mostrar a *naturalidade* dêste fenômeno, que se repete, mais ou menos, em todos os outros fenômenos. Qual é, ao justo, a tal *energia psíquica?* Os

Qual é, ao justo, a tal energia psíquica? Os cientistas não estão ainda plenamente de acôrdo sôbre êste ponto. Pode-se dizer, entretanto, que não é mais um mistério; é um fato, porém sem que tenha sido bem determinada a natureza dêste fluido ou fôrça.

Como tenho explicado nos capítulos III e IV, existem no homem certos *fluidos*, como o magnetismo, que ninguém mais pode negar. Este magnetismo sob a influência do hipnotismo, toma proporções e extensões extraordinárias, e produz fenômenos espantosos.

E' natural que, em certas circunstâncias anormais, ainda que naturais, tal fluido produza uma fôrça atrativa, de modo semelhante à fôrça magnética, que sai da pedra-ímã.

Nós não conhecemos ainda tôdas as leis da natureza. Vamos descobrindo-as, pouco a pouco, pela experiência e pelo estudo. No princípio, são simples fenômenos, que se explicam pelas hipóteses; adquirem certeza, pela constância dos mesmos efeitos, produzidos em idênticas circunstâncias, nas mesmas condições.

Seja produzida como fôr, e nas circunstâncias necessárias, podemos chamar êste fluido magnético "fluido vital" ou fôrça psíquica.

Esta explicação, com pequenas variantes, é admitida por William Crookes, por Brette, Surbled, P. Roure, P. Herédia, D. Otávio de Miranda e o pseudônimo *Illis*, que demonstra em seus escritos uma ciência e um bom senso invulgares, e por muitos outros escritores de grande valor.

III. A prancheta

Um segundo exercício, caro aos espíritas, é a prancheta sôbre a mesa. O médium coloca as palmas das duas mãos sôbre a tal prancheta, e ei-la que se move, indicando as letras lateralmente o sim ou o não, também escritos de modo a ter a transmissão pedida. Vendai, porém, os olhos do médium e a transmissão cessará, ficando a prancheta sem orientação.

Conclusão: Não é o demônio que orienta a prancheta; porque, tendo o médium os olhos vendados, o demônio, como espírito que é, enxerga, e pode guiar sem os olhos do médium. A inteligência e a fôrça provêm, pois, do médium. E' a inteligência pelo olhar e a fôrça pelo fluido vital, que suas mãos transmitem à prancheta.

IV. O relógio

Outra prática malograda. No meio de uma sessão espírita, um dos assistentes move os ponteiros do seu relógio e conserva, de memória, a hora que êles marcaram, sem comunicar a hora a qualquer pessoa. Pedindo à mesa que bata com o pé tantas pancadas quantas as horas marcadas, ela o poderá fazer. Pode repetir a experiência à vontade, movendo os ponteiros para trás e para a frente, o resultado será satisfatório. Mas, movendo-se os ponteiros de forma que nem o próprio dono do relógio, nem qualquer outra pessoa saiba da hora marcada, a mesa ficará silenciosa e não dará a mínima indicação.

Conclusão: Não é o demônio que revela a hora marcada, pois êle a conheceria independentemente

do experimentador, que a comunica ao médium, e o qual transmite à mesa a inteligência, juntando-lhe a própria fôrça vital para bater.

V. As esferas coloridas

Juntam-se numa cestinha esferas de diversas côres. O experimentador escolhe uma, cuja côr é conhecida só por êle. Combinando o número de pancadas, conforme a côr, a mesa será capaz de acertar. Se, porém, tirar uma esfera sem examiná-la e sem verificar a sua côr a mesa não acertará mais.

Conclusão: Não é o demônio que revela a côr dá esfera, pois êle devia conhecê-la, sem que a conheça o experimentador. Há, neste caso, transmissão de fluido vital ou telepatia, pelo olhar do experimentador, que faz o médium acertar a côr da esfera.

VI. Enganos do médium

Acontece, bastantes vêzes, que o médium esteja enganado com a revelação que lhe fazem de determinado fato. Neste caso a mesa labora no mesmo engano. Digam, por exemplo, ao médium que um fulano acaba de falecer, embora esteja cheio de vida... a mesa dará o destino do pseudo-morto, na outra vida.

Conclusão: Não é o demônio, porque êle conheceria o engano ou a mentira, e avisaria ao médium... Vê-se, de novo, que tudo sai da cabeça do próprio médium.

VII. Consulta fantástica

Consulta-se a qualquer médium sôbre o diag-

nóstico e remédios para um fingido doente, que nunca existiu, e a moléstia e os remédios serão indicados.

Conclusão: Não pode ser o demônio, pois êle avisaria o médium de que tal doente é-fantástico. Tudo saiu, pois, da cabeça do médium.

VIII. As receitas homeopáticas

As receitas são dadas, em geral, pela homeopatia, por ser mais fácil a fraude; porém, são quase sempre assinadas por notáveis médicos alopatas, já falecidos. Ora, é conhecido que as duas escolas são radicalmente opostas. Os homeopatas curam o mal por outro mal: «similia similibus curantur» enquanto os alopatas curam o mal pelo contrário "contraria contrariis curantur".

Conclusão: — Não é o demônio, porque êle conhece a oposição entre estas duas escolas e não laboraria em tamanho êrro. Tudo, de novo, vem da cabeça do médium, que dá mostra de sua ignorância.

IX. Objeto escondido

Um dos assistentes, tendo escondido um objeto, vai assistir a uma sessão espírita, dizendo que tal objeto foi perdido e que deseja saber onde encontrá-lo. A mesa ou o médium responderá que o tal objeto foi propositadamente escondido pelo próprio assistente com indicação do lugar exato, onde fôra escondido. Mas se, tendo escondido o objeto, mandarem à sessão outra pessoa, que de nada saiba, fazendo as mesmas indagações, nada lhe será respondido. O mesmo acontece se alguém perder

qualquer objeto, pois o experimentador, de nada sabendo, nenhuma indicação lhe será dada.

Conclusão: — Não pode ser o demônio, porque êle descobriria a fraude, sem a presença do autor, e não precisaria da pessoa, que escondera o objeto, para descobri-lo. E' outro caso de transmissão do fluido vital, pela telepatia. O conhecimento do experimentador transmite-se ao médium, que recebe esta transmissão e a comunica à mesa.

X. As línguas

Eis uma das provás mais convincentes transmissão do pensamento pela telepatia, e que melhor mostra que a MESA não faz senão reproduzir o que o médium lhe transmite, depois de ter recebido a comunicação dos assistentes pela TELE-PATIA ou irradiação do fluido vital. O médium pode falar, ou a mesa indicar palavras em línguas desconhecidas do médium, mas sempre com a assistência de quem conheça essa língua. Se se retirar da sessão quem sabe a lingua em questão, o médium ficará mudo e a mesa inerte. Essa experiência pode ainda ser mais curiosa. Estando, por exemplo, reunidos na mesma sessão um francês, um alemão e um sírio, escolhei uma frase e segredai a cada um dos ouvintes, na sua própria língua, como sendo a que a mesa deverá transmitir. O resultado será uma «misselânea» de tôdas aquelas línguas.

Conclusão: — Não é o demônio que inspira a língua, é uma simples transmissão telepática, que o médium recebe sem compreender o que recebe e que faz a mesa reproduzir, como simples instrumento. O demônio, de fato, para falar uma língua, não precisa de alguém que a saiba.

XI. A caligrafia

Esta experiência consiste em pedir ao médium a reprodução da caligrafia de uma pessoa defunta. O experimentador, conhecendo êle mesmo a tal caligrafia, será possível ao médium reproduzi-la. Se porém, nenhuma das pessoas presentes conhecer a caligrafia pedida, o médium nada poderá reproduzir. O mesmo se aplica ao estilo, às poesias, ao desenho, etc. O médium pode reproduzir um desenho ou uma poesia, com a condição de um dos assistentes conhecer estas produções. Não havendo conhecimento da parte de um dos assistentes, o médium nada pode fazer.

Conclusão: — De novo, nada há de diabólico neste fenômeno. Se fôsse o demônio, não precisaria de quem conhecesse a peça a reproduzir. Estamos de novo em face de uma transmissão telepática do FLUIDO VITAL.

XII. Medicina e remédios

E' o grande meio de propaganda do espiritismo; entretanto, é fácil verificar que, aqui também, não há nada de preternatural. Suponho que tenha em casa uma pessoa doente, cujos sintomas lhe são conhecidos. Indo a uma sessão espírita, sem que o conheça e sem aí nada revelar, o médium ou mesa lhe dirá o nome, a rua e número da casa e todos os sintomas da moléstia, que lhe quer pedir, e em seguida lhe dará o remédio. Mas se, em vez de ir pessoalmente à sessão, mandar uma pessoa que nada sabe do ocorrido, nem da moléstia, o médium lhe dirá umas dez asnices, com remédio da mesma marca, totalmente oposto à moléstia. Mande mais um outro portador a uma terceira sessão; revelando até

o nome do doente, a rua, o número, mas sem dar os sintomas do doente, aí vem novo remédio, de marca diferente dos dois outros. Procure um quarto portador e até um quinto, dizendo bem secretamente ao primeiro que se trata de uma fratura e ao segundo que é uma indigestão, ambos voltarão correndo, o primeiro com uma ligadura e o segundo com um vomitório. E isso ainda que não exista em sua casa doente algum. Agora, por fim, supondo que o experimentador vá pessoalmente a tôdas essas sessões exigir os mesmos remédios, o médium será capaz de descobrir o truque e a palhaçada.

Conclusão: — Nada de preternatural. O demônio devia conhecer tôda essa palhaçada, e saber que se trata do mesmo doente ou de nenhum doente. Outra prova de que o médium descobre tudo isso pela transmissão telepática do próprio experimentador, cuja presença lhe revela o que êle não diz, permite responder a tôdas as suas perguntas.

XIII. Conhecimentos secretos

Se alguém quisesse saber, por exemplo, o que aconteceu em casa durante a sua ausência, seja da mulher, de irmãos ou de criados, ou de qualquer outra pessoa indague do médium; êle nada lhe dirá E se, por acaso, ou por chamada, a tal pessoa aparece na sessão, imediatamente médium e mesa são capazes de adquirir uma volubilidade fenomenal e de revelar todos os passos e atos da pessoa presente.

Conclusão: — Se fôsse o demônio, êle saberia do ocorrido, estando a pessoa presente ou ausente. A presença da pessoa mostra de novo que estamos em frente de uma «transmissão telepática», que per-

mite ao médium receber a transmissão dos pensamentos da pessoa presente.

Continuaremos, no capítulo seguinte, o estudo de tais experiências, que demonstram claramente não se tratar em tudo isso de «agentes preternaturais» mas unicamente de meios naturais, imperfeitamente conhecidos ainda, porém verdadeiramente existentes.

CAPITULO XIV

FRAUDES E TRAPAÇAS

Das análises precedentes e dos estudos dos fenômenos, o leitor deve ter tomado a *posição* no meio das diversas opiniões, que procuram explicar o *espiritismo*.

Convém, de fato, tomar uma posição decidida, no meio do acêrvo das idéias, não sòmente do espiritismo, mas até dos próprios escritores católicos, que não chegaram ainda a um acôrdo a respeito dos fenômenos espíritas. E' natural. A discussão é obra humana e, enquanto a humanidade estuda, perscruta e discute, a verdade segue seu caminho, até um dia chegar à plena luz.

A Igreja Católica, única mestra da verdade, única infalível em suas decisões, porque é a única divina, nada decidiu a êsse respeito, deixando, por ora, cada um adotar a hipótese que julga melhor explicar os fenômenos.

A única conclusão que a Igreja impõe é a necessidade de fugir da praga espírita, como sendo o espiritismo causador de inúmeros males e desastres.

Retenhamos esta conclusão e procuremos fortalecê-la cada vez mais, à medida que vamos descobrindo a perversidade da tal doutrina.

I. Palhaçada perigosa

A posição que tenho adotado nestas páginas

é clara, positiva e formal. Apoiado sôbre autoridades, como são os Padres Roure, Herédia e outros, adoto frança e inteiramente suas idéias.

O espiritismo é uma grandíssima e vergonhosa palhaçada, uma trapaça sem nome, é a destruição do espírito cristão no mundo.

Fôssem simplesmente, como dizem os espíritas, almas dos mortos que nos enganassem ou, como o dizem escritores católicos, demônios que nos iludissem, haveria, pelo menos, uma aparência de motivos, que explicariam a propagação da seita; porém, sendo uma burla vergonhosa, uma trapaça descarada, não se compreende como homens sensatos percam o seu bom senso, para se deixarem ludibriar, miseràvelmente, por gente que não tem outros títulos de credibilidade que o seu desequilíbrio mental, a sua falta de crença e a sua ignorância religiosa. Isso é o cúmulo!

Há charlatães, saltimbancos, ilusionistas e prestidigitadores que percorrem as nossas cidades e dão suas sessões para divertir o povo; nada há que dizer sôbre isso, pois êstes homens ganham a sua vida a trôco de algumas gargalhadas, que soltamos. A religião aqui está fora de jôgo. E' uma brincadeira inocente, um passa-tempo.

Quanto ao espiritismo, que não é outra coisa senão a reprodução destas sessões pantomínicas, êle quer revestir-se de uma capa religiosa e pretende ser obra de Deus, r e v e l a r dogmas novos e indicar à humanidade caminhos novos a trilhar.

Tudo isso é simplesmente grotesco e só pode ser aceito por inteligências desequilibradas ou em via de desequilíbrio.

A Religião de Deus... e só de Deus... Ora, o espiritismo não tem nada de Deus; nêle tudo é

humano; e, para dizer a verdade tôda, tudo é, aqui, da parte ínfima e mais baixa da humanidade: — a fraude, a burla e a mentira.

Devemos repetí-lo: de 100 fenômenos, que o espiritismo nos apresenta, 90 são puras trapaças, brincadeiras pueris, palhaçadas de teatro. Dos 10 fenômenos restantes, 9 podem ser explicados por leis da natureza, como tenho indicado no princípio dêste trabalho. Apenas um, mal a mal um, pode escapar à perspicácia da ciência e apresentar-se com ares preternaturais, que parece assinalar a ação mais direta do demônio. Isso quer dizer que o espiritismo é uma brincadeira inocente?

Absolutamente não! E' uma brincadeira perigosíssima, como é perigoso brincar com fogo e pólvora. Devido a nossa inclinação para o misterioso, a nossa imaginação fàcilmente se deslumbra, o espírito se obceca, a vontade se paralisa, e o que começou por brincadeira, acaba pela perturbação do espírito pela perda da fé.

Com fogo não se brinca! Não se devem fazer jogos que excitam demasiadamente a imaginação. E, além disso, "o demônio que não deixa passar uma só ocasião para perder as almas, aproveita desta curiosidade doentia, para desviar as almas de Deus e lançá-las no abismo".

O espiritismo é arma nas mãos de Satanás para realizar a sua obra: arrancar a fé, semear a dúvida, implantar a revolta contra a Igreja. Pelos frutos podemos julgar a árvore.

Para provar essas asserções, recorramos aos exemplos frisantes de certos espíritas, revelando, em parte, as trapaças e vergonhosas burlas que praticaram ou de que foram vítimas.

II. Os cientistas e o espiritismo

Ouve-se dizer, às vêzes, que o espiritismo tem o apôio da ciência. Isso é absolutamente falso. Pode haver na plêiade de homens cientistas, que honram o nosso século, dois ou três que se tenham declarado a favor da teoria espírita; porém os cientistas em pêso são absolutamente contra essa teoria.

Os espíritas citam-nos três ou quatro homens cientistas, num ramo determinado, mas ignorantes em questões religiosas, e que tenham se deixado iludir, porém são sempre os mesmos, e a opinião dêles

nada vale no assunto.

O primeiro entre êles é Sir William Crookes, excelente autoridade em química, sem dúvida, porém ignorante em matéria religiosa, como o demonstram os seus próprios livros.

Por muito que o homem conheça uma matéria e as que com ela se relacionem, não se segue que êle conheça igualmente uma matéria completamente diversa.

Pode-se dizer mais. Os homens de ciência, sobretudo os cultures de ciências físicas e naturais, são, muitas vêzes, quase sempre, de uma ingenui-

dade pasmosa nas coisas de ordem social.

Habitualmente, como estão acostumados a lidar com instrumentos que indicam, com precisão matemática, as transformações nos laboratórios, habituados a lidar com substâncias, que agem fatalmente e seguindo leis determinadas, não tomam conta do elemento humano, de ficção e dolo, que quase sempre entra nas coisas sociais. Daqui, a simplicidade, quase infantil, dos grandes cultores das ciências modernas; daqui, a facilidade com que são iludidos.

Há sábios que ficam perplexos com qualquer questão da vida prática; embeiçados diante do mais simples fenômeno de prestidigitação, enganados muitas vêzes por uma simples criança.

E' o que explica como homens de ciência se tenham deixado iludir pela fraude espírita. E' o que vamos yer pràticamente na vida dos principais den-

tre êles.

III. Sir William Crookes

O primeiro cientista, que os espíritas apresentam é Sir William Crookes, químico, matemático, astrônomo notável, que se pode comparar ao grande Berthelot, espírita fervoroso.

William Crookes, falando de química, merece ser escutado; porém, quando fala em moral ou em matérias religiosas, o caso é diferente; nestas mostra-se uma verdadeira criança pela ingenuidade e pela ignorância. Assim temos uma experiência de William Crookes com a célebre médium Miss Cook, que dizia fazer aparecer uma tal Katie King.

Primeira experiência — Katie King aparece, como fantasma materializado, diante da cortina do gabinete. Ouçamos o sábio William Crookes: "Confesso que a figura aparentava vida e realidade e, quanto podia ver com a luz indecisa, as suas feições pareciam-se com as de Miss Cook. Mas a prova positiva dada pelos meus sentidos de que os suspiros eram de Miss Crook, que estava no gabinete, enquanto a aparição estava fora, esta prova, digo, era muito forte para poder afastar qualquer suposição contrária".

Como se vê, o aparecimento do fantasma de Katie King e os suspiros que se ouviam atrás do gabinete, bastavam ao sábio para provar que havia

duas pessoas. Ele nunca pensou que Miss Cook pudesse muito bem estar fora da cortina e produzir qualquer gemido atrás da cortina, por meio de um apito ou qualquer outro aparêlho, ou, ainda, ser ela ventríloqua. A fisionomia de Katie parece-lhe igual à de Miss Cook, mas lá estavam os suspiros. Que ingenuidade de criança!

Segunda experiência: — Os mesmos fenômenos. William Crookes quer assegurar-se de que são dois sêres diversos. Que coisa melhor e mais simples do que tocá-los, apalpá-los! Nada disso! Katie King vem à sala, convida o sábio a ir ver Miss Cook no gabinete, precedendo-o alguns segundos antes. Quando o sábio entra, desaparece o fantasma, só encontra Miss Cook deitada no sofá com o seu vestido de veludo preto. Quando sai do gabinete, reaparece Katie. Esta cena repete-se umas poucas vêzes.

Confesso que me causa pasmo a ingenuidade desta narração do sábio, incapaz de compreender que é a mesma pessoa que muda de véu, que se apresenta fora da cortina, e depois atrás da cortina.

Terceira experiência. — Por fim o sábio vê, um dia, ambas juntas, dentro do gabinete, mas como? William Crookes toma a mão dé Miss Cook, mas esquece-se de fazer o mesmo ao fantasma, que não era outra coisa senão um boneco feito de gaze branca. O sábio nem se lembrou disso. Escutem, agora, como o sábio Crookes, embeiçado pela fascinante Katie King, descreve o relatório científico das suas experiências: "A fotografia é impotente para reproduzir a beleza perfeita do rosto de Katie, como as minhas palavras não podem descrever o encanto das suas maneiras. Como poderia reproduzir a pureza brilhante da sua fisionomia, tão móvel,

ora velada de tristeza, ora sorrindo com tôda a inocência de uma donzela?"

Modo singular, esquisito de fazer relatórios de experiências científicas! Pobre William Crookes! Embora de idade veneranda, está embasbacado pela beleza de Katie... e toma a freguêsa do seu coração para experiências científicas, quando não passa de uma experiência de namôro. Esta mesma Miss Cook, que soube tão bem zombar do velho cientista, foi mais tarde apanhada em flagrante embuste nas mesmas experiências feitas na associação espírita britânica. Bastou cortar a retirada do fantasma e abrir a cortina. O fantasma era a médium mascarada. Vê-se logo que tais experiências são simplesmente pueris e nada provam, senão a ingenuidade de William Crookes.

IV. Carlos Richet

Outro cientista que pôde servir de exemplo de credulidade é Carlos Richet, que se notabilizou ultimamente com a sua volumosa obra "Traité de Metapsychique", na qual classifica as materializações obtidas por William Crookes de experiências decisivas, de granito. Pobres cientistas... quanta ingenuidade!

Carlos Richet assistiu às célebres experiências feitas em 1905, na vila Carmen (Argélia), em casa do general Noel. Uma rapariga chamada Marthe Béraud, de 19 anos, ajudada por uma negra, Acischa, de 22 anos, apresentou fenômenos curiosos. Entre outras coisas, aparecia um fantasma chamado Bienhoa, que fazia coisas fantásticas, respondendo às perguntas da assistência, apresentando aves, flo-

res, etc., diante do sábio fisiólogo. Este, embora julgasse assistir a realidades, não dissimula as dúvidas que lhe surgem no espírito.

- Por que razão, em certas fotografias pergunta êle, o corpo e a manga de Marthe sentada parecem vazios?
- Por que é que não se vê nelas a figura de Marthe tão nitidamente como a de Acischa?
- Por que razão exige a obscuridade mais completa?
- Por que a figura de Bienhoa se assemelha à de Marthe, como se tivesse colado uma espêssa barba preta no seu lábio superior?
- Por que não me deixam tocar Bienhoa, quando passeia na sala?

Tantas perguntas que caem os lábios de Richet, e não acudiu à mente ingênua do sábio a simples resposta a estas dúvidas: que tudo isso era fraude... Marthe virava, à vontade, Bienhoa ou Acischa, mascarando-se. Mais tarde, a própria Marthe Béraud, que mudou o nome para Eva Carrière, desvendou tôdas as trapaças com que iludiu Richet.

V. Conan Doyle

Quem teria dito que o fértil romancista Conan Doyle se metesse em tais falcatruas, apresentandose como profeta do espiritismo.

Numa sessão, descrita por Filsong Yung, a que assistiu a convite de Sherlock Holmes, vê-se bem como reinava a fraude. O médium era Johnson. Os espíritos falavam por uma enorme trombeta, que estava no meio dos assistentes e que era levantada pelos espíritos. Filsong descobriu que havia truques; a entonação da voz do médium distinguiu-se das vo-

zes dos soldados, cujos espíritos apareciam; os dialetos falados não eram bem dos distritos donde se diziam naturais. Conseguiu Filsong puxar a trombeta e colocá-la atrás da cadeira. Os fenômenos cessaram... Os tais espíritos pareciam míopes e não descobriram mais a trombeta. O embuste estava desmascarado... quem fazia o papel de soldados era o próprio Johnson, imitando-lhes a voz e o dialeto.

Mas temos coisa mais interessante de Conan Doyle. Uns anos atrás, um espírita profissional foi chamado a juizo por um seu empregado, que lhe reclamava o pagamento da quantia por que se havia contratado para desempenhar o papel de espetro ou espírito, nas sessões solenes.

- De sorte que disse o Juiz as sessões era um puro embuste.
- Porventura não o são sempre? respondeu com ingenuidade o médium.
- Mas isso é enganar o povo acrescentou o magistrado.
- Oh! senhor juiz replicou o espírita se V. S. soubesse o contentamento que isso causa aos clientes, e como caem no lôgro... Não há muito, pediu-me o grande escritor Conan Doyle que eu invocasse um seu filho falecido. Apareceu o espetro que era exatamente êsse meu empregado, que agora me chama a juizo, e Conan Doyle, chorando, sem vacilar, reconheceu seu filho.

Esse ridículo em que caiu Conan Doyle, fê-lo alvo de motêjo em tôda a Inglaterra. Mais tarde, êle próprio, em entrevista com Paulo Heuzé, reconheceu a fraude. O mais curioso, porém, é que Conan Doyle, na América do Norte, escreveu depois um livro, no qual narra enternecidamente essa aparição de seu filho ("O espiritismo mascarado", 4).

Pobres sábios! que se deixam iludir como crianças!... E citam mais exemplos como provas... e há gente que acredita nessas palhaçadas.

VI. Sir Olivier Lodge

Mais uma sumidade espírita... e sumidade de ingenuidade e patetice. Sir Olivier Lodge é autor do livro "Raymond", cheio de sinceridade, mas sem um único fato convincente. Pelo contrário, está repleto de ingenuidades sôbre a vida futura, onde as casas, as roupas, o fumo, etc., são feitos, diz êle, com essências das coisas da terra. Como explicar a aceitação de tais infantilidades, da parte de um sábio? É' que lhe morrera um filho querido na guerra: Raymond, e na sua grande dor, apegou-se a êste simulacro de consolação; desprovido como estava da fé cristã... deixou-se iludir vergonhosamente.

VII. Eusápia Paladino

E' o farol luminoso do espiritismo. Foi ela que deu as mais notáveis manifestações às quais assistiram Fontenay e Flammarion. Eusápia era analfabeta, e funcionava como médium na Itália e Inglaterra. O cenário é o costumado gabinete — cortina e sala escura.

- 1º. A mesa move-se. *Meno luce!* exclama Eusápia... Um piano e uma campainha começam a tocar dentro do gabinete. E' o espírito de John King. Mão invisível toca as pessoas.
- 2º. Enrolam-se as cortinas. *Meno luce!* Uma forma grande aparece: é a caixa da guitarra; esta toca. Vê-se uma cabeça fluídica: Fontenay distin-

gue apenas uma espécie de écran, um plano sem es-

pessura.

3º. Meno luce! Eusápia, com as mãos, descreve um círculo sôbre a cabeça de M. Flammarion. Ouve-se música, aparece uma mão materializada; na fotografia nada se reproduz.

4º. Completamente às escuras, sem luz, impressões e moldagens várias, furtando-se à fiscalização, tudo rapidíssimo. Ninguém pensa em con-

frontar as impressões digitais.

Em 1905, diante do Instituto Psicológico de Paris, Eusápia dá três sessões em que produz fenômenos de tipologia; pancadas que se ouvem na mesa, movimentos desta, levitações, variação de pêso, etc. Mas a fiscalização é insuficiente.

Eusápia, algumas vêzes, larga as mãos, põenas sôbre as do fiscalizador, e o mesmo faz aos pés. Uma fotografia tirada inesperadamente mostra que

tudo é natural: movimentos da mesa, etc.

Os espíritas e outros tolos, ao ler tais narrações, ficam maravilhados e nem suspeitam sequer a fraude; entretanto, Eusápia não passa de umavulgar prestidigitadora.

Enquanto em transe, ela mesma faz o John King — quando segura pela mão dos outros... os outros também ficam seguros... e um iniciado contratado substitui muito bem a médium.

E a palhaçada continua como se fôsse a coisa mais séria do mundo. O' ingenuidade humana!

VIII. Espantosa mistificação de um médium inglês, descoberta pelo Dr. Harri Price, em Londres

Em "Le Matin", de Paris, Bernard Laporté. relatou o caso curioso da médium Duncan:

"Desde que o espiritismo está na ordem do dia, numerosos impostores têm sido confundidos. Raros, porém, tiveram a possibilidade de, antes de serem surpreendidos, iludirem de modo tão sensacional e durante tão longo tempo um público disposto a aceitar de boa fé os fenômenos aos quais fazem-no assistir, como êste, cuja história verdadeiramente curiosa lhes vou contar.

Durante mêses, a médium agora desmascarada pôde mistificar centenas de pessoas das menos avisadas, visto serem membros da ciência espiritualista de Londres. E' a Harry Price, diretor do Laboratório Nacional de Pesquisas Psíquicas, que cabe a honra da descoberta realmente notável dessa mistificação colossal. A médium em aprêço, uma mulher, lograra durante quarenta e cinco sessões consecutivas, que custaram aos organizadores centenas de libras esterlinas, a ser homenageada pelos fenômenos que produzia em plena luz, é verdade, mas a respeitável distância do público.

A mão e o rosto misterioso. — Para desgraça da médium, Harry Price veio certo dia a uma das sessões. Observador experiente, estudou do seu lugar os fenômenos que consistiam em emissões de ectoplasma e teleplasma, sendo que algumas vêzes aparecia um rosto e uma mão. Ele ficou em dúvida. Propôs, então, à médium e ao seu companheiro que era o seu próprio espôso, virem ao Laboratório Nacional para aí reproduzir as manifestações espíritas que valeram, desde a sua chegada da Escócia, aplausos retumbantes e vantajosos contratos da Aliança Espiritualista. Não foi sem custo que o casal Duncan aceitou a submeter-se a experiência, não sem antes receber gorda remuneração.

Precauções inúteis. — Tôdas as precauções fo-

ram tomadas para que, no correr dessa sessão, como durante as quatro subsequentes, fôsse impossível qualquer intrujice. A senhora Duncan, de bom grado se submeteu a minucioso exame médico, que não deu nenhum resultado. Despojada de sua vestimenta, que foi levada a um compartimento próprio, aceitou longo roupão negro, fornecido pelo Laboratório. Entrando em transe, ela produziu, durante hora e meia, à luz do dia, tôda uma série de fenômenos teleplásticos. Da bôca e do nariz saiam longas fitas brancas que se lhe enrolavam em tôrno do corpo, alongando-se, retraindo-se, mudando de forma. Essa substância desenhava o rosto de uma moça, cujo nome era citado, e desaparecia por onde viera.

Foram tomadas fotografias no correr da sessão. Decidiu-se que, nas sessões seguintes, a "médium", após o exame, seria amarrada à cadeira. Feito isto, a senhora Duncan reproduziu, com igual facilidade, os mesmos fenômenos, e sem contrôle palestrou com a assistência durante todo o tempo das experiências. Apareceu de uma fita, em meio ao teleplasma, certa mão informe.

O exame das fotografias reforçava as dúvidas de Price... Mas, faltava-lhe ainda uma prova. E não vacilou, durante o estado de transe da senhora Duncan, em cortar tranquilamente, com uma tesoura, vários pedaços do ectoplasma. Esses fragmentos, examinados pelos peritos, causaram viva surpresa. Um dêles era, pura e simplesmente, dessa gaze leve que se emprega como envoltório de manteiga. Outro foi reconhecido como mistura de polpa de madeira e clara de ovo. Ademais, a ampliação das fotografias revelou que as figuras surgidas no pretenso teleplasma eram fotografias grosseira-

mente recortadas, e que a mão informe, vista certa vez, era uma dessas luvas de borracha, muito fina, usadas pelos cirurgiões.

A prova da fraude estava feita. Mas a comissão de cientistas não chegara ainda a compreender como a médium, apesar do exame rigoroso a que se submetia antes das sessões, podia ocultar considerável metragem de gazes, fotografias, pedaços de papel e uma luva de borrocha.

A radiografia decifra o enigma. — Recorreuse, então, à radiografia, que tudo explicou. Os cientistas, profundamente surpresos, verificaram que estavam em face de um indivíduo fenomenal, de um ser como não existe talvez um só em dez milhões — de um organismo humano dotado de extraordinárias qualidades de "regurgitação". Graças a essa faculdade raríssima de poder expelir em parte e reabsorver, sem o menor espasmo vomitivo matérias sólidas ingeridas pelo esôfago e estômago, a senhora Duncan pudera mistificar milhares de pessoas de boa fé, inclinando a aceitar como reais certos fenômenos.

O marido foi submetido a severo interrogatório pelos membros da comissão. Tentou afrontar a situação, propondo-se a realizar mais três sessões durante as quais, garantia que Alberto, o "contrôle" do médium, produziria o verdadeiro teleplasma. Mas, diante de provas concretas e das intrujices de sua mulher, que lhe foram apresentadas uma a uma, teve que se render. No dia seguinte, o casal Duncan deixava Londres.

— Não duvido, disse Harry Price, depois de me contar a história, que tenhamos descoberto a fraude mais sensacional, jamais praticada na história do espiritismo".

IX. A fábrica de fraudes

Uma vez provado que as almas dos mortos não são os autores dos fenômenos espíritas, a que causa devemos atribui-los?

Depois de exame cuidadoso e de rigorosa verificação dêsses fenômenos, a maioria dos homens cientístas diz que 90% dêsses fatos são produzidos por manobras fraudulentas dos médiuns.

Para quem está familiarizado com prestidigitação ou com os recursos da inventiva humana, cujo fim é o engano, inúmeros fenômenos espíritas não passam de produtos de hábil trapaça ou fraude grosseira.

O Pe. Herédia, cujo livro sôbre esta matéria fêz grande sensação entre os espíritas, confessa que de própria experiência conheceu muitas pessoas que vinham, repletas de espanto, contar-lhe experiências extraordinárias, que êles tinham presenciado nas sessões espíritas, e que não passavavam duma interessante trapaça; e que aquelas mesmas experiências êle reproduzia-lhes em poucos minutos sem evocar espírito algum.

O mesmo Padre, que é exímio ilusionista, percorreu os Estados Unidos, desfazendo as conferências ingênuas do espírita Conan Doyle com exibições ruidosas de cenas de puro ilusionismo, nas quais reproduzia tôda sorte de fenômenos, atribuídos pelos espíritas à ação das almas dos mortos.

×

O próprio Kardec confessa que nenhuma coisa se presta tão fàcilmente aos charlatães do que o ofício de médium. Todos os médiuns, diz êle, usam de truques, e posso dizer que, durante quarenta anos, quase todos os médiuns passaram por meu salão, e a todos, mais ou menos, eu os surpreendi usando de fraude".

Uma das jovens Fox, que foram as primeiras a presenciar e produzir os fenômenos espíritas de nossos tempos modernos, declarou mais tarde que nas exibições maravilhosas, com que obteve fama mundial, usava de truques para enganar.

Uma comissão de 34 cientistas de França, que em Paris examinaram os fenômenos produzidos pelo médium João Guzik, não pôde é verdade, descobrir os meios fraudulentos, de que mui hàbilmente se servia o médium, celebrado em todos os centros espíritas de França. Mas uma nova comissão de sábios submeteu o mesmo médium a novas e mais rigorosas experinêcias em novembro de 1923. E o resultado? Foi uma declaração formal de que os fenômenos produzidos por Guzik eram realizados com o cotovelo ou com as pernas.

E' fato também que os mais notáveis médiuns, mais cedo ou mais tarde, foram apanhados em fraudes. Assim se explica o mêdo que êles têm de submeter-se a rigorosas experiências, esquivando-se sempre do contrôle rigoroso de cientistas.

* * *

Há cêrca de oito anos que o diário francês "Le Matin" ofereceu um prêmio de 50.000 francos à médium Eva Carrière, para que ela produzisse os fenômenos espíritas que costumava realizar nas sessões, perante uma comissão de cientistas e em condições de ser excluída tôda a possibilidade de fraude; a proposta, porém, não foi aceita.

Ainda há alguns anos, o Dr. Carlos de Laet, fêz no "Jornal do Brasil" um desafio a um centro espírita do Rio de Janeiro, a produzir alguns fenômenos espíritas em presença de certo número de cientistas. A única resposta do centro foi um chuveiro de insultos e calúnias contra a Igreja Católica.

X. Conclusão

Podiam-se prolongar os exemplos e fazer livros inteiros de fraudes e embustes dos espíritas, porque em quase todos os fatos narrados houve fraude.

Será tudo, absolutamente tudo? Penso que não. Carrington, no seu livro "Physical Phenomena of spiritualism", diz: Estou inclinado a crer que 98% dos fenômenos, tanto psíquicos como físicos, são fraudulentos. — E' também opinião do Pe. Herédia.

Portanto, há alguns verdadeiros. Estes verdadeiros, tenho-lhes dado a necessária explicação, pelas manifestações de hipnotismo, histeria, nevropatia, sugestão, telepatia, etc.... que de fato podem entrar na lista dos fenômenos, com o número de 2%.

E os fenômenos diabólicos? Isso depende dos lugares e das pessoas; porém penso que não ultrapassam de 1 a 2 por mil, e talvez menos ainda.

O demônio age **moralmente** em tudo isso... é obra dêle, porém, raramente intervém *fisicamente*. E' o que desejava provar.

Veremos nos capítulos seguintes que tal ação diabólica, por ser moral, não é por isso menos perigosa, e que o espiritismo é uma das suas manobras mais diabólicas para perder as almas e atacar a Religião de Jesus Cristo.

CAPITULO XV

OPINIÕES DE CIENTISTAS

Recolhamos mais, aqui e acolá, umas opiniões de homens abalizados, conhecedores dos fatos, como são os médicos que se dedicam especialmente ao estudo dêste ramo das misérias humanas.

I. Grandes autoridades

André Ripert, chefe da Casa dos Espíritas de Paris, e diretor da «Revista Espírita» fundada por Alan Kardec, afirmou recentemente: — «Da falência das religiões e da ciência, para manter nas massas o sentimento do bom, nasceu o espiritismo, baseado nos mais claros princípios científicos».

Pois é justamente o contrário disso que ressalta das últimas publicações aparecidas sôbre o assunto e assinadas por cientistas de responsabilidade, todos únânimes em proclamar a ausência absoluta de documentos científicos e provas materiais em favor dêsses fatos alegados pelos espíritas como verdadeiros.

米 米

O professor Richet, que tem sido em várias oportunidades incluido entre os adeptos das idéias espíritas, afirma no seu «Tratado de Metapsíquica»:

— «Podem-se admitir os fenômenos unicamente mentais, sem nada mudar as leis conhecidas da

matéria viva ou inerte, nem as diversas energias físicas — luz, calor, eletricidade, atração, que estamos habituados a medir e determinar. Ao contrário, certos fenômenos materiais, a mecânica ordinária não os explica, como o movimento de objetos, fantasmas, materializações capazes de serem fotografadas, sons, luzes, realidades tangíveis e acessíveis aos nossos sentidos".

E mais adiante: "Para fazer um fisiologista, um físico, um químico, admitir que possa sair do corpo humano uma forma que tenha circulação, calor próprio e músculos, que exale gás carbônico, que pese, que fale, que pense, é preciso pedir. com esfôrço inteligência, é o que é verdadeiramente doloroso".

O mesmo mestre, consagrado universalmente como o maior fisiologista do seu tempo, em declaração autêntica e recentíssima, afirma textualmente: «Certos fatos obscuros, incertos, hipotéticos, quanto à sua interpretação, fizeram crer na idéia de uma sobrevida do EU. Os espíritas criaram, com isso, uma espécie de religião, sem trazerem em apôio senão provas bem medíocres".

E conclui: "A idéia dos espíritas é de um antropomorfismo espantoso. Eles se parecem com os velhos egípcios, que punham nos sarcófagos de seus parentes bolos, colares e brinquedos! Eu, por mim, sou demasiado fisiologista, para admitir fàcilmente que haja inteligência e memória sem um cérebro que não esteja a todos os instantes irrigado por um sangue bem oxigenado".

Por outro lado, acabam de ser publicados os relatórios de várias experiências realizadas no Laboratório de Fisiologia da Faculdade de Ciências,

da Sorbonne, presididas por uma comissão de cientistas da envergadura de Lapicque, professor de fisiologia, Piéron, psicologista, e Georges Dumas, da Academia de Medicina, sôbre uma médium, chamada Eva, e cuja conclusão é a seguinte:

"No que concerne à existência de um "ectoplasma, que seria inexplicável, por meio dos atuais co-nhecimentos de fisiologia, nossas experiências deram resultado que não podem deixar de ser considerados como inteiramente negativos"

Mons. Ricardo Liberali escreve com acêrto: -"Estou convencido de que, para os efeitos de "embasbacar" os "trouxas", entram em ação muitos fatores, no espiritismo. Há sessões que são realmente de "embasbacar", não só os trouxas, mas, mesmo, os mais sabidos. Entram para o espiritismo o hipnotismo (por mais que o neguem os ladinos), o truque, a impostura, a telepatia e também o fator diabo. E há, também, fatores desconhecidos, inexplicáveis. Em todo o caso, no campo religioso sempre é um contrabando, uma impostura, uma "arapuca" de Satanás. De tôdas essas artimanhas lança mão o demônio; para ver se a humanidade aboca a fruta proibida, pretendendo tornar-se igual ou, mesmo, maior do que Deus. Os espíritas, uma vez fanatizados, desprezam tudo o que Deus até hoje disse. São a palmatória de Deus. Eles, puxando os barbantes do além, se comunicam com os espíritos que contradizem ao que Deus afirmou até hoje, por seus órgãos oficiais, embora Deus tenha proibido severamente as práticas espíritas. A maçã é boa. Promete abrir novos horizontes: por que não

comê-la? E comem a Terceira Revelação. Eles dizem que provém dos espíritos, embora seja impossível identificá-los; nós afirmamos que esta revelação vem dos bastidores do inferno. Mas, como vimos, se entre os pagãos Deus não permite que o espiritismo passe por religião de Deus (Tupã), mas do demônio (Bope), entre os civilizados basta ter um pingo de bom senso para conhecer a mesma coisa".

* * *

Não é diferente a recente opinião de outros cientistas, dentre os quais avulta o nome do professor Langevin, do Colégio de França, sôbre as demonstrações feitas pelo afamado médium polaco Guzik, o mesmo que conseguiu impressionar a célebre comissão dos 34: "Os abaixo assinados declaram que sua convicção é que os fenômenos que lhes foram apresentados não põem em jôgo nenhum mecanismo misterioso, por isso que o médium os obtém servindo-se do seu cotovelo e de uma das pernas, sendo que os objetos deslocados estão todos ao alcance de seus membros".

Ainda outra comissão de sábios francêses assim conclue sôbre o médium italiano Pasquale Erto: "O médium simula o transe, com movimentos permanentes musculares e modificações do ritmo respiratório, sem que haja no seu organismo qualquer anomalia fisiológica. Quanto aos fenômenos luminosos, só possíveis na obscuridade, êle os obtém à custa de uma pena de aço, disfarçada entre os dedos, e um fragmento de ferrocério, procurando esconder o barulho da centelha com alguns gritos".

II. Autoridades brasileiras

Entre nós não é outra a opinião dos mestres que se têm ocupado do assunto. O Prof. Austregésilo, com a sua incontestada autoridade, afirma: — "Existem, ao lado dos fantasistas de boa fé, os flibusteiros, os charlatães, que, por meio de passes, de TRUQUES e magias, adquirem fama e entusiastas, constituindo verdadeiros casos policiais".

Falando a propósito da criação de um hospital espírita, o prof. Henrique Roxo, que é um dos nossos mais reputados especialistas, afirmou:

"A intervenção do espiritismo no tratamento de qualquer nevrose é prejudicial. Os espíritas que mais se dedicam a êsses tratamentos são, em regra, indivíduos boçais e analfabetos, sem nenhuma noção dos perigos a que expõem os doentes. O espiritismo, pode-se dizer sem exagêro, é uma verdadeira fábrica de loucos. Entre os doentes que diàriamente dão entrada no hospício, a maioria vem dos centros espíritas".

O ilustrado prof. Pacheco Leão, que há muitos anos estuda com interêsse êstes assuntos, declaroume que teve oportunidade de assistir a várias sessões espíritas nesta cidade, com a presença de um afamado médium estrangeiro, e de tudo o que viu tirou a conclusão de que se tratava dos mais grosseiros truques.

Miguel Osório de Almeida, êsse espírito cintilante, que é ao mesmo tempo um consumado fisiologista, também já se ocupou do assunto. Depois de lembrar que um dos argumentos mais poderosos dos espíritas consiste em apresentar como partidários de suas doutrinas alguns sábios de autoridade incontestada, opina Miguel Osório:

"A ciência, conservando-se dentro do rigor de seus métodos e da estreiteza de seus pontos de vista, não poderá nunca fazer uma afirmação positiva em favor do espiritismo".

Em regra, a coisa se passa da seguinte maneira: De quando em vez, surge ao grande público um médium capaz de obter os fenômenos mais transcendentes, até mesmo o chamado ectoplasma.

Desde, porém, que começa a realizar seus trabalhose diante de pessoas mais cultas e atiladas, os fenômenos diminuem de intensidade e frequência, até desaparecerem por completo, quando se assinala nas sessões a presença de cientistas, como tem acontecido sistemàticamente, sempre que o contrôle é absoluto e são afastadas as possibilidades de fraude.

Como se não fôssem suficientes essas opiniões de cientistas consagrados, há provas autênticas e oficiais, agora publicadas, que demonstram o quanto de lenda e de superstição vai por aí em matéria de espiritismo, convindo que começam a ficar bem esclarecidas as razões pelas quais alguns homens e sábios conhecidos foram iludidos em sua boa fé.

* * *

O grande físico inglês William Crookes, cujo trabalho intitulado "Pesquisas sôbre os fenômenos do espiritismo", fêz tanto barulho em sua época, serviu-se, para as suas primeiras experiências de uma senhorita chamada Florence Cook, a quem dedicou no referido volume alguns versos bastante apaixonados.

Flammarion, no seu livro sôbre "Fôrças naturais desconhecidas", relata que o segundo médium

utilizado por Crookes, chamado Douglas Home, lhe havia confessado pessoalmente que Miss Florence era uma farsista que enganara o velho sábio, a quem conseuira sugestionar. De fato, isso foi confirmado, alguns anos mais tarde, quando ficou descoberto que a médium Mistress Corner, cujo truque foi apanhado em flagrante, era, nem mais nem menos a mesma Florence que fôra a mistificadora de Crookes.

Conan Doyle é adepto das teorias espíritas, principalmetne depois da morte de seu filho, ocorrida na última guerra. Foi publicada uma fotografia do conhecido escritor inglês, tendo ao lado o fantasma de seu filho, obtida em casa do médium Hope, em 1919, numa sessão espírita. Examinando o original pela trama do clichê de gravura, ficou apurado que se tratava da reprodução de um recorte da fotografia publicada, logo após a sua morte, num jornal ilustrado de Londres.

Os fatos acima relatados vêm todos documentados no volume de Paul Heuzé, intitulado "Où en est la Metaphysique", editado em Paris, há pouco tempo. Para quem estuda êste assunto, sem idéia preconcebida, a favor ou contra, apenas à luz dos conhecimentos científicos atuais, a única conclusão sincera e honesta, a tirar, é que não existem, absolutamente, até agora, provas verdadeiras e autênticas que autorizem outra convicção que não esta, de que o problema, não obstante estar sendo discutido há tantos séculos, não saiu do terreno das hipóteses e escapa ainda ao domínio científico

O Dr. Leonídio Ribeiro escreve o seguinte: — "E o importante é que a expansão dessas idéias no Brasil, até entre pessoas cultas e, principalmente, no seio das classes populares, onde abundam os

indivíduos tarados e predispostos, fàcilmente impressionáveis por êsses fenômenos, tidos como misteriosos e sobrenaturais, que atuam como verdadeiros mordentes, para desencadear as doenças mentais nos psicopatas, começa a tornar-se um grande perigo social, entre nós, e deve preocupar atualmente os médicos e os poderes públicos encarregados de velar pela saúde pública. Em nosso meio o espiritismo não tem sido uma seita religiosa inofensiva, porque só tem servido, infelizmente, até agora, para permitir e favorecer o desenvolvimento de um sem número de perigosas explorações do grande público, sempre pronto, pela sua boa fé e ignorância, a aceitar as mais absurdas crendices, com todo o seu cortêjo de perigos e inconvenientes para a comunidade".

III. Espiritismo e nevrose

Não posso deixar de citar uma resposta do ilustre clínico, já várias vêzes citado, *Dr. Henrique Roxo*, professor catedrático da clínica psiquiátrica da Universidade, e um nome vantajosamente conhecido nos centros científicos de todo o mundo.

Eis o valioso testemunho dêste grande católico e grande médico: «O número dos alienados, em que as perturbações mentais surgiram em consequência da frequência de práticas espíritas, não tem diminuido, e sim, pelo contrário, aumentado. Não se tem verificado qualquer fiscalização ativa por parte dos poderes públicos, e pela cidade inteira há inúmeras casas, em que, sob o pretêxto de tratar doentes, se realizam sessões espíritas, em que se procura armar ao efeito e impressionar o auditório. Este, constituído em grande parte por pessoas incultas e predispos-

tas à loucura, experimenta imenso abalo emotivo com o que vê, e entra a delirar, constituindo-se o chamado delírio episódico dos degenerados. Há pessoas, como o meu prezado amigo Oscar d'Argonel, que, com honestidade, se entregam a investigações científicas do espiritismo, mas isto é uma verdadeira exceção. O comum é se realizar uma sesseão espetaculosa, em que o médium é comumente uma histérica que, sugestionada, se apresenta a praticar trejeitos e grandes contorsões, incutindo nos observadores a idéia de que se acha possuída pelo espírito. Uma questão a ser ventilada é a que muitos

Uma questão a ser ventilada é a que muitos dêsses doentes, que se apresentam delirantes pelo espiritismo, já o fôssem anteriormente e a êle houvessem sido levados na esperança de tratamento. Claro está que há casos dêste feitio, mas bem me acautelo em só afirmar o diagnóstico de delírio episódico de causa espírita naqueles em que havia apenas predisposição e o mal só surgiu depois da sessão. E êstes, verdade se diga, constituem a grande majoria.

Outro ponto a ser debatido é o de ter havido o delírio, porque o indivíduo já era um fronteiriço e um predisposto. Claro está que uma pessoa inteiramente sem tara psicopática resistirá muito mais, e que a gênese das doenças mentais está hoje muito ligada às constituições paranóide, ciclóide, esquizóide, etc., que facilitam os choques hemoclásicos e as modificações na química biológica das células do cérebro, o que, em última análise, vai acarretar alimentação mental.

Mas convém frisar que não há coisa alguma que mais esgote o sistema nervoso do que emoções repetidas e que uma meiopragia psíquica se pode constituir naquele que se impressionar viva e repetidamente com aquilo que for presencia do.

A campanha contra o espiritismo só visa, como objetivo, o bem da coletividade, evitando que cresça o número de alienados. O médico especialista hão o faz por interêsse egoístico, pois naqueles que forem ao espiritismo e ficarem alienados lhe aumentarão a clientela e aquêles que já o foram e por lá passaram, voltarão desiludidos.

Não se deve esmorecer no combate ao espiritismo. A religião da quase totalidade dos intelectuais brasileiros condena esta prática e visa sempre a felicidade de todos nós».

IV. O espiritismo e a ciência

O Mundo Médico, que se publica no Rio de Janeiro, sob a direção do prof. Gustavo Hasselmann, estampou o seguinte, anos atrás: "Está na ordem do dia o problema do espiritismo em face da ciên-cia, assunto focalizado pelo dr. Leonídio Ribeiro, em uma das últimas sessões da Sociedade de Medicina e Cirurgia. Vários nomes em evidência têm-se ocupado nestes últimos dias da questão, destacando-se o nome dos professores Backheuser, da Politécnica, e Oscar de Sousa, da Faculdade de Medicina, que realizaram uma série de interessantes conferências, encarando os fenômenos espíritas à luz dos atuais conhecimentos científicos. Na imprensa, os ilustres mestres Dias de Barros e Felício dos Santos se ocuparàm brilhantemente da questão, ressaltando o ponto de vista médico-social da campanha em boa hora iniciada pelo Dr. Leonídio Ribeiro, com o intuito exclusivo de mostrar os sérios inconvenientes que a prática abusiva do espiritismo tem trazido à Saúde Pública, em nosso meio, não só concorrendo em alta escala para aumentar o número de loucos recolhidos aos hospícios, como também favorecendo o exercício ilegal da medicina pelos mais ignorantes e atrevidos charlatães. Graças a uma gentileza do Dr. Leonídio Ribeiro, iniciamos hoje a publicação das primeiras respostas que vem colhendo no seu inquérito, onde pretende reunir a opinião da classe médica sôbre o espiritismo.

As respostas obedecem aos seguintes

QUESITOS

1º. E' V. Excia. de opinião que existe fundamento nos chamados fenômenos espíritas?

2º. Conhece V. Excia. fatos ou experiências que documentem cientificamente o espiritismo?

3°. A prática do espiritismo pode trazer danos para a saúde mental do indivíduo?

4º. O exercício abusivo da arte de curar pelo espiritismo acarreta prejuízos para a saúde pública?

RESPOSTAS

Do prof. Raul Leitão da Cunha: Respondo, com prazer, ao questionário que acaba de chegar-me às mãos: 1º. A pergunta, formulada como está, é difícil de responder, pois entre os fenômenos chamados "espíritas" há alguns que nossos conhecimentos científicos podem compreender e outros que, embora não possamos ainda interpretar, devemos, entretanto, admitir; 2º Não; tendo sido, mesmo, inteiramente negativo o resultado de uma sessão a que assisti e na qual eu deveria encontrar elementos de convicção para o meu ceticismo nesse particular; 3º Sim, e tão grandes, a meu ver, que julgo indis-

pensável e urgente que se estabeleçam leis que regulem esse caso; 4º Inquestionàvelmente, pois o caráter misterioso que tem êsse exercício dificulta a aplicação das medidas profiláticas, facilitando o entretenimento das endemias e a difusão das epidemias. Sempre ao dispor dos prezados colegas, subscrevo-me.

Do prof. dr. Nascimento Gurgel: "Agradecendo à gentil lembrança de minha pessoa, respondo da maneira seguinte aos quesitos que foram formulados: Aos dois primeiros: não. Aos dois últimos: sim. Pedindo aceitarem os protestos de minha estima e consideração, sou amigo devoto e colega adr."

Do prof. Dr. Faustino Esposel: Por circunstâncias privadas (doença muito grave em pessoa de minha família, etc.), sou forçado a responder muito sucintamente ao questionário recebido: 1º e 2º Nada vi, nem li que me convencesse até agora do fundamento científico nos fenômenos chamados espíritas. 3º A prática do espiritismo pode produzir danos para a saúde mental do indivíduo; basta ter observação clínica do Hospital Nacional (onde funcionei cerca de 15 anos), nas Casas de Saúde privadas e na clientela civil. 4º Incontestàvelmente.

Do prof. dr. Antônio Austregésilo (vejam-se as respostas à pág. 97).

Conclusão

Que provam as opiniões dêstes homens, especialistas na matéria? Provam que não há no espiritismo nada de sério, nada que seja científico.

Um ou outro médico pode deixar-se iludir, pode enganar-se, porém é impossível que esta legião de homens de ciência de primeiro valor sejam todos tão ignorantes, que não possam desvendar a verdade em casos tão simples e tão claros, como são os que o espiritismo nos apresenta.

Não são sòmente médicos católicos que assim falam, mas protestantes, até inimigos da religião. Não é simplesmente uma questão de religião, é uma questão de brio, de patriotismo, de humanidade.

O espiritismo é, pois, uma verdadeira praga social... uma moléstia contagiosa... uma decadência social... uma aberração do bom senso.

Cultivemos a *religião* e a *ciência*: a primeira eleva a alma, a segunda eleva o espírito... enquanto o espiritismo, que é e negação da religião e da ciência, é o grande aviltamento do homem e da civilização.

CAPÍTULO XVI

EMBUSTES E MENTIRAS

Quanto mais se vão aprofundando os fenômenos espiritistas e quanto mais meios nos vai proporcionando a ciência para uma dilgente investigação e para chegar a reproduzir por seu meio os mesmíssimos fenômenos que os espiritistas nos apresentam como transcendentais e só possíveis pela intervenção dos espíritos, tanto mais parece certo que não há intervenção alguma dos espíritos nesses fatos e que são efeitos de causas puramente *naturais*, mesmo nas experiências que se julgam mais perfeitamente comprovadas.

Enumeraremos aqui alguns desses fatos mais célebres e recentes, deixando de lado os casos mais antigos de fraudes, referidos com pormenores nos

livros que tratam dêste assunto.

I. Aparições de espíritos

Sob a epígrafe "Os espíritos que falam por meio do rádio", em 21 de outubro de 1922, "The Literary Digest" fazia um resumo de artigos do famoso prestigitador Houdini, em que êste vai expondo as artimanhas de que se valem os médiuns para realizar suas portentosas exibições ou imaginadas comunicações com os espíritos.

ENGENHOSO ESTRATAGEMA — Conta de si como numa ocasião desmascarou as fraudes de uma «médium», quando esta se apresentou à assem-

bléia como verdadeiro espírito de outro mundo com não pequeno assombro dos circunstantes. O salão estava às escuras. Aproveitando-me desta circunstância, diz Houdini, espalhei pelo chão umas tachas ordinárias sem que ninguém desse por isso. Chegou o momento da aparição; entre amortecida claridade, viu-se assomar uma figura vaga, misteriosa e fantástica. Estava de pés descalços e caminhava pausasada e majestosamente. Os circunstantes contemplavam aquela cena com religioso pavor, no mais completo e reverente silêncio. Eis que, quando menos se esperava, soa no salão um «ai»! agudo e lastimoso, seguido de curtos intervalos de outros, secos e cada vez mais dolorosos. O fingido espírito tinha chegado ao ponto em que estavam semeadas as tachinhas e estas se lhe cravaram nos pés! Com o incidente, descobriu-se a fraude da manhosa «médium»; ficou evidente que não era nenhum espírito do outro mundo, mas sim, dêste mundo sublunar. A cena terminou com um côro de gargalhadas em descrédito e à custa da famosa «médium» de espíritismo.

II. Espíritos no rádio

E' também interessantissima a exposição que faz dos embustes com que as «médiuns» atuais realizam êsses fenômenos portentosos, inexplicáveis para quem não está ao par dos segredos. Valem-se para êles de aparelhos de rádio. Escrevendo na Revista popular «Rádio», de Nova Iorque, Houdini disse que já em 1852 os princípios porque se rege o rádio foram aplicados aos fenômenos espíritas por um granjeiro da VILA de DOVER, Ohio, chamado João Koos. Ideou êste um aparêlho «Spirit machine». Aparentemente não era mais que um tosco aparê-

lho de cobre e zinco para recolher e localizar as ondas magnéticas; na realidade, porém, era um meio de que se valiam para se comunicar em suas sessões espíritas com um companheiro dêle que estava oculto num quarto contíguo ao aparêlho. Este tinha uns tubos disfarçados de transmissão por meio dos quais o famoso João Koos se punha em comunicação com o seu colega para levar a efeito as suas trapaças.

Os «médiuns», continua Houdini, valem-se agora para seus embustes de aparêlho análogo com as adaptações mais ou menos convenientes e mais conformes com os modernos aperfeiçoamentos. A pessoa cooperadora já não está em aposento vizinho do local em que se acha o «médium»; está a tal distância dêle que não lhe é possível ouvir as perguntas que se lhe fazem, a não ser por meio de um microfone oculto na parede. Além disso, um binóculozinho de t e a t r o, muito bem focalizado para o lugar em que está o «médium», serve-lhe para observar tudo o que se passa no local da sessão. Houdini descreve em seguida minuciosamente o aparêlho, que funciona sem necessidade de fios, como qualquer aparêlho de rádio mais complicado, e pode atuar a uma distância de cem pés e ainda mais.

III. Espíritos videntes

UMA MÉDIUM ADIANTADA. — O pior e o mais desastroso é que, dispondo de aparêlhos modernos muito aperfeiçoados, os «médiuns» atuais andam enganando milhares de pessoas com a decantada, mas falsa comunicação com os espíritos. Digno de nota e curioso é o caso que refere para ilustrar o que expõe no seu artigo. Trata-se de uma célebre «médium» de uma cidade do Oeste. Estava ela numa

das suas pretendidas comunicações com os espíritos, quando, de repente, interrompeu sua comunicação e exclamou muito ancha: «Estou vendo um homem que acaba de ser assassinado!»

No mesmo instante entrou a descrever minuciosamente todos os pormenores do assassino, o nome da cidade e do homem morto, o número exato da casa em que se cometera o crime pouquíssimos minutos antes de ela receber dos espíritos (?) a notícia de quanto havia ocorrido. Quando os periódicos referiram o fato criminoso, verificou-se que a «médium» havia sido exatíssima, e, graças a isto, a mulherzinha tornou-se celebérrima em todo o país. Desde então pagavam preços fabulosos pelas suas comunicações, até que afinal foram descobertos seus ardis. Agora atendam os leitores.

«O FAMOSO SEGREDO». — O segrêdo das suas exibições espíritas era muito simples. Uma antena de rádio oculta na sola de seu sapato recebia as impressões de outra antena transmissora colocada debaixo do tapete estendido aos pés da embusteira médium; essas impressões passavam para o receptor que a «médium» trazia oculto num grande ramalhete de flores que lhe caiam sôbre os ombros. Um «repórter» havia mandado pelo rádio a notícia do crime com todos os pormenores a uma pessoa que trabalhava com a «médium» e que estava atrás do lugar da sessão. Esta colega transmitia por sua vez à «médium», por meio de um radiofone, tudo quanto lhe ia comunicando o «repórter» ou gazeteiro. O receptor oculto entre as flores emitia de tal maneira o som que, recostando a cabeça sôbre as flores, a «médium» podia ouvir tudo distintamente sem que os espectadores ouvissem coisa alguma. Tinha instituído uma verdadeira rêde de «repórteres»; tinha-os

nos postos de polícia, nas delegacias, nos hospitais, e nas redações de periódicos, e mal se acabava de cometer um crime ou de se dar um fato importante de interêsse público, de que se havia de ocupar laigamente a imprensa, comunicavam-no à «médium». Eis aqui mais uma amostra do que são essas mentirosas comunicações espiritas com as almas e os espíritos do outro mundo!»

IV. Espíritos inventivos

Nem são precisos aparelhos para espíritos finórios, basta apenas um pouco de ousadia e de invenção.

E' do Pe. Dubois a seguinte narrativa:

«Conheci aquêle médium desde o tempo de rapaz. Foi sempre estouvado, levado da breca, inimigo dos livros. Depois do colégio, não acertara com um meio de vida, valendo-se de experientes, mordedor emérito, seguindo aos boléus a rota da existência. Emprêgo não achou, fortuna não possuia. Um verdadeiro boêmio. Como não prestasse para nada, fêz-se médium. Numa sessão espirítica era o bicho. Simulava admiravelmente o transe, arrotava visões e comunicações do além, e sempre iam-lhe na onda um bando de pescácios. Um dia topei com êle, e, depois das banalidades de uso, cortei-lhe a ligeireza.

- Você, então, vê espíritos?
- Que dúvida! Vejo, pois não!
 Será mesmo certo? Insisti.
- Você desconfia de mim? perguntou encafifado.
 - E' que esta droga de espíritos me parece tão

estrambótica, que mal posso nela acreditar.

E' uma injustiça sua.

— Homem! quer saber de uma coisa? Para a gente se entender não há como palestrar diante de uma cerveja ou de um guaraná tonificante! Entremos no bar.

Amigo da pinga gratuita, aceitou sem dificuldade o convite. Sentamo-nos a uma mesa redonda, e chupitamos a bebida, que mandei repetir quantas vêzes foi preciso. Os seus modos acamaradados e o calor da loura cerveja desataram-lhe a faladeira, e daí a pouco éramos dois amigos íntimos, entre os quais não é decente haja segrêdos. Após as relutâncias de estilo, o meu ex-colega confessou o seguinte, exigindo, porém, o mais rigoroso segrêdo. Não me custou prometer a máxima discreção, e se hoje conto o caso, vai sem nomes de pessoa ou de lugar... Como você sabe, andava eu numa pindaíba onça, sem a menor esperança de cavar um vintém. Os «velhos» já não queriam saber de mais nada. Que eu fôsse trabalhar, que criasse juízo e que não mais os amolasse com pedido de bronze. Cabisbaixo, pas-sava diante da casa do Dr. X, um magistrado idoso, quando vi sairem muitas pessoas, que acabavam de assistir a uma sessão espírita. Passou-me pela cabeça uma idéia estranha. Sabia o doutor um espírita de quatro costados. No dia seguinte, apresenteime como crente e como médium. Receberam-me de braços abertos. Propus algumas experiências, pensando que, cedo ou tarde, dali havia de me cair algum grão de milho. Fizeram-me sentar numa cadeira. Antes que apagassem a luz, passei uma vista pela assistência, e, entre outros, reconheci um rapaz que acabava de enviuvar e procurava, por meio dos médiuns, entrar em palestra com a finada mulher, começou a sessão e fêz-se uma escuridão completa. A breve espaço comecei a tremer, a gesticular, a falar com voz entrecortada, e a contar entre penosos suspiros:

— Estou em Roma... num colégio grande... Vejo um quarto com quadros e objetos de piedade... Entra um padre de sobrepeliz, fixando um crucifixo que segura nas mãos... E' moço, muito moço... Chama-se... Como... Chama-se São Luis... Luis Gonzaga...

A assistência nem respirava. Parecia estar vendo o que não existia. Naturalmente descrevia eu uma imagem que possuia um meu irmão, aluno de um colégio de padres, e, como não me faltava a memória visual, era fácil reproduzir, bastante exatamente, os pormenores característicos do santo. Vendo que a bicha pegava, fui mais ousado, e comecei a dizer, arquejando:

— Vejo agora uma mulher... muito moça... bastante triste... Colocou a cabeça no ombro dêste senhor... Parece derramar pranto...

E apontei o viúvo, a quem conhecia, sem que êle me conhecesse. Prossegui imperturbável, não ligando ao sobressalto do homem.

— Deve ser irmã... ou mulher... pousa sempre o rosto no ombro esquerdo do cavalheiro... que deve sentir um pêso...

Sugestionado, o tolo do rapaz fêz sinal que sim, que notava no seu ombro como que uma pressão.... e chorou, afagando o lugar onde supunha estar o rosto de sua saudosa espôsa... e inclinava também a face pela hipotética sombra, como se quisera dar um beijo no fantasma. Era de ver o viúvo debulhado em pranto, a assistência quase que lacrimejava também. Por fim, suado, arfando, como que exausto, fingi acordar do transe, limpando com

o lenço as bagas causadas, não pelo sono mediúnico, senão pelo ambiente abafado da sala.

Ia retirar-me, quando o homem veio, todo chorão, dar-me apertado amplexo, que retribui com aparente comoção e compassividade. E, para dar-lhe uma prova de simpatia, não me separei do pobre viúvo sem filar-lhe alguns cruzeiros...

O meu ex-colega esvaziou o seu quinto copo de cerveja e enxugando o fino bigode, filosofou:

— A tolice deve pagar imposto, também, não acha? E como o govêrno não quer, improviso-me de cobrador dos tolos.

A história é autêntica. Muito erradamente andamos intitulando-a conto».

V. Espíritos exageradores

Não sòmente os espíritos sabem inventar, mas sabem, também, admiràvelmente aproveitar os menores acidentes, exagerá-los e dar-lhes uma forma que quadre com as suas idéias. Cito apenas um dos numerosos fatos por mim presenciados, reproduzindo aqui uma notícia verídica que escrevi em 1927, no Diário de Natal:

Um fenômeno espírita

E' admirável como os jornalistas, no afá de encher os jornais, e de dar notícias sensacionais, deturpam, engrossam e dramatizam certos fatos, ao ponto de publicar verdadeiros romances, fundados sôbre um «parece» ou um «consta» qualquer. E' o que acaba de acontecer em Paraíba, onde fiz umas pregações durante a semana santa.

Na conferência sôbre o espiritismo, estando

o altar principal ornado de flores e lâmpadas para o dia seguinte, domingo de páscoa, aconteceu que o vento, de encontro às esguias palmas de flores artificiais, derrubasse uma «jarra» que, naturalmente despedaçou no chão. O incidente era sem importância. A numerosa assistência olhou um instante para o vaso em pedaços, fitando de novo o conferencista, que continuou como se nada houvesse acontecido. Ninguém mais se lembrava do fato. Mas, eis que qualquer supersticioso, ou talvez espírita, sentiu os nervos abalados, e, através de sua retina embaciada, viu naquilo aparições de espíritos. No dia seguinte, um jornal de Paraíba, relatando o fato, julgava que ali podia bem haver qualquer manifestação kardecista.

Era apénas um «talvez». O jornal nada afirmara. Dias depois, o «Diário de Pernambuco» reproduzindo a notícia, ofereceu-lhe naturalmente um comentário. O «talvez» desaparecera e já era, agora, um fenômeno espírita.

Outros jornais do sul vão reproduzindo a noticia assombrosa. A jarra torna-se uma celebridade... Mas uma «jarra» é coisa tão comum: isto não impressiona bastante; então, em virtude da lei do progresso, a jarra vira «arcada», e eis que nesta hora o Brasil inteiro, e daqui em breve a Europa, ficará como atordoada pelo espantoso fenômeno espírita, de «a arcada do altar-mór da catedral de Paraíba» que desaba sob a influência de espíritos vingativos, zombeteiros, que protestam contra as revelações do pregador, que está descobrindo as burlas e as fraudes de suas pretensas aparições. A notícia é sensacional... e vai criando asas e fama...

Vejam agora o resultado. Ontem recebi de um

digno amigo desta cidade, o Sr. Desembargador Antônio Soares, o seguinte cartão, que explica a continuação do famoso fenômeno espírita:

Revmo. Pe. Júlio Maria. Ontem, falamos, em casa do Cândido, sôbre o telegrama transmitido de Paraíba para a imprensa de Recife, referindo o «singular incidente» da queda de uma das «jarras» do altar, no momento em que V. Revma., do púlpito da catedral paraibana, combatia os erros do espiritismo. Agora, leio n'«O GLOBO», do Rio, edição de 20 de abril, o telegrama infra, em o qual já vemos a «jarra» transformada em «arcada». Se a notícia fôr mais longe, à Europa, por exemplo, lá chegará, talvez, dizendo que caiu a «igreja...» Felizmente foi apenas uma jarra de flores... a causa de tanto barulho. Admirador e servo em Jesus Cristo: Antônio Soares. Natal, 1 de maio de 1927.

«Quando pregava o Pe. Júlio Maria, desprendeu-se a arcada do altar-mór da catedral, de Paraíba. Paraíba, 20 — (A.B.) — Um incidente singular comoveu profundamente os fiéis que anteontem, à noite, enchiam a catedral desta cidade, onde o orador sacro, Pe. Júlio Maria, fazia mais uma das conferências da série que está aqui realizando. Esse prelado, que faz estudos apreciáveis sôbre as manifestações espíritas, explicava ao seu numeroso auditório que os fenômenos, dados como revelações espíritas pelos crédulos do espiritismo, não passavam de burlas combinadas com maior ou menor habilidade. Na ocasião, justamente, em que o Pe. Júlio Maria afirmava que eram simples truques essas manifestações de que os partidários do espiritismo fazem apanágio, a «arcada» do altar-mór da catedral desprendeu-se de súbito, vindo despedaçar-se no chão. Entre a assistência, es-

pantada, correu um murmúrio de espanto. Mas o orador, no púlpito, continuou imperturbável, explicando a sua tese, que o povo continuou ouvindo em silêncio. Os jornais, narrando o caso, acentuam que a coincidência teve talvez para muitas pessoas uma significação maravilhosa».

Eis, pois, o fato sensacional. Êle tem uma «moral». Nesta hora, de certo, qualquer espírito sabichão, lacrimejando de sua emoção, e mal recalcando soluços de alegria que lhe sacodem o tórax, compõe qualquer folheto, ou pelo menos qualquer artigo de fundo de jornal, relatando o «sensacional fenômeno espírita», com um leve e sisudo comentário, como sabem fazê-lo os maninhos de Kardec.

Não se espantem, pois, se num dêstes dias os grandes jornais espíritas exibirem, em letras garrafais, a seguinte notícia: — «Enquanto o Pe. Júlio Maria atacava o espiritismo, na catedral de Paraíba, desabou com estrondo trovejante a capela-mor do templo católico, ameaçando ruína a catedral inteira. Não se conhece ainda o número de mortos e feridos. E diz o Pe. Júlio Maria que os espíritos so existem na mioleira nevropata dos espíritas! Que prova insofismável, inatacável, da existência dos espíritos e de seu poder sôbre os homens!»

E adiantar que êstes espíritos vingativos nem quebraram a cabeça do conferencista, que continuou imperturbável a explicação de sua tese! Eis um modêlo dos fenômenos espíritas... Há centenas dêste quilate. E dizer-se que há gente bastante tola para acreditar nisso...

VI. Espíritas farsistas

Os espíritas apreciam muito as «farsas» que para êles são fenômenos, não do outro, mas dêste mundo. E' conhecido o célebre Mirabelli, médium espírita de renome, muito experimentado em passes e curas. Há pouco tempo, a polícia de São Paulo foi informada que Mirabelli, após realizar, na residência de um espírita desta, uma pseudo-sessão de magia branca, conseguiu convencê-lo de que a sua casa era mal assombrada, sendo necessário, para quebrar o encanto, reduzir a pó todos os objetos de valor nela existentes, colocar o resíduo dentro dum vidro e enterrá-lo no quintal.

Sugestionado, o dono da casa assombrada concordou com a aplicação do esquisito remédio aconselhado, entregando a Mirabelli algumas libras esterlinas, diversas jóias, máquina fotográfica, etc. Tudo isso foi levado ao misterioso laboratóro do moderno alquimista, para a transformação preconizada.

De fato, dias depois, o «médium» entregava à vítima uma garrafa que, com seu exótico conteúdo, foi enterrada no fundo do quintal.

Parecia o caso liquidado, quando não se sabe que espírito mau começou a segredar ao dono da casa ex-assombrada que fôra vítima duma mistificação espírita.

Resolve êle, então, exumar a tal garrafa e mandar examinar o seu conteúdo por pessoa competente. Não havia ali nem sombra, nem cheiro sequer, de ouro, prata ou pedras preciosas.

Epílogo: Uma queixa à policia contra o Mirabelli e o seu secretário, e a desilusão de muitos crentes quanto aos decantados dotes do pontifice máximo

do espiritismo nacional.

Alguns mêses atrás, passou Mirabelli uma temporada em Pôrto Alegre, saindo de lá depois que os jornais contaram o seguinte passe: «Esteve êle almoçando em casa de uma família e, quando todos sé levantaram e sairam da mesa, êle ficou ainda um pouco; logo depois, a criada avisou à patroa: «Aquêle homem roubou o cinzeiro de cima da mesa».

Três dias depois, Mirabelli almoçou em outra casa. A certa hora levantou-se e foi à privada, que por uma porta comunicava com o quarto do genro e da filha da casa. Quando voltou, disse: «Acabo de fazer um dos meus passes, fiz voar da casa de fulano para cá um cinzeiro; mas, para não espantar às senhoras, não o fiz vir aqui em cima da mesa, porém em cima do leito dêste jovem casal. Verifiquem e telefonem à casa do Sr. Fulano, se não falta alguma coisa na sua mesa de jantar. Verificaram no quarto e telefonaram, sendo a resposta: «Sim, falta um cinzeiro que o Sr. Mirabelli levou há três dias, quando aqui almoçou».

Pode-se imaginar como ficou o Mirabelli, ainda mais quando o fato se tornou público. Imediatamente êle criou asas e veio para o Rio e São Paulo. Talvez volte agora para Pôrto Alegre, se a policia não o segurar um pouco.

São belezas do alto espiritismo, porque os Mirabellis e os Mozarts, já se vê, não tratam de espiritismo baixo.

VII. Outros fatos ainda

Mons. Ricardo Liberalli escreve na «Estrêla do Sul»: — «Há um provérbio italiano que diz: — «O demônio faz a panela mas não a tampa». Apesar de tôdas as aparências, o diabo, no espiritismo, nunca poderá ocultar o rabo de todo. Em primeiro lugar, porque como religião cristã se apresentou tarde (1858) e, em segundo lugar, porque nos próprios fatos espíritas se denota, por vêzes, a impostura diabólica. Sem falarmos dos casos de Felício dos Santos e outros já divulgados, queremos referir apenas alguns acontecidos aqui, em Uruguaiana, com pessoas sobejamente conhecidas, que fizeram abandonar o espiritismo a bom número delas.

Primeiro caso: — Era no tempo do famoso médium Prof. Cabral. Havia uma mulher turca, cujo nome poderia declinar, que perdera a mãe. Era pagã e espírita. Mais do que depressa, foi à sessão.

— Seu Cabral, posso falar com minha mãe recém-desencarnada?

- Sem demora.

Daí a pouco a defunta começou a falar, mas em português (stupete gentes!)

- Mas, seu Cabral, como é isto?

Minha mãe nunca saiu da Turquia. Como é que ela só me responde em português, e sem nexo? O espiritista atrapalhou-se. Mas dominou-se e, num caradurismo cínico, respondeu com calma aparente:

— Minha senhora, no outro mundo a língua

oficial é o português.

Mas não explicou quem é que lhe ensinara isso do além, e tão rapidamente, e nem porque é que respondia sem nexo.

Segundo caso: — Este é ainda mais importante. Partindo daqui o General Flores da Cunha para a revolução, com êle seguiu também um certo senhor de nome W. M. Terminada a revolução, como êle não voltasse, foi suposto morto em algum combate.

E eis que, na sessão do senhor Montanha, que está aí são e salvo, dando passes e sessões aos «trouxas», o espírito de W. M. toma conta da filha do meu amigo Juca Helena, agora casado, e o suposto espírito falava: «General Flores, adiante, que a vitória será sua! Eu tombei, mas tu vencerás, etc. etc.» Dias depois, voltava êle são e salvo. E hoje está empregado na frente única local. Tenho testemunhas dêsse fato.

Terceiro caso: — Entra pela sessão um irmão de uma pessoa amiga e pede avisar a sua mãe de que êle se desencarnara naquela noite no Rosário, onde estava servindo. E a mãe chorava... E tôda a família em desespêro. Pouco depois chega uma carta. Não havia novidade e prometia visita o suposto morto! Oito dias depois, estava o filho nos braços maternos!

Quarto caso: — A. F., morador de Camoati, tinha um irmão gravemente enfêrmo. Um espirita lhe afirma que não se trata de coisa séria, e que o espiritismo o curaria com tôda a facilidade. Pagou mil cruzeiros e pouco depois morreu o irmão, apesar dos «cruentos» espíritas.

Quinto caso: — A repetição do mesmo caso com a filhinha de A. F.

Sexto caso: — A. da F. tinha um filho espírita. Adoeceu. Encheu-se a casa de médiuns. O filho não tinha nada. O velho sempre insistindo em chamar o médico, mas êles garantindo a cura, deram com o rapaz na cova, em curto espaço de tempo. E haveria mais casos espíritas a sindicar e positivar, como loucura de diversas pessoas, etc. Mas é suficiente o que aí está, para se ver que uma obra de Deus não se pode basear em imposturas semelhantes, como o espiritismo pretende, e nem pode produzir frutos tão maus.

«Pelos os frutos os conhecereis», disse Jesus. Só se deixará enganar quem quiser. A realidade espírita, apesar de todos os protestos, é essa que aí está. E' uma maçã com aparência saborosa. Vai-se comer e tem o amargor das cinzas do inferno.

VIII. Espíritos fotógrafos

Um redator do «Sunday Dispatch» acaba de fazer a revelação de que apanhou em fraude o médium muito conhecido nos meios espíritas de Londres, John Meyers.

O jornalista tinha desafiado o médium a fazer aparecer em fotografias tiradas durante uma sessão de hipnotismo, fenômenos de outro mundo, que o último pretendia poder evocar. O médium aceitou o repto e, na presença de dois peritos de fotografia, deixou-se fotografar com chapas compradas pelo redator do «Sunday Dispatch».

Ao serem ampliadas, verificou-se nitidamente nos negativos, por cima da cabeça de Meyers, uma gase branca, em que apareciam duas figuras pintadas com as características principais de dois indivíduos descritos pelo médium durante o sono hipnótico.

Infelizmente, o jornalista descobriu ainda que as chapas impressionadas e reveladas não eram as que êle tinha comprado e dissimuladamente marcado num canto; tinham sido substituídas pelo médium por outras já prèviamente preparadas.

O mistificador fêz uma confissão completa, causando a mais viva sensação nos numerosos centros espíritas da capital inglêsa — N. (Do «Diário de Notícias», Lisboa, 17-10-1932).

IX. Espíritos poetas

A propaganda espírita, que há tanto tempo vem procurando enfraquecer e devastar o espírito católico reinante entre o nosso povo, procura, agora, incutir no ânimo das pessoas menos avisadas uma das maiores invenções de que é capaz. Referimo-nos a um dos últimos livros que a Federação Espírita do Rio acaba de publicar: — «Parnaso de Além-Túmulo», poesias mediúnicas e psicografadas, etc. E' uma coleção de poesias que não se encontram nas obras de seus supostos autores, que o espiritismo procura espalhar como sendo dêles. Figuram nelas nomes respeitados e afamados, como Guerra Junqueiro, Castro Alves, Augusto dos Anjos, D. Pedro II e outros.

Muitas pessoas se deixarão enganar, talvez, ao reconhecer nessas poesias uma notável semelhança com o estilo dos poetas a que são atribuídas. Uma pessoa ilustrada, sensata e ladina certamente recusará aceitá-las como «revelações de espíritos», mas reconhecerá nelas pastichos disfarçados pela hipocrisia espírita.

O Dogma e a verdade católica repele, repudia, abomina e condena essas fanfarronices espíritas. Nota-se uma certa semelhança no estilo dessas poesias com o dos poetas a que são mentirosamente atribuídas. Não há dúvida, porém, que sejam obra de algum espertalhão, que hàbilmente imitou o estilo dêsses poetas, com o fim de embolsar dinheiro e propagar a pestilenta morféia do «espiritismo». E' o auge da propaganda espírita.

A verdade chicoteia na cara essas doutrinas disparatadas de «revelações» e «metempsicoses» que Kardec pregou a êsses ignorantes presumidos que se dizem espíritas. Basta uma leitura atenta dêsses versos para se descobrir nêles a hipocrisia dêsses propagandistas do êrro e da mentira.

O ANJO EXTERMINADOR se transfigura agora em ANJO DE LUZ, e aparece com pastichos disfarçados, apresentando-os como «revelações de espíritos». Não passa de um embuste.

Afirma o literato francês Antônio Albalat que escritores mediocres conseguem realizar excelentes pastichos, quase todos, porém, frios, porque — continua êle — «não se pode copiar a alma de um autor». «Os pastichos são quase sempre frios, seja qual fôr a ilusão que a forma der; falta o brilho interior, falta a inspiração pessoal e escorrega-se logo».

Bayle, outro grande literato francês, escreveu:
— «Para fazer a contrafação de modo sensível do estilo de um poeta, prendem-nos com traços característicos, exageram e procedem como caricaturistas, que chegam pelo meio fácil do esbôço a uma semelhança admirável, mas sem graça».

Observa-se justamente nessas poesias uma certa frieza de estilo e um certo disfarce do entusiasmo peculiar a cada poeta.

A habilidade foi muita, mas o disfarce foi maior. Assim, Guerra Junqueiro é nessas poesias o panteísta de sempre; Castro Alves tem os mesmos vôos épicos; Augusto dos Anjos, o mesmo pessimista, com versos inçados de têrmos peculiares à medicina. Também os versos de D. Pedro II traduzem as suas saudades do Brasil, etc.

— Não é difícil copiar o estilo e as maneiras de um autor, como nos assegura o ilustre literato francês: «Escritores vulgares e incapazes de estilo pessoal conseguem imitar admiràvelmente o estilo

de outrem. O pasticho é, efetivamente, um dom que todos podem ter». E' impossível que algum espiritista não possua êsse dom.

Não se pode duvidar que essas poesias foram imitadas por algum espiritista e não «reveladas» por algum «espírito», porque o dogma católico não o tolera.

O espiritismo há de despir-se do seu gibão de hipocrisia. Quem conhece o «Caldo Berde» do conhecidissimo Aporelli, vê como mui hàbilmente conseguiu êste autor imitar o estilo dos poetas que êle parodia.

«Le Suire, escreveu o citado Albalat, publicara um romance prefaciado por uma carta de J. J. Rousseau. A carta teve êxito enorme; estava tão bem imitada, que Roussseau, ao lê-la, ficou confundido, ao reconhecer o seu próprio espírito, suas idéias e até o seu estilo. Chegou a perguntar a si próprio se não teria escrito aquela carta».

Diante do testemunho dêsses abalizados literatos francêses, vê-se que não é difícil imitar com certa perfeição o estilo de um autor, donde se deve concluir que não sendo essas poesias «reveladas por supostos espíritos», e nem inéditas — são obras da habilidade espírita, pasticho e nada mais. O «espiritismo», que já é um ridículo absurdo perante a teologia, a filosofia, a ciência, a moral, a sociedade e as desleixadas leis que regem o nosso pais — é também um absurdo perante a literatura, e só terá foros de nobreza nos pandemônios onde ela falta.

X. Você é médium, menino...

Eis o que a êste respeito conta de si mesmo um poeta, quando menino. E' a aplicação prática

do que acabo de dizer acima. Este poeta escreveu em «O LUTADOR» de 1938:

«Eu era um rapazola ainda. Tinha o coração na cabeça e a alma nas estrêlas. Fabricava sonetos a torto e a direito. Diluviava estrofes de todo o jeito. Assim, de dia e de noite, acordado ou dormindo. Os meus cadernos de álgebra continham polinômios de versificação e problemas de rimas difíceis. Embebido de romantismo, encharcado de lirismo, lá ia eu cantarolar aos ouvidos pacientes dos colegas a sonoridade do meu estro ainda em embrião. Mas, antes de estender-me em pormenores, quero descambar logo para o fio do caso verídico que aqui deixo narrado, a fim de tapar de uma vez o vezeiro das maluquices espíritas. Havia naquela terra um professor muito meu amigo. Um bom homem, mas desorientado pela fluidomania dos espíritas manifluídicos. Certa vez, o homenzinho me fêz ver que o autor de meus versos não era eu... Espanto de minha parte e argumento da parte dêle:

— Sim, meu amiguinho, êstes versos não são

seus... você é apenas médium.

— Médium? Que quer dizer isso? Que história é essa? — vociferei embasbacado com a droga nova.

— Médium, meu irmão, é aquêle que recebe do alto as comunicações dos espíritos que divagam

no espaço!

Parecia até uma solução de astronomia! Quase fiquei maluco ante tanta novidade! No dia seguinte, ao se me deparar a figura espirítica do professor, fui atacado com esta: — O poeta de quem você recebe estas comunicações é... Castro Alves!... Pode estar certo; você é médium, menino... Baba!... A coisa era grande!... Castro Alves!...

O gênio da poesia social, o maior autor épico bra-

sileiro!... E êle (pobre doido que não conhecia a cara do defunto) começou a descrever-me o semblante do bardo que havia surgido na sessão da véspera: — Barbado, longa cabeleira, macilento, esguio, etc. ...

Opa!... Castro Alves!... Barbado!... O vate baiano, se tinha barba, era na cabeça... mas passemos adiante. Um dia foi Casemiro de Abreu. Já era demais! Nada então saía da minha autoria! Pelo menos, se médium eu duvidasse ser, médio eu era sem dúvida... médio na estatura, médio na instrução, médio no ideal, etc.

O' espiritismo de macaqueira enjoadíssima!... Se alguém diz meia dúzia de estrofes retumbantes como bombo furado... é Castro Alves, Gonçalves Dias, Vítor Hugo. Se outro sapeca uma oratória de rodeios pernósticos é Rui Barbosa em carne e osso! Se um outro bate mimosamente as teclas de um piano desafinado é Mozart, é Beethoven, é o maestro Pipa Roxo do Pau Dalho... A farsa é sempre a mesma.

O cenário não muda. E o autor não sabe o

que fazer com o: «Você é médium, menino!...
O' bom professor! Só hoje é que, rememorando êsses fatos, tenho vontade de gritar: — Quer poesia de Casemiro? Quer de Castro Alves? — lá vai a imitação... e lá vai a cópia do estilo, a capa da psicografia espritica. Quanta maluquice em tais idéias!... Hoje estou convencido de que sou eu quem escreve minhas poesias. Não me é preciso o auxílio de defuntos. Pobres espíritas, que andam a enganar tanta gente, expressando com inocência de pantera a célebre frase de todos os dias: - «Você é médium, menino...»

XI. Conclusão

Há muita gente, até mesmo gente boa, qúe faz distinção entre o alto e o baixo espiritismo. Dizem que há o espiritismo da massa ignorante e estúpida e o espiritismo de pessoas cultas e sensatas. Quando aparece um crime praticado sob a influência da nefasta doutrina, diz-se que é baixo espiritismo.

O alto espiritismo, dizem, é caritativo e huma-

nitário; é uma filosofia e uma ciência.

Puro engano. Basta saber que a tal doutrina é a mesma e produz os mesmos efeitos e consequências desastrosas. Não é porque ela se pratica nas baixas camadas sociais que se lhe deve chamar baixo espiritismo.

Acontece, porém, que os maiores efeitos, entre a gente simples, menos apta a reagir contra a nefasta influência dos pseudo-princípios morais da seita, são mais acentuados.

Não há baixo nem alto espiritismo. Há, apenas, espiritismo ruim, contra o qual todo individuo equilibrado deve mover campanha. Todo espiritismo é uma coisa só. Todo êle está condenado pelo próprio Deus e proibido pela Santa Igreja.

CAPITULO XVII

NOVAS EXPERIÊNCIAS

O leitor deve notar que as experiências descritas no capítulo precedente são provas decisivas, irrefutáveis, da falsidade do espiritismo.

Não são simplesmente suposições, são fatos, e os fatos são elementos seguros que desmoronam o castelo hipotético, edificado pelos espíritas.

A minha intenção não é de explicar «como é» que se dão êsses fenômenos; sigo apenas a opinião que parece ser mais provável que dá, de modo mais satisfatório, a chave das experiências.

O que é certo — e é isso o que pretendo provar — é que nem os espíritos, nem os demônios são seus agentes, e que, portanto, nem a hipótese espírita, nem a diabólica, explicam tais fenômenos, nem podem ser os agentes dos mesmos, embora tenhamos de deixar sempre um lugar para o demônio que, às vêzes, pode intervir e intervém, de fato.

Adoto a «telepatia», ou transmissão de pensamento através do espaço, que outros chamam fluido vital, como sendo a opinião mais fundada e mais satisfatória para a explicação de muitos fenômenos.

Continuemos a nossa exploração através das experiências psíquicas.

I. Perguntas secretas

Esta experiência consiste em fazer uma série

de perguntas escritas, pondo-as num envelope e levando-as à sessão. O médium é capaz de descobrir o envelope e de ler o conteúdo; o que muito impressiona os assistentes. Em vez de fazer por si mesmo as perguntas, pede a um amigo de formular e escrevê-las, levando-as depois, em envelope fechado, à sessão, sem ter conhecimento delas. O médium será capaz de descobrir o envelope, porém nada poderá dizer do seu conteúdo.

Conclusão: — Não pode ser o demônio, porque êle poderia ler as perguntas do amigo como pode ler as do experimentador. No primeiro caso, o experimentador transmite os seus pensamentos, pela telepatia, e permite ao médium receber as notícias; o que não acontece no segundo caso, pelo fato de o experimentador ignorar o conteúdo do envelepe.

II. Transporte de objetos

E' mais uma experiência interessante. O médium transporta de repente um objeto de um a outro lado da sala; porém isso é sòmente possível, na completa escuridão... Estes espíritos carregadores receiam muito a luz. Quando o salão fica iluminado, o transporte já está feito.

Conclusão: — Aqui não precisamos nem de demônio, nem de telepatia; basta um bom e fiel cúmplice que se encarregue caridosamente ou, melhor, astutamente, do transporte ou da substituição em outra parte, do objeto. O agente aqui é um diabo em pele e osso humano.

III. Levitação

A levitação consiste em levar objetos até cer-

ta altura, sem contato das mãos. Os médiuns mais adiantados, como Home, chegam até a levitar o próprio corpo; experiência reproduzida, com completo exito pelo Padre Herédia. Quanto à levitação de objetos, só pode ser feita, sendo êstes objetos de madeira.

Conclusão: — No primeiro caso não passa de fluido vital, como nas mesas girantes ou falantes; no segundo caso, é uma simples ilusão de ótica, bem preparada por meio de espelhos.

IV. Materializações

A materialização consiste em fazer aparecer espíritos de defuntos, com formas materiais, podendo ser vistos, ouvidos e apalpados e até fotografados. E' um progresso para tais espíritos... ou melhor, um regresso; pois, estando desencarnados, voltam a tornar-se materiais... senão de carne ossos... pelo menos de gaze e panos brancos. E' a maior e a mais estupenda das fraudes, realizada pelos espíritas... e o que é mais estupendo ainda, é que tal palhaçada grotesca tenha sido tomada a sério e acreditada por homens que se dizem cientistas. Podemos dizer logo que, em todos os casos de materializações, preside a fraude, e não há um único caso cientificamente provado. Tôdas as experiências científicas têm sido negativas. O primeiro que estudou tais fenômenos e nêles acreditou foi o barão alemão von Schrenck-Notzing, que compilou um grande volume ilustrado, com as materia-lizações da famosa Eva Carrière. Porém, êste trabalho é de uma ingenuidade, de uma tolice de crianca, que se deixa iludir de todos os lados...

As próprias fotografias de tais materializações apresentam claramente os sinais das fraudes e dos truques empregados.

E' simplesmente gase... com que a tal Eva se envolvia, e que enrolava, ora num dedo ôco, ora num pente ôco, escondendo outro material necessário, no próprio corpo.

Entretanto, há escritores e professores que citam von Notzing como uma autoridade. E' o caso de se repetir a palavra da Sagrada Escritura: «Um tolo acha sempre outro mais tolo para acreditá-lo». William Crookes fêz célebre experiência de materialização com a médium Florence Cook, ficando inteiramente convencido da realidade de Katie King, fantasma materializado, que se manifestou durante quatro mêses. Antes disso, fizera êle experiências de psiguismo em Kattie Fox e Douglas Home. Pois bem, além das circunstâncias suspeitíssimas, em que se realizaram as experiências, todos êsses médiuns foram réus de fraude, tendo sido Florence Cook apanhada em flagrante, em uma experiência de materialização realizada em Londres, no dia 9 de janeiro de 1880.

Talvez, por isso, W. Crookes perdeu o entusiasmo pelas suas pesquisas, emudeceu durante 18 anos, e só falou sôbre o assunto em 1898, para dizer que, «se devesse apresentar pela primeira vez essas questões ao mundo científico, escolheria um ponto de partida diferente do antigo». Isto é, a telepatia.

V. Levitação do próprio corpo

Eis uma experiência senão séria, pelo menos imponente e capaz de iludir muitos incautos.

A levitação de um corpo humano pela mão dos

espíritos era uma das famosas maravilhas ou fenômenos exibidos pelo célebre médium Home. Levitava êste o seu próprio corpo, elevando-se do solo, até uns dois metros de altura, depois descendo até pôr-se de novo em pé.

A' primeira vista parece um fato estupendo; e o seria, sem dúvida, se não fôsse um fato comple-

tamente natural ou o produto da fraude.

O Padre Herédia é um artista em tais experiências, e sem ser espírita, sem acreditar em espiritismo, êle levita o próprio corpo. O corpo do Padre, diz uma Revista Americana, apenas visível nas sombras do fundo do palco, viu-se erguer, tomar uma posição horizontal, descansar ali por um certo espaço de tempo, e, pouco a pouco, voltar ao soalho (em posição ereta). Foram necessários os socorros de dois médicos, para fazer voltar o exibidor à sua condição normal.

No fim de sua experiência, o Pe. Herédia convidou todos os membros do auditório, que quisessem, a subir ao palco e examinar se acaso havia ali sinais de aparelhos. Alguns aproveitaram o convite e declararam que as suas pesquisas haviam sido infrutiferas.

Ao ler esta narração, qual o incrédulo que não se dará por convencido do poder dos espíritos? O Padre Herédia, entretanto, fica rindo e declara que tudo isso não passa de uma grosseira fraude.

O Padre Herédia não revelou o seu segrêdo, para não tirar o pão dos prestidigitadores, que reproduzem êstes fenômenos; entretanto, é fácil concluir que aqui se trata unicamente de um simples jôgo de espelhos na escuridão ou ainda de um manequim de borracha, que se eleva e abaixa à vontade, por meio de uns pequenos cordões.

Tudo isso é maravilhoso para a credulidade dos ingênuos e não passa de uma grotesca palhaçada para quem conhece os truques.

VI. Música dos espíritos

Os espíritos tocam também música... e talvez dançam... Por que não? Em voltarem para fazer pagodes neste mundo, não vejo por que não se entregariam a êste divertimento moderno.

O certo é — dizem os espíritas — que os esritos sabem tocar sanfona. Foi uma das experiências de William Crookes com o médium Home: E o bom do químico Crookes acreditou no fato com uma ingenuidade de criança.

A «sanfona» está segura numa das mãos pelo lado sem teclas, e o outro lado pende, sem ninguém lhe tocar, para o soalho, de modo que a manipulação pelo médium é impossível. Uma rêde de arame é colocada em volta da sanfona suspensa, de maneira que nenhuma mão pode alcançar o outro lado, a fim de mover o instrumento. Não há, pois, possibilidade de fazer entrar nela o ar necessário à produção do som, ou fazer pressão nas teclas, a fim de dar notas.

Não obstante isso, após alguns minutos, ouvese tocar qualquer peça que se pede ao espírito. Esta mágica produz efeito extraordinário nos assistentes.

Eis um dos melhores fenômenos espíritas, que não deixa dúvida na mente dos assistentes, e to-dos acreditam que apareceu, devéras, um espírito músico do além, para tocar a sanfona. E tudo isso não passa de uma estupenda burla e uma das mais grotescas.

Demos a palavra ao célebre Pe. Herédia, para ouvir como é que êle reproduz êste fenômeno: —

«Eu faço a mesma experiência, diz êle, nas minhas conferências. Depois de uns poucos minutos de espera, faço sinal a um amigo que está atrás de uma cortina e êle toca uma peça noutra sanfona. Como está invisível e não se atina com a origem do som, sobretudo quando a atenção está dirigida para o instrumento visível, o efeito é tanto mais convincente quanto mais simples é a trapaça. Algumas vêzes, o meu amigo, absorto na sua peça, não ouve o sinal de parar e continua a tocar, quando a sanfona já não está suspensa».

O efeito dêste pequeno descuido é até mais extraordinário nos espectadores como o foi em William Crookes... E' para rir. E, entretanto, há gente

séria que acredita nisso.

VII. Aparições de espíritos

Tocar música é já uma coisa que prova a existência dos espíritos — dizem os espíritas — porém há melhor ainda: os espíritos aparecem, não visivelmente, mas pela sua ação direta.

E' uma maravilha espírita! O médium está sòlidamente atado com cordas. Verificam-se cordas e nós. O homem ou mulher está seguro... apagam-se as luzes, pois os espíritos têm mêdo da luz como o macaco do fogo. De repente, certos objetos são atirados pela sala no escuro, alguns espectadores sentem mãos roçar-lhes pelas faces ou beliscá-los, etc.

Quando se acendem as luzes, a sala está em desordem. Confetis foram despejados, nalguns casos, sôbre os espectadores e os móveis; encontramse os objetos fora do seu lugar, chapéus e paletós em desordem, e outras atrapalhadas semelhantes

que provam uma intervenção estranha.

Evidentemente não foi o médium que arranjou isso tudo, pois que as suas mãos estão fortemente atadas (vêde o número X dêste capítulo: — «casos reais»).

Quem foi? Os espíritas dizem ser os espíritos. A resposta é falsa. No escuro, qualquer um dos espectadores, de combinação com o médium, pode ser o causador de tudo.

Mas o médium nem precisa de cúmplice. Existe um meio de desembaraçar as mãos das ligaduras e de as recolher nelas, quase instantâneamente.

Enquanto reina a escuridão, as mãos do mé-

dium estão livres. A tramóia é muito simples.

Lembro êstes casos de trapaça, diz ainda o Padre Herédia, porque são citados por católicos que combatem o espiritismo, com exemplos de «fenômenos reais». Fàcilmente imaginaremos daí que espécie de prova bastará para convencer um homem fanático pelo espiritismo.

Há milhares de casos dos chamados «fenômenos espíritas», que correm mundo como genuínos, e são apenas simples produtos da trapaça e fraude.

VIII. Leitura de cartas fechadas

Mais um outro milagre dos espíritas. Escrevese uma carta ou apresenta-se outro qualquer escrito fechado e selado; o médium, sem abrir o envelope, é capaz de ler o conteúdo.

Só mesmo sendo espírito... e aqui é mesmo pelo «espírito» que se opera um tal milagre... não espírito desencarnado, mas sim o «espírito» da cana.

Há diversos modos de produzir êste fenômeno, conforme as circunstâncias. No seu livro, de apren-

dizagem de Médium (Behind the Scenes with the Medium), David Abbot escreve: «Estando o envelope selado e subscrito, use-se álcool colonial que é um álcool inodoro fabricado nesta terra.

Passando-se sôbre um pedaço de papel uma esponja dêle, o papel torna-se imediatamente transparente e logo que é molhado, e qualquer escrito dêle pode ser fàcilmente lido. Em poucos minutos o álcool evapora-se e a transparência do papel desaparece».

O autor prossegue descrevendo, pormenorizadamente, a maneira por que êle, hàbilmente, execu-

tava a mágica.

Explica também o modo por que outros escritos secretos são lidos por um médium, e descreve por extenso os vários processos de mensagens por ardósias, a sua leitura e a resposta.

IX. Fotografias de espíritos

Mais uma experiência espírita: a das fotografias de espíritos, que os sectários citam como prova irrefutável das aparições.

Não é prova senão da fraude que prende a tôdas estas experiências... Fraude, sempre fraude, trapaça e mais trapaça, é quase a única prova que aí encontra o olhar sincero e leal do observador. As fotografias dos espíritos, consideradas brinquedos de criança.

O espírita Schrenck-Notzing, médico de Munique, reproduz em seu livro grande número de fotografias de materializações, porém, na maior parte, pode até o olhar mais inexperiente descobrir a fraude.

Em quase tôdas as fotografias de espíritos, um estudante de ciência pode descobrir nas formas mais

obvias do engano, desde as duplas exposições, figuladores de chapas, até aos simples sistemas com ras superpostas e outros expedientes dos manipuque os médiuns enganam os fotógrafos. No último caso, é muitas vêzes custoso de acreditar que o investigador não esteja de combinação com o médium para enganar os assistentes.

Há poucos anos, apareceu em Belém do Pará, a fotografia de um tal desencarnado, chamado João. Os espíritas aplaudiram-no. Era um verdadeiro espírito materializado... em pé, de olhar espirítico, uma mão sôbre o peito e a outra apoiada sôbre o encôsto de uma cadeira. Parece que o espírito sentiu-se de pernas fracas.

O Revmo. Padre Dubois, Barnabita, grande batalhador contra espíritas e protestantes, encarregouse de desmascarar o falso espírito; e por meio de lente, descobriu tôda a composição (êles dizem materialização) do manequim. Não passava de uma cara pintada, roupagem do dono da casa; e, para poder ficar em pé, estava com a mão amarrada ao encôsto da cadeira... O cordel que o segurava ficou perfeitamente visível. E assim são quase tôdas as famosas aparições espíritas!

* * *

- Terminemos aqui o estudo das experiências psíquicas, naturais e fraudulentas do espiritismo.

O leitor deve já estar convencido, pelo exame imparcial e irrefutável de tais fenômenos, que «quase tudo» tem a sua explicação natural ou fraudulenta. O mangnetismo, a sugestão e a telepatia têm os seus fenômenos próprios, que se podem chamar científicos; quanto ao resto — PODE HAVER

به وداوان

raríssima intervenção diabólica — tudo o mais é fraude, trapaça, burla, palhaçada.

E' a única conclusão que um homem sério e refletido pode tirar das premissas que acabamos de estudar.

X. Casos reais de fraudes

Para elucidação do que precede, citemos uns casos reais destas fraudes, descobertos por pessoas sérias e de responsabilidade.

Escreve o ilustre Dr. Everardo Backheuser: — «Outro caso espírita digno de uma narrativa é o do médium José, do Rio de Janeiro. Ésse conceituado cavalheiro era modesto chaufeur de praça quando lhe descobriram ou êle se descobriu qualidades mediúnicas. Com isso teve um grande renome nos meios espíritas cariocas. E as materializações que realizava eram de «assombrar». Por intermédio dêle os espíritos compareciam com regularidade num sobradinho da Rua do Mercado para modelar em cêra mãos etéreas, e outras coisas tais. Logo que soube disto, quis também ser dos venturosos a assistir a essa fenomenologia extraordinária.

O guia relutou bastante. Afinal, um dia abriu-me a porta da jaula. Posso dizer da jaula, porque o local da sessão onde se «manifestavam» os espíritos através do médium José era, para «maior garantia científica», cercado de robustos varões de ferro, e José, metido lá dentro, amarrado numa poltrona por meio de uma forte correia que, por excesso de segurança, era ligada por arames selados com essas rodelas de chumbo usadas nas malas postais. José chegara, em sessões anteriores, a um prodígio que maravilhara a assistência e que me contaram: Par-

tira espiritualizado através dos espaços do Rio para Londres, entrara na redação do «Times», tirara um exemplar recém-saído das rotativas, imediatamente voltara outra vez ao Rio através dos espaços, se reencarnara de novo e exibira «The Times» à assistência boquiaberta. Assombroso! Apenas, em um acidente de viagem conforme declara o «guia», o espírito atravessara uma região atmosférica de trovoadas e coriscos e o exemplar do «Times» se quei-mara em partes... E em que parte? exatamente (ó infelicidade!) na parte em que estava a data. Mostraram-me o «Time» transportado, e eu, sem muito sherlockismo, pude verificar que o «TIMES» trazido das oficinas londrinas era um dêstes modestíssimos Weekly «Times» que todos os gazeteiros cariocas vendem. Apenas... a data havia desaparecido. O «guia» não permitiu que fôsse o exemplar queimado confiado a mim para confrontar o que sobrara do incêndio com a coleção de «Times» existente na Biblioteca Inglesa do Rio. Era tão simples, mas... o «guia» não quis. No dia em que assisti à «sessão» do Centro da rua do Mercado havia uma assembléia de escól. Estava o dr. Américo Werneck, Coelho Neto e Senhora, o Prof. Oiticica, o meu amigo Ferdinando Laboriau, e muitas outras pessoas ilustres, cujos nomes seria longo enumerar.

Os espíritos nesse dia tiveram «manifestações» esplêndidas. Amarrado José na sua poltrona e feita absoluta escuridão (êsse médium só agia em tais condições) começaram os objetos a se mexer. Um relógio de rádio que estava sôbre uma mesa «levantou-se sozinho»; e uma moringa «sozinha» derramou água em um copo conforme ouvimos na escuridão; era água legítima, fresquinha, que um braço

etéreo me deu a beber a mim em pessoa, em uma amabilidade cativante porque, metido naquele forno, eu ardia de sêde; distribuiu pela assistência flores tirada de um vaso muito afastado do lugar onde estava a poltrona; e realizou a grave experiência da noite: ir a um cômodo vizinho cuja porta estava lacrada e de lá trazer um certo objeto. Era menos que «The Times» transportado de Londres, mas a mim já me bastaria isto. Tudo foi feito a contento. Apenas (há sempre um «apenas» para perturbar os médiuns) o vento que o espírito fizera ao atravessar a porta, como esclareceu o guia, dilacerara o lacre. Que pena! Que vendaval violento!

Finda a sessão, não foi difícil a mim, e a Laboriau também, descobrirmos o «truque» da amar-ração na cadeira. Para sair dela e se mover livremente, apanhando o relógio, derramando água da moringa, retirando as flores do vaso distante, bastaria que o paletó usado pelo médium fôsse bastante folgado. Graças a isto êle podia fazer, em mangas de camisa, o que os espíritos fizeram. Desafiaram-me, a mim, a reproduzir a experiência. Está bem visto que, devido ao corpo, claudiquei. Mas Laboriau, esguio e ágil, com o volume igual ao de José, realizou em poucos segundos a grande habilidade de entrar e sair de dentro do paletó de José. Essa descoberta me valeu uma zanga com o presidente dêsse centro espírita, cego de confiança no José. E' bem de ver, porém, que daí por diante os «guias» se mostravam assaz violentos para comigo. Nunca mais as portas das sessões espíritas se abriram para mim!»

XI. O «espírito» de fios de lã

Perante o tribunal de Edimburgo, na Inglaterra, compareceu há poucas semanas a conhecida médium Vitória Mac Farlane, acusada de fraude. A testemunha principal era a senhora Esse Maule, que declarou conhecer Vitória há bastante tempo como médium e ter-lhe pedido que fizesse aparecer a menina Peggy. Estavam presentes quatro homens e senhoras.

«O quarto estava escuro, diz a testemunha, e nós nos demos as mãos. De repente apareceu no quarto uma sombra branca e uma voz disse: eu sou Peggy. Eu lhe disse que chegasse mais perto, e ela foi chegando. Quando estava perto, peguei depressa e senti entre meus dedos um tecido de lã; portanto um espírito de novelo de lã. Neste momento o «espírito» foi puchado com fôrça, mas eu o segurei até o tecido rasgar. Eu gritei: a senhora está desmascarada. No mesmo momento foi ligada a luz e vimos ainda como a médium fêz desaparecer um vestido bordado».

O tribunal condenou a médium a uma multa avultada por crime de fraude, porque cobrara de cada um dos presentes uma libra pela «materialização».

E tôda a Inglaterra comentou a descoberta de mais êste embuste espírita.

XII. Conclusão

Terminemos pela citação de uma passagem interessante de um ex-médium, Houdini, revelandonos truques grotescos da aparição de um espírito desencarnado.

Escreve: «Imaginai estar numa sessão espírita, tôdas as pessoas sentadas em um círculo, tocando

nos seus vizinhos, à direita e à esquerda, a fim de ter a certeza de que ninguém sai do círculo sem que ao menos duas pessoas saibam. S u p o n d e também que conheceis a sala, cujas portas estão fetadas a chave, que não há aberturas a não ser as janelas dessa sala do quarto andar; em suma, que não há meio algum aparente de combinação com o médium que dirige a sessão.

«Suponde também, logo que escurece a sala, o médium, naturalmente no centro, anuncia que um espírito vai entrar na sala por uma das janelas. Supondes que ouvis uma janela ser aberta, sentis a corrente de ar exterior e no momento seguinte ouvis o som de páncadas pesadas no teto. Ficáreis certamente intrigado, chegareis mesmo a convencer-vos, de fato, que o médium se comunica com o espírito dos mortos.

«Eu estive presente a uma sessão na Inglaterra há alguns anos passados, na qual um espírito se «materializou» sob as exatas condições que acabo de citar. Entretanto, eu não me deixaria lograr. Não teria a menor dúvida de que o médium que presidia a sessão, embora pudesse ser uma pessoa respeitável em outros sentidos, como médium era um embusteiro, tão pouco capaz de se comunicar com os espíritos, como de mudar a côr dos própios olhos. Porque o médium fui eu mesmo.

«Eu dei a sessão para o bem de um grupo de amigos inglêses, para demonstrar-lhes que os fenômenos físicos que os médiuns usam, para convencer os parvos de seu poder sobrenatural, são invariávelmente produzidos por artifícios que qualquer pessoa, treinada nos passes e magia, pode repetir e improvisar.

«Nunca me dei como possuidor de poderes ocul-

tos, entretanto, a metade daqueles que assistiram me aceitaram como médium autêntico, até que eu lhes explicasse, um a um, todos os passes de que me servi para lográ-los. O «espírito» que entrou na janela e andou de cabeça para baixo no teto, pesave 150 quilos, pois que consistia em dois membros de um «time» acrobático de americanos, meus companheiros.

«Quando chegou a hora de o «espírito» entrar pela janela, êstes dois rapazes escapuliram do círculo, e um dêles tirou o sapato, ao passo que o outro abriu a janela. Então fizeram o balanço de mãos dadas, ficando um por cima do outro, cabeça com cabeça; o que estava sem sapatos, andando sem ruido na sala, o outro batendo com os pés no teto, simulando o andar de uma pessoa. Depois fecharam a janela e voltaram jeitosamente a seus lugares, e quando se acendeu a luz, aquêles que não estavam no segrêdo não acharam mudança alguma na sala.

«Quanto eu saiba, esta foi a única vez que um «espírito» se materializou dêsse modo tão determinado; entretanto, centenas de médiuns fraudulentos, em todos os pontos dos Estados Unidos, usam diàriamente processos enganadores iguais, a fim de dominar as pessoas desesperadas e sofredoras que os procuram pará aconselhá-las em seus desgostos. Porque, digam o que quiserem, o embuste, os passes de magia, são o fundamento principal das sessões espiríticas».

CAPITULO XVIII

POETAS DO ALÉM-TÚMULO

Para completar e provar o que disse no capítulo XVI, sôbre a possibilidade de imitar o estilo dos outros, quero citar aqui, a êste respeito, umas migalhas de polêmica que tive últimamente com uns «espíritas psicógrafos», que pretendem ter comunicação de poetas do além.

Para provar que não era preciso os tais poetas virem a êste mundo ditar as suas pretensas elocubrações poéticas, citarei uma dúzia de imitações, feitas, não pelos desencarnados, mas por um encarnado em pele e osso, que nada tem de espírito.

Um jornaleco espírita de Entre-Rios, tendo citado umas pretensas poesias psicografadas, um religioso Sacramentino, ainda em vida, amante e praticante das musas, encarregou-se de provar em poucas horas que imitaria uma dúzia de poetas, de inspirações, idéias e estilos completamente diferentes. Encarregou-se da tarefa e a executou com exatidão.

Como amostra de curiosidade e prova da burla grotesca de tais comunicações poéticas, cito aqui uns dêstes versos, para que o leitor possa comparálos com as produções autênticas dos autores indicados.

Frei Solitário nos apresenta uma visita noturna dos poetas que vêm do além, recitar-lhe as suas produções, em protesto contra o espiritismo, produções que são obra do religioso, escritas no momento mesmo, em poucas horas de trabalho...

Imitação de doze poetas

Estava eu serenamente pensativo em minha cela, quando, quebrando a harmonia do ambiente, escutei passos estranhos e pela porta adentro surgiu um bando de fantasmas. Eram os poetas do além-túmulo que vinham junto a mim protestar contra as investidas impostoras que lhes faz o espiritismo. Tive que ouvi-los, um por um, com paciência jobina.

Ī

Castro Alves avançou com porte de epopéia. Endireitou a longa e luzidia cabeleira e começou com voz firme e sonora:

Das criptas, das catacumbas, Sacudindo o pó das tumbas, Amortalhados de dor, Somos no espaço estendidos Os Prometeus carcomidos Pelos abutres do horror!

Qual Pompéia soterrada Nossa falange é vendada Ao véu da cinza do mal. O vulcão de nossa idéia Fumega em negra odisséia No espiritismo fatal.

Açoites do humano burgo Esses filhos de Licurgo, Legisladores da treva, Querem músculos de lobos Para levar sóis e globos Na mão que só vento leva!

Filhos das trevas, o ginete Do espiritismo é o deleite Na cavalgada da carne! Ah!... Esperai moribundos, Aguardai com ais profundos, Que Satã em vós se encarne!

Pelas escadas sidéreas Batei às portas etéreas, Nada, nada encontrareis... Xerxes o oceano chicoteia Mas o mar ri-se e recreia Como os bufões ante os reis!

Descei da farsa a cortina, A escuridão não domina O campo da claridade! Não venhais com bombas loucas Arrancar, panteras roucas, O sono da eternidade!

П.

Castro Alves calou-se épicamente. E liricamente queixoso, por sua vez, lamentou-se o poeta da saudade, Casemiro de Abreu:

Oh! que torturas que sinto Longe da terra fagueira Depois que a voz desordeira A paz me veio turbar! Minhas irmãs, as estrêlas, Parecem querer comigo Ante tão rude inimigo A vida inteira chorar!

Fragrância de meus anelos
Era o momento de agora
Porém o vate inda chora
Não saudades, mas temor...
E' que fantasma terreno,
Do espiritismo sombrio
Vem do meu espectro esguio
Fazer falso trovador!

Como folhas ressequidas
Todos arrastam meus sonhos
Pelos caminhos tristonhos —
Tudo escuridão enorme!
E vejo a asa de meu estro
No éspaço rolar vencida
Como a jurití ferida
No próprio ninho em que dorme!

Não quero convites negros
Para voltar ao exílio!
Se da saudade fui filho,
Hei-de ser servo da paz!
Minh'alma se faz um lenço
Como um aceno profundo
Proclamando para o mundo:
— Adeus, sonhos... nunca mais!

Após a queixa de Casemiro vozeou Guerra Junqueiro com sua vigorosa linguagem de aço temperada ao fogo:

Caro Solitário, venho-te em visita Porque todo o mundo cá no alto grita Que não é rabicho de macaco algum. Pois o Espiritismo nossa vida encerra Em passar sem fio telegrama à terra, A quem perde o fio sob o branco rum...

Lança mão ao lápis, meu irmão e grava, Nesse idiotismo que infeliz deprava Cérebros já ocos, a lição que vai... Pouco estilo quero, mas muito estilete Com tênue agudez de ponta de alfinete Para de tais lombos arrancar um ai!

Vós que sois panteras, vós devoradores De almas indefesas, fomes de opressores Triturais nos dentes e na garra adunca; Ao baterdes nesse volumoso ventre, Murmurais com gáudio para a treva: Sempre! Para luz com ódio é vosso brado: Nunca!

A's estrêlas ides, indagais aos astros, Como velhos corvos rabiscando rastros De negrume e crime sôbre a vastidão. Sou poeta e espetro... minha barba longa Já de tanta náusea cresce e se prolonga Mas não é tapete para o vosso chão!

Ébrios de volúpia, nos carnais triclínios Misturais num prato lodo e vaticínios Para dar arrotos espirituais. Engulis ofíbios no manjar das trevas E depois com cara de inocentes Evas Para Adões de luzes vosso horror lançais.

Frutos só de casca, seiva só destrôço, Papos engasgados com fatal caroço Eis as vossas messes... como é triste vê-las! Tendes, quando o demo em vossas salas dança, Nervos nas idéias, cérebros na pança, Coração nas tripas, almas nas estrêlas!

Vossos passos secos... pif... paf... pif...

Andam tão batidos como duro bife
Engarfado à bôca de um glutão distinto!
Vós, espiritistas, que o comeis com grado,
Ah! se noutros tempos êste bife assado
Foi talvez carcassa de urubu faminto!...

Xavier, Ramiro e êsses dois patetas Que já proclamam terreais poetas Para a academia sideral buscar, Esses ambulantes rádios de defuntos Têm a pretensão de gaturamos juntos Na gaiola imunda do terráqueo lar.

Solitário, chega... Reticência... ponto...
Com o teu auxilio, meu amigo, conto
Para que vivamos com socêgo e paz.
Lá na terra tudo parecia abismo
'Mas, na eternidade, com o espiritismo
Tudo em reboliço de trovões se faz.

Abaixai, panteras, vosso rabo bronco, Nosso eterno sono sob o vosso ronco Sempre interrompe e cada vez se aterra... E eu, poeta e espectro, apelo à caridade, E em prol dos colegas cá da eternidade Enquanto eu fôr Guerra hei-de fazer-vos guerra!

IX

Depois de Guerra ter feito paz à sua eloquência dinâmica, apresentou-se o melancólico autor da «Lira dos vinte anos», Alvares de Azevedo:

Como o tinir da taça das orgias Num canto da taverna solitária Ouço o clangor do bando da loucura Que tanto engano lança à gente pária!

Que tristeza nos olhos moribundos Da lua que vagueia sôbre a terra... E' tanta a confusão que lá se sente Que tudo o coração do incauto aterra!

Peregrino de verdes caminhadas Sonhos bebi num pélago profundo, Moço e poeta, tonto de prazeres, O veneno sorvi em hausto do mundo!

E vós, espiritistas, sem entranhas, Corjas de escorpiões satanizados, Por que vindes à tumba do poeta Relembrar episódios apagados?

Por que mentis, às almas dos mais loucos E nos corações que só de carne batem? Assemelhais-vos à matilha imunda, Aos cães que às portas sôbre o lixo latem. A vida contém flores nos sorrisos Da virgem, da criança — mas que dôr! Ah! se as esperanças que ali passam Caem sob vosso golpe sedutor!

O' amigos de Baco, a campa é ninho! E a morte é sono, de dormir sem fim! Para que vindes perturbar os mortos Com o vosso epicúrico festim?

Vou descansar... A' sombra desta plaga Onde os meus vinte anos se eternizam, A minha lira emudeceu-se em prantos E já meus sonhos não mais sonhos pisam!

V.

Calando-se o ultra-romancista, entra em cena o condoreiro Tobias Barreto, que retumbou:

Gladiadores da morte,
Nos trapos da vossa sorte
Vossos semblantes mendigos
Abrem-se em rictus de abrigos
Do terrorismo fatal!
A espada da liberdade
Levantais à caridade
Para roubar o seu manto,
Alexandres do quebranto
Na conquista universal!

Porém, os vossos roteiros Encontram despenhadeiros Como Sparta desnudada A vossa rota abismada Mil Termópilas achou!
Trazeis máscaras de idéias
Num carnaval de odisséias
Onde figura um Quixote
E um Sancho de ofíbio bote
Que Cervantes não criou!

Do farrapo das asneiras Fazeis as vossas bandeiras E por haste uma cachola Que só choraminga esmola. Nos becos vis da loucura! Almas bêbedas de gôzo, Passos famintos de pouso, Carregais às costas nuas De vossas misérias cruas No manjar da sepultura!

O' sentinela da noite,
Que tendes? Gládio ou açoite?
Na mão que negra se ergue,
Como se fôsse um albergue
Duma estéria poluta!
Nós, vates da eternidade,
Apelando à caridade,
Vimos clamar-vos protesto
Dando-vos aquêle gesto
Que tem o nome de fruta!

$\cdot VI$

Fagundes Varela — o cantor das dores da selva — o amigo dos escravos, românticamente delirado, disse afinal:

Não fôsse o penar que sofro Quisera trazer asinha Tôda sorte triste minha Aos escravos da irrisão. Quisera vê-los libertos Como pássaros na aurora Buscando a plaga sonora Da mais risonha canção.

Coitadinhos!... Vivem tão loucos Que julgam fazer do bardo Falso perfume do nardo Que medra na escuridão! Enganos da vida... enganos... Quem não os sente sem pranto? O' cadeias do recanto Onde se prende a ilusão!

Nesses grilhões de crendice Espiritistas sem fibras, Vossos braços de sandice Têm só sonhos de amplidão! Mas jamais dareis um passo Enquanto fordes da treva Pó que a consciência leva Para o monturo do chão!

\mathbf{VII}

Com seu parnasianismo simbólico e confundista, Humberto de Campos, o burilante versificador da Poeira, após polir com pó astral a sua língua, começou, dando ao seu soneto abaixo o título de «Mal cosmopolita»:

Com asas de bordel nas noites de Stambul Oráculos hindus ou de egipciana sorte Aguia que o vôo alçou na América do Norte Para as garras pousar na América do Sul...

Ei-la do pampa imenso até além, o porte Espraiando através do horizonte taful Para o sólio empanar da dourada coorte Do diamantino sol no firmamento azul.

Bandeirantes do mal, nos grotões do negrume, Em bramânico rito, aquêles sagitários Têm carcazes de horror cortando o áspero lume,

A fila de truões um ódio à ilharga leva E com seus broquéis de assaltos visionários, Mercadeja a nação — metrópoles de trevas!

VIII.

Em seguida, delineando estrofes parnasianas, Raimundo Corrêa, suave como sempre, deixou deslizar o seguinte soneto:

No globo de cristal das almas vedes O mundo das imagens sedutoras Descortinando auroras promissoras E castelos de trêmulas paredes.

E' noite... Vagam sombras sonhadoras... E, estremecendo, na penumbra ledes Sereno embalo de sedosas redes, Que se rompem com quedas opressoras.

Numes do mal... espetros erradios Em lúgubre cortejo... O espaço corta A procissão de ritmos sombrios... Cantais em serenata à sepultura, Ao plenilúnio da consciência torta, Nênias dé adeus e trenos de loucura!

IX

O poeta das pombas fêz silêncio, e Luis Guimarães Júnior abriu sua espontaneidade de romântico inspirado:

Vamos, amigo, à sideral jornada... A estrada é longa... O caminheiro é leve Como a ilusão da vida inacabada Dentro das almas que fomentam greve.

A escuridão, de bôca escancarada, Que tanto pó faz sepultar em breve, Vem para nós, qual fome alvoraçada, Que nas garras de fera horror descreve.

No silêncio dos mortos envolvidos Não queremos ouvir êsses rugidos Talvez de ferocíssimos leões... Espiritismo — sombra da existência Para apagar a lâmpada da essência Que fumega nos nossos corações.

X.

Olavo Bilac não titubéou. Mal havia o companheiro terminado, quando êle volveu com uma página da «TARDE ETERNA»:

Crepúsculo... matizam-se as mil sendas Da refulgente culminância, embora Assome lesto um véu espêsso agora, Crepe que encobre o luto das contendas... Horrifico duende se evapora E dilui as etéricas legendas Em fluidos tenuíssimos de tendas, Para a alma errante que no espaço mora.

Fingem molhar em gotas cristalinas Minha nervosa pena... Pobre artista, Que pena às mãos das penas mais rapinas!

Para que além pinoteais a crista? Descei às espiríticas narinas! Pois, no ar, cara de mortos não se avista!

XI

Fechado o Soneto de Bilac, Augusto dos Anjos (talvez dos anjos espiríticos) tossiu tuberculosamente e deixou escapar o que segue para os srs. espíritas:

Vós que estampais na cútis a clorose Após os peristálticos recursos, Demandai em esquálida nevrose A' meta dos histéricos percursos!

Colocai em análise sem dose Visões e mais visões — mestos concursos Para a loucura ou vil tuberculose, Na traquéia de vossos torvos cursos!

Tomai antipleuréticos critérios Para os brónquios enchidos de manias Antes de mastigardes necrotérios.

Sondai hipocôndrico segrêdo E encontrareis no báratro sem dias O epílogo fatal do vosso enrêdo!

XII

Gonçalves Dias, ainda cheio de indianismo, espoucou o pequeno trecho:

Na taba em ruína da tribo selvagem, Que vive nas trevas, rouqueja a voragem Dos surdos borés.

Em longas caiçaras de turva matéria Se esconde qual trapo nas mãos da miséria A voz dos pagés.

A's sombras serenas da vida sem meta Atira essa horda de infames, inquieta, Febris murucus.

E nesse combate quem rola — padece, Quem tomba — não ergue, quem fica — perece, E os dias são nús!

Do louco que passa nas nossas fileiras Jamais quereremos com fomes guerreiras Encher maracás.

Fugi, hoste imunda, com vossas quimeras, Vazai vossa idéia no lombo das feras, Deixai-nos em paz!

Conclusão

Deixemos de tolices e digamos bem alto que tal psicografia espírita é uma burla, uma palhaçada grotesca que só pode iludir cabeças fracas, e fazer rir de compaixão uma pessoa sensata.

Então, o Sr. pensa que, para imitar um poeta falecido, para reproduzir o seu estilo, é preciso que êle apareça neste mundo e venha ditar os seus versos?

E' muita ignorância! Qualquer poeta, mas poeta de verdade, lendo um livro de versos, será capaz de reproduzí-lo, de imitar o estilo, o modo, as expressões, as figuras; e isto sem intervenção de qualquer espírito do outro mundo.

O que Frei Solitário fêz nos versos precedentes, é uma prova clara e insofismável de que não se precisa de espíritos de defuntos para imitar os seus versos, mas que basta o espírito de observação e de imitação, que geralmente os poetas possuem, para se identificarem com qualquer outro poeta. Leiam bem os verso acima, comparem-nos com o estilo dos poetas citados, e verão que a imitação é completa, que é uma verdadeira substituição.

E o que é mais decisivo ainda, é que Frei Solitário reproduziu-lhes o estilo, a verve e até os defeitos, sem sequer recorrer às obras dêles, mas unicamente pelo conhecimento que tem destas obras. Logo, a tal decantada psicografia é outra burla entre as demais burlas do espiritismo.

O espiritismo não é nem ciência, nem religião, mas sim uma moléstia, uma nevrose, moléstia que quase infallyelmente leva à loucura.

Tais psicógrafos nem acreditam em comunicações de além-túmulo; êles sentem perfeitamente que os versos são dêles, exclusivamente dêles; e que tal comunicação de além-túmulo não passa de um estado de nervosidade, de nevropatia, que se torna «mania», e lhes faz ver aparições e comunicações onde não há senão fraqueza de cérebro, e onde, em breve, haverá desequilíbrio e loucura.

CAPITULO XIX

UMA SESSÃO ESPÍRITA

Raros são os católicos que já assistiram a uma sessão espírita científica; mais raros que os frequentadores talvez de «macumbas» e «feitigarias», a última palavra da decadência e da desmoralização. Um católico que se respeita não deve comparecer a tais cenas, que tão miseràvelmente contrastam com a civilização e o progresso de nossa época.

Por isso, não será inútil descrever uma sessão espírita, mostrando a sua palhaçada, assim como a «psicologia» dos assistentes e do médium e do ambiente.

O êxito duma sessão depende, de fato, não tanto da importância dos fenômenos, como da psicologia dos dois «atores», o médium e o observador: o primeiro ator é «ativo», o segundo é «passivo»... e entre os dois a «peça de teatro», preparada com cuidado.

Apreciemos, uns instantes, de perto, êsse tríplice fenômeno que é: o «observador», o «médium» e a «sessão».

I. Disposições do observador

O resultado de uma sessão espírita depende essencialmente das disposições do observador. Ora, tal disposição é conhecida.

Três categorias de pessoas: Os «fracos de cabeça», os «ignorantes» curiosos, os «desesperados» da vida.

Os fracos de espírito procuram um alívio para seus nervos superexcitados, num lugar onde o sistema nervoso mais se abalará ainda, pela incerteza, o misterioso e o ambiente carregado de meias esperanças e meia incredulidade. E' como o trabalhador que procura descanso no álcool... pode adormecer a fadiga, mas não aliviá-la, pela bebida; assim o nervoso: o espiritismo pode acalmar-lhe os nervos, por meio de maiores excitantes que, por sua maléfica influência, fazem esquecer a excitação primeira.

O segundo observador é o ignorante curioso. Todos os ignorantes são curiosos; e os curiosos são quase sempre ignorantes. Um homem bem equilibrado quer saber e compreender: reflete, interroga ou estuda. O ignorante preguiçoso quer saber e compreender sem esfôrço. O espiritismo promete-lhe maravilhas do outro mundo, pela simples assistência. Ele aceita, e como é incapaz, quer pelo bom senso, pela ciência ou experiência adquirida, de distinguir o verdadeiro do falso, o sério da palhaçada, ei-lo disposto a aceitar tudo que lhe fôr servido. Escutará, verá, sem contrôle e sem apreciação, e engolirá as pílulas mais amargas, julgando-as pastilhas de aniz. O terreno está admiràvelmente preparado: Basta de assistência, e tal observador é um vencido, um conquistado. E, o que é pior, se tornará um teimoso incurável.

O terceiro observador é o desgostado da vida. Tal desgôsto pode advir-lhe pela morte de um ente querido; a adversidade da fortuna; a desunião da família, etc., etc. Tais pessoas precisam de uma distração, de um confôrto. Onde encontrá-lo? A' mãe

desolada, um espírita segredará que vá evocar a filhinha morta; que aparecerá, falará, etc. A pobre mãe, dominada pela saudade, se não tiver a inteligência mais forte que o coração, e a religião mais firme que a superstição, cairá miseràvelmente na armadilha, e, querendo ver e ouvir a filhinha... ela julgará vê-la e ouvi-la na imaginação, pela saudade, antes mesmo de entrar na sessão. O homem julga ver e ouvir aquilo que absolutamente quer ver e ouvir. E' uma auto-sugestão.

Eis três categorias de pessoas, as únicas que podem deixar-se tentar e que podem sucumbir à tentação de frequentar sessões espiritas.

Ora, tais pessoas, convencidas de que aí encontrarão o que procuram, mesmo não encontrando nada na sessão, hão de encontrá-lo na sua imaginação excitada, no seu espírito ignorante ou no seu coração abalado. Tal disposição é essencial: sem ela nada acontecerá; com ela o resultado está garantido.

H. Disposições do médium

O médium tem um papel preponderante na sessão, como o ator na representação de uma peça de teatro. Podem-se admitir três classes de médiuns: o histérico, o explorador e o brincalhão — todo e qualquer médium é isso... e não passa disso.

O histérico é um doente, um nevropata, um desequilibrado nervoso, incapaz de regular o seu sistema nervoso, sendo, por isso, de uma irritabilidade extraordinária e de uma impotência quase completa em reagir contra estas afecções...

Já tratámos dêste ponto importante no capítulo V dêste nosso trabalho. Basta relembrar aqui a per-

feita adaptação do histérico ao papel de médium.

A histeria é uma nevrose especial da mulher; entretanto, certos homens, seja por hereditariedade, seja por excessos, podem dela ser acometidos. E' a razão por que os melhores médiuns são as mulheres. Um médium histérico é capaz de produzir os fenômenos mais estupendos, não por meio de espíritos, mas pela exaltação dos nervos.

A histeria manifesta-se de três modos:

- a) a forma espasmódica, ou a sensação de uma bola que sobe do estômago até à garganta, produzindo uma espécie de estrangulamento;
- b) As convulsões ou acessos nervosos fazendo perder os sentidos, provocando uma espécie de êxtase, e terminando pelas lágrimas;
- c) A histeria mental, que perverte, aos poucos, as idéias, os sentimentos, e torna o caráter impossível, sendo a pessoa dominada pelas paixões do ciúme, inveja, ódio, etc... e sendo ela incapaz de resistir às paixões que dela se apoderam.

E' a segunda destas formas que é própria do histérico-médium. Pela imaginação, o desejo de se fazer aplaudir, de fazer-se interessante, de fazer-se admirar por qualidades que julga ter, o histérico faz vibrar seus nervos, por uma auto-sugestão; entra em convulsão, que chamam «transe», entra numa espécie de «êxtase» que não é outra coisa senão exaltação mórbida de todo o sistema nervoso, e começa a dizer tudo que lhe foi ensinado, ou o que a suá imaginação lhe apresenta; daí, as «revelações» (dizem os espíritas) que não passam da manifestação dos seus sentimentos íntimos, onde se misturam conhecimentos atuais e passados, noções do subconsciente e noções do momento... até a cena ter-

minar com lágrimas, gemidos ou esgotamento do sistema nervoso.

Tal é o papel do médium histérico, que é o único médium, onde há, pelo menos, um pouco de sinceridade... embora doentia.

Digo sinceridade, porque o histérico é dominado, subjugado pelos seus nervos, e acredita sinceramente na verdade de seus dotes extraordinários de vidente. E' um doente, um desequilibrado, um meio-louco, tão enfraquecido, que é incapaz de julgar seu próprio estado, ou de distinguir o êrro da verdade, a imaginação da realidade.

Êste é um pobre coitado... ou, na maioria das vêzes, uma pobre coitada!...

III. O explorador

A segunda classe de médiuns é a dos exploradores. E' a classe maior, a grande maioria, a quase totalidade. Ser médium é um «meio de vida» e também um meio de elevar-se um pouco acima do vulgar.

Os jornais de hoje colocam o nome de um médium ao lado de um médico ou advogado. «Fulano de tal», célebre médium... e o mundo corre para ouvir a tál «celebridade», que não passá de um vulgar pândego, que, além de adquirir publicidade no jornal, procura as pelegas da bolsa alheia.

Para alcançar êste fim, os «médiuns» finórios exploram a credulidade dos ricos, a curiosidade dos tolos, as paixões dos vivos e a memória dos mortos.

Eles sabem que, para ter êxito, é preciso novidades e sempre novidades... o mundo está tão doente como êles... O mundo quer emoções. O teatro tornou-se monótono, o cinema, com a facilidade de

suas exibições, esgotou quase todos os seus recursos, e vai se repetindo... porque trabalha no «conhecido». O espiritismo vai adiante e, para não deixar bocejar os gozadores e os tolos, explora o «desconhecido». Êste mundo está tão batido em tôdas as suas atividades, que não revela mais senão banalidades; então o médium recorre às imaginações da outra vida... diverte, espanta, faz rir e faz chorar sôbre fatos desconhecidos... e o êxito está garantido, pois... «o mundo quer ser enganado...» emocionado, distraído!

O Padre Herédia nos representa muito bem esta classe de exploradores, provando com documentos a perversidade dêles.

«Ésses médiuns, diz êle, estão arregimentados. Estão constantemente à espreita de novos expedientes e novos métodos de «comunicação» (leiam «explorações»). Têm escritores de jornais. Levantam-se com uma pedra em cada mão contra tudo o que se lhes opõe. Poucos entre êles são honestos».

Esses poucos terão alguma faculdade anormal, como, por exemplo, o poder de entrar em «transe» imediato ou uma débil faculdade «telepática», que êles exploram. Os demais são manifestos embusteiros.

Falo dos chamados «médiuns pagos» ou, melhor, «médiuns públicos», os que põem a sala às escuras e fazem «desenhos fosforescentes» ante olhos fatigados; dos que dão a pessoas muito sensíveis cartões como coroas de flores mal pintadas, com os dizeres: «De tua mãe»; dos que vendem fotografias, como sendo «fotografias de espíritos».

E como prova da má fé dêstes médiuns o Pe. Herédia publica a circular de uma «Escola de mediunidade», onde se ensinam os diversos ramos desta

palhaçada, os diversos truques desta vergonhosa exploração.

E' uma prova cabal de que êles não acreditam em tais espíritos do outro mundo, mas acreditam unicamente na habilidade dos truques e fraudes, para o bom êxito de suas sessões.

Tal circular é um documento de primeiro valor. Ei-lo:

ALFREDO BENSON

Curso completo de espiritualística moderna

Preço de iniciação: 1.000 dólares.

Consta do que segue:

Escrita na ardósia Sessão de gabinete Sessão pública Fotografia de espíritos Materializações Ensaios de escrutínio Vaso de Isis	\$350.00 \$250.00 \$150.00 \$50.00 \$300.00 \$200.00 \$100.00
Mãos atadas	\$25.00

Creio que o preçò de iniciação é alto para haver certeza de que não se revelam os segredos... pelo menos, até se ter algum lucro. E então é muito duvidoso que se queira estancar o rendimento.

Depois de se passar 1000 dólares, guardam-se todos os segredos que obtiveram. Nem todos têm a facilidade de poder tirar vantagem dum preparo de ordem tão elevada. Sendo pobre, o médium tem que esforçar-se sozinho e empregar seus próprios recursos. É a luta pela vida e pelo êxito.

Hoje, a gente não se diverte mais com mágicas antigas e muito vistas. Ninguém mais se assusta ao ver moeda de níquel sumir-se pelas mangas abaixo.

O médium público vive do favor do público.

Deve comer, vestir-se e ter um sitio em que dormir. Tem família muitas vêzes: precisa de dinheiro.

Suponhamos (o que é pouco comun) que um médium feminino tenha realmente qualquer faculdade ou moléstia histérica, ou telepática.

Achando clientes na sala de espera que vêm visitá-la... que fará ela? Cair em «fraude»? Não o pode à vontade. Perder o «cobre»? Ela precisa dêle. Que fazer então para não perder a reputação de médium e o cobre? «Fingir»... e ela finge: faz palhaçada... para explorar o visitante.

Depois, ela descobre que fulana, que mora defronte, está fazendo mais negócios, porque introduziu novos aparelhos e novos engenhos para enganar. Imita-a... e inventa novos «truques»; adota métodos reconhecidos... Talvez invente um pequeno sistema próprio. Tudo serve. O dinheiro vai entrando... e o negócio vai continuando.

Escutem ainda êste pequeno mas significativo trecho do Pe. Herédia: «Muitas vêzes êsses médiuns são mulheres más, de inteligência como outras e outros da mesma conduta moral.

Vão para o espiritismo a fim de tirar dinheiro do público. Não há nada que os faça parar. Abusam da confiança. As suas salas tornam-se mais do que gabinetes de comunicações com os mortos!... Sabeis que por trás da máscara tenebrosa do espiritismo há uma coisa que o público dificilmente pode conjeturar? perguntava com remorsos Margarida Fox Kane, uma das irmãs Fox (fundadoras do espiritismo). E ela disse o que o público dificilmente pode

conjeturar, mas eu não vou referi-lo aqui» (Davenport, p. 50-51).

Terminemos esta descrição das explorações vergonhosas dos médiuns pela citação de um trecho de William Barreth, reconhecido espírita: «Revendo as numerosas sessões a que tenho assistido com numerosos médiuns, particulares e profissionais, durante os últimos quinze anos, acho que a grande maioria dos resultados obtidos absolutamente não têm valor probativo a favor do espiritismo: porque, ou a escuridão total impedia tôda conclusão digna de confiança, ou os resultados não passavam dos que se podem explicar por simples e ordinária trapaça. Poucos casos fazem excecão».

IV. O médium brincalhão

Além do «histérico» e do «explorador», há uma terceira categoria, a dos «brincalhões». São uns tolos, ignorantes, e, geralmente, sem consciência, que querem divertir-se; querem brincar.

Não se lembram de que com fogo não se brinca; que não se brinca na beira de um abismo, onde um

passo errado pode ser a perdição.

Muitos médiuns principiaram com esta brincadeira: queriam apenas divertir-se e divertir os outros. Foram assim fazendo umas experiências de fraude, de destreza... foram aplaudidos.

Recomecaram... completaram... tomaram gôsto... e acabaram, ou no manicômio, ou na grande ex-

ploração acima descrita.

E' espantoso o amor próprio daquele que faz charlatanices para divertir os outros: quer sempre ir adiante... não pode mais parar: quer ser aplaudido, quer passar por hábil, por pessoa de dotes especiais... O amor próprio, a vaidade, arrastam-nos sempre para o abismo

Tal é o pequeno produtor de pancadinhas dos sapatos, instrumento fàcilmente manobrado pelos dedos dos pés. Éles produzem sensações numa roda de amigos. A sensação alastra-se. Tornam-se o centro de grande interêsse. Esta atenção delicia-os. Pouco a pouco êles prosseguem suas exibições, acrescentando aperfeiçoamentos, de tempos em tempos, até que afinal se encontram tão enredados, que, se o manifestassem, ficariam desonrados. Ora, êles descobrem que com pequeno trabalho, podem assegurar um bom lucro, ao passo que, raras vêzes, sentem o remorso que, como aconteceu com as irmãs Fox, os leve a proclamar sua fraude.

V. Vários truques dos médiuns

O célebre ex-médium Houdini, depois de ter praticado o espiritismo durante não poucos anos, usando sempre dos truques com que costumam trabalhar os médiuns, desmascarou o espiritismo num artigo publicado na imprensa dos Estados Unidos. Em outro lugar já nos referimos a êste artigo, e desta vez publicamos alguns daqueles truques, copiando as palavras do ex-médium. Escreve êle:

«Uma vez assisti a uma sessão em que se chamou o espírito do filho de Roosevelt, Quintino, que morreu na grande guerra. Este espírito chegou à sessão de aeroplano, visto pertencer ao serviço aéreo. Ouviuse perfeitamente o ronco do aeroplano. Usando a minha lanterna, avistei o médium que manejava um aparêlho elétrico de enxugar cabelo, produzindo os ditos ruídos.

«Em outra sessão pedi ao médium que invocasse o espírito de meu pai, ensinando-lhe que êle havia sido fazendeiro. Êle era professor e estava bem vivo de-lhe que passe as lousas. O médium pede as lousas na ocasião e nunca posto o pé numa fazenda. Pois o médium materializou um fazendeiro, falando a linguagem do povo da roça e produziu muitos ruídos da fazenda para dar o ambiente rústico. Um galo cantou, galinhas cacarejaram, uma vaca mugiu e ouvimos o espírito do fazendeiro serrar madeira e tocar a bomba da água; é que o médium fazia tudo isto com um canudo de metal que tinha três secções e se estendia como um telescópio.

«Em Nova York, recentemente, um médium me fêz conversar com o espírito de minha primeira mulher, o que reconheço ser uma proeza notável porque a minha primeira, que é a atual e única esposa, estava no momento assentada a meu lado.

«Uma espécie de médiuns chama-se de «escritores automáticos». Sentam-se, tomam um lápis ou pena e, sequndo êles dizem, o espírito guia a mão do
médium. O assistente toma o lápis. O médium coloca
os dois indicadores sôbre os olhos da pessoa, mas nesse instante em que fechou os olhos, o médium muda
a mão e usa o indicador e o médio da outra mão para manter fechados os olhos. Assim fica o médium
com uma das mãos livres para tomar o lápis a fazer
o assistente esrever o que êle quer.

«Escrever na lousa é uma escrita inteiramente diferente da automática. Aqui são os espíritos sòzinhos que escrevem. Eu conheço mais de duzentos sistemas de fazer os espíritos escreverem na lousa. Descreve um sistema: O médium estabelece conversa com o consultante e pergunta-lhe o nome, etc. Depois sentam-se numa mesa, um defronte do outro. O médium apresenta-lhe duas lousas limpas e pede-lhe que as reúna com umas ligas de borrachas. Depois pe-

e pede ao consultante que tome as lousas em baixo da mesa. O consultante obedece e, acha escrito na parte interior de uma delas um recado dirigido à sua pessoa.

«Consiste o passe, que já pratiquei, muitas vezes, no seguinte: trocam-se as lousas quando passadas em baixo da mesa por outro par de lousas. O ajudante do médium já preparou êste segundo par com o recado escrito, e o nome da pesoa é acrescentado logo que ela o diz; tudo depende da habilidade das mãos em tomar as lousas que são dependuradas num gancho na cadeira do médium. Com ilustrações apropriadas mostraria como se faz o passe tirar, de cima da cabeça do assistente, a lousa que êle segurou com ambas as mãos. Ver-se-ia como é fácil a troca com o auxílio do ajudante.

Uma vez experimentei fazer o passe umas vinte e cinco vêzes seguidas com a mesma pessoa já avisada de que eu ia usar um passe; entretanto, enquanto eu não lhe expliquei a operação, a pessoa não percebeu de topo como era feita a troca. E' assim que se enganam os tolos!»

VI. Uma confissão preciosa

Seria interessante citar aqui, na integra, uma notável confissão de fraude, feita por um médium americano convertido.

Resumamos, pelo menos, a narração feita por êle mesmo «No ano de 1871, era eu um jovem de 17 anos. Era materialista pronunciado. Não cria em nada. Meu pai fêz-se espírita e era frequentador assiduo das sessões locais. Passaram-se quatro anos antes que eu tomasse parte nessas sessões. Pela nar-

ração dos fenômenos que me fêz a minha irmã, resolvi assistí-las eu também. A' primeira sessão, presidida por um homem reputado maravilhoso, mudou todo o curso da minha vida e levou-me a uma carreira profissional de fraudes e aventuras. Nesta sessão ocorreu-me fazer uma mediunidade tôda minha. Era questão de experimentar se possuia algum dom mediúnico. Pedi e obtive de diversos médiuns as diversas instruções próprias e como me assegurassem o êxito, instalei um gabinete em casa. Dos que tomavam assento 6 eram espíritas, todos interessados em ver o futuro médium desenvolver-se até à plenitude das suas aptidões, fôssem elas quais fôssem. As sessões prosseguiram durante 3 mêses; mas sem nenhuma manifestação e sem que coisa alguma me levasse a acreditar que tivesse feito algum progresso.

«Estava para desanimar... mas excitaram-me a continuar. Continuei assim durante 6 mêses. Resolvi abandonar a experiência, mas antes, para agradar a meus amigos, pensei em inventar alguma fraude e produzir qualquer coisa da minha lavra. Foi o que fiz. Um sábado, à noite, fiz aparecer umas pancadinhas distintas, aparentemente, nas paredes da sala. Era uma fraude, mas fiquei firme e mosrtei-me surpreendido, negando naturalmente a autoria das pancadinhas. Foi a minha primeira fraude. Estava em pleno caminho da mistificação. Depois disso, nada mais houve, porque não tentei levar avante a minha fraude.

«Notei que os espectadores atribuiam tudo o que aparecesse a agentes espirituais. Notando tal coisa, compreendi com que facilidade o médium pode enganá-los. Esse fato me fêz compreender também como a tarefa do médium comum é branda. Não

podendo êle dar uma pronta explicação das coisas, algum dos assistentes espíritas o fará por êle, educando-o assim na sua profissão. Quando deram 9 horas eu saí do gabinete, com uma sensação estranha, julgando que cada espectador que olhava para mimo conhecia que fôra eu quem dera as «pancadinhas».

«Muitas vêzes estive a ponto de confessar, mas sempre me veio um sentimento de vergonha anular a minha resolução, e disse comigo mesmo que o diria a cada um por sua vez, quando os encontrasse, rir-me-ia de tudo e abandonaria para sempre as sessões. Os assistentes estavam tão satisfeitos e apresentavam tantas felicitações desinteressadas e tantas animações, apertando-me a mão e batendo-me no ombro, que não é de admirar ter eu sentido a minha pequenez. Uma das senhoras observou: «Olhe aí tem! Estou certa de que nenhuma de nós tera jamais uma dúvida sequer acêrca das manifestações físicas depois disto. Eu estou certa de que o sr. não era capaz de um ato de fraude».

Imagine o leitor uma senhora respeitável usando tal expressão de perfeita confiança em mim, a respeito daquilo justamente em que eu a tinha enganado! Fiquei contente quando os assistentes sairam. Resolvi abandonar tudo... mas, como? Seguiram outras sessões... banais... mas com as mesmas felicitações. Eu já não fiquei tão acanhado. Procurei qualquer novidade que pudesse apresentar, a fim de produzir mais interêsse. A única coisa que me lembro foi produzir luzes de espíritos. Experimentei com cabeços de fósforos. Fui bem sucedido e os assistentes ficaram satisfeitíssimos.

«As luzes e pancadinhas foram tudo o que se produzia numa dúzia ou mais de sessões, pela simples razão de que não me vinha à idéia nada mais de maravilho-

so. Uma noite cheguei a adormecer no meu gabinete, e ao acordar, dei com os assistentes em transe. Pareceu-me melhor deixar que ficassem nesse engano, e assim fiz. Os assistentes tomaram isso como sinal de que algum novo fenômeno estava para se dar. Não se deu, porém, até que uma noite achei uma corda de cêrca de 20 pés, que tinham escondido em meu gabinete, sem que eu o soubesse. Achei-a lindamente enrolada e atada com linha por debaixo do assento da cadeira em que eu estava assentado. Não tinha conhecimento do modo de desatar nós, mas empreendi amarrar-me com as cordas, o que afinal consegui.

«Então ensaiei a minha primeira fala sob guia, exclamando: «Olhem, olhem, olhem!» até que os assistentes compreenderam que os espíritos os chamavam a olharem em que estado o médium se encontrava. Os espectadores jubilaram ao achar-me aparentemente tão bem amarrado. A luz era tão fraca que era impossível descobrir em qualquer coisa nos nós ou na maneira de amarrar.

Contudo, eu receava, durante o exame, que alguns dêles descobrissem a «fraude», e só respirei livremente, quando o exame acabou e declararam que eu estava sòlidamente atado e de modo que era impossível tê-lo feito eu mesmo. Verifiquei então que a absoluta confiança dos assistentes na minha honestidade foi o que mais influiu no êxito da minha mágica com a corda, e que, numa roda de cépticos, a coisa, teria sido bem diferente. Mal pensava eu, nesse tempo, que um dia teria uma reputação merecida de ser o médium melhor e mais satisfatório em fenômenos, nos Estados Unidos. Mal suspeitava eu que seria apto, não somente para reproduzir as exibições dos médiuns mais hábeis, mas também pára melho-

rá-las e levar centenas de pessoas à crença nos fenômenos do moderno espiritismo. A verdade, porém, é como acabo de contar».

Eis uma confissão preciosa e autêntica. Foi publicada nos Estados Unidos, em 1891, sob o título de «Revelações de um médium espírita». E' a plena confirmação do que sustento nestas páginas, a saber que a grande maioria dos fenômenos espíritas não passam de «trapaça», de fraude e de «truques». Não deixo de fazer uma pequena restrição, para certos médiuns perversos, que podem ser o instrumento do demônio, e para uns histéricos, que são o joguete de sua imaginação.

Eis, pois, conhecidos os três tipos de médiuns, verdadeiros atores de teatro, que encontramos nas sessões. O histérico, o explorador e o brincalhão. Terminemos descrevendo a própria sessão.

Conhecendo as «disposições» dos observadores e dos médiuns, ser-nos-á fácil reproduzir uma sessão completa, como se estivéssemos assistindo, em realidade.

VII. A sessão espírita

Assistimos a uma sessão. E' alta noite. Escuridão, trevas por tôda a parte. Na sala há uma luz vermelha e fosca; apenas o suficiente para enxergar que se está numa sala, e não nas trevas de fora. Uma tal luz sombreia tudo com uma espécie de penumbra.

O médium é uma mulher. Fica escondida de trás de uma cortina escura, os assistentes estão sentados, silenciosos, impressionados... Uma pergunta paira nos lábios de todos: Que haverá de misterioso? e os olhos indagam na penumbra, a sala, as portas, a cortina es-

cura. Ouve-se até respiração dos assistentes, e cada pequeno ruido parece como o gemido de uma alma... cada ondulação da cortina toma formas misteriosas... inquietantes.

E' hora de começar. O médium pede que se cante! Cantar é um meio de afirmar vibrações... e a medida vibratória dos espectadores deve harmonizar-se com a do médium. Entoam um hino religioso em voz baixa e moderada. Há uma tensão estranha no ar. A's vêzes uma pessoa desmaia... Ouvem-se gemidos... Serão espíritos?

Sucede um silêncio pesado... e êste silêncio dá que pensar. Que é que não pode vir do grande «desconhecido»? Deus, para essa gente, é um desconhecido. O silêncio parece vibrar carregado de vagas sugestões. O ambiente é próprio para fantasmas; assistentes procuram ver... ouvir... excitados pela expectativa...

De repente a auxiliar do médium afasta a cortina. O roçar do pano dá a impressão de asas que se movem... talvez seja um espírito? Os olhares abrem-se, iluminam-se, enquanto o pescoço se alonga... e uma sensação de frio percorre os membros. Tudo é misterioso.

A cortina removida deixa ver o vulto do médium. Está sentado numa cadeira... Empalidece de repente; seus olhos fecham-se... os lábios tremem... Ouvi-se um débil gemido... A assistência sente-se comovida... Mais um débil gemido. A tensão aumenta... Sente-se necessidade de levantar-se, de correr... de fazer qualquer coisa... mas, silêncio...

Neste ambiente misterioso... sob a impressão deste silêncio lúgubre... ouvem-se, de repente, uns leves, curtos estalidos, umas pancadinhas... não se sabe onde... Um calafrio, de repente, percorre a assistência...

O médium está sempre sentado, pálido... tal um fantasma do outro mundo. Os ouvidos estão tensos... o tímpano não perde nada... vibra... ao modo de um microfone... As pancadinhas secas, leves, parecem quase o andar de um gigante. Procura-se o ponto dos estalidos... o lugar onde bate o gigante.

As pancadinhas cessam, mas são seguidas de um esvoaçar ligeiro, de muito longe, ao que parece. Um vulto parece aproximar-se... e qualquer coisa de visível toca de leve na cabeça de uns assistentes. Alguém segreda aos ouvidos de um jovem que acaba de perder a progenitora que a sua mãe está ali e que quer falar. O rapaz sente uma aflição estranha... quer chorar, gritar, mas o silêncio parece de chumbo, e não o deixa fazer movimento. A emoção cresce. Será verdade? murmura o rapaz. E' possível? Quem sabe mesmo? E por que não... O rapaz sente-se perturbado... Quer rir e chorar... quer sair... fugir, mas sente-se como pregado ao chão. Quem sabe mesmo se não é ela? A tensão aumenta. Silêncio profundo, sepulcral. Ouve-se uma voz... sem compreender nada. Uma dúvida penetra no espirito: Não seria farsa tudo isso? Não; nunca uma farsa comove tanto. Há qualquer coisa de extraordinário aqui.

Ouve-se de novo uma voz suave, distante, terna. Será a voz de minha mãe? Não. O rapaz procura lembrar-se. A voz ressoa de novo, e desta vez suplicante: — Meu filho, sou eu... lembra-te, da tua infância... Sim; é a voz de minha mãe... Seguem-se umas frases entrecortadas, falando de um pequeno acidente da infância remota. E' exato... Lembro-me... — O rapaz chora... — quer falar... quer correr e abraçar a mãe... mas não pode: está como petrificado de espanto.

São horas de se levantarem... A cortina fechase... os assistentes, nervosos, levantam-se... procuram a porta... querem respirar ar livre! A sessão está encerrada... Sairam fora... os espectadores conversam, comentam, duvidam... mas querem certificar-se melhor.

No dia seguinte voltam... no terceiro dia voltam ainda... e assim vão seguindo: duvidando sempre das elucidações e nunca encontrando a solução desejada. O misterioso atrai... a dúvida persegue... a incerteza anima... e caem no abismo. Começam a duvidar de tudo... e acabam acreditando em tudo: sentem-se dominados por uma verdadeira alucinação. Perdem a paz... e talvez a alma.

VIII. Conclusão

Temos, nas linhas acima, a «psicologia» completa de uma sesssão espírita. Os fenômenos podem variar, pouco importa: a impressão é a mesma e fica invariável.

Tudo é sentimental e tudo depende dos três elementos assinalados: as disposições do «espectador», a palhaçada do «médium» e o «ambiente» misterioso da sessão.

O observador pode estar completamente indiferente, e não acreditar nos fenômenos espíritas; entretanto, êle sente aumentar necessàriamente a impressão deste sentimento de mistério, de qualquer coisa de extraordinário. O aparato externo move-o, pelo menos a uma «propensão» a acreditar.

Se, na sessão, o observador recebe uma informação comovente, aduzida como vinda dum defunto, cuja memória lhe é ainda vivamente cara, o seu «equilibrio emotivo» é capaz de um fracasso completo. porque suas faculdades perturbadas impedem-lhe uma observação cuidadosa, quer dos ouvidos, quer dos olhos.

Além destas disposições pesoais, convém assinalar uma outra, não menos emotiva, e mais comunicativa: é o «espírito da multidão». Tal espírito exerce uma influência dominante sôbre o homem e o arrasta, mau grado seu, aos maiores extremos.

Numa multidão, a impressão dominante é «contagiosa». Se, por exemplo, um homem só assistisse a uma peça de teatro, tocante, êle ficaria insensível; enquanto seria capaz de soluçar no meio de uma multidão impressionada.

No ponto empolgante de um jôgo de «foot-ball», a fôrça emotiva da multidão apodera-se de um homem qualquer a ponto de já não ser o mesmo. Anciãos impassíveis e fleugmáticos pulam, dando hurras selvagens. Não ê o jôgo que o exaltou; é a alegria dos vencedores.

Do mesmo modo, homens e mulheres numa sessão não são os mesmos, desde que são arrastados pelo «espírito da multidão». Por mais que se esforcem para ficar impassíveis, a influência da multidão fazse sentir nêles. Auguém murmura: «Viu, ouviú?» Por causa do ambiente exaltado da sala logo acreditam que viram, ou ouviram qualquer coisa.

E' a razão porque a Igreja proibe rigorosamente a assistência a estas sessões. Ela compreende o perigo imenso de ser ilaqueado, iludidos pelos médiuns e pela «mise en scène» da sessão. E uma vez a dúvida penetrando no espírito, esta vem exaltando a imaginação, vai perturbando o sistema nervoso, e pode ocasionar o mais desastroso desequilíbrio mental, como diàriamente acontece nas reuniões espíritas.

Com fogo não se brinca: o resultado é uma quei-

madura. Longe, bem longe de nós o espiritismo. E' uma praga e uma moléstia contagiosa... e com tais moléstias nenhuma precaução é demais...

CAPITULO XX

ESPIRITISMO E LOUCURA

Espiritismo e loucura são um único termo, ou melhor, um é a «causa» e o outro o «efeito». O partidário do espiritismo caminha a passos largos para o seu termo — o desequilíbrio mental.

Não tivéssemos a esse respeito as afirmações positivas dos clínicos especialistas, bastam a experiência e a leitura dos jornais, que diàriamente trazem casos de loucura, ocasionados pelo espiritismo.

Está aqui o grande «diabolismo» do espiritismo. Se êle não é, como temos provado precedentemente, fisicamente diabólico em seu exercício, é êle completamente diabólico em seus efeitos. Destruir ou pertubar a «intelgência» do homem é uma obra completamente diabólica, pois faz do homem um bruto.

Estudemos acuradamente êste ponto, que será

como a conclusão de tudo o que precede.

I. Autoridades médicas

Provemos a nossa asserção pela autoridade das sumidades médicas no assunto.

O dr. Henrique Roxo, notável professor de Psiquiatria na Faculdade de Medicina do Rio, numa entrevista concedida a «O Jornal» de 12 de Março de 1926, assim se manifesta: O espiritismo é, pode-se dizer sem exagêro, uma verdadeira «fábrica de loucos». Entre os dementes que diariamente dão entrada no hospício, grande parte, a maioria mesmo, vem de centros espíritas. Compreende-se, porém, que eu não digo que o espiritismo possa, sòzinho, perturbar

o cérebro de um indivíduo normal e são. Afirmo, todavia, graças a experiência que possuo, que êle é um grande agente provocador de delírios perigosíssimos, quando praticado, como o é vulgarmente, por pessoas de pouca cultura. E' fácil imaginar, de resto, o efeito que deve ter num espírito já naturalmente fraco predisposto à prática de coisas estranhas e, por sua natureza, empolgantes. E' claro que êsse efeito é sòmente tão forte e decisivo nos indivíduos, como disse há pouco, já predispostos; em todo o caso, não me parece menos claro também que, se êsse estimulante indesejável não se fizesse sentir, a demência em tais indivíduos jamais se manifestaria, ou, então, demoraria mais a se manifestar. O espiritismo, portanto, tal como é praticado atualmente, sem exagêro, repito, é uma «fábrica de loucos», sendo dêste modo nefasto».

O dr. Juliano Moreira, diretor do Hospício de Alienados do Rio, e, portanto, especialista bem competente neste assunto, diz no mesmo «O Jornal» de 25 de Marco de 1926: «Tem razão o dr. Henrique Roxo quando diz que êsse espiritismo por aí praticado é uma verdadeira «fábrica de loucos». Realmente, é grande o número de doentes procedentes de centros espíritas, que vão bater diàriamente às portas do Hospital Nacional de Alienados. E é claro, entretanto, que o espiritismo não é, por si só, capaz de produzir a desordem num espírito são e equilibrado. Aqui estou eu, graças a Deus, perfeitamente lúcido, e ja tenho tido ocasião de assistir a diversas sessões espíritas. Os espíritos fracos, porém, (também os fortes, como o mostra o Dr. Lapponi), fàcilmente se deixam empolgar e é sôbre êstes, exatamente, que o espiri-tismo atua de maneira nefasta e alucinante. Sei de inúmeros casos dessa natureza. A prática do espiritismo, por conseguinte, está muito longe de ser inofensiva, conforme se apregoa geralmente. E', ao contrário, bastante inconveniente e perigosa, uma vez que é impossível só permití-la aos indivíduos de provada e experimentada sanidade mental».

Em outro lugar, o dr. Juliano Moreira escreve, ainda: «Tenho visto muitos casos de perturbações nervosas e mentais evidentemente despertadas por

sessões espíritas».

Entram, aqui, de propósito, as linhas seguintes, que neste instante me traz uma publicação séria e bem informada da Capital: — «As estatísticas oficiais asseguram que no ano passado enlouqueceram mais de mil pessoas, só no Rio de Janeiro!... Consultados a respeito dêste fato deplorável, os insígnes médicos especialistas nesta matéria, Dr. Juliano Moreira e Dr. Gustavo Riedel, declararam sem subterfúgios que «a maior parte» dos que enlouqueceram, no ano passado, foram vítimas do espiritismo, de bruxarias, de feitiço e de cartomância».

O dr. Marcel Viollet, especialista em moléstias nervosas e médico do asilo de alienados em Paris, escreve: «O espiritismo constitui um ótimo fermento para a cultura de todos os erros de tôda a espécie de desequilíbrio; de tôda espécie de loucura».

O dr. Joaquim Dutra, diretor do Asilo de Barbacena (Minas), escreve: «As práticas espíritas estão, inclusive, influindo diretamente pelas perturbações emotivas, com um coeficiente avolumado para a

população dos manicômios».

O dr. Austregésilo, professor de molestias nervosas, da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, escreve, por sua vez: «O espiritismo é, no Rio de Janeiro, uma das causas predisponentes «mais comuns da loucura».

O dr. Franco da Rocha, diretor do Hospício dos Alienados de Juqueri (S. Paulo), escreve também: «Em benefício da profilaxia, seria de conveniência divulgar os acidentes causados pela frequência às sessões espíritas. Charcot, Forel, Vigouroux, Henenber e outros, publicam exemplos de pessoas, sobretudo de moças, que eram sãs e se tornaram «histérico-epilépticas», em consequência de terem tomado parte nas cenas de evocação de espíritos».

O dr. Homem de Melo, diretor de uma casa de

O dr. Homem de Melo, diretor de uma casa de saúde para loucos, em S. Paulo, escreve igualmente: «Considero o espiritismo, como o praticam, um grande fator de perturbações mentais e nervosas, atualmente o espiritismo concorre com a hereditariedade, com a sífilis e com o álcool, no fornecimento aos hospícios e casas de saúde. Acho tão forte o seu contingente que a lei devia tolher-lhe a marcha».

O dr. Robertson, médico do asilo de Edinburgo, no seu relatório anual de 1916, falando às pessoas que procuraram consolação na prática do espiritismo, diz: «Desejo avisar a todos os que têm alguma tendência a desordens nervosas que não pratiquem o espiritismo, para não acabarem de transtornar os miolos».

O dr. Hudson, em seu livro «Demonstration Scientific», diz: «O uso habitual das práticas espíritas traz consigo, infalivelmente, um desequlíbrio nervoso; e, quando continuadas durante muito tempo, dão como resultado a loucura ou a imbecilidade».

O dr. Pilots escrevia: «A maior parte dos «médiuns» acaba, com o tempo, por tornar-se intratáveis, loucos, idiotas, e o mesmo sucede também aos ouvintes. Não passa semana, em que não tenhamos ocasião de ver um dêsses desgraçados suicidaremse ou entrar em alguma casa de saúde, ou hospício de loucos. Os «médiuns» dão a miúdo sinais nada e-

quívocos de um estado anormal de suas faculdades mentais, e não poucos dêles apresentam sintomas bem pronunciados de verdadeira possessão diabólica» (Figuier: Histoire du merveilleux; 181, vol. IV, pags. 343-345).

O dr. Merville atesta que «grande número de pessoas foram recolhidas em Bicêtre, tendo enlouquecido em consequência de se terem dado imprudentemente às práticas espíritas» («Question des esprits»; 1885, pág. 555).

Nada valerá a opinião dêsses médicos competentes na matéria? Queimem-se, então, todos os livros de medicina, e mandem-se para os hospícios todos êsses médicos, porque, se não dizem a verdade, estão certamente loucos. Nós, entretanto, cremos, a olhos fechados, na opinião dêsses homens, que, certamente, se interessam pela saúde pública, muito mais do que Alan Kardec e a sua gente.

Podia citar muitos outros testemunhos nacionais e estrangeiros, para provar que o espiritismo está condenado pela ciência, por levar os seus adeptos à loucura.

Evitar, pois, essa doutrina nefasta e fugir das sessões espíritas é o dever, não só dos católicos, mas de todo homem sensato, que preza a sua saúde e a de seus filhos.

II. Autoridades espíritas

À autoridade decisiva dos médicos, juntemos a atoridade dos próprios espíritas, ainda não perturbados de desequilíbrio, mas arrependidos ou convertidos. Melhor do que qualquer outro, êles podem apreciar o resultado das sessões espíritas.

Podíamos começar com o testemunho do pai do

espiritismo, o tristemente célebre A. Kardec. Em seu «Livro dos médiuns», cap. XXIII, êle mostra os perigos da «obsessão,» da «fascinação» e da «subjugação», que os espiritos exercem, às vêzes, embora, na introdução do «Livro dos Espíritos» procura justificar o espiritismo da acusação de produzir a loucura, afirmando que tôdas as grandes preocupações, as ciências, as artes e a religião fornecem também contingentes aos manicômios. A semelhante afirmação respondem as estatísticas e as opiniões dos próprios espíritas.

Léon Denis, sucessor de Kardec na chefia do espiritismo assim se exprime no livro: Aprés la mort, pág. 230: «Espíritos inferiores, às vêzes, dominam e subjugam as pessoas fracas, que não sabem resistir à sua influência. Em certos casos o domínio dêsses espírtos assumem tais proporto e se que podem êles levar as vítimas até ao crime e à loucura. Esses casos de obsessão e possessão são mais comuns do que se pensa. E' a êles que se deve pedir a explicação de numerosos fatos relatados pela história».

O dr. Seabra, médico patrício e espírita adiantado, escreve em seu livro: «Alma e subconsciente», pág. 94: «O aspecto religioso que assume (o espiritismo) nas sessões correntes poderá ter servido de consôlo a muita gente, que não encontrou pábulo espiritual em outra religião, mas expõe muitos dos seus praticantes a desordens mentais e nervosas, e com semelhantes desagregações desaparecem a paz, a tranquilidade, o consôlo que tinha encontrado em outros tempos».

O dr. Gibier, em seu livro: «Le Spiritisme», escreve (p. 385): «E' necessário desaconselhar as práticas do espiritismo... De fato, é preciso ter uma constituição forte e bons antecedentes hereditários, sob

o ponto de vista cerebral, se não quer ver a razão não voltar mais em seguida a um dêsses abalos, e perderse em diálogos perturbadores com o invisível. E' do nosso dever assinalar o perigo inerente às experiências de psiquismo, com as quais, entretanto, se brinca, sem pensar no grande risco que elas oferecem. E não é sòmente o desequilibrio mental que o espiritismo provoca, é também o desequilibrio «moral», como êles mesmos ainda confessam».

O dr. Gauthier, grande amigo do espiritismo, confessa: «Um dos efeitos ordinários do espiritismo é inspirar, naqueles que padecem, o seu influxo, a impaciência e o desgosto de viver, levando-os ao suicidio, como uma espécie de fatalidade. — Dizem êles que a alma só será feliz, quando separada do corpo».

Estanislau de Guarita, espírita, diz: «A prática imprudente do hipnotismo e, a «fortiori», a prática do espiritismo, não podem deixar de inspirar ao experimentador um insuperável desgôsto da vida».

O barão Du Potet, um dos maiores luminares do espiritismo, proferiu esta terrivel sentença: «Felizes aquêles que morrem de uma morte rápida, de uma morte que a Igreja católica reprova! Todos os que são generosos, matam-se, sentem desejo de matar-se» (Ensino do magnétismo, pág. 107).

Estas confissões de espíritas confirmam plenamente a opinião do dr. Franco Rocha: «Ao lado da loucura produzida pelo espiritismo, muitas vêzes, a sua consequência é o suicídio. Quantos suicídios preparados, talvez inconscientemente, pelas práticas e pela doutrina espírita?» (Franco, Espiritismo, página 239).

Sir William Barreth escreve: «Como regra, tenho observado a decadência progressiva dos médiuns que dão sessões regularmente». Horace Greely, que tanto ajudou as irmãs Fox, no fim da vida, decadente, diz: «Enfim, — embora o diga com pesar, — parece-me que o espiritismo não tem tornado melhores os maridos, as esposas, os pais, os filhos... pela sua nova fé. Julgo que as nações mais relaxadas a respeito do matrimônio, do divórcio, da caridade... penetram com o espiritismo».

Dr. Hatch, marido da notável americana, transe-médium, Cora V. Hatch, escreve: «A grande oportunidade que tenho tido nas minhas relações com os melhores espíritas, de conhecer a natureza e as consequências do espiritismo, tornam-me creio eu, merecedor de ser considerado testemunha competente na matéria. Receio muito que as coisas, que hei de dizer, ofendam os melindres de muitas pessoas menos conhecedoras, que eu, dos fenômenos.

Perguntam-me frequentemente se acredito nos fenômenos do espiritismo, e respondo que sim. Consideraria tempo perdido e trabalho inútil escrever sôbre coisa que não existe.

Tenho tido ocasião de conhecer muitos indivíduos que, pela inteireza de caráter e retidão de intenções, grangeavam a estima de quantos os conheciam e tratavam de perto; êstes, porém, no dia em que se converteram em médiuns, perderam todo o sentimento de honra e de honestidade.

Milhares de espíritas inteligentes e dotados de grande talento convirão comigo em que não é calúnia dizer que nenhuma teoria tem produzido, na América, desastres morais e resultados sociais mais assustadores e terríveis que as teorias espiritistas.

Bastaram-me poucas investigações para conseguir contar mais de setenta «médiuns» que, pela maior parte, haviam abandonado completamente seus deveres conjugais... e outros tinham mudado de companheiras. «Tão pouco nos podemos fiar nas promessas e na sinceridade dos juramentos de muitos médiuns, como nas brisas inconstantes».

O testemunho seguinte é de outro que, há tempos, foi espírita: «Depois de tôdas as nossas investigações, feitas durante sete ou oito anos, devemos dizer que temos muitas provas de que êles (os espíritas) são espíritos embusteiros. O que aí vão ensinando é, de todo, absurdo e contraditório. «O espiritismo tende a formar uma moral e uma religião completamente atéias».

III. A lição dos fatos

Mais ainda do que os testemunhos dos médicos e dos próprios espíritas, falam os fatos, com uma eloquência esmagadora. Diante da avalanche de males que tem causado entre nós o espiritismo, não há quem possa defender essa seita da justa acusação, que se lhe faz, de ser extremamente perniciosa à sociedade. Citaremos alguns casos, pois os jornais relatam, diàriamente, fatos palpitantes e revoltantes, conhecidos por todos.

1º A alucinação coletiva

Entre os fatos de maior e mais ruidosa repercussão, figura o caso estranho de loucura coletiva, ocorrido com a família de um advogado, em Taubaté (S. Paulo).

Referindo-se ao fato, assim se exprime o dr. Franco da Rocha (O espiritismo e a loucura): «A família dêsse advogado, acompanhada dos negros da casa e de crianças seminuas, algumas de 4 a 6 anos, rodeadas de outras pessoas sectárias da ridícula sei-

ta espírita, respeitáveis pela posição social, achavamse reunidas no quinatal da referida casa, debaixo de uma jaboticabeira. As mulheres estavam descalças, desgrenhadas, apresentando todos os sinais de alucinação. Estavam assim, havia três dias, sem se alimentar».

2º Outro caso: em Taubaté

Ainda em Taubaté. Senhoras, pertencentes a fafilias distintas, completamente nuas, esperavam um novo dilúvio, fechadas em uma sala, que outros espíritas inundavam, enquanto alguns, alucinados, em trages menores, no quintal, trepavam em árvores, obedecendo às ordens de um tal «Zé das Bichas», que montava uma vaca!

3º Mais outro caso: no Rio

Em 1913, no Rio, deu-se mais um caso de loucura coletiva, produzida pelo espiritismo: o da família Lucas, composta de 12 pessoas, que ficaram tôdas com o cérebro transtornado pelas práticas espíritas.

4º Um outro caso: em S. Paulo

Em 1921, em Cresciuma, nada menos de 8 pessoas, filhos e filhas de Joaquim Carlos, foram recolhidas a uma casa de saúde de Ribeirão Preto, para se tratarem de perturbação mental, consequente às práticas do espiritismo.

Citei de preferência êstes casos de alucinação coletiva, para mostrar que não é simplesmente uma ou outra pessoa de cérebro já meio transtornado que ai perde inteligência. Não se pode supor que, entre 8 a 12 membros de uma família, todos sejam meio dementes; entretanto, coletivamente ficaram alucinados, o qué prova que, mesmo aqueles que se julgam seguros e bem equilibrados, são capazes de ser subjugados pelos fantasmas imaginários do «além».

Quanto aos casos particulares, individuais, são por milhares que se cifram, e precisava fazer um volume para dar uma idéia da sua multiplicidade e extenção.

5º Outros casos ainda

Os jornais do Rio publicaram notícias de Oliveiras, em Portugal, sôbre a morte de uma mulher que foi abatida a pauladas e queimada viva por alguns espíritas, porque na sessão se convenceram que a sua doença provinha de um mau espírito, o qual devia ser expulso a pau e a fogo. Esperavam os espíritas que, depois de queimada, ela se levantaria viva e sã.

Falam em baixo espiritismo, ao qual atribuem as loucuras e os crimes. Mas o certo é que a doutrina do alto e baixo espiritismo é a mesma, as práticas são as mesmas, e os centros todos são de alto espiritismo. O povo sensato é que não deve ir na onda, mas convéncer-se de uma vez que o espiritismo, qualquer nome que lhe imponham, é sempre um grande erro, uma praga perniciosa, uma verdadeira fábrica de loucos e criminosos.

6º Cortadores de pescoço

Os espíritas meteram agora na sua mioleira satãnica de cortar o pescoço da gente. Temos dois casos nestes dias, passados, um em Amparo e outro em S. Geraldo. Zeferino de Lima, com 27 anos de idade, pela manhã suisido-se, seccionando a carótida com profunda navalhada. O infeliz suicida era frequentador assíduo do espiritismo, e ledor das obras espíritas. O cérebro do pobre espírita estava obsesso, ao ponto que disse ouvir sussurrar-lhe no ouvido um espírito, aconselhando-o que cortasse o pescoço. E assim fez! Pelos frutos os conhecereis, diz o divino Mestre. O suicídio e a loucura são os frutos do espiritismo, e, apesar das cenas continuamente repetidas, ainda há gente que segue esta seita hedionda. Dir-se-ia que o mundo quer ficar doido! Haja manicômios! Como o diabo esfrega as mãos de contente, vendo tanto péixe em suas redes infernais.

Outro fato lúgubre, do mesmo gênero, acaba de produzir-se em São Geraldo, perto do Rio Branco, (Minas). Um barbeiro, que frequentava assiduamente as sessões espíritas, estando um dia a fazer a barba de um freguês, repetia a cada instante, em voz alta. de si para si: Isso não! Isso não! O freguês, admirado perguntou o que significava o tal «isso não»! O barbeiro respondeu-lhe: Um espírito está me mandando cortar-lhe o pescoço, mas eu não quero fazer isso! O barbeado, com o rosto ainda cheio de sabão, deu um pulo para a rua, e vendo o homem com gestos ameaçadores, foi avisar a polícia. O barbeiro foi preso e poucos instantes depois estava completamente louco. Foi internado no asilo dos alienados, onde continua louco varrido. Cuidado... homens, antes de mandar fazer a barba, examinem bem se o barbeiro não frequenta qualquer sessão espírita ou não lê livros espíritas, pois á idéia de aliviar os seus ombros do pêso da cabeça bem poderia apoderar-se dêle!... Cuidado com os espíritos... cortadores de pescoco!...

7º Resultados do espiritismo

Em La Roche-Sur-Yon, França, morreu recentemente a sra. Ermenegilda Hillerau, vítima do espiritismo explorador da credulidade simplória dos que se lhe entregam. Fôra ela, primeiro, uma incrédula completa, para quem o mundo de além túmulo não existia e a religião não passava de superstição. Por isso mesmo foi vítima fácil da pior das superstições do espiritismo, para o qual se passou com armas e bagagens.

Assim mesmo é que acontece: os que fazem praça de não acreditar em nada, quando são colhidos por algum fenômeno espírita que não sabem explicar, rodam de vez.

Há uma dezena de anos, a sra. Hillerau, que então era viúva de meio século de idade, tinha as segundas núpcias, com um inspetor de estrada de ferro, freguês da pensão que ela mantinha. Uma das razões que os conduziram ao matrimônio foi a comunhão de idéias quanto ao espiritismo, do qual ambos eram adeptos fervorosos. Em sessões espíritas se haviam conhecido, e lá foram, pelos «irmãos do espaço», aconselhados ao casamento.

Há alguns mêses, o inspetor «desencarnou», e a sra. Hillerau de novo estava viúva. Parece que teve muito afeto ao seu marido, pois, ralada de saudades, fez o que os espíritas costumam fazer em tais circunstâncias: quis conversar com o espírito do seu defunto. Para isso recorreu a «médium» de nome Rafaela Elfrich, mulher duns trinta e oito anos, que havia pouco armara em La Roche-sur-Yon a sua tenda de trabalho. A vidente declarou não haver maior dificuldade: precisava, porém, preliminarmente, duma carta qualquer traçada pelo defun-

to. Entregue o documento, a tal Elfrich comunicou à viúva que podia confiadamente dirigir uma epístola ao seu espôso desencárnado, pois a resposta não demoraria. Assim se fez. Exatamente cinco dias decorridos, a resposta chegou. A letra era um pouco trêmula e insegura, mas no total bastante parecida com a do defunto; coisa que se levou à conta da comoção do mesmo em dirigir-se à vúva em quem tanto afeto via.

Desde então, a correspondência prosseguiu e a viúva sempre recebia com maior credulidade as cartas do seu ex-companheiro.

Natural era que êste, mesmo lá do espaço, zelasse pelos interêsses materiais que tanto lhe queria. Entre outros conselhos quanto a administração dos bens, mandou-lhe o de confiar à guarda da vidente 80.000 francos que tinha em casa. Tão sugestionada estava a sra. Hillerau, que não hesitou; entregou o dinheiro à «médium», que lhe passou o recibo. Decorreram algumas semanas; cada vez que a viúva ia à casa da vidente, esta lhe mostrava as 80 notas de 1000 francos e lhe passava nova epístola do falecido. Numa destas, o mesmo lhe aconselhava que por motivos de saúde, fosse passar uns dez dias em casa de parentes em Alzenay, na Vendéia; não convinha, po-rém, carregar consigo na viagem os títulos da renda pública no montante de 30 a 40 mil francos, que guardava numa maleta de couro: melhor era deixar tudo escondido sob o colchão. Também êste conselho foi seguido.

A sra. Hillerau foi tranquilamente em visita aos parentes. Quando regressou teve uma surpresa: a sua vidente Elfrich tinha desaparecido da localidade, com rumo ignorado; e com ela os 80.000 francos em dinheiro e os títulos de renda pública. A pobre vítima teve tamanho choque que, dois dias depois, falecia de colapso cardíaco. Para essas e outras serve o espiritismo.

8º «Mataram o diabo!»

Sim, senhores! o diabo, o velho satanás, que há tantos milênios vinha perturbando o mundo, teve seu fim, acaba de morrer — mataram-no a porrete!

Assim narra, com abundância de pormenores, o «Diário de Notícias», de Pôrto Alegre. O sensacional acontecimento, segundo a reportagem do «Diário», é o seguinte: Lá pelos primeiros dias do mês de Março de 1934, foi fundado em Santa Cruz do Pinhal, 2º distrito de Taquara, um «centro» espírita, que levou o nome de «D. Feliciano». Naquele meio, entre povo analfabeto e ignorante, os discípulos de Kardec encontraram trevas em abundancias para espalharem a «luz» do «evangelho» dos defuntos, e começaram, a «obra» sem perda de tempo. O efeito não se fez esperar; logo começaram a surgir os «iluminados», que por sua vez começaram a fazer «prodígios».

Entre êsses «iluminados» destacou-se Maria Rosa, que logo «subiu» muito, pois andou até aqui pela Capital bebendo a «luz» dos «evangelhos espíritas», e chegou a ponto de poder «falar com Deus», a qual-

quer hora!

Neste meio tempo adoeceu sua tia, Luiza Rosa, e Maria, «iluminada», não titubeou, valeu-se de seu «poder mediúnico» e foi «falar» com Deus para saber o que devia fazer. Ouviu, então, Deus dizer-lhe o que devia fazer. Ouviu, então, Deus dizer-lhe que sua que sua tia já havía morrido, «desencarnado», há 3

dias e que quem estava ali não era mais o espírito de Luiza Rosa e sim o diábo em pessoa! Não havia outro remédio, senão expulsar ou matar o diabo.

E foi o que fez Maria Rosa. Chamou seu pai e mais outros homens e mandou-os matar o «diabo». Os dois homens, um com um fação e o outro com cacete, entraram a espancar brutalmente a infeliz Luiza. Bateram enquanto a vítima gritou; quando se calou, pararam: estava morto o «diabo»!

Se êste episódio, tão triste quão brutal, não viesse narrado num documento digno de todo o crédito, qual seja um ofício do sub-chefe de polícia daquela região, dirigido ao juiz, pedindo a prisão preventiva dos matadores, seria duro de acreditar, já pela crueldade de que se revestiu, já pela selvageria que demonstraram seus autores.

Em todo o caso, é digno de notar o efeito da «luz» da doutrina espírita nos cérebros fracos e ignorantes; chéga a convencê-los de que têm poder sobrenatural para abater, matar o próprio diabo!

9º O homem que não morreu

A «Estrêla do Sul», de Pôrto Alegre, conta que estava gravemente enfêrmo um pobre homem, que, por sinal, era frequentador dos centros espíritas. Tuberculoso em adiantada gravidade, consultou a «sabedoria» do médium e êste declarou que seu remédio era «desencarnar»... E, para garantia da sua declaração, o médium evocou um espírito qualquer e fixou dia e hora para a morte do tuberculoso. O pessoal do «centro», na hora marcada, lá estava para ver

o homenzinho se desencarnar... E o homem, nada! Morreu duas semanas depois!

Qualquer pessoa sensata dirá logo que o médium mentiu e enganou. Mas, os espíritos explicaram que a culpa foi do homem que não morreu.

IV. Estatísticas

O dr. Xavier de Oliveira acaba de publicar um livro intitulado: «Espiritismo e loucura». E' um admirável trabalho literário-científico, que deve ser lido por todos aquêles que se interessam pelas grandes questões sociais, médicas e religiosas.

Nesse livro, o autor demonstra de modo impressionante; com algarismos tirados do «Livro da Porta», do Hospital de Alienados, que o espiritismo não só é causa de loucuras, mas que, nestes últimos anos, tem aumentado muito, mas muitíssimo mesmo, na assustadora proporção de 1.300 %.

Eis a tremenda lista:

Em 1917 entraram 16 espiritopatas

- 1918 23 « ≪ 1919 56 « **«** K 98 1920 .« ≪ « 135 1921 ≪ « ≪ 1922 191 **« «**
- « 1923 **«** 217 «

O dr. Xavier, patriòticamente invoca a instrução das massas. O combate à ignorancia acha êle que seja o melhor remédio contra êsse mal.

V. Imoralidades

Sendo o espiritismo uma fábrica de loucura, deve ser, ao mesmo tempo, fábrica de imoralidades. Não desenvolvo êste repugnante assunto, capaz de escandalizar as almas ingênuas; entretanto é preciso indicá-lo para prevenir os pais contra os abusos que diàriamente os jornais assinalam e descobrem nas sessões espíritas.

Não há muito as autoridades cariocas deram uma grande batida no morro do Itapiru, varejando o centro «São Jorge», sendo presos o presidente do centro, com uns 20 indivíduos, além de 4 moças menores, que se diziam desonestadas pelo presidente. A polícia apurou que o presidente daquele centro espírita abusava realmente de menores, que o frequentavam.

Os casos de loucuras, os crimes e imoralidades resultantes das práticas espíritas, principalmente no Rio, são tão numerosos e incontestáveis, que o próprio espírita Luís de Matos, embora defendendo a sua seita, que é anti-kardecista, os tem denunciado em numerosos artigos, escritos em linguagem violenta, cujo conteúdo se pode avaliar pelos títulos: «Os praticantes do espiritismo, que não seja o racional e científico (cristão, é a seita dêles), são grandes criminosos, porque são fabricantes de loucos. Como êles roubam a honra dos lares, dos indivíduos, das donzelas e desgraçam os incautos.»

E, no entanto, todos êles kardecistas e anti-kardecistas, se dizem guiados e inspirados pelos espíritos e são canditatos a um lugar ao sol.

Que religião nefasta, que é o espiritismo, mesmo pondo de parte a sua doutrina irracional e herética! Com razão, disse um dia Olavo Bilac: «O espiritismo é um perigo público, uma calamidade social, como a sífilis, a tuberculose e a variola. Contribuir de qualquer modo para propagar essa moléstia é cometer um crime»!

CAPITULO XXI

A IGREJA E O ESPIRITISMO

Muito teria que dizer ainda se quisesse explanar todo o assunto do espiritismo.

Convém resumir. O que temos visto das diversas manifestações do espiritismo é o bastante para o leitor formar uma opinião fundada a êsse respeito. O espiritismo é obra dos homens; devemos agora colocá-lo em frente da obra de Deus, que é a Santa Igreja Católica.

Desta confrontação — devia-se dizer: aproximação — há de resplandecer nova luz, que mostrará se as idéias aqui expendidas combinam ou não com o ensino da Igreja Católica.

E' o que procurarei fazer nêste capítulo, tanto para esclarecer os leitores, como para resumir as teorias e verdades expostas.

I. O sentimento da Igreja

Após a leitura do que precede, o leitor deve ter compreendido que o espiritismo é, antes de tudo, fraude, burla, trapaça e palhaçada. Há fatos científicos, provenientes do hipnotismo, da sugestão, da telepatia, é certo e forà de discussão. Pode haver fatos nêste terreno, ainda pouco conhecidos: são, talvez, os alicerces de ciências futuras.

Haverá fatos preternaturais, e será isto diabólico? Deve haver; é quase certo... raros, rarissimos, porém reais, pois o terreno é esplêndido demais, para o demônio não se aproveitar dêle, às vezes. Tais casos, como tenho repetido a cada instante, têm sido muito exagerado em «números» e em «valor», pela credulidade popular, como pela ingenuidade de certos cientistas, e não menos pela boa fé de certos escritores católicos. Esta exageração produz um efeito contra producente: em vez de afastar do perverso espiritismo, atrai, pela exitação doentia da curiosidade nos mistéros do «além».

O lado mais real, mais hediondo e mais perverso do espiritismo é de ser, como dizem os médicos, uma «fábrica de loucos», uma escola de «imoralidades», um incentivo ao crime, ao suicídio.

Tudo isto é muito diabólico... inteiramente diabólico, sem que o demônio intervenha «físicamente». Alcançado tal resultado pela sua intervenção «moral», êle deve esfregar as mãos de contente; a sua grande obra está realizada: — perder as almas, arrancando-lhes a fé, a virtude e, às vezes, a vida.

Essa me parece ser a doutrina da Santa Igreja, manifestada pelas decisões da Santa Sé e dos Concílios provinciais de Bispos, como pelo ensino dos teólogos, que estudaram os fatos.

Há um assunto de particular importância sôbre êste assunto, oriundo do Concílio de Baltimore, em 1866, condenando a prática do espiritismo.

«Embora se conheça, dizem os Padres do Concílio, que nos círculos espíritas se apresentam fenômenos, que são verdadeiras fraudes, ou truques, ou ilusão dos médiuns ou dos assistentes, contudê não se pode duvidar que certos fatos não sejam de intervenção diabólica, visto mal admitirem outra explicação».

II O jôgo do demônio

E' claro, é indiscutível que o espiritismo seja uma seita perversa e perversora; e por êste título a consciência o condena, e a Igreja está em seu papel proscrevendo-o como contrário à moral cristã.

Mas não é excessivo (pode objetar alguém), condená-lo como obra diabólica? Não é isso dar-lhe um valor, um caráter, que não possui? Os teólogos não criaram para si um espantalho, um vão simulacro, contra o qual fulminam, depois, seus raios doutrinais? Não! Não há exagêro nenhum, nem da parte da Igreja, nem da parte dos teólogos.

A Igreja não diz que, nos fenômenos espíritas, intervenham «sempre os demônios». Ela nem diz que intervenham «muitas vezes». Pensa apenas que «podem» intervir. E isto é o bastante para acusá-la de exagero?

Ora, não há dúvida que o espiritismo seja um terreno admirávelmente preparado para intervenção do demônio.

Os próprios espíritas ufanam-se de estar em relações com o mundo dos espíritos, que só podem ser os maus espíritos ou demônios. Seja vã tal pretensão, pouco importa; ela não deixa de ser culpada.

Certos fatos, — apesar de raros — parecem mostrar que, às vezes, esta intervenção tem sido real. Elie Meric cita diversos casos onde, por exemplo, uma mesa girante, ao contacto de um objeto bento, parou e esmigalhou-se repentinamente.

Afastando mesmo a hipótese da intervenção real e física do demônio, o espiritismo mereceria ainda todos os anátemas da Igreja, porque, conforme o rifão popular, aplicável perfeitamente ao caso:

— «O espiritismo é jôgo do diabo»!

O espiritismo lança a perturbação no cérebro e na consciência e, praticado com assiduidade, tornase uma verdadeira «obsessão», idéia fixa, produzindo desordens mentais.

Pode dizer-se das práticas espiritas o que Santo Agostinho disse das práticas da magia, de que se origina que, ao mesmo tempo, excitam o «desejo imoderado» de experimentar e de conhecer; e êste desejo, esta curiosidade sem freio provoca na alma a expectativa alucinante do maravilhoso: «Experiendi noscendique libido». A necessidade, como a paixão, nascem depressa e tornam-se insaciáveis.

Há, pois, grande perigo para as «inteligências», como o há para a «fé» e para a «moralidade». Tudo isso faz admiràvelmente «o negócio do diabo»,

como diz ainda o rifão popular.

Não há necessidade de que êle intervenha diretamente, senão uma vez ou outra, para manter as ilusões, excitar a curiosidade e dar às sessões o atrativo do preternatural e do misterioso.

O homem faz, deste modo, a obra do demônio, e a faz muito bem feita. Este último não tem senão que excitar cada vez mais as más inclinações da natureza... e se, uma vez ou outra, êle quiser e puder intervir, a atmosfera é tôda favorável à sua ação; a porta está aberta, pode entrar e será bem recebido. Tal me parece ser a doutrina da Igreja.

Em 1915, foi publicada a Carta Pastoral Coletiva do episcopado do Norte do Brasil, documento luminoso, verdadeiro monumento científico e religioso em que se trata exclusivamente da questão es-

pirita.

Ali, se-lê, no nº 7: «Terá alguma vez o espírito do mal ajudado os médiuns»?... Não temos argumentos, nem para afirmar, nem para negar, uma vez que

bastam as simples forças naturais para o explicar suficientemente; mas o que podemos assegurar é que o demônio deles se tem servido, como de todos os demais fenômenos espíritas, para ludibriar tantos dos nossos irmãos e afastá-los de Jesus Cristo, fazendo-lhes perder a fé».

E no nº 28: «Este caráter diabólico da doutrina do espiritismo, juntamente com a aparência prodigiosa dos fenômenos das sessões espíritas, tem levado homens de não pouca autoridade a atribuir também êstes fenômenos à intervenção do espírito do mal... Segundo êste modo de ver, seria, pois, o demônio quem, ao serem invocados os espíritos, responde e se manifesta por aqueles prodígios. Conhecida a tendência abertamente anticristã e tão perniciosa das sessões espíritas, não nos custa pensar que, de fato, «alguma vez», melhor se faça sentir a intervenção diabólica».

Diante de tal situação, compreende-se a prudência, a reserva e a firmeza da Igreja católica. Ela não vascila, não hesita, porém não intervém, senão para manter íntegros os dogmas e pura a «moral», sem pronunciar-se sôbre os fatos que, por ora, nenhuma relação têm com a fé.

A Igreja tem manifestado o seu pensamento em documentos, que são, sobretudo, «respostas», feitas pela autoridade eclesiástica a perguntas que lhe são dirigidas. Respostas pouco numerosas, respostas prudentes e reservadas sôbre certos casos, formais e positivos em outros.

Estes documentos não condenam o «magnetismo», nem o «hipnotismo» em si mesmos; condenam só o abuso. São reputados abusos o procurar fins criminosos e imorais, assim como a pretensão de alcançar, por meios naturais, fins pertencentes à ordem preternatural.

268

O espiritismo pròpriamente dito comporta a evocação dos espíritos: tal evocação é sempre repudiada como «superstição» ou adivinhação.

O documento mais completo que possuímos a esse respeito é de 1856, dirigido a todos os bispos pelo tribunal da Inquisição Romana, contra os abusos do magnetismo.

O Santo Ofício declara que, «cuidando em afastar tôda a adesão a doutrinas errôneas, sortilégios, recursos explícito ou implícito ao demônio, o uso do magnetismo, empregado por meio de certos processos físicos, de caráter honesto, não é proibido pela moral se não se propuser um fim de qualquer modo ilícito ou perverso».

Tal resposta fixa, pois, claramente e com rara perspicácia o que há de permitido e de proibido no magnetismo.

Infelizmente, os processos antigos foram substituidos por outros, mais perigosos e mais perversos ainda.

Descurando dos meios naturais de investigação, os homens ufanam-se de ter encontrado meios de evocar as almas dos mortos, de receber respostas do além, de descobrir coisas desconhecidas, passadas e futuras, e outras semelhantes superstições. E' o espiritismo moderno.

III. Decisões sôbre o espiritismo

O mal tomando novo rumo e nova forma, a Igreja formula novas declarações a respeito do espiritismo pròpiamente dito, ou evocação dos mortos.

O Santo Oficio, em 24 de Abril de 1917, deu uma resposta mais decisiva, visando exclusivamente o espiritismo. Eis a questão proposta e a solução dada:

Perguntaram: «E' proibido tomar parte, por médium ou sem médium, usando ou não de hipnotismo, em reuniões ou manifestações espíritas, mesmo que tais reuniões tenham uma aparência honesta ou piedosa, quer se interrogue as almas ou espíritos, quer se escutem as respostas dadas, quer se permaneça apenas como observador, mesmo que se protestasse tácita ou expressamente não querer nenhuma relação com os espíritos maus»?

A S. C. do Santo Ofício respondeu: «Não, sôbre todos os pontos».

Portanto, a «frequencia» às sessões, a «interrogação» aos mortos, com ou sem médium, o «consultar para obter remédios, que se dizem receintado pelos espíritos, são coisas proibidas pela Igreja e «gravemente» pecaminosas.

Assim fica bem estabelecida, embora sumàriamente, qual a atitude oficial da Igreja, em relação aos fenômenos psíquicos e ao espiritismo.

IV. Opniões livres

A Igreja, com a sua costumada prudência, ou melhor, sob a direção do Espírito Santo, não se pronunciou ainda sôbre a natureza dos fenômenos psíquicos.

Vários escritores católicos e certos teólogos afirmam que é o demônio o agente de «muitos» fenômenos do espiritismo, mas convém notar que a opnião desses escritores não é a palavra oficial da Igreja.

A questão é livre... e a Igreja aprova livros, que sustentam teses opostas, como por exemplo o livro do Pe. Herédia, do Pe. Franco, de Bento Rodrigues e de Godofrey Raupert, significando apenas que não há nada nestes livros contrário a fé ou à moral. E'

o seu grande lema de firmeza, de liberdade e de caridade conforme o adágio clássico: «In necessariis unitas, in dubiis libertas, in omnibus caritas».

Podemos dizer, entretanto, que a Igreja inclinase francamente para o lado que áqui sustentamos, suspeitando apenas, nas manifestações espíritas, a intervenção «acidental» das potências diabólicas.

Assim pensam Mainage, Roure, d. Otávio de Miranda, Pe. Herédia e muitos outros, contrários, neste ponto ao Pe. Franco, a Raupert, Cônego José Re-

sende, Pe. Bento José Rodrigues, etc.

O que a Igreja «condena são as doutrinas errôneas do espiritismo», doutrinas que não expus neste estudo, reservando-as para outro trabalho. Tais doutrinas, estando em completo antagonismo com os dogmas católicos sôbre Deus, Jesus Cristo, a vida futura e a maior parte das verdades fundamentais do cristianismo, não passam de um acervo de heresia, que a Igreja positivamente devia condenar, como as condenou de fato.

V. Concílio Plenário Americano

O Concilio Plenário Latino-Americano, celebrado em Roma, em 1899, sob a presidência de um Cardeal Delegado do Sumo Pontífice, estando presentes deal Delegado do Sumo Pontífece, estando presentes 3 arcebispos e 40 bispos da América Latina, assim se exprime em seus nos. 163 e 164: «Entre todos os delírios das superstições, que, invocando o seu favor e progresso e a civilização dos nossos tempos, se exibem, sob aparato científico, para melhor enganar os incautos, o mais pernicioso é aquêle que se intitula «espiritismo». O espiritismo é, com efeito, o astucioso agrupamento de doutrinas absurdas, que provo-

cam a hilaridade e as mofas de muitos — um cúmulo de superstições. Conhecido, já há muitos séculos, sob outros nomes e revestido de outras formas, e castigado com justas penas, êle não mereceria hoje a menor atenção dos homens sérios se não fossem os prejuízos que causa pelo prestígio do povo ignorante.

Como, porém, os sectários do espiritismo, que, pelas inúmeras ficções de suas «mentirosas» exibições, enganam os incautos, admitem e promovem operações diabólicas e não se pejam de espalhar muitas heresias, sobretudo contra a eternidade das penas do inferno, não podem êles, nem no foro interno, nem no foro externo, ser considerados como simples pecadores, mas «devem ser tidos por hereges ou fautores e defensores de hereges, nem poderão ser admitidos à participação dos Sacramentos, senão depois de reparado o escândalo, feita a abjuração do espiritismo e profissão de fé, conforme as normas prescritas pelos teólogos».

VI. Leis canônicas

As leis canônicas têm penas rigorosas contra os espíritas. São as seguintes: Em consequência, equiparados os sequazes das doutrinas espíritas aos hereies, incorrem, «ipso facto», em excomunhão (Cod. Can. 2.314-1).

A absolvição dessa excomunhão, que se dará no foro da consciência, é reservada, «speciali modo», à Santa Sé. Mas, se o delito é levado ao bispo, pode este, por sua autoridade ordinária, absolver o hereje no foro externo, mediante abjuração. O penitente assim absolvido no foro externo, pode ser absolvido no foro da consciência por qualquer confessor (Can. 2.312-2).

- A pessoa que lê e conserva livros heréticos (e portanto espíritas), incorre, «ipso facto», na pena de excomunhão reservada «speciali modo» à Santa Sé» (Can. 2.318, § 1).
- A pessoa que, de qualquer modo, ajudar por sua vontade e cientemente a propagação da heresia (e, portanto, do espiritismo) é suspeita de heresia. (Cân. 2316).
- E a pessoa suspeita de hercsia, a qual, sendo avisada, não remover a causa da suspeição, deve ser proibida dos atos legítimos (não pode ser padrinho, de patismo ou de crisma), e, se não se emendar dentro de 6 mêses, depois dessa pena, será considerada como herege e sujeita às penas contra os hereges (Can. 2.315).

VII Código penal

Tantos males tem o espiritismo causado à sociedade, que os próprios legisladores viram-se na necessidade de decretar leis severíssimas contra os seus sectários.

- O Código Penal Brasileiro, no artigo 157, diz: «Praticar o espiritismo, a magia e seus sortilégios; usar de talismãs e cartomâncias, para despertar sentimentos de ódio ou de amor; inculcar curas de moléstias curáveis ou incuráveis, enfim, para fascinar e subjugar a credulidade pública, «Penas de prisão» celular por 1 a 6 mêses e multa de 100\$000 a 500\$000.
- § I. Se, por influência ou em consequência de qualquer destes meios, resultar ao paciente privação ou alteração temporária ou permanente das faculdades psíquicas: «Penas»: Prisão celular por 1 a 6 anos e multa de 200\$000 a 500\$000.

§ II. Em igual pena, e mais na de privação do exercício de profissão por tempo igual ao da condenação, incorrerá o médico que, indiretamente, praticar qualquer dos atos acima referidos, ou assumir a responsabilidade dêles.

* * *

A conclusão é fácil, de uma dedução rigorosa. Se a Igreja Católica condena o espiritismo; — se a ciência médica aponta-o como um perigo para as faculdades mentais, levando à loucura; — se o Código Penal proíbe a prática do espiritismo, é porque, realmente, o espiritismo é mau, é perverso e perversor.

Ora, é natural, é necessário afastar-nos de tudo

que é perigoso, de tudo que nos pode perder.

CAPITULO XXII

CONCLUSÕES PRATICAS

Está terminada a minha tarefa. Estudei, nestas páginas, apenas um lado do espiritismo: «os fenômenos», tendo estudado em trabalho anterior, O «Espiritismo Perante a Religião e a Ciência», o lado doutrinal da mesma seita (1).

Ao invés de religião verdadeira, cujo «dogma» forma a base da sua «moral», e cujo culto é a expressão de seu dogma, o espiritismo começa pelos «fenômenos», pelo exterior; sôbre estes fatos exteriores, vai construindo um dogma e uma moral, que se podem intitular a ausência de todo dogma e de tôda moral. Bastaria isso para provar que o espiritismo não é divino, mas únicamente humano.

A religião vem de cima, — o espiritismo vem de baixo. A religião deve ser revelada por Deus; — o espiritismo é manifestado pelos mortos, (dizem seus sectários). A religião, sendo divina, é imutável como o própro Deus;— o espiritismo muda a cada instante, e, repelido de um lugar, refugia-se em outro. A religião deve estar ao alcance de todos;— o espiritismo só está ao alcance dos nevropatas e supersticiosos.

⁽¹⁾ Livro infelizmente perdido em manuscrito numa livraria pela mudança de proprietário. — Cfr. o nosso «Anjo das trevas» — Primeira parte: o espiritismo.

Resumindo

Este trabalho tem por fim desmascarar o espiritismo e mostrar que não passa de fraude vergonhosa, de trapaça indigna, de burla grosseira.

O espiritismo é o grande «escroc» moderno, o guignol dos tolos, a máscara dos exploradores e o veneno mortal da nossa sociedade nervosa, à cata de emoção e de novidades.

O espiritismo, sob a máscara do «misterioso, apresenta-se aos homens sob o tríplice aspecto de «ciência, de fraudes e fatos» incompreenísveis.

Quanto ao seu aspecto religioso, é sumamente ridículo, como é ridículo sob a máscara de ciência.

Há fenômenos extraordinários no espiritismo: é incontestável; tenho procurado explicar nos primeiros capítulos, mostrando que são, geralmente, o produto do magnetismo, hipnotismo, sugestão, nevropatia e telepatia.

Há muitos fenômenos, mesmo quase todos, que não passam de «fraudes e de trapaças» vergonhosas; tenho-o mostrado igualmente em diversos capítulos.

Há outros fatos, um tanto incompreensíveis que se devem atribuir a novas ciências em formação, cujos princípios e fenômenos não são ainda bem conhecidos.

Poucos outros fatos, que restam e que se reduzem a uma porcentagem mínima, não encontrando nenhuma explicação natural e superando claramente às forças da natureza, podem ser atribuidos aos demônios, constituindo então casos especiais de possessão ou de obcessão diabólica.

II. Aplicando

O espiritismo, em seu conjunto, apresenta-se com êste quádruplo ferrete de ignomínia, que muito bem resume o anônimo Illis, em belos artigos publicados na «Cruz», do Rio, como sendo uma doutrina «anti-individual, anti-social, anti-religiosa e anti-moral».

«Anti-individual, porque perturba o cérebro dos que a seguem pela suposta comunicação com os mortos. Não há um só espírita que não seja um desequilibrado, subindo de grau êsse desequilíbrio até a loucura e o suicídio, sendo suas sessões antecâmara do hospício.

«Anti-social» por desorganizar, por completo, a sociedade, tornando a comunidade um hospício de loucos, e, pela abolição das penas eternas, tirando têda a sanção à justiça.

«Anti-religioso», porque abstrai da existência de Deus, com quem não se ocupa, e nega os dogmas fundamentais da verdadeira religião, que é a católica.

«Anti-moral», pela promiscuidade de sexos diferentes em suas sessões onde, reunidos em meia luz ou no escuro, «começam pelo espírito, mas acabam pela carne. — Sic stultis, ut cum spiritu coeperitis, nunc carne consummemini (Gál. 3, 3).

III. Comparando

Quando uma mãe ouve dizer, diz muito bem o Padre Herédia, que os moradores de uma casa vizinha têm uma doença contagiosa, proibe aos meninos brincarem perto dessa casa, ou acamaradaremse com êsses moradores. E' especialmente rigorosa

na sua proibição se vê que alguns que moraram na casa ou a visitaram foram levados pela morte.

Pode não ter certeza de que haja ali, na casa, uma doença contagiosa. Pode ser um boato, totalmente falso ou sem fundamento; contudo ela insiste em afastar dali as pessoas caras. Assim faz, não por sua causa, mas por causa dos filhos.

Tal é justamente a atitude da Igreja, quando proíbe a seus filhos assistirem às práticas espíritas, se essas práticas «são sob forma de consulta aos mortos».

A Igreja é nossa mãe. Seus olhos maternais são de tal modo penetrantes, que descobrem o perigo até de longe. Está sempre solícita em buscar a eterna felicidade de seus filhos.

Ela sabe que está edificada sôbre o eterno rochedo de Pedro, e que nunca as portas do inferno hão de prevalecer contra ela, tendo como prova desta fé a experiência de vinte séculos. Não teme, pois, o inferno. Receia, unicamente, a perda das almas, dos filhos, que a ela pertecem.

No batismo, os católicos prometem renunciar ao demônio e a tôdas as suas obras. Hoje, o católico não pode saber se o demônio se oculta atrás dos fenômenos do espiritismo. Parece provável que há ali, atrás dos fenômenos, pelo menos uma «atividade diabólica». Ninguém pode dizer exatamente até onde chega êste poder do demônio. Nesta dúvida, é um dever rigoroso afastar-se do perigo sob pena de ser perjuro às suas promessas e traidor a Deus, à sua fé e a Igreja.

IV. Concluindo

Transcrevo as conclusões enuciadas pelo ilustre bispo de Pouso Alegre, d. Otávio de Miranda, no fim do seu livro «Fenômenos psíquicos», por serem a mais segura coclusão do que precede, nestas páginas.

1º Desconfiar sempre da autênticidade dos fatos extraordinários, que vêm ao nosso conhecimento: nas mais das vezes, não passam de exagêros, simulações e fraudes.

2º Verificada a autênticidade de um fenômeno, examinar se não lhe cabe alguma explicação natural: forças ainda não determinadas que movem as mesas e objetos; conhecimentos recebidos do subconsciente do médium ou de pessoas estranhas, por transmissão de pensamentos ou telepatia, etc., conforme as opiniões indicadas nos capítulos precedentes.

3º Se do exame esclrecido do fato nos parecer impossível que provenha de forças naturais, respeitar a intervenção do demônio, não afirmá-la, como coisa indiscutivel, sem que tenhamos dados certos pa-

ra essa intervenção.

4º Quanto a explicação pelos espíritos, distinguir os fenômenos «espontâneos e provocados». Com referência aos espontâneos — avisos, aparições, — não seria improvável, em certos casos, a ação das almas dos mortos ou dos bons anjos, ficando sempre de pé também a hipótese natural da telepatia. Tratando-se, porém, de fenômenos provocados, rejeitar a explicação pelos espíritos, por ser contrária à sabedoria de Deus e aos princípios católicos sôbre o estado das almas depois da morte.

5º Quanto às doutrinas espíritas, rejeitá-las absolutamente, como heréticas, que são, e destituidas

de tôda autoridade.

6º Quanto às práticas espíritas (frequência às sessões, evocações, consultas, etc.) abstermo-nos completamente, por serem proibidas pela Igreja e perigosíssimas à fé, à saúde e à moral.

V. Pela Sagrada Escritura

As conclusões que acabamos de formular são a aplicação, — podia-se quase dizer — a reprodução dos conselhos do apóstolo São João, na sua primeira epístola, cap. 43

1º «Meus amados, não acrediteis em todo espírito, mas experimentai se os espíritos são de Deus; porque muitos profetas falsos aparecerão no mundo. 2º Eis como é conhecido se o espírito é de Deus: todo espírito que confessa que Jesus Cristo veio na carne (se fez homem), é de Deus. 3º E todo espírito que divide Jesus (nega a sua divindade), não é de Deus. Este é o anticristo de quem ouviste que havia de vir e que já está no mundo. 4º Filhinhos, sois de Deus, e vencestes a êsse; porque maior é o que está em vós (Deus), do que o que está no mundo, o demônio. 5º Do mundo são (os espíritos), e por isso falam do mundo, e o mundo os ouve. 6º Nós somos de Deus; aquêle que conhece a Deus, nos ouve. Nisto conhecemos nós o espírito da verdade (a religião verdadeira): e o espírito do êrro (os hereges: como protestantes, maçons, espíritas):

Que admirável compêndio anti-espírita, essa página do apóstolo São João! E que bela regra de vida no meio dos êrros, que nascem e envolvem a verdade, causando tantos danos ao rebanho de Cristo!

VI. Os católicos e o espiritismo

Os católicos não devem frequentar as reuniões espíritas, nem ajudar, seja de que modo for, as associações ou grupos espíritas. Não devem ajudar nem mesmo as obras do espiritismo, ainda que essas obras sejam de caridade.

«Porque não devem ajudar»? — Os católicos não devem ajudar o espiritismo, nem assistir às suas reuniões, nem usar seus remédios e receitas, entre outros motivos, pelos seguintes:

1º Porque o espiritismo é contra Deus.

2º Porque o espiritismo é contra Jesus Cristo.

3º. Porque o Espiritismo é contra a Ig. Católica.

4º Porque o espiritismo é nocivo à saúde.

5º Porque o espiritismo é absurdo.

6º Porque o espiritismo é condenado por Deus.

7º Porque o espiritismo é condenado pela Igreja.

8º Porque o espiritismo é condenado pela ciência e pelo bom senso.

«O próprio Deus o proibe». — A Bíblia, de que os próprios mestres espíritas fazem uso, em que pretendem encontrar apôio, contém a prova mais certa de que Deus proíbe o espiritismo. No Deuteronômio, cap. 18, 11, Deus diz claramente: «Não se ache entre vós quem indague dos mortos a verdade». Não pode ser mais clara a proibição. E porque proíbe Deus o espiritismo? «Porque o Senhor abomina tôdas essas coisas» (V. 12).

«Que é o espiritismo»? — O espiritismo é um conjunto de práticas inconvenientes e más.

«Quais são as doutrinas espíritas»? — As doutrinas errôneas do espiritismo, além de outras, são as seguintes:

1ª Que as nossas almas existiram antes do nosso nascimento, segundo uns, desde a eternidade; segundo outros, desde muito tempo; segundo outros, pouco antes de nascermos.

2º Que a alma, quando o corpo morre, reencarna noutro corpo, seja na terra, seja em outro astro, não uma vez, mas em sucessivas reencarnações, até ficar limpa de pecados e imperfeições. 3ª Que a alma e os espíritos se comunicam conosco. 4ª Que não há inferno, pois o castigo das nossas culpas consiste nas reencarnações sucessivas.

5ª Que não há graça, nem sacramentos, nem divin-

dade de Nosso Senhor e da sua Igreja.

«Quais são as práticas do espiritismo»? — As práticas inconvenientes do espiritismo podem ser resumidas na evocação dos espíritos e comunicações com êstes, seja para pedir suas luzes e ensinamentos das sessões de estudos, seja para conhecer coisas ocultas ou futuras, seja para pedir conselhos ou indicações de remédios, seja para qualquer outro fim.

Portanto, todos aquêles que frequentam o espiritismo pratica uma ação que Deus proibe, que Deus abomina. E quem diz isto, não é o bispo, não são os padres, é o próprio Deus, no mais santo dos livros, a Bíblia, usada pelos mesmos mestres do espiritismo.

Conchisão

Católicos e não católicos! Não vos dexeis enganar pelos espíritas! São falsos! São falsos profetas, ministros do próprio demônio, que querem perder vossas almas. Para isto vos atraem com enganos, com artes diabólicas, muitas vezes, com falsas comunicações, receitas e remédios.

Para curar vossas moléstias, não deveis sacrifi-

car as vossas almas!

Não deveis atender aos seus chamados e convites! Não confieis em suas promessas enganadoras! Conservai-vos fiéis ao vosso Deus, a J. Cristo, que por vós padeceu e morreu, e à vossa Igreja, para vós construída pelo próprio Jesus, para vos ensinar a verdade.

Deo Virginique Mariae laus et gloria.

INDICE

Carta do Exmo. Sr. Dispo de Caratinga	
Introdução	7
Cap. I — Razão de ser do espiritismo	9
I. O mundo quer ser enganado	9
II. Se eu fôsse espírita	
III. Espíritas sem espírito	⁻ 12
IV. Escola de loucura	14
V. Centro de crimes	.15
VI. Modêlo de pagodice	16
VII. Pai e mãe reencarnados	18
VIII. Conclusão	20
Cap. II — Os pródromos do espiritismo	22
I. O magnetismo	23
II. O hipnotismo	25
III. O que é o hipnotismo	
IV. E' uma moléstia	27
V. A telepatia	28
Cap. III — O hipnotismo	. 31
I. A sugestão	. 31
I. A convicção	
III. O domínio da vontade	. 34
IV. Sugestão e convicção	. 35
Cap. IV — Fenômenos hipnóticos	. 38
I. A auto-sugestão	
II. Desdobramento da personalidade	. 39
III. Substituição da personalidade	. 40
IV. A ciência das línguas	. 40
V. A moléstia hipnótica	

Cap. V — O histerismo	
I. Observações clínicas	43
II. O que é a histeria	44
III. Fenômenos da ordem mental	45
IV. A crise histérica	46
V. Um exemplo elucidativo	49
Cap. VI — Idéia geral do espiritismo	53
I. Opiniões e realidades	53
II. Teorias em voga	55
III. Teoria espirítica	55
IV. Teoria demoníaca	57
V. Teoria naturalista	59
VI. Espiritismo cristão	61
VII. Um fato extraordinário	62
Cap. VII — História do espiritismo	67
I. A necromância	67
II. Três ramos da mesma árvore	
III. Particularidade do espiritismo	71
IV. O espiritismo moderno	
Cap. VIII — A origem do espiritismo	. 75
I. Primeirá manifestação	
II. Oposições e progressos	
III. As mesas falantes	. 79
IV. Explicação dos fenômenos	81
V. Plena luz na trapaça	
VI. Experiência pública	. 84
Cap. IX — Hipóteses espíritas	
I. Erros de certos autores	
II. Intervenção do demônio	

284 http://alexandriacatolica.blogspot.com.br

III. Aparências e realidade	90
IV. Identificações	92
V. Desencarnados ou encarnados	94
Cap. X — Fenômenos psiquicos	96
I. Uma definição	, 96
II. Haverá fenômenos espíritas?	
III. Opinião médica	
IV. Fenômenos a eliminar	
V. Fraudes e trapaças	
VI. Testemunhos insuspeitos	
VII. Últimas porcentagens	
Cap. XI — As diversas teorias	107
I. A teoria espírita	
II. A doutrina católica	108
III. Ridículo do contrário	110
IV. Confissões de médiuns	112
Nino Pecararo	113
V. In medio virtus	114
Cap. XII — A teoria diabólica	116
I. O que pode o demônio	116
II. O que não pode o demônio	119
III. O demônio e os médiuns	121
IV. A evocação do demônio	122
V. Testemunhas contrárias	124
VI. Uma carta do demônio	126
VII. O parecer dos concilios e teólogos	127
Cap. XIII — Experiências espíritas	130
I. As mesas girantes e falantes	130
II. Explicação dos fatos	132

HI. A prancheta	134
IV. O relógio	134
V. As esferas coloridas	135
VI. Enganos do médium	135
VII. Consulta fantástica	135
VIII. As receitas homeopáticas	136
IX. Objeto escondido	136
X. As linguas	137
XI. A caligrafia	138
XII. Medicina e remédios	138
XIII. Conhecimentos secretos	139
Cap. XIV — fraudes e trapaças	141
I. Palhaçada perigosa	141
II. Os cientistas e o espiritismo	144
. III. Sir William e Crookes	145
IV. Carlos Richet	147
V. Conan Doyle	148
VI. Sir Oliver Lodge	150
VII. Eusápia Paladino	150
VIII. Espantosa mistificação de um sábio inglês,	des-
coberta pelo Dr. Harry Price em Londres	151
IX. A fábrica de fraudes	155
Cap. XV. Opiniões de cientistas	_ 158
L Grandes autoridades	158
II. Autoridades brasileiras	
III. Espiritismo e nevrose	165
IV. O espiritismo e a ciência	
Cap. XVI — Embustes e mentiras	
I. Aparição de espíritos	171

II. Espíritos no rádio	172
IIL Espíritos videntes	173
IV. Espíritos inventivos	175
V. Espíritos exageradores	178
VI. Espíritos farsistas	182
VII. Outros fatos ainda	183
VIII. Espíritos fotógrafos	186
IX. Espíritos poetas	187
X. Você é médium, menino!	189
Cap. XVII — Novas experiências	193
I. Perguntas secretas	193
II. Transporte de objetos	194
III. Levitação	194
IV. Materializações	195
V. Levitação do corpo	196
VI. Música dos espíritos	198
VII. Aparições de espíritos	199
VIII. Leitura de cartas fechadas	200
IX. Fotografias de espíritos	201
X. Casos reais de fraudes	203
XI. O espírito dos fios de lã	206
Cap. XVIII - Poetas de além-túmulo	209
Imitação de 12 poetas	210
Castro Alves	210
Casemiro de Abreu	211
Guerra Junqueiro	213
A'lvares de Azevedo	215
Tobias Barreto	
Fagundes Varela	217

Humberto de Campos	1	218
Raimundo Corrêa		219
Luis Guimarães Júnior		
Olavo Bilac		
Augusto dos Anjos		
Gonçalves Dias		
Con VIV II a social confeits		
Cap. XIX — Uma sessão espírita	· · · · · · · · · · · · · · · · · · ·	
I. Disposições do observador	,	
II. Disposições do médium		1 14 1
III. O explorador	1	
IV. O médium brincalhão		-
V. Vários truques dos médiuns		
VI. Uma confissão preciosa		
VII. A sessão espírita		
Cap. XX — Espiritismo e loucura		245
I. Autoridades médicas		245
II. Autoridades espíritas		249
III. A lição dos fatos		. 253
V. Imoralidades		
IV. Estatísticas		
Cap. XXI — A Igreja e o Espiritismo		
I. O sentimento da Igreja		
II. O jôgo do demônio		266
III. Decisões sôbre o espiritismo		. 269
IV. Opiniões livres		270
V. Concílio Plenário Americano		. 271
VI. Leis canônicas		. 272
VII. Código Penal		273
Cap. XXII — Conclusões práticas		275
I. Resumindo	, .	
II. Aplicando		
III. Comparando		
IV. Concluindo	i .	
V. Pela S. Escritura		
VI. Os católicos e o espiritismo .		. 280
· · · · · · · · · · · · · · · · · · ·		Y (1)
288 ;		
http://alexandriacatolica.blogs	pot.com.br	